



PROF HISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA – REDE NACIONAL

THIAGO MORAIS BEZERRA

**A VIOLÊNCIA ENTRE AS TORCIDAS ORGANIZADAS NA CIDADE DO NATAL E
REGIÃO METROPOLITANA E O SEU USO PEDAGÓGICO
NAS AULAS DE HISTÓRIA**

Natal - RN
2022

THIAGO MORAIS BEZERRA

**A VIOLÊNCIA ENTRE AS TORCIDAS ORGANIZADAS NA CIDADE DO NATAL E
REGIÃO METROPOLITANA E O SEU USO PEDAGÓGICO
NAS AULAS DE HISTÓRIA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História na Universidade Federal do Rio Grande do Norte como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Leal Ferreira Vargas Netto

Natal - RN
2022

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes - CCHLA

Bezerra, Thiago Morais.

A violência entre as torcidas organizadas na cidade do Natal e região metropolitana e o seu uso pedagógico nas aulas de História / Thiago Morais Bezerra. - Natal, 2022.

193 f.: il. color.

Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Leal Ferreira Vargas Netto.

1. Ensino de História - Dissertação. 2. Violência - Natal - Dissertação. 3. Torcidas organizadas - Natal - Dissertação. 4. Rio Grande do Norte - Dissertação. I. Vargas Netto, Sebastião Leal Ferreira. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 94:37

Elaborado por Heverton Thiago Luiz da Silva - CRB-15/710

THIAGO MORAIS BEZERRA

**A VIOLÊNCIA ENTRE AS TORCIDAS ORGANIZADAS NA CIDADE DO NATAL E
REGIÃO METROPOLITANA E O SEU USO PEDAGÓGICO
NAS AULAS DE HISTÓRIA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História na Universidade Federal do Rio Grande do Norte como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Leal Ferreira Vargas Netto

Data de aprovação 30/11/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sebastião Leal Ferreira Vargas Netto – Orientador
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Prof. Dr. Haroldo Loguercio Carvalho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Prof. Dr. Fernando Bomfim Mariana
Universidade de Brasília - UnB

Prof. Dr. Henrique Alonso de Albuquerque Rodrigues Pereira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
(Suplente)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por toda força dada nos momentos difíceis em cursar um mestrado em tempos de pandemia.

À minha família, em especial ao meu pai Armando do Amaral Bezerra (*in memoriam*) e minha mãe Maria Morais Bezerra, pelo apoio incondicional.

À minha esposa, Erika Alane Vilar Moreno Bezerra, pelo amor, carinho, companheirismo e paciência durante a produção deste trabalho.

Ao meu filho, Antônio Lucas Moreno Bezerra, pelo amor que me fortalece todos os dias.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Sebastião Leal Ferreira Vargas Netto, pelas ótimas contribuições à elaboração deste trabalho e a minha formação.

Aos colegas da turma do PROFHISTÓRIA/UFRN, ano de 2020, pelo companheirismo, pela partilha de conhecimento e pelo estímulo à busca do aperfeiçoamento acadêmico e profissional.

Aos professores que ministraram aulas no PROFHISTÓRIA/UFRN, turma de 2020, pelos excelentes momentos de partilha e troca de conhecimentos.

Aos membros de banca de qualificação, Prof. Dr. Haroldo Loguercio Carvalho e Prof. Prof. Dr. Fernando Bomfim Mariana, pelo olhar atento e pelas valiosas sugestões para a melhoria desta dissertação.

Dedico este trabalho também a todas as vítimas decorrentes da pandemia de Covid-19, bem como àquelas vítimas de homicídios relacionados à violência no futebol.

RESUMO

BEZERRA, Thiago Morais. **A violência entre as torcidas organizadas na cidade do Natal e região metropolitana e o seu uso pedagógico nas aulas de História.** Natal, 2022. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2022.

Violência é um tema recorrente nas aulas de História. Aparece sob a forma de guerras, revoltas e revoluções, desde os primórdios da humanidade até a contemporaneidade. Como tema recorrente e presente no cotidiano de uma cidade como Natal e região metropolitana, senti a falta e a necessidade de problematizar a violência urbana nas aulas de História, pois a violência se faz presente no cotidiano de muitos jovens que estão cursando o ensino médio. A partir dessa necessidade, escolhi o tema sobre violência envolvendo as torcidas organizadas, como resultado de uma observação ao longo da última década, pois parte desses jovens ou faz parte de alguma torcida ou conhece alguém, um amigo ou parente que pertence a um desses grupos. Pretendemos, com as discussões propostas nas aulas de História, através de uma oficina, desnaturalizar a violência praticada pelas torcidas organizadas e entendê-la como um problema social, para além de um estádio de futebol, e historicamente construído a partir de uma pesquisa em jornais locais e nacionais e uma vasta referência bibliográfica desde o ano de 2009. Buscamos compreender como essa prática de violência envolvendo jovens torcedores aumentou de maneira considerável nos últimos anos, bem como promover, reconhecer e combater as diversas formas de desigualdades e violências, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, em respeito aos Direitos Humanos, com o objetivo de desenvolver uma cultura de paz.

Palavras-chave: Ensino de História; Violência; Torcidas Organizadas; Natal; Rio Grande do Norte.

ABSTRACT

Violence is a recurring theme in History classes. It appears in the form of wars, revolts and revolutions, from the beginning of humanity to the present day. As a recurrent and present theme in the daily life of a city like Natal and the metropolitan region, I felt the lack and the need to problematize urban violence in History classes, as violence is present in the daily lives of many young people who are attending high school. Based on this need, I chose the topic of violence involving organized supporters, as a result of observation over the last decade, as some of these young people are either part of a supporter group or know someone, a friend or relative who belongs to one of these groups. We intend, with the discussions proposed in History classes, through a workshop, to denaturalize the violence practiced by organized supporters and understand it as a social problem, beyond a football stadium, and historically built from a research in newspapers local and national and a vast bibliographical reference since the year 2009. We seek to understand how this practice of violence involving young fans has increased considerably in recent years, as well as to promote, recognize and combat the various forms of inequalities and violence, adopting ethical principles, democratic, inclusive and supportive, in respect for Human Rights, with the aim of developing a culture of peace.

Keywords: History Teaching; Violence; Organized Fans; Natal; Rio Grande do Norte.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Documento – Atividade Avaliativa para o 6ºano.....	17
Imagem 2 – Cartilha do projeto do Ministério Público “Conte até 10”	19
Imagem 3 – Cartazes da campanha do projeto do Ministério Público “Conte até 10”.....	19
Imagem 4 – Material produzido para o curso de extensão ‘Ensino de História Local e Produção de Material Didático’	20
Imagem 5– Turma da 3ª série jogando “Trampolim da Vitória”.....	21
Imagem 6 – Exposição na Cientec do vídeo “Natal de Ontem e de Hoje”.....	22
Imagem 7 – Cartas do jogo “Caixa de Conceitos”.....	22
Imagem 8– Divisão das torcidas no Estádio Castelão (Fortaleza).....	36
Imagem 9 – Charge de Jornal sobre a presença de homossexuais nas torcidas.....	39
Imagens 10 e 11 – Faixas com os termos Canguleiros e Xarias nos estádios Frasqueirão e Arena das Dunas	41
Imagem 12 – Preço de ingressos no Estádio Castelão (Natal/RN) na década de 1970.....	44
Imagem 13 – Torcida Garra Alvinegra em 1978.....	45
Imagem 14– Torcida Fera do Alecrim quer uma chapa para eleição no clube.....	47
Imagem 15 – Reportagem sobre a Torcida Gang Alvinegra em 1994.....	61
Imagem 16 – ABC e América sempre foram “gato e cachorro”.....	63
Imagem 17– Pesquisa sobre o afastamento do torcedor do estádio em 1998.....	64
Imagem 18– Lista com as torcidas aliadas da Gang Alvinegra e Máfia Vermelha.	66
Imagem 19 – Torcidas da União “Lado A” no início dos anos 2000.	68
Imagem 20 – Aliança entre a Garra Alvinegra e a Torcida Bamor.	68
Imagem 21 – Torcidas da União “Lado A” em 2009.....	69
Imagem 22– Torcidas da União “Lado B” no início dos anos 2000.....	70
Imagem 23 – Aliança entre a Torcida Jovem do Sport e Os Imbatíveis do Vitória.....	70
Imagem 24 – Torcida Máfia Vermelha escoltada no Estádio da Curuzu em Belém.....	74
Imagem 25 – Solenidade de abertura dos Jern's é marcada por união de integrantes de torcidas organizadas.....	81
Imagem 26 – Livro didático adotada pelas disciplinas de Ciências Humanas.....	96
Imagem 27 – Tabela com os tipos de violência.....	99
Imagem 28 – Gráficos com pesquisa realizada em 2020 na Escola Estadual Berilo Wanderley.....	104

Imagem 29 – Gráficos com pesquisa realizada em 2020 na Escola Estadual Berilo Wanderley.....	109
Imagem 30 – Gráficos com pesquisa realizada em 2021 na Escola Estadual Berilo Wanderley.....	109
Imagem 31 – Gráficos com pesquisa realizada em 2022 na Escola Estadual Berilo Wanderley.....	113
Imagem 32 – Gráficos com pesquisa realizada em 2022 na Escola Estadual Berilo Wanderley.....	113
Imagem 33– Foto tirada no dia 20/07/2022 de uma carteira em sala de aula na Escola Estadual Berilo Wanderley.....	119
Imagem 34 – Foto tirada no dia 31/08/2022 de uma porta de uma sala de aula na Escola Estadual Berilo Wanderley.....	120

SUMÁRIO

1 Introdução	11
2 Por que a violência no futebol envolvendo jovens torcedores?.....	13
2.1 O professor, a escola e suas escolhas.....	13
2.2 Por que a violência no futebol?.....	24
2.3 A violência e o futebol nas publicações acadêmicas.....	27
2.4 Ensino de História, violência no futebol e referencial teórico.....	29
3 Torcidas Organizadas de Futebol.....	34
3.1 Torcidas Organizadas.....	34
3.2 O uso da expressão “torcida organizada” pela mídia natalense até 1979.....	36
3.3 Xarias e canguleiros.....	39
3.4 O fenômeno “torcidas organizadas” na cidade do Natal.....	41
4 A violência envolvendo as torcidas organizadas.....	52
4.1 Violência no futebol, um fenômeno mundial.....	52
4.2 A violência no esporte antes das primeiras torcidas organizadas e quando tornou-se um problema nacional.....	54
4.3 1991, um novo padrão de torcidas organizadas em Natal.....	60
4.4 Quando a violência das torcidas organizadas invadiu as escolas natalenses.....	77
5 Oficina sobre a violência entre as torcidas organizadas.....	85
5.1 História do ensino de História.....	85
5.2 Produzindo a oficina.....	88
5.3 Dados prévios para a formatação da oficina e resultados.....	97
5.4 Resultados esperados.....	117
Consideração Finais.....	120
Referências.....	122
Anexos.....	127

1 INTRODUÇÃO

O Referencial Curricular do Ensino Médio Potiguar estabelece um conjunto de aprendizagens fundamentais que devem ser desenvolvidas com base em conhecimentos, competências e habilidades, conforme previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC - 2018). As concepções do documento resultam das políticas nacionais destinadas ao Ensino Médio, do debate da equipe multidisciplinar de elaboração do documento, das escolas e instituições de ensino superior. A partir daí, estabelece princípios essenciais para a educação do RN, tais como: igualdade de condições para o acesso, permanência e inclusão; adoção de práticas pedagógicas que assegurem os direitos de aprendizagem; formação integral dos sujeitos; valorização das experiências extraescolares, vinculação da escola, práticas sociais e o mundo do trabalho¹. Com a mudança para o Ensino Médio Potiguar, a escola tem uma nova estrutura curricular, em que a disciplina de História, que até então possuía duas aulas semanais em cada série, passou a ter apenas uma aula na segunda série e na terceira série. Com a perda de algumas aulas, e não somente na disciplina de História, surgiram novas disciplinas, como as Eletivas e Projeto de Vida. Disciplinas eletivas, no Novo Ensino Médio, são elementos que compõem os itinerários formativos². Outras mudanças dizem respeito ao material adotado na escola, em que o livro utilizado é de Ciências Humanas, compartilhado com as disciplinas de Geografia, Filosofia e Sociologia, como também à inserção do sexto horário diariamente, pois até então a escola funcionava com cinco horários.

Esta dissertação tem como objetivos investigar e historicizar a relação das torcidas organizadas com a violência no futebol natalense e região metropolitana, a partir da historicização dos fatos decorrentes desses atos, refletir sobre as diversas formas de violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, em respeito aos direitos humanos, com a finalidade de desenvolver uma cultura de paz e utilizar e desenvolver, para chegar a tais objetivos, habilidades historiadoras e atitudinais nos discentes da Escola Estadual Berilo Wanderley através de uma oficina pedagógica. A oficina pedagógica foi estruturada a partir de uma pesquisa, em que busco através de uma ampla documentação historicizar a

¹ Disponível em:

http://diariooficial.rn.gov.br/dei/dorn3/docview.aspx?id_jor=00000001&data=20211224&id_doc=752403

² Itinerários formativos são a parte flexível do currículo no Novo Ensino Médio. Eles são compostos por até cinco áreas que podem ser escolhidas pelos estudantes – conforme o projeto de vida deles – para um aprofundamento nos estudos. As atividades dos itinerários têm uma característica mais “mão na massa”, podendo ser trabalhadas na forma de projetos, oficinas, núcleos de estudo e situações práticas do mundo do trabalho.

violência envolvendo as torcidas organizadas em Natal e região metropolitana e o momento em que esse problema se fez presentes nas escolas e eventos escolares. O tema “violência” é muito próximo dos alunos do ensino médio, pois formam um público mais vulnerável diante dos atos de violência.

A Escola Estadual Berilo Wanderley está situada no conjunto Pirangi, no bairro de Neópolis, zona sul da cidade de Natal, uma área muito próxima da cidade de Parnamirim. Foi fundada no ano de 1984 e tinha como objetivo receber os filhos da comunidade na qual a escola se insere. Atualmente, a maioria dos alunos é oriunda da cidade de Parnamirim, mais especificamente do bairro de Nova Parnamirim e adjacências. A escola atualmente dispõe de dois modelos de oferta para o ensino médio, o Ensino Médio Potiguar e Técnico em Informática.

A dissertação está dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo é intitulado “Por que a violência no futebol envolvendo jovens torcedores?” Nesse primeiro momento eu busco esclarecer o porquê da escolha da temática. Não foi uma escolha fortuita. Sou apaixonado pelo futebol e ex-membro de duas torcidas organizadas do ABC Futebol Clube. Ainda na graduação, realizada entre 2006 e 2010, na disciplina Brasil República I, com o Prof. Dr. Raimundo Nonato, tive o primeiro contato com leituras que me fizeram compreender que o futebol também era tema de pesquisas por parte dos historiadores. A partir de então eu passei a pesquisar sobre o tema e criei um acervo com matérias de jornais que envolvessem o tema da violência com as torcidas organizadas. Demonstro como os temas da violência e do futebol aparecem nas produções acadêmicas, como também as minhas experiências gerais como professor e o uso dos temas futebol e violência no meu cotidiano escolar.

O segundo capítulo se chama “Torcidas Organizadas de Futebol”. Nesse momento eu discorro sobre o surgimento das primeiras torcidas organizadas no Brasil e como a mídia local e o escritor Veríssimo de Melo retrataram o surgimento desse fenômeno.

O terceiro capítulo, denominado “A violência envolvendo as torcidas organizadas”, apresenta dados referentes à presença da violência no futebol, no âmbito nacional e mundial, bem como a investigação realizada por mim, através da análise de matérias jornalísticas envolvendo a violência praticada por jovens torcedores na cidade do Natal e região metropolitana, como também o momento em que esse tipo de prática se tornou um problema escolar, tanto nas instituições de ensino públicas como privadas.

Finalmente, o quarto capítulo é destinado a explicar a produção da “Oficina sobre a violência entre as torcidas organizadas”. Primeiro eu escrevo um breve texto sobre a História

do ensino de História, e depois, através de um passo a passo, eu explico as minhas escolhas, os dados prévios que utilizei para tal produção e como será o formato da oficina.

2 POR QUE A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL ENVOLVENDO JOVENS TORCEDORES?

2.1 O professor, a escola e suas escolhas

Sou ex-membro de duas torcidas organizadas do ABC Futebol Clube, a ABC Mania, entre 1997 e 1998, e a Torcida Gang Alvinegra, entre 1999 e 2003. Comecei a acompanhar de fato o ABC a partir de 1995, e efetivamente a partir de 1997, quando tinha 12 anos de idade. Em 1999, fiz a minha primeira viagem para acompanhar um jogo do meu clube do coração fora do Rio Grande do Norte. Fui a Fortaleza acompanhar uma partida contra o Ceará pela série B do Campeonato Brasileiro. A partida terminou 1x1, mas posso garantir que o resultado pouco importou. Mais de dez ônibus rumaram à capital cearense. Num deles estávamos eu e meus amigos de bairro e da torcida organizada. Ainda hoje me pergunto como minha mãe me deixou, aos 14 anos, fazer aquela viagem. Chegando na cidade alencarina, me encantei pela recepção da torcida do Ceará, tanto com o torcedor comum, como com os membros da Cearamor, que nos tratavam como verdadeiros irmãos.

Continuei fazendo parte da Gang Alvinegra até 2003. Até lá pude ajudar na parte organizacional da agremiação, arrecadando recursos para a produção de materiais da torcida, como bandeiras, faixas, camisas e bermudas. Fiz viagens para Mossoró, João Pessoa, Campina Grande e Maceió para acompanhar o ABC. Curiosamente, nessa fase da minha adolescência, um dos meus melhores amigos era integrante da Máfia Vermelha, torcida do América Futebol Clube. Possivelmente ele era o único membro dessa torcida no conjunto que morava. Presenciei também cenas de violência que cada vez mais ficavam constantes e perigosas. Ao final de 2003, com o primeiro óbito registrado por violência entre as agremiações natalenses, eu decidi me afastar e me tornar mais um torcedor anônimo na multidão. Alguns colegas também abandonaram a torcida, mas outros permaneceram e permanecem até hoje.

O ano de 2003 também foi o ano da conclusão do meu ensino médio, finalizado sem nenhuma reprovação após passar pelos colégios Jardim Escola Tilim, Itaece Complexo Educacional, Colégio Evolutivo e Líder Colégio e Curso. Como tive algumas dificuldades no ensino médio e por não ter passado no meu primeiro vestibular para jornalismo, me dediquei a fazer um curso preparativo no CDF Colégio e Curso visando superar minha carência. Em 2004 meu ingresso na universidade pública quase aconteceu. E, finalmente, em 2005, fui

contemplado com o que tanto desejava e pude realizar minha matrícula no curso de História na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Cheguei à Universidade Federal do Rio Grande do Norte no 1º semestre do ano de 2006, cheio de expectativas e dúvidas. Expectativas e dúvidas que me conduziam a algumas indagações vinculadas ao meu papel após a formação: eu quero ser um professor de História? Na universidade, eu aprenderei tudo sobre História? Essas indagações viviam intimamente comigo, pois a formação em licenciatura me conduziria, após quatro anos e meio, a estar apto para a docência. Mas como ser docente se eu não gostava de me expressar publicamente? Pelo menos no tocante a apresentações de trabalhos de uma maneira formal. Por que eu escolhi o curso de licenciatura em História? Superada essa fase, havia a formação com as disciplinas ao longo de dez semestres, pois me atrasei um período devido ao trancamento da disciplina de Teoria da História.

Durante a minha formação, não participei ativamente de projetos acadêmicos, pois trabalhava numa farmácia que me consumia 7 horas por dia, com direito a uma folga semanal, que ocorria apenas uma vez por mês aos domingos. Ao final do curso, tive que buscar desesperadamente eventos para completar as duzentas horas extracurriculares exigidas na formação. Fiz de tudo um pouco, desde servir copos com água para os palestrantes de um evento, até apresentar o curso de História na Mostra de Profissões da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, além de viajar para um evento na Universidade Federal da Paraíba sobre História Colonial.

Foi durante a minha formação acadêmica, ao produzir um seminário para a disciplina de História do Brasil República I, ministrada pelo professor Raimundo Nonato Rocha, que pude vislumbrar que o futebol era objeto de estudos das Ciências Humanas. O seminário tinha por base o livro *“Footballmania: uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938”*, de Leonardo Afonso de Miranda Pereira, doutor em História Social pela Unicamp e pesquisador do Cecult – Centro de Pesquisa em História Social da Cultura (IFCH - Unicamp). O trabalho tinha como problematização: “teria o futebol contribuído para a formação da nacionalidade brasileira?”. Muito estimulante para um ex-membro de torcida organizada apaixonado por futebol e licenciando em História. Anos depois, influenciado por esses momentos e pela minha experiência de vida, iniciei minhas pesquisas sobre a violência das torcidas organizadas de futebol na cidade do Natal.

Por fim, havia os estágios a serem cumpridos. Eu estava preparado para passar para o outro lado, ou seja, “deixar” de ser aluno e passar a ser um professor? Admito que no princípio foi muito diferente. Entrar numa escola sem ser como aluno era estranho, mas logo se tornou

estranhamente cativante. O primeiro estágio, que era o de observação, me fez enxergar a escola a partir de uma nova visão, mais ampla, além da sala de aula, longe das obrigações diárias de um aluno. Cativante, pois minha vida escolar sempre foi vinculada a escolas particulares e agora eu conhecia a escola pública a partir das minhas impressões e não pelas opiniões de outras pessoas. Já os estágios seguintes, atuando diretamente como professor e tendo que administrar uma turma específica por um período, foram bastante desafiadores. Meu estágio no ensino fundamental foi na Escola Estadual Maia Neto, no bairro Neópolis. Já o estágio no ensino médio foi na Escola Estadual Lourdes Guilherme, no conjunto Pirangi, para uma turma de ensino médio do EJA (Ensino de Jovens e Adultos) do noturno.

Superada a graduação, finalmente decidi deixar o emprego que eu tinha numa rede de farmácias e que, até então, me satisfazia economicamente, pois era solteiro e morava com minha mãe, e fui me aventurar na minha primeira experiência com a docência no início de 2011. Essa oportunidade apareceu no Colégio Cade, na cidade de Parnamirim, especializado no segmento de supletivo e do ensino de jovens e adultos (EJA). Fui para a entrevista ciente que ministraria três aulas semanais. Uma semana depois eram sete aulas semanais. No semestre seguinte eram mais de 20 aulas. Já no ano de 2012 eram mais de 40 aulas semanais, nas unidades do Colégio Cade, na cidade de Parnamirim, na Cidade Alta e Zona Norte de Natal, nos três turnos: matutino, vespertino e noturno, tanto no ensino fundamental II como no ensino médio, no sistema EJA e ensino regular.

Essa primeira experiência foi de uma importância muito significativa, pois, diferentemente dos estágios, eu *seria o rei do meu reino*³. Refiro-me ao fato de as minhas responsabilidades educacionais serem com as coordenações e com os alunos e não com um professor titular que poderia pautar a minha atuação em sala de aula e a quem sempre eu deveria me reportar.

Na prática escolar aprendemos que o conteúdo da disciplina terá que dialogar com outras áreas do conhecimento e que deve atender também aos objetivos de uma formação cidadã. As disciplinas escolares são inseparáveis das finalidades educativas, no sentido amplo do termo “escola”, e constituem “um conjunto complexo que não se reduz aos ensinamentos explícitos e programados⁴”. Percebo que o aprendizado como professor veio através do chão da sala de aula, nos cursos de extensão e na minha atuação no PIBID (Programa Institucional de Bolsas

³ “La culture scolaire comme objet historique”, Paedagogica Historica. International journal of the history of education (Suppl. Series, vol. I, coord. A. Nóvoa, M. Depaepe e E. V. Johanningmeier, 1995, pp. 353-382). Tradução, p. 34.

⁴ Ibidem, p. 33.

de Iniciação à Docência). Após esses percalços, o conhecimento visto na Universidade foi ressignificado e adaptado de acordo com demandas específicas próprias da docência. A crítica não é no sentido de entregar à formação do ensino de História a área da Pedagogia⁵, mas a de constatar que faltou na minha Licenciatura um papel mais efetivo das disciplinas cursadas em prol de uma prática docente.

Em 2011, durante o meu primeiro mês na docência e estudando para o processo seletivo do mestrado acadêmico de História na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com a orientação do professor Durval Muniz, perdi meu pai, no dia 1º de março. Meu projeto de pesquisa para o mestrado acadêmico já trazia como problematização a questão da violência entre jovens torcedores natalenses, no entanto, o projeto estava centrado num recorte espacial e temporal que era o Estádio Machadão entre os anos de 1991 e 2010.

Ainda no ano de 2011 decidi realizar um concurso para professor efetivo do estado do Rio Grande do Norte. Pensei que seria um ótimo momento para testar meus conhecimentos. Num primeiro momento eu tinha a ideia de que realizar essa prova seria apenas uma experiência. Num segundo momento, dediquei-me aos estudos de redação e didática num famoso curso preparatório da cidade, o IAP Cursos. Como resultado desse concurso, realizado em 2011, um dia antes do meu aniversário em 2012, em 28 de julho, fui convocado para assumir uma vaga de professor efetivo da rede estadual.

Em agosto de 2012 tornei-me professor efetivo do Estado do Rio Grande do Norte, na Escola Estadual Arquiteta Elizabeth Fátima Araújo Guilhermino, no conjunto Nova Natal, na zona norte da cidade. Nessa primeira experiência como docente da rede estadual, a grande dificuldade foi conciliar o conhecimento histórico previsto em cada série do ensino fundamental II, com suas competências e habilidades, ao chão da escola, pois muitas vezes o trabalho a ser desempenhado, principalmente nas turmas do 6º ano, era o de finalizar o processo de alfabetização, como também desenvolver a interpretação textual.

⁵ SCHIMDT: Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. História do Ensino de História no Brasil: Uma proposta de Periodização. Revista História da Educação - RHE Porto Alegre, v. 16, n. 37 maio/ago, 2012, p. 79.

Imagem 1 Documento: Atividade Avaliativa para o 6º ano na Escola Estadual Arquiteta Elizabeth Fátima Araújo Guilhermino

ESCOLA ESTADUAL ARQUITETA ELIZABETH DE FATIMA A. GUILHERMINO

PROFESSOR: THIAGO MORAIS BEZERRA DISCIPLINA: HISTORIA

TURMA: 6º ANO TURMA: ____

ALUNO (A): _____ Nº ____

ALUNO (A): _____ Nº ____

Avaliação 3º Bimestre

Atenas X Esparta

Política:

Com relação às instituições políticas, vemos que inicialmente essas duas ~~ciudades-Estado~~ privilegiaram o domínio da aristocracia local. Contudo, os atenienses estabeleceram uma série de reformas que dariam origem a um governo de caráter democrático. Em contrapartida, Esparta tinha seu poder dividido entre dois reis (Diarquia) que tratavam de assuntos militares e religiosos. Paralelamente, havia ainda a existência de duas assembleias (~~Gerúsia~~ e Apela) onde discutiam e organizavam as leis da cidade.

Educação:

A educação dos gregos e espartanos era bastante diferenciada com relação aos fins que cada uma delas tomava. Os espartanos viam na educação uma importante etapa para que o cidadão interiorizasse os valores militaristas e o rigoroso treinamento físico dos jovens. Em Atenas, a educação era um privilégio destinado àqueles que possuíam condição para pagar pelos serviços de um professor particular. Os atenienses procuravam realizar um equilíbrio entre o corpo e a mente de cada indivíduo.

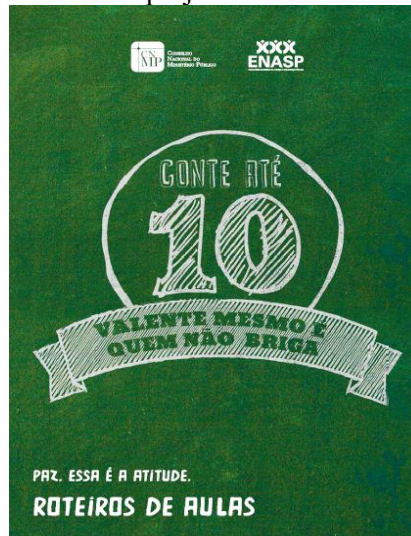
Mulheres:

Com relação ao papel ocupado pelas mulheres, observamos também outra interessante diferenciação entre espartanos e atenienses. Em Esparta, sendo a mulher responsável por gerar indivíduos preparados para o combate, estas possuíam uma rigorosa educação e tomavam a frente de questões domésticas e participavam das assembleias. Já os atenienses acreditavam que uma mulher não deveria se intrometer no mundo masculino, ficando a ela reservada as atividades ligadas ao lar.

Economia:

Sob o ponto de vista econômico, os atenienses aproveitaram de sua posição geográfica para desenvolver um intenso comércio marítimo com as colônias estabelecidas no Mediterrâneo e na Ásia Menor. A necessidade de desenvolvimento comercial também esteve ligada à pouca disponibilidade de terras férteis ao longo de seus domínios. Já em Esparta, a grande disponibilidade de terras e a aversão aos estrangeiros propiciaram uma atividade agrícola autossuficiente e um comércio bastante restrito.

Imagem 2 – Capa da Cartilha do projeto do Ministério Público “Conte até 10”



Fonte:

https://www.cnmp.mp.br/portal/images/stories/Destaques/Publicacoes/CARTILHA_DID%3%81TICA_CONT E_AT%3%89_10_NAS_ESCOLAS.pdf

Imagem 3 – Cartazes da campanha do projeto do Ministério Público “Conte até 10”

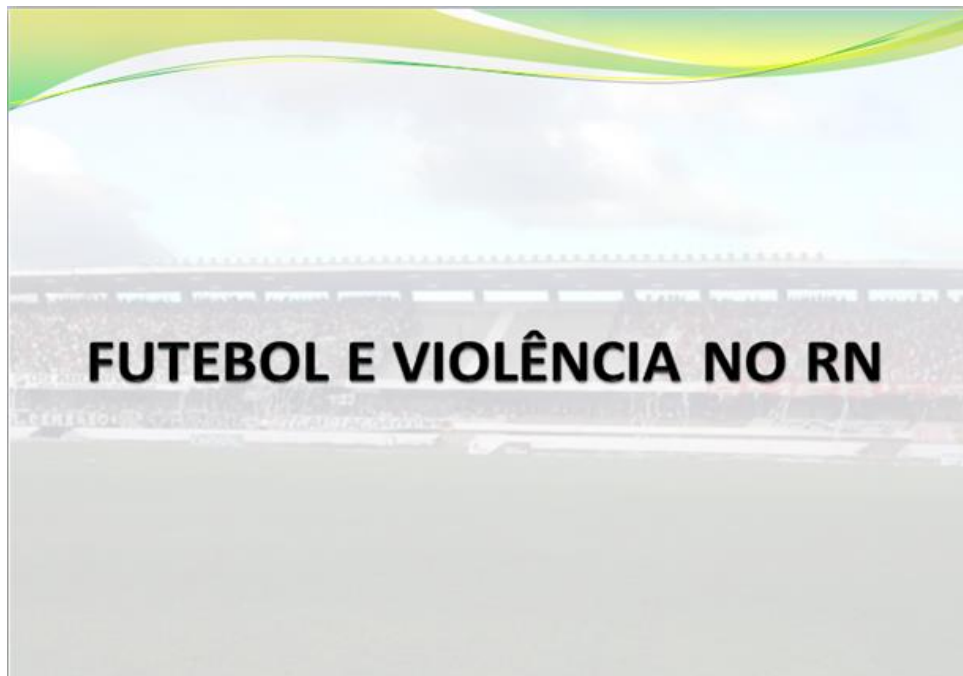


Fonte: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/noticias/2012/novembro/tjdft-participa-do-lancamento-da-campanha-conte-ate-10-paz-essa-e-a-atitude>

Concomitantemente ao desenvolvimento desse projeto, participei de um curso de extensão na Universidade Federal do Rio Grande do Norte em Ensino de História para os Anos Finais, denominado de ‘Ensino de História Local e Produção de Material Didático’, voltado

para a produção de material didático. Eu produzi um material sobre a violência das torcidas organizadas na cidade do Natal. O material que produzi, com o nome de “*Futebol e Violência no Rio Grande do Norte*”, tinha por objetivo trazer para o espaço da escola as discussões sobre a violência relacionada ao futebol na cidade de Natal. Através do material produzido no Powerpoint, com informações sobre o futebol e a violência, embasado com imagens, livros especializados e reportagens, o aluno teve contato com a História do esporte e da violência na capital potiguar até a explosão da violência envolvendo os jovens torcedores na década de 2000.

Imagem 4 - Fotografia: Material produzido para o curso de extensão ‘Ensino de História Local e Produção de Material Didático’



Fonte: Acervo do autor.

Desde então, tenho usado o futebol e violência cotidianamente na minha prática docente. Já usei a violência entre as torcidas do *Glasgow Celtic* e *Glasgow Rangers*, da Escócia, para introduzir o tema da reforma protestante, bem como as rivalidades entre bósnios, croatas e sérvios para problematizar o nacionalismo no século XX e atualmente.

Os anos de 2014 e 2015 foram de intensas transformações e conquistas na minha vida profissional e pessoal. Primeiro fui contratado por uma das maiores instituições privadas de ensino do estado, o Colégio Salesiano Dom Bosco, e posteriormente fui transferido para uma escola próximo da minha residência, a Escola Estadual Berilo Wanderley, e fui aprovado num processo seletivo para ser supervisor no subprojeto PIBID-História na Universidade Federal do

Rio Grande do Norte. Essas mudanças foram de uma importância significativa na minha formação profissional.

Entre os anos de 2015 e 2018, participei, como supervisor, do subprojeto PIBID - História da UFRN. Ao longo de cada ano produzimos materiais a serem trabalhados na escola voltados para o ensino de História e apresentados na Cientec, que é a Semana de Ciência, Tecnologia e Cultura. Os trabalhos desenvolvidos foram:

- um jogo didático chamado “Trampolim da Vitória”, baseado em um jogo chamado Seven Wonders (2015) e que problematizou o papel de Natal na Segunda Guerra Mundial;
- um vídeo chamado “Natal de Ontem e de Hoje: Progresso, modernização e desigualdades regionais” (2016);
- uma caixa de conceitos a partir das palavras-chave mais exploradas ao longo de cada série do ensino médio (2017).

Imagem 5 - Fotografia: Turma da 3ª série jogando “Trampolim da Vitória”



Fonte: Acervo do autor.

Imagem 6 - Fotografia: Exposição na Cientec do vídeo “Natal de Ontem e de Hoje: Progresso, modernização e desigualdades regionais”



Fonte: Acervo do autor.

Imagem 7 - Fotografia: Cartas do jogo “Caixa de Conceitos”



Fonte: Acervo do autor.

Apesar do meu papel como supervisor, ou seja, o de orientar os futuros professores na sua jornada de formação, o projeto serviu, e muito!, como uma formação complementar para mim. Algumas práticas e medos foram revistos e superados. A ideia de bater o livro de uma ponta a outra foi desfeita. Pude adotar práticas de ensino mais ativas, me afastando de um modelo chamado muitas vezes de tradicional e centrado no professor. Pude me orientar a primeiro conhecer os meus alunos, a turma e a sua formação. Pude introduzir mais ativamente a história local a partir de problemáticas discutidas com os alunos. O método histórico de

pesquisa se apresentou como uma importante alternativa para ministrar as aulas. Foi muito significativo levantar informações prévias sobre um objeto de estudo, partir de uma problemática, levantar hipóteses e analisar e classificar fontes, pois os alunos se envolviam com mais ênfase nas investigações e nas soluções para os problemas propostos. Outra situação, que já praticava antes de entrar no PIBID, mas que foi exaustivamente explorada, foi tornar o estudo de História significativo e dentro dos objetivos de uma formação cidadã, pautada pela constitucionalidade e de acordo com os documentos que regem a educação básica.

Em 2019 fui encorajado a mais um desafio. Encorajado porque, de certa forma, ficamos presos a uma série de obrigações burocráticas que preenchem todo o horário. Mas, um colega, Ricardo Gomes Soares, foi aprovado no Mestrado Profissional em Ensino de História e me incentivou a encarar esse desafio. Outro incentivo veio dos meus colegas professores de História na Escola Estadual Berilo Wanderley, João Maria Fraga e George Fraga. No final das contas, eu, João Maria Fraga e George Fraga fomos aprovados na turma de 2020 no ProfHistória/UFRN.

Desde o momento da minha aprovação no ProfHistória/UFRN comecei a me questionar sobre qual seria o objeto da minha produção. E, para além disso, quem poderia me orientar nesse desafio acadêmico. Depois de analisar e refletir sobre algumas possibilidades, decidi produzir uma oficina com a finalidade de problematizar a violência entre as torcidas organizadas na cidade do Natal. Tal escolha não foi fortuita, haja visto que o tema violência envolvendo as torcidas organizadas é meu objeto de pesquisa desde 2011 e que eu já pude produzir um material didático relacionado ao tema num curso de extensão voltado para a prática docente.

Tinha também todo aquele desejo de retornar mais uma vez para a faculdade. Mas aí a pandemia de Covid-19 chegou e mudou os rumos da nossa prática docente, bem como nos possibilitou cursar as disciplinas no mestrado a distância. Como aluno do curso, faltou a mim viver o clima da universidade presencialmente; como professor em tempo de pandemia, tive que me atualizar e aprender novas tecnologias para a prática cotidiana de sala de aula.

Durante as disciplinas ofertadas no ProfHistória/UFRN, meu projeto foi amadurecendo e saindo do plano das ideias para o da prática. Durante a disciplina de Educação Patrimonial e Ensino de História, dei um passo decisivo na escolha do tema do meu projeto. A disciplina foi ministrada pelo Prof. Dr. Roberto Airon e teve como proposta de trabalho final a produção de um ensaio sobre um lugar de memória. A minha produção recebeu o título de “*Estádio Machado e seu lugar na memória*”, abordou o antigo estádio João Cláudio de Vasconcelos Machado, mais conhecido como Machado, na cidade do Natal, desde a sua fundação, em 4 de

junho de 1972, até a demolição, entre 21 de outubro de 2011 e 25 de novembro do mesmo ano como um lugar de memória, tendo em vista que o objeto já não existe mais. Das pesquisas em prol da produção desse ensaio, tive acesso a várias fontes que foram usadas no projeto.

A disciplina História Oral e Narrativa, ministrada pelo Prof. Dr. Henrique Alonso, teve como proposta de trabalho final a produção de um artigo. Minha produção recebeu o título “*A violência entre as torcidas organizadas na cidade do Natal e região metropolitana e o seu uso pedagógico nas aulas de História*”. Tal artigo, juntamente com as discussões realizadas durante a disciplina de Teoria da História, ministrada pelo Prof. Dr. José Evangelista, me possibilitaram criar o esboço desse projeto.

Por fim, precisei me matricular numa disciplina eletiva da minha escolha. Apesar das mais variadas questões envolvendo a pandemia, uma possibilidade em tempos de aulas remotas era a de se inscrever em disciplinas em outros programas de universidades de outros estados. Nesse sentido, após pesquisar bastante e de não encontrar disciplinas compatíveis com meus horários, encontrei a disciplina de Metodologia da Pesquisa, na Universidade Federal de Sergipe, ministrada pelo Prof. Dr. Itamar Freitas. De início eu queria apenas cumprir a exigência de “pagar” a disciplina eletiva da minha escolha e que se adequasse aos meus horários. No entanto, essa disciplina alavancou algo que até então estava em segundo plano na produção do meu projeto, a preparação da oficina pedagógica. A disciplina tinha uma metodologia bastante ativa, pois todos os inscritos na disciplina puderam apresentar as propostas de intervenção em sala de aula e debater cotidianamente os pontos fortes e fracos de cada proposta. Pude observar trabalhos desenvolvidos por colegas dos estados da Bahia, Sergipe e Alagoas, dos mais variados temas, e apresentar a minha proposta para fortalecer alguns pontos, bem como estar aberto e atento às críticas do professor e demais colegas a minha produção.

2.2 Por que a violência no futebol?

A escola é uma das instituições mais importantes e mais presentes na sociedade. É nesse ambiente multicultural e multifacetado que os educandos são apresentados às histórias de vários lugares, em diversos contextos e temporalidades. Em algumas situações, contextos que não possuem relação direta com o cotidiano desses alunos. Atualmente, alguns autores possuem a certeza, e que é quase uma obrigação, que uma das principais missões do ensino de História é tentar aproximar o conhecimento visto em sala de aula, através dos livros didáticos e dos

conteúdos previstos para cada série de ensino, do conhecimento da vida social desses alunos⁷. Apesar de parecer revolucionário e de uma proposta do nosso tempo, essa perspectiva de ensino já foi suscitada em outros momentos por especialistas e críticos do ensino de História, que desejavam uma disciplina de História mais centrada no aluno, e que não fosse pautada em grandes eventos e nomes da história nacional e mundial, ou seja, que a disciplina tivesse um papel na construção da cidadania. Podemos constatar o papel da disciplina de História como um alicerce na construção da cidadania em documentos como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Em seu artigo 32, a LDB diz que a disciplina de História deve proporcionar a

“compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade. O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em conta a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores” (BRASIL, 1997, p. 67).

Os PCN's, que foram publicados em 1996, previam que no ensino da História o currículo deveria considerar as contribuições das diferenças culturais e étnicas para a formação do povo brasileiro, especialmente os matizes indígenas, africanos e europeus. Os conteúdos observarão as seguintes determinações: “[...] a difusão dos valores fundamentais ao interesse social, aos direitos e deveres dos cidadãos, com respeito ao bem comum e à ordem democrática e a orientação para o trabalho” (BRASIL, 1997, p. 215).

Atualmente temos a BNCC (Base Nacional Curricular Comum), que é um documento normativo para as redes de ensino e suas instituições públicas e privadas. Esse documento determina que os discentes devem reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos, com o objetivo de se desenvolver uma cultura de paz, como também possibilitar escolhas alinhadas ao exercício da cidadania.

Outra perspectiva é a surgida a partir do movimento dos Annales, fundado por March Bloch e Lucien Febvre nas décadas de 1920 e 1930. Com isso, surgiu uma História que se contrapõe a uma história factual, levando a uma história-problema, onde existem alargamentos dos objetos a serem pesquisados, bem como um aperfeiçoamento nos métodos de pesquisa. É nesse sentido que surge uma história social, que buscará formular problemas específicos quanto ao comportamento e as relações entre os diversos setores de uma sociedade, levando o historiador a privilegiar também as durações mais curtas, bem como promover uma história

⁷ PINSKY, Jaime (Org.). **O ensino de história e a criação do fato**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1991, p. 44.

bem fragmentada⁸. É nesse contexto que o projeto está inserido, pois visa problematizar e responder questões que envolvem a violência entre as torcidas organizadas na cidade do Natal e região metropolitana e o seu uso pedagógico nas aulas de História num curto período de tempo, que vai desde a fundação das duas maiores torcidas organizadas da cidade, no ano de 1991, que são a Torcida Gang Alvinegra e a Torcida Máfia Vermelha, até o ano de 2022. No entanto, para que possamos ter uma noção e verificar uma mudança no comportamento do torcedor, faremos uma investigação a respeito do uso, pela mídia local, da expressão torcida organizada antes do surgimento dessas agremiações, bem como a origem e contexto da fundação das primeiras torcidas organizadas no final da década de 1970.

O futebol é um esporte apaixonante, coletivo e de massas, e é um fecundo e significativo filão de pesquisa sobre a vida cultural, social e política de determinada área⁹, aqui, no caso, sobre a cidade do Natal e região metropolitana, destacando o conflito e a violência como um dos elementos da vida social e histórica, que vem se exprimir também nessa prática esportiva. É necessário entender o fenômeno das torcidas organizadas e da violência que estas terminaram por introduzir nos estádios, nas imediações das praças esportivas e na cidade de uma forma mais ampla, alterando a forma como esses espaços são vistos e vividos pelos torcedores de futebol e pela sociedade de uma maneira geral.

Violência é um tema recorrente nas aulas de História. Aparece sob a forma de guerras, revoltas e revoluções, desde os primórdios da humanidade até a contemporaneidade. Como tema recorrente, presente nos livros didáticos e em vídeos explicativos sobre eventos como as guerras mundiais, revoltas, como a do Malês e a violência praticada pelo estado para acabar, por exemplo, com Canudos e o Contestado, senti falta e a necessidade de uma problematização sobre a violência urbana presente no cotidiano de uma cidade como Natal e sua região metropolitana e presente na vida de muitos jovens no ensino médio. A partir dessa necessidade, escolhi o tema sobre violência envolvendo as torcidas organizadas como resultado de uma observação ao longo de mais de uma década, pois alguns desses jovens ou fazem parte de alguma torcida ou conhecem alguém, um amigo ou parente que pertence a um desses grupos. Pretendemos, com as discussões propostas, desnaturalizar a violência praticada pelas torcidas organizadas e entendê-la como um problema social para além de um estádio de futebol e historicamente construído.

⁸ História: Debates e Tendências – v. 12, n. 2, jul./dez. 2012, p. 305-325.

⁹ MURAD; Mauricio. **A violência e o futebol**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: FGV; 2007, p. 15.

Sabemos também que o perfil da maioria dos integrantes dessas torcidas organizadas é formado por jovens do sexo masculino, com idade entre 15 e 25 anos, que é parte do público que será alcançado através da oficina proposta neste projeto, pois será trabalhada em turmas do ensino médio. O perfil do torcedor membro de uma torcida organizada exposto neste projeto foi baseado numa pesquisa realizada entre as principais torcidas dos estados de Minas Gerais e São Paulo¹⁰. Murad (2007)¹¹ afirma que o jovem do sexo masculino, entre 15 e 25 anos, é aquele que se envolve em brigas em dias de jogos, mesma faixa de idade encontrada num relatório produzido pelo Senado da Espanha (ESPAÑA, 1999)¹² sobre a questão da violência nas praças esportivas naquele país. Tal faixa de idade também é observada na realidade das torcidas natalenses, e tal conclusão pode ser aferida de duas maneiras: na observação das torcidas nos estádios e na verificação da identidade desses jovens torcedores envolvidos com alguma prática de violência, que são tanto os infratores como as vítimas envolvidas nesses casos.

2.3 A violência e o futebol nas publicações acadêmicas

Num artigo publicado pela professora Heloisa Helena Baldy dos Reis e Felipe Tavares Paes Lopes com o título “*O torcedor por detrás do rótulo: caracterização e percepção da violência de jovens torcedores organizados*”, os autores afirmam que a produção acadêmica sobre o futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007 foi baixa. Além de exígua, a referida produção é constituída, em sua maioria, por estudos individuais e isolados, sendo raras as citações, contraposições de ideias, discussões ou críticas a outras pesquisas nacionais, o que dificulta o aprofundamento teórico-metodológico da área. Existem trabalhos sobre a temática da violência das torcidas organizadas que abordam de uma forma mais ampla o problema em questão e que serão explorados ao longo da produção. No entanto, a maior parte dessas produções se refere aos maiores centros urbanos do país, notadamente Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre.

Pude sentir essa dificuldade ao realizar um levantamento no repositório de dissertações do ProfHistória. Ao buscar por dissertações a partir de palavras-chave como violência, torcida e futebol, me deparei com a ausência de uma dissertação com uma relação direta com o meu

¹⁰ REIS, Heloisa Helena Baldy dos; LOPES Felipe Tavares Paes. **O torcedor por detrás do rótulo: caracterização e percepção da violência de jovens torcedores organizados**. Movimento, vol. 22, núm. 3, julho-septiembre, 2016, pp. 693-705. Escola de Educação Física Rio Grande do Sul, Brasil.

¹¹ Op.cit. Murad, 2007, p. 35.

¹² ESPAÑA. Dictamen de la Comisión Especial de Investigación de la Violencia en los Espectáculos Deportivos con Especial Referencia al Fútbol. Madrid, Senado, 1990.

objeto de pesquisa. No entanto, me deparei com quatro dissertações que de alguma forma dialogam com o meu tema. Três das quatro dissertações utilizam o futebol como um instrumento para se trabalhar em sala de aula e uma explora o tema da violência.

Na dissertação de Tarik de Almeida, intitulada “*Na Cara do Gol: uso e potencialidades pedagógicas da História do Futebol para o Ensino de História*”, o autor ressalta a possibilidade e a importância de se utilizar o futebol como uma ferramenta para encurtar as distâncias entre os alunos e os conteúdos a serem explorados numa aula de História. No caso do meu projeto, a violência será debatida, analisada e historicizada, tendo o futebol e as torcidas organizadas como meio de aproximar os alunos dos objetivos propostos.

A dissertação de Mainnã Zago, com o título “*Bola Rolando: Elaboração e execução da oficina de História “Futebol no Estado Novo”*”, defendida no Mestrado Profissional em Ensino de História, me ajudou a pensar na formatação da oficina que eu pretendo realizar neste projeto, fornecendo elementos da teoria que serão adotados em sua elaboração.

A dissertação de Léo Barbosa, intitulada “*Futebol e Ditadura: o futebol como recurso pedagógico no estudo da ditadura civil-militar em sala de aula*”, estuda a relação entre o futebol e os interesses políticos do regime militar e busca entender como o esporte mais popular do planeta serviu como instrumento de propaganda para o governo brasileiro e, também, como de resistência à ditadura.

A quarta dissertação encontrada foi produzida por Hugo Monção, com o tema “*Violência em questão: propostas para uma abordagem crítica de fotografias da Guerra do Vietnã*”. Essa dissertação me forneceu elementos teóricos para a utilização e problematização do tema violência nas aulas de História.

Apesar das dificuldades citadas, nos últimos anos o tema da violência no futebol brasileiro tem ensejado férteis reflexões que têm ajudado a avançar na sua compreensão. Entre outros fatores, tais avanços decorrem do fato de essas reflexões explicarem a referida violência relacionando-a com fatores econômicos, sociais, culturais e históricos mais amplos, que extrapolam aquilo que ocorre dentro do campo de jogo, ou seja, os fatores intrínsecos à estrutura simbólica e psicológica do jogo. No entanto, grande parte dessa discussão foi desenvolvida em outras áreas do conhecimento. Dentro das ciências humanas, é a sociologia que tem se dedicado mais aos estudos da violência no futebol. Fora das ciências humanas, pude encontrar dissertações e artigos produzidos por profissionais da Educação Física.

2.4 Ensino de História, violência no futebol e referencial teórico

O interesse em produzir um material didático sobre a violência das torcidas organizadas na cidade de Natal parte de uma pesquisa que já vinha desenvolvendo por conta própria desde 2011, então aliei um tema que já faz parte das minhas pesquisas cotidianas com minha prática docente e que principalmente tivesse alguma relação com a realidade dos jovens do ensino médio, pois o tema violência é bastante recorrente nas aulas de História. A escolha do futebol como meio para se debater a questão da violência se deve ao fato de o tema atrair bastante a atenção do público-alvo. Sobre a utilização e as potencialidades pedagógicas, Abraham Tarik de Almeida, no seu trabalho defendido no Mestrado Profissional em Ensino de História, ressalta:

“A necessidade de refletir sobre quais estratégias mobilizar para promover o encurtamento das distâncias dos alunos em relação aos conteúdos curriculares e viabilizar o acesso destes à condição de se apropriarem da escola e de sua localidade como sendo espaços deles e para eles. Investimos na História dos Esportes como possibilidade de comunhão entre os alunos, os conteúdos e a sua localidade.”

Léo Barbosa, ao pensar na escolha do futebol como meio de se problematizar o período da Ditadura Militar, levou em consideração que o esporte tem uma grande importância como recurso pedagógico em sala de aula, pois ele mexe com a emoção, tendo um significado sentimental para as vidas de inúmeras pessoas¹³.

Parto de uma problemática que poderá ser trabalhada não somente na escola em que o projeto será colocado em prática, ou nas demais escolas que leciono, mas que poderá ser apresentada nas demais escolas da capital do estado do Rio Grande do Norte, bem como da região metropolitana e da cidade de Mossoró. Essas três regiões são aquelas com a maior presença das torcidas organizadas no estado do Rio Grande do Norte. Ressalto também que a sequência didática proposta poderá ser adaptada a discussões referentes a outras formas de violência, como, por exemplo, a de gênero, dentre outras possibilidades.

Sabemos que toda pesquisa acadêmica necessita de conceitos que possam servir de referência durante a produção do trabalho. O que busco com minha investigação não é trazer o passado à tona, pois ele já aconteceu. O historiador, através da sua prática historiográfica, consegue acessar a um determinado passado mediado por veículos muito diferentes, como livros, artigos¹⁴ e outras fontes, sempre norteado por questionamentos e problematizações. A

¹³ Barbosa, 2021.

¹⁴ JENKINS, 2004, p. 25.

História-Problema defendida pelos historiadores dos Annales é interpretativa, problematizada e apoiada em hipóteses. A História-Problema se opõe ao aspecto narrativo da historiografia positivista.

O conceito que estará constantemente presente durante a pesquisa é violência. Para o sociólogo Mauricio Murad em “*A violência e o futebol*”, a violência não está no futebol. O futebol é apenas um dos meios de propagação de sentimentos presentes na sociedade. E ele vai mais além, ao dizer que essa prática violenta é uma prática de uma minoria – cerca de 5% daqueles que frequentam os estádios. Entretanto, essa violência não deixa de ser significativa, relevante e merecedora de análise. Para o autor, é importante perceber que não se entende a violência no futebol sem a devida compreensão da violência humana, devidamente contextualizada historicamente. Isso não significa minimizar o problema.

O futebol não é um esporte violento, apesar de existirem práticas violentas dentro e fora das quatro linhas. Fora de campo, as práticas violentas envolvendo as torcidas organizadas devem ser compreendidas como um fenômeno complexo, multifacetado e pluridimensional. Basta citarmos o *hooliganismo* na Europa, as barras bravas na América hispânica e as torcidas organizadas no Brasil. Outros autores, como Norbert Elias e Eric Dunning (1992), na obra “*Deporte y Ocio en el Proceso de la Civilización*”, apontam que o próprio “jogo” contém elementos que podem servir como vetor de agressividades. Se essa condição de estímulo for real e associada aos graves problemas sociais existentes na sociedade brasileira, então essa mistura pode ser explosiva. Muitos sociólogos e antropólogos concordam que

“Há uma tendência entre cientistas sociais em afirmar que o futebol, em particular devido ao perfil anteriormente descrito, é um ritual de ‘violência simbólica’, uma ‘guerra simbólica’, uma representação de violência entranhada nas relações humanas e sociais, mas, ainda assim, uma violência indireta¹⁵.”

Já Michel Maffesoli, em “*A violência totalitária*”, afirma que amizade e guerra, em sua ambivalência, estão na base de toda a sociedade, o que nos ajuda a entender muito bem o espaço dos estádios de futebol como locais de lazer e de conflito onde as pessoas que frequentam tais espaços presenciam momentos de ordem e desordem, fazendo com que esses espaços sejam cada vez mais policiados, reinando uma política e uma ideologia de segurança, que é uma forma contemporânea para se tentar conter tais excessos. Nesse sentido, trataremos a questão da violência envolvendo as torcidas organizadas como um fenômeno social.

¹⁵ MURAD; Mauricio. **A violência no futebol**. São Paulo: Saraiva, 2012, p. 100.

Sendo a escola um espaço de convivência e formação cidadã, onde o jovem conhece e exerce seus direitos e deveres, o combate à violência na atualidade deve ser encarado como uma das muitas discussões levantadas para proporcionar ao jovem um amadurecimento e capacidade de reflexão sobre o mundo em que ele vive. Sem dúvidas, a escola deve ser um dos locais em que a violência passe a ser discutida, em suas várias nuances e contextos, além de desnaturalizada. O termo desnaturalizar aparece em consonância com a definição de Hannah Arendt. Em seus estudos, a autora questionou alguns teóricos que escreveram sobre a violência no que diz respeito a sua naturalização. Assim, o termo “desnaturalização” em Arendt não está ligado ao aspecto natural, inato, que alguns autores afirmam que o ser humano possui em relação à violência. Arendt descarta essa tese e afirma que é perigoso explicar assuntos políticos pela via biológica. A autora destaca que

nem a violência nem o poder são fenômenos naturais, isto é, uma manifestação do processo vital, eles pertencem ao âmbito político dos negócios humanos, cuja qualidade essencialmente humana é garantida pela faculdade do homem para agir, a habilidade para começar algo novo (OLIVEIRA; GUIMARÃES, 2006 p. 4).

Em Hannah também surge o conceito de banalidade do mal. De acordo com esse conceito, as pessoas acabam se acostumando e vendo o mal como algo normal, como algo realizado por dever ou pelo simples seguimento de uma ideologia fanática. Apesar de Hannah Arendt voltar a sua atenção ao holocausto, provocado em decorrência do regime nazista, é possível atribuímos essa sistemática à sociedade atual, visto que pode se vislumbrar a falta de reflexão e de pensamento crítico em torno de um problema que requer discussões mais aprofundadas, que é o tema da violência. No tocante à violência existente entre as torcidas organizadas, existe no senso comum a ideia de que os jovens que se envolvem com a violência das torcidas organizadas são massa de manobra de líderes que exploram o sentimento exacerbado de amor por um determinado clube, canalizando-o para práticas violentas contra seus adversários. Esses jovens muitas vezes também são rotulados como marginais. A violência envolvendo esses jovens torcedores pode ter vários aspectos geradores, desde motivações ligadas a instintos e impulsos, até questões sociais. Nesse sentido, é importante ressaltar que

o componente juvenil da violência... merece ser observado por outros ângulos cada vez menos policiais ou midiáticos. A ideia é explorar seus aspectos simbólicos, no que diz respeito aos mecanismos que articulam os canais da agressividade e da violência e, sobretudo, para evitar que essa modalidade de violência seja utilizada

como cenário de “espetáculo” e “banalização” humana pelos canais de formação de opinião pública¹⁶.

Por outro lado, o Estado, que na maior parte das vezes é omissivo, tanto na prevenção como no combate à violência, trata de resolver os conflitos existentes entre as torcidas organizadas de maneira pontual, sem compreendê-las como um problema social, tomando decisões que não geram eficácia alguma, como, por exemplo, extinguir um CNPJ ou proibir a entrada de materiais com alusão às torcidas, como bandeiras, instrumentos e camisas. Vale ressaltar que as maiores torcidas do estado foram extintas no ano de 2005. A Torcida Gang Alvinegra (TGA) acabou adotando uma nova razão social que é atualmente Torcida Garra Alvinegra (TGA). Já a Torcida Máfia Vermelha (TMV) usou por um breve período o nome Dragões, depois Ontem, Hoje e Sempre (OHS), que era o lema da torcida, e atualmente é Tradição, Motivação e Vibração (TMV). Esse tipo de decisão já foi tomada em outros estados. No ano de 1995, após a Batalha do Pacaembu na cidade de São Paulo, as torcidas Mancha Verde, do Palmeiras, e Independente, do São Paulo, foram extintas. No entanto, foram recriadas com novo CNPJ e uma pequena alteração na nomenclatura oficial, que inclusive ocorreu num contexto de migração dessas torcidas para o mundo do carnaval, tornando-se primeiro blocos carnavalescos e depois escolas de samba. A Mancha Verde virou Mancha Alvi-Verde e a Independente passou a se chamar Tricolor Independente.

Levando em consideração que, segundo Murad, apenas 5% do público se envolve em violência nos estádios ou arredores, e observando também que de acordo com Maffesoli os estádios de futebol são lugares de lazer e conflito, cada vez mais policiados, podemos observar que em clássicos envolvendo o ABC e o América existe um grande contingente policial que, ao longo dos últimos anos, praticamente extinguiu a violência dentro dos estádios, diminuiu consideravelmente os problemas nas imediações dos estádios, no entanto provocou a ida dos confrontos para lugares cada vez mais distantes das praças esportivas, como por exemplo nos bairros onde existem as concentrações das torcidas, como também a violência em dias em que não há nenhuma partida envolvendo esses clubes. Na final do campeonato estadual de 2012, sete anos após a “extinção” das maiores torcidas organizadas, a preparação das forças policiais foi bastante intensa.

“A Polícia Militar está pronta para garantir a segurança dos torcedores”, declarou o promotor Luiz Cláudio, referindo-se à atuação da Polícia Militar nos últimos jogos de futebol. “Os índices de violência caíram substancialmente durante os jogos”, complementou o promotor.

¹⁶ ALABARCES, Pablo. *Futbologías: Fútbol, identidade y violencia em América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2003, p. 40.

Em todo o jogo serão distribuídos cerca de 500 Policiais Militares, além da atuação da aeronave da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social Potiguar 01. Para controlar o fluxo de trânsito, ainda serão distribuídos Policiais Militares do Comando de Policiamento Rodoviário Estadual (CPRE) nos arredores do Estádio Frasqueirão a partir das 13h30min¹⁷.”

Tais medidas e ajustes foram realizadas numa reunião que contou com a presença de várias autoridades e líderes das torcidas organizadas, que discutiam desde a organização em si que envolve um evento dessa magnitude para a cidade do Natal, como também se haveria ou não a presença de torcedores americanos no estádio Maria Lamas Farache, o Frasqueirão.

“Representantes de ABC e América, Federação Norte-rio-grandense de Futebol, Ministério Público, Corpo de Bombeiros, polícia Civil e Militar e torcidas organizadas reuniram-se na manhã desta quarta-feira (25), no quartel do Comando Geral da PM, e acordaram realizar o clássico-rei do próximo domingo (29) – no estádio Frasqueirão – na presença de torcedores dos dois clubes¹⁸.”

¹⁷ Disponível em: <http://www.dnonline.com.br/app/noticia/esportes/2012/01/25/interna-esporte,90580/pm-define-seguranca-para-torcidas-de-abc-e-america-no-classico.shtml>

¹⁸ Disponível em: <http://tribunadonorte.com.br/noticia/classico-de-domingo-tera-torcedores-dos-dois-clubes/210020>

3 TORCIDAS ORGANIZADAS DE FUTEBOL

3.1 O que são as torcidas organizadas?

Logo de início, precisamos compreender o que são as torcidas organizadas ou uniformizadas e o contexto desde o seu surgimento até o momento em que a violência envolvendo essas agremiações despertou a atenção das autoridades ligadas à segurança pública.

A palavra torcer se originou do comportamento distinto das mulheres se comportarem nos estádios no início do século XX, apesar de não haver um incentivo à presença delas nos estádios. As moças agitavam, xingavam, gritavam e torciam seus lenços durante as partidas de futebol¹⁹. Esse comportamento distinto, num espaço masculino, já chamava a atenção da imprensa.

“As palmas e os gritinhos agudos das torcedoras impacientes, as exclamações dos torcedores vermelhos, o entusiasmo extraordinário, enfim” (JORNAL DO COMMERCIO, 30/05/1916).

“No Brasil, concorrem muitas mulheres, gentis senhoritas, notando-se na assistência, quasi o mesmo número de representantes do bello sexo do que do outro. A representação feminina é constituída pelo mais distincto público da sociedade carioca. As “torcedoras” se vestem das côres de sua predilecção. Levam grandes laços nos chapéos e nas sombrinhas fitas e matizes com as cores de seu club favorito. (...) Por occasião das partidas, applaudem, saudam, accenam e dirigem o jogo, ordenando para um center-forward que reparta o jogo ou a um back que faça uma retirada. São, às vezes, sinceras” (JORNAL DO COMMERCIO, 08/03/1917²⁰).

A palavra torcer significa o ato de apoiar de maneira efusiva, com cânticos e gritos, uma equipe de futebol. Torcedor é o sujeito que pratica esse ato de maneira regular e torcida é um grupo de pessoas que conjuntamente pratica o ato de torcer²¹. Até o surgimento da expressão torcedor, eram utilizadas palavras como *sportsman*, *foot-ballers*, adeptos e aficionados.

Tarcyane Cajueiro, no livro “*Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas*”, identifica as torcidas como grupos de torcedores de um mesmo time que se agrupam para torcer organizadamente pelo clube, promovendo festas nas arquibancadas, viagens para acompanhar os times, bem como desenvolver ações sociais em apoio a problemas sociais. As torcidas uniformizadas seriam as instituições que produzem seus próprios materiais, como: bonés, camisas, calças, com uma simbologia própria. No Brasil a maioria das torcidas organizadas são também torcidas uniformizadas.

¹⁹ Disponível em: <https://www.torcedores.com/noticias/2019/09/torcer-origem-palavras-futebol>

²⁰ Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=111988&Pesq=torcedoras&pagfis=9770>

²¹ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de.; MALAIA, João M. C.; DE TOLEDO, Luiz Henrique; DE MELO, Victor Andrade. **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 54.

Segundo Luiz Henrique de Toledo no livro *Torcidas Organizadas de Futebol*, as primeiras organizadas surgiram na década de 1940. No Rio de Janeiro foi criada a Charanga Rubro-Negra e em São Paulo foi fundada a Torcida Uniformizada do São Paulo (TUSP). O objetivo dessas torcidas era apoiar seu time de forma incondicional. Nesse primeiro momento, destacavam-se os torcedores símbolos cuja liderança era tão intensa que mantinham seus liderados sob uma disciplina muito rígida. Podemos destacar aqui o Jaime de Carvalho, do Flamengo; Elisa, do Corinthians; e a tia Laura, do São Paulo, dentre outros que acabaram se tornando celebridades ao representar seus clubes. Muitos torcedores que faziam parte dessas torcidas participavam da vida social dos clubes. Esses grupos eram acompanhados por pequenas charangas que ao ritmo do samba ajudavam a emular os torcedores a incentivar seus clubes.

No final da década de 1960 e início da década de 1970, um novo modelo de torcidas começou a surgir, notadamente nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Eram jovens engajados em produzir festas cada vez maiores nos estádios, mas também com o pensamento de representar e defender as cores do clube de uma maneira mais efetiva, inclusive o de contestar o poder estabelecido dentro do clube. Algumas dessas novas agremiações possuíam um viés de contestação ao Regime Militar vigente no país àquela altura. Por exemplo, em 1967, durante a ditadura militar, surgiu no Maracanã uma faixa onde se lia “Poder Jovem”. Era o embrião da primeira Torcida Jovem do país, a do Flamengo, hoje conhecida pela sigla TJF²².

A partir de então algumas torcidas se inspiraram nessa agremiação e colocaram a expressão “jovem” nos seus nomes. Surgiram posteriormente a Torcida Jovem do Santos e a Torcida Jovem do Botafogo, fundadas em 1969; a Força Jovem do Vasco e a Torcida Young Flu, fundadas em 1970, dentre outras torcidas. Com motivos semelhantes, em 1969 corinthianos criaram a torcida Gaviões da Fiel. Eram tempos difíceis no Brasil e, em especial, para quem torcia pelo Corinthians, que na época amargava um jejum de títulos que chegava a 16 anos. Aqueles alvinegros não queriam apenas apoiar a equipe, mas também questionar a gestão do então presidente há oito anos Wadih Helu, que na vida política transitava pelos partidos apoiadores do regime²³. Em 1972 surgiu a Torcida Independente do São Paulo e apenas em 1983 surgiu a Mancha Verde do Palmeiras.

De forma geral, até os anos 1970 os estádios não eram divididos pela polícia, e em muitos locais as torcidas de times diferentes se misturavam. Isso não quer dizer que não

²² Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/mauro-cezar-pereira/2020/05/31/origem-de-torcidas-organizadas-e-a-participacao-politica-pela-democracia.htm>

²³ Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/mauro-cezar-pereira/2020/05/31/origem-de-torcidas-organizadas-e-a-participacao-politica-pela-democracia.htm>

existisse violência nos estádios. Na medida em que as festas das torcidas se tornavam mais elaboradas e o número de integrantes aumentava, começou a existir aos poucos uma separação entre as torcidas nos estádios. Primeiro uma aglomeração espontânea de simpatizantes do mesmo clube se alocava numa determinada parte do estádio. Depois uma corda começou a ser utilizada para separar as torcidas.

Imagem 8 – Divisão das torcidas no Estádio Castelão



Faixas das torcidas Cearamor e Fiel Tricolor lado a lado no Estádio Castelão.
Fonte Jornal Diário do Nordeste

Acima, a imagem retrata a arquibancada em um clássico entre Ceará e Fortaleza no Castelão. No lado esquerdo do anel superior do estádio, percebe-se nas arquibancadas a presença da torcida alvinegra com a faixa da Torcida Cearamor e, ao lado direito, a torcida do Fortaleza, especificamente duas faixas de torcidas organizadas: a Fiel Tricolor e Coração de Leão (fundada na primeira metade da década de 1980)²⁴.

3.2 O uso da expressão “torcida organizada” pela mídia natalense até 1990

Em Natal, as primeiras torcidas organizadas começaram a surgir no final da década de 1970. De acordo com a coluna “*Numeradas*”, do Diário de Natal

“A bossa agora é o surgimento de todo tipo de torcida organizada. Tem a Rubrachaça, Fanamérica, vem aí a Sul-América, Norte-América, e vai por aí. O ABC não difere:

²⁴ PINHEIRO, Caio Lucas Moraes. **Entre charangas e torcidas organizadas: trajetórias e transformações nas torcidas de futebol em Fortaleza (1965-1993)**, 2016, p. 75.

surgiu a TOCA e falam na ATOA (Associação das Torcidas Organizadas do ABC). Todas elas se limitam a jogar papel higiênico, papel picado e soltar fogos²⁵.”

Curiosamente, antes do surgimento das torcidas organizadas do ABC, América e Alecrim, a expressão torcida organizada já era utilizada para identificar um grupo de pessoas que empurravam equipes amadoras em campeonatos amadores, como jogos militares, universitários, futebol de salão, bem como festivais de músicas e concursos de miss.

“A primeira parte do campeonato das Forças Armadas foi concluída na noite de anteontem com duas partidas de futebol disputadas no estádio Juvenal Lamartine, que apanhou uma numerosa assistência, repetindo-se ali, o espetáculo brilhante do dia 27 na quadra do Cobana. Torcidas organizadas, bandas de músicas e o elemento feminino para quebrar a monotonia das nossas praças de desportos no que toca a presença do belo sexo. Desta vez, como acontecera na Base Naval, o elemento feminino predominou, contribuindo para a maior animação dos jogos²⁶.”

Podemos observar que nesse trecho de uma matéria do Diário de Natal sobre um campeonato das Forças Armadas no ano de 1948 é dado destaque para a festa das torcidas organizadas, incentivadas por bandas de músicas e a presença e o destaque da participação feminina, que segundo a matéria servia para quebrar a monotonia dos jogos e aumentar a animação nas partidas. Seria a festa proporcionada pelas mulheres nesse momento o que o jornalista associava às torcidas organizadas?

Nos anos 1960, o destaque para o uso da expressão torcida organizada nos jornais da cidade são as festas promovidas por esses grupos.

“Prosseguem com raro brilhantismo as disputas do VI Jogos Universitários Norte-Riograndenses que entram hoje para o sétimo dia consecutivo. Uma luta extra, que vem chamando atenção de todos, é a travada entre as torcidas organizadas de nossas faculdades que comparecem em massa, a fim de prestigiar os seus favoritos²⁷.”

“A partir de hoje começarão a ser escolhidas quatro músicas por noite. Os compositores anunciaram, na manhã de hoje, que levarão ao Palácio dos Esportes torcidas organizadas, com faixas e cartazes²⁸.”

²⁵ Diário de Natal 28 jul.1979. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028711_02&pasta=ano%20197&pesq=%22torcidas%20organizadas%20ABC%22&pagfis=33610

²⁶ Diário de Natal 01 set.1948. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_01&pesq=torcidas%20organizadas%20marinha%20e%20aeron%C3%A1utica&hf=memoria.bn.br&pagfis=28511

²⁷ Diário de Natal 14 mai.1965. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_01&pesq=torcidas%20organizadas%20jogos%20universit%C3%A1rios&hf=memoria.bn.br&pagfis=17305

²⁸ Diário de Natal 25 nov.1969. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_01&pesq=torcidas%20organizadas%20&hf=memoria.bn.br&pagfis=26722

“Os desfiles tiveram início às 9 horas e 20 minutos, quando todas as candidatas foram conduzidas à passarela, em revoada, numa ‘avant premiere’ ao público. Em seguida, cada uma fez o seu desfile individual em vestido. Umas tinham torcidas organizadas, outras não, porém foram aplaudidas... a expectativa era grande. As torcidas organizadas bastante nervosas²⁹.”

No ano de 1969, uma matéria do Diário de Natal faz alusão à presença de torcidas organizadas do ABC e América num duelo de futebol de salão. O título da matéria chama atenção — Decisiva de Salão vai ter duelos de torcidas:

“Prenuncia-se espetacular duelo salonista que poderá decidir o campeonato de futebol de salão do corrente ano entre as maiores forças do esporte potiguar, ABC e América. Quinta-feira será o grande dia das torcidas organizadas, que muito poderão concorrer para o brilhantismo da disputa entre rubros e alvi-negros.³⁰”

Em 1975 o Diário de Natal, através de uma coluna chamada “*Cartão Amarelo*”, discutiu a presença de torcedores andróginos e a criação de torcidas organizadas andróginas³¹. Na referida coluna, apareceu uma espécie de anúncio para os clubes menores que disputavam o campeonato potiguar e que não possuíam um grupo de torcedores para incentivar seus jogadores das arquibancadas. O fato inusitado está nos critérios para incentivar a formação dessas torcidas:

“Atlético, Ferroviário, Riachuelo e outros pequenos, que não tem qualquer torcida no Castelão, poderão doravante contratar dois ou três jogadores galãs e, a partir daí, terem suas torcidas organizadas. O jogador não necessita ser bom, basta ser do tipo **machão, pão** etc.”

Essa coluna tem um tom de ironia e deboche ao relacionar as torcidas organizadas aos homossexuais. A discussão teve início com a possibilidade de uma caravana de torcedores homossexuais do Cruzeiro de Belo Horizonte viajar até Porto Alegre para assistir a um jogo contra o Internacional no estádio Beira-Rio. O presidente do Cruzeiro citou que não ficava bem um ônibus cheio de *bicharocas* e citou de forma pejorativa que o clube não era nem de Campinas e nem de Pelotas. A coluna ainda colocou uma charge sobre o tema, onde podemos perceber um tom negativo ao ridicularizar essa possibilidade.

²⁹ Diário de Natal 06 jun.1966. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_01&pesq=torcidas%20organizadas%20&hf=memoria.bn.br&pagfis=19256

³⁰ Diário de Natal 07 out.1969. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028711_01&pasta=ano%20196&pesq=%22duelos%20das%20torcidas%22&pagfis=26411

³¹ Diário de Natal 13 dez.1975. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028711_02&pasta=ano%20197&pesq=%22torcedor%20a ndr%C3%B3gino%22&pagfis=17870

Imagem 9 – Charge de Jornal sobre a presença de homossexuais nas torcidas



A partir desses exemplos, chegamos à conclusão que a expressão “torcida organizada”, quando aparecia nos jornais natalenses, possuía uma conotação positiva, em que esses veículos de imprensa ressaltavam as festas nas praças desportivas, bem como a participação feminina. Até então, em pesquisa nos arquivos do Diário de Natal, através da hemeroteca da Biblioteca Nacional, não encontrei nenhum nome próprio relacionado a esses grupos que eram denominados genericamente de torcidas organizadas.

3.3 Xarias e Canguleiros

Entendemos a questão da violência entre as torcidas de futebol na cidade do Natal, a partir do final da década de 1990, como um acirramento da rivalidade que levou ao aumento da violência e não de um surgimento, pois em outros momentos existiram conflitos envolvendo torcedores. A violência ao redor do futebol não é acontecimento novo. O que é inédito é o movimento social de jovens em torno de uma organização que difunde novas dimensões culturais e simbólicas no cotidiano urbano, moldando o comportamento dos inscritos que se apropriam da violência verbal ou física como forma de expressão e visibilidade³².

No livro “*Xarias e Canguleiros*”, de Veríssimo de Melo, o autor descreve uma séria rixa, um problema para a segurança pública da época, ou seja, início do século XX, onde não eram raros os casos de cacete, morte por faca e pedradas na cabeça.

³² Op.cit. Alabarces, 2003, p. 41.

“Em Natal, capital do Rio Grande do Norte, até começos do século XX, existia uma rivalidade tremenda entre os habitantes dos dois bairros principais: Cidade Alta, onde moravam os xarias; e Ribeira, cidade baixa, onde viviam os canguleiros. As vozes denunciadoras da tradição chegaram até nós na advertência popular: xarias não desce, canguleiros não sobe.”

A palavra “xarias” era o xingamento supremo na cartilha dos palavrões. Significava o morador do bairro Cidade Alta, urbano, próspero, comedor de xaréu, peixe que era, na época, proibido à fome do humilde povo das Rocas e da Ribeira, que o pescava e ia vendê-lo no mercado da Cidade Alta. Para a classe mais pobre, sobrava outro tipo de peixe, o cangulo. Peixe miúdo, cheio de espinhas e comedor dos cocôs que boiavam livremente pelo Rio Potengi³³. Nota-se também uma verdadeira demarcação territorial, pois os xarias eram os moradores da Cidade Alta e os canguleiros das Rocas e Ribeira.

Com o passar dos anos, a rivalidade “xarias x canguleiros” foi ganhando novos contornos e invadiu o futebol. Em 29 de junho de 1915 foi fundado o ABC Futebol Clube, primeiro clube de futebol registrado no RN. Logo que ficaram sabendo da fundação do clube, alguns rapazes da Cidade Alta logo trataram de fundar também seu time para fazer frente ao ABC. Assim surgiu o América Futebol Clube, em 14 de julho do mesmo ano. A primeira sede do ABC era localizada na Avenida Rio Branco, por trás do antigo Teatro Carlos Gomes, hoje Alberto Maranhão. Como a sede ficava muito perto do bairro das Rocas, os rapazes do bairro Cidade Alta, fundadores do América, passaram a dizer que o ABC era time de canguleiros e os rapazes da Cidade Alta ficaram conhecidos como xarias.

Veríssimo de Melo nos fornece uma pista de que a rivalidade entre as torcidas de ABC e América teria origem nas antigas rixas entre os moradores da Cidade Alta e Ribeira.

“Os homens e rapazes de Natal, Xarias e Canguleiros de 1968, acham graça das velhas histórias e não entendem a rivalidade antiga, que parecia coisa de gente de aldeia. Entretanto, ainda hoje, muitos deles lutam e brigam ferozmente por dois times de futebol da cidade: o ABC e o América. Já não brigam mais sob os nomes de Xarias e Canguleiros, mas continuam lutando sob novos nomes: abecedistas e americanos.”

Atualmente os termos xarias e canguleiros são pouco usados no futebol local, mas ainda é possível ver tais nomes em faixas e bandeiras das torcidas do ABC e América. Os homens e rapazes de Natal continuam se enfrentando, não mais sob a alcunha de xarias e canguleiros,

³³ Disponível em: <https://todonatalense.com.br/xarias-x-canguleiros-a-rixa-que-dava-ate-em-morte-na-natal-do-seculo-retrasado/>

mas na defesa da sua torcida organizada, a Gang do ABC e a Máfia do América. Esses homens e rapazes não mais protegem a Cidade Alta da Cidade Baixa (Ribeira) e vice-versa, pois até mesmo esses bairros não são mais os mesmos de antes, ou seja, residenciais. Agora essa rivalidade está presente em todas as regiões da capital, bem como nas principais cidades da região metropolitana, em maior ou menor intensidade, dependendo do contexto e do momento.

3.4 O fenômeno “torcidas organizadas” na cidade do Natal

Imagens 10 e 11 - Faixas com os termos canguleiros e xarias nos estádios Frasqueirão e Arena das Dunas



Fonte: Disponível em: <https://medium.com/@thomassena/xarias-e-canguleiros-4d1f423a14f9>

No final dos anos 1970, surgiram algumas torcidas organizadas que já se diferenciavam daquelas características apresentadas nos jornais, pois até então não apareciam nomes próprios, parecia ser um movimento espontâneo e sem a organização de uma torcida como surgiu posteriormente e com um vínculo com as mulheres. Essas primeiras torcidas organizadas foram a FERA Jovem, Fiéis Esmeraldinos Radicais do Alecrim Futebol Clube, a Garra Alvinegra, TOCA (Torcida Coração Alvinegro) e ATOA (Associação das Torcidas Organizadas do ABC), do ABC Futebol Clube, e as torcidas do América Futebol Clube, Rubrachaça, Fanamérica, Sul-América e Norte-América.

Nessa fase observamos uma presença bastante ativa no tocante aos noticiários referentes às torcidas organizadas. Diferentemente de outras regiões do país, em que a violência envolvendo torcedores organizados se intensificou, por aqui os casos eram pontuais e não chegavam a chamar atenção da imprensa que veiculava as notícias esportivas, ou seja, a relação violência e torcida organizada não existia por aqui.

No livro “*Territórios do Torcer*”, que registrou o depoimento de lideranças das principais torcidas organizadas do estado de São Paulo, fica claro que nos anos 1970 as torcidas foram ficando cada vez maiores e os enfrentamentos se tornando cada vez mais frequentes e

longe dos estádios de futebol. O marco para o aumento da violência, segundo várias lideranças de torcidas organizadas do estado de São Paulo, foi o assassinato do Cléo, líder da Mancha Verde, torcida organizada do Palmeiras, em 1988. A partir daí, segundo os depoimentos, a violência explodiu e chegou ao ápice na famigerada batalha do Pacaembu, na final da Supercopa São Paulo de Futebol Júnior em 1995, em que houve um grande enfrentamento entre a Torcida Independente do São Paulo e a Mancha Verde do Palmeiras, resultando em um óbito. Tais imagens foram assistidas ao vivo em rede nacional e chocaram a opinião pública.

Durante o período em que as primeiras torcidas organizadas surgiram na cidade do Natal, no final da década de 1970 e início dos anos 1980, Natal era reconhecida por muitos como uma cidade pacata e tranquila. Nem mesmo a construção de uma grande praça esportiva como o Estádio Castelão, com capacidade para aproximadamente 50 mil espectadores, fez essas características desaparecerem, pois o estádio era um local da torcida fazer a festa.

“Dia de América x ABC no Machadão, início dos anos 70, dava gosto assistir a barulheira infernal que os repórteres provocavam, chegando ao ponto de levantar os seus microfones para que os ouvintes se certificassem da audiência. A “FERA” (fiéis Esmeraldinos Radicais levavam nítida desvantagem porque não contavam com nenhum repórter-torcedor, como foram Souza Silva, Mário Dourado e Levy Araújo. No gramado, o América contava apenas com “Baé” agitando sua enorme bandeira, assim mesmo somente minutos antes do time pisar no gramado.” (Everaldo Lopes, Tribuna do Norte, 07/06/2009).

Na cidade de Natal, percebemos que entre os anos 1960 e 1990 houve um rápido crescimento urbano. Por exemplo, a construção do Estádio Humberto de Alencar Castelo Branco, mais conhecido como Castelão, e a partir de 1989 conhecido como Machadão, aconteceu durante um período de expansão da cidade e é considerado um marco desse crescimento. Segundo Rubens Lemos Filho, no livro *“Memórias Póstumas do Estádio Assassinado”*, a construção do estádio é um exemplo da expansão urbana que aconteceu naquele momento, haja visto que a cidade acabava no início da Avenida Senador Salgado Filho, onde atualmente fica a Igreja Universal do Reino de Deus, e serviu de referência para o surgimento de uma série de conjuntos habitacionais que apareceram próximo ao estádio, como Potilândia e Mirassol, e em outras áreas da zona sul de Natal, como Neópolis, Pirangi, Ponta Negra, Candelária e Cidade Satélite, todos inaugurados entre os anos 1970 e início dos anos 1980. O crescimento da população na cidade de Natal a partir dos anos 1940 é de um ritmo exponencial, mas não isolado. Insere-se dentro de um processo de urbanização tardia vivida pelo país e que atingira tanto as capitais como outros importantes centros urbanos. De acordo com os censos registrados no site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população da

cidade de Natal saltou de 54.836 habitantes em 1940 para 606.681 habitantes em 1991³⁴. Com esse ritmo de crescimento, na maior parte das vezes desordenado e sem planejamento, a cidade passou por um processo intensificado de desigualdade social e econômica. Isso pode ser constatado com o aparecimento e aumento de bairros periféricos que se desenvolveram às margens do poder público e que apresentam uma série de problemas estruturais.

É importante afirmar que até esse período a violência envolvendo as torcidas dos principais clubes da cidade eram pontuais, em dias de jogos e, na maior parte das vezes, dentro do estádio e fruto de um desentendimento envolvendo particularidades individuais. Nada organizado e nem premeditado. Vale ressaltar a presença de grandes públicos no estádio Castelão no final dos anos 1970³⁵, quando a população da cidade era de aproximadamente 400 mil habitantes. Jogos entre ABC x América recebiam públicos superiores a 35 mil torcedores³⁶. O estádio chegou a ter públicos superiores a 50 mil presentes. Em 1976, 50.486 torcedores pagaram para assistir ao clássico entre ABC x América³⁷. De acordo com uma pesquisa realizada no acervo do Diário de Natal, essa partida de 1976 foi o recorde de público pagante no estádio, superior ao jogo ABC X Santos em 1972, quando 49.150 torcedores pagaram ingressos para ver o ABC de Alberi contra o Santos de Pelé³⁸.

O público que frequentava o estádio Castelão desde os primeiros momentos era originário das mais variadas regiões da cidade e pertencente aos mais diversos grupos socioeconômicos. Quem frequentou ou frequenta um estádio sabe que o público é composto pelos mais diversos grupos sociais. A própria estrutura física do estádio era dividida em setores com preços bem variados, com lugares dedicados aos setores mais populares, como a geral e a arquibancada de cimento, e as cadeiras numeradas e especiais num setor mais reservado, com mais conforto, comodidade e na sombra, com preços mais elevados. Os preços praticados durante a existência desse formato de estádio também garantiam o acesso a um público bastante eclético, pois a diferença de preço existente entre o setor mais popular e o mais “nobre” poderia chegar a 10 vezes.

³⁴ Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6>

³⁵ Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6> Acesso em: 08 ago. 2020.

³⁶ FILHO, Rubens Lemos. **Memórias Póstumas do Estádio Assassinado**. Natal: 8 editora, 2017.

³⁷ Diário de Natal 06 jul.1976. Disponível em:

³⁸ Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/dunga-tinha-raza-o/463773>

Imagem 12 – Preço de ingressos no Estádio Castelão (Natal/RN) em 1972 durante a realização da Minicopa

Geral	Cr\$	5,00
Arquibancadas	Cr\$	10,00
Numeradas	Cr\$	30,00
Especiais	Cr\$	50,00

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_02&pesq=minicopa%201972%20pre%C3%A7o%20ingressos&hf=memoria.bn.br&pagfis=6300

Os problemas relacionados à violência nesse período, como já citado, eram pontuais. Por exemplo, os geraldinos, aqueles que frequentavam a geral do estádio, corriam o risco de sofrer alguma lesão em decorrência dos objetos arremessados da arquibancada superior, como laranjas, latas e garrafas com urina e, às vezes, fezes. O pipoqueiro José Matias relatou em 1977 ao Diário de Natal que logo que ocorria uma briga os brigões eram separados e expulsos. Relata também que pior que as brigas entre bêbados eram os objetos arremessados das cadeiras especiais:

Foi dali, na semana passada, no jogo América e Corinthians, um torcedor jogou uma garrafa de cerveja em cima da geral. A garrafa passou zunindo no meu ouvido e quebrou os vidros da minha pipoqueira.

Em 1979, segundo matéria do jornal Tribuna do Norte intitulada “*O Lado Triste de um Grande Estádio*”³⁹, é citado que houve tentativa de homicídio de um policial por parte de um torcedor do Alecrim, fruto de um desentendimento entre dois torcedores.

Vale ressaltar que as torcidas acabaram ganhando um grande espaço na mídia responsável pelas notícias esportivas. As torcidas organizadas eram ouvidas e incentivadas a fazer a festa nos estádios. Quando o comportamento desses torcedores mudava, havia um estranhamento. Por exemplo, no ano de 1978, o Diário de Natal publicou uma matéria com o seguinte título: “*Garra Alvinegra passou toda semana ensaiando somente palavrões*”. Gritos que não fossem de incentivo e apoio ao clube de forma constante causavam estranhamento aos jornalistas que cobriam a vida do nosso futebol. Essa preparação da Garra Alvinegra se deu numa semana de clássico contra o América.

³⁹ Tribuna do Norte 16 mar.1997.

“A Garra não ensaiou canção de vitória, grito de guerra ou outra coisa alusiva à conquista do título pelo mais querido... daí a surpresa daqueles que foram ao Castelão ontem, que só ouviu palavrão da Garra⁴⁰.”

Entendemos que aqui já podemos observar um modelo de torcida organizada muito semelhante aos de outras regiões do país. Uma organização prévia para a festa durante a partida, com ensaios musicais, além de faixas e bandeiras nos estádios.

Imagem 13 – Torcida Garra Alvinegra em 1978.



A Garra alvinegra pouco falou sobre o retorno do Negão.

A ênfase das publicações nos jornais eram para as festas promovidas pelas torcidas organizadas, que, segundo consta, abrilhantavam o espetáculo. Antes de um clássico entre ABC e América e do noticiário sobre os jogadores e a preparação, havia a expectativa para o que as torcidas fariam nas arquibancadas. Na prévia de um clássico em 1979, o Diário de Natal alertou:

“A partir de segunda-feira as torcidas organizadas do América, em número de duas – Fan-América e Rubranchaça – a torcida alvinegra ‘Garra’ começaram a anunciar o que pretendem levar como atrativo para o Castelão na chamada ‘guerra das arquibancadas’... a Garra... já tem 200 quilos de papel na casa de Estela... os integrantes da Fanamérica informam que compraram 500 rolos de papel higiênico⁴¹.”

⁴⁰ Diário de Natal, 11 dez. 1978. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_02&pesq=garra%20alvinegra%20retorno%20do%20neg%C3%A3o&hf=memoria.bn.br&pagfis=26402

⁴¹ Diário de Natal 21 jun.1979. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_02&pesq=%E2%80%98guerra%20das%20arquibancadas%E2%80%99&hf=memoria.bn.br&pagfis=33040

Havia também, por parte dos noticiários, um incentivo à formação de torcidas organizadas nas cidades próximas a Natal. Numa queixa sobre os baixos públicos na capital potiguar, se comparado aos públicos na cidade de Campina Grande no ano de 1980,

“Em Campina Grande, aonde rendas bem superiores as nossas acontecem... os clubes mantêm chefes de torcidas nas cidades vizinhas a Campina, tais como Boqueirão, Boa Vista, Cabacinhas e outras. Esses líderes alugam ônibus, levam torcidas organizadas, motivam os clássicos. Então por que não se criar torcidas organizadas do ABC e América (e até Alecrim) em Macaíba, Ceará-Mirim, São José de Mipibu, São Gonçalo, Eduardo Gomes, todas próximas e bem servidas de acesso a Natal?⁴²”

Podemos observar também que essas torcidas possuíam uma vida bastante ativa na política interna dos clubes. Em 1981, o ABC enfrentava uma crise financeira e foi convocada uma reunião entre a direção, conselheiros e os chefes das torcidas organizadas.

“Os dirigentes do ABC se reúnem à noite, na secretaria do clube, na Prudente de Moraes, com os diretores e chefes das torcidas organizadas alvinegras e também os abecedistas mais atuantes... a direção irá ouvir os dirigentes das torcidas organizadas e assim tentando encontrar uma maneira mais viável para a sobrevivência do ABC⁴³.”

Diferentemente de hoje, em que existe uma forte crítica sobre a presença das torcidas organizadas em reuniões com as diretorias ou atletas dos clubes, até então tal situação era vista com naturalidade, pois as torcidas eram consideradas um agrupamento em prol do clube. Em 1983, a FERA, torcida organizada do Alecrim, lançou uma chapa para disputar as eleições internas do clube⁴⁴.

⁴² Diário de Natal 07 jul.1980. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_03&pesq=%22Ent%C3%A3o%20por%20que%20n%C3%A3o%20se%20criar%20torcidas%20organizadas%20do%20ABC%20e%20Am%C3%A9rica%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=1748

⁴³ Diário de Natal 27 mar.1981. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_03&pesq=%22Os%20dirigentes%20do%20ABC%20se%20re%C3%BAnem%20%C3%A1%20noite,%20na%20secretaria%20do%20clube%20na%20Prudente%20de%20Moraes%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=4255

⁴⁴ Diário de Natal 09 jul.1983. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_03&hf=memoria.bn.br&pagfis=11685

Imagem 14 - Torcida Fera, do Alecrim, quer uma chapa para eleição no clube

“Fera” quer sua chapa, nunca dividir

A torcida FERA (Fiéis Esmeraldinos Radicais) lança a chapa “Um Novo Tempo” para concorrer às eleições do Conselho Deliberativo do Alecrim a ser realizada neste domingo e cuja meta de trabalho caso seja vitoriosa está plenamente elaborada após uma reunião da qual fez parte Júnior Jácome candidato natural para presidente do Alecrim. Ele é apoiado pela torcida FERA conforme declarou Macêdo e Normando, dois que há muito lutam pelas coisas alecrinenses que, sem fazer oposição, desejam ver mudada a vida alecrinense no que concerne a parte diretiva que segundo eles, não está sendo do agrado total dos torcedores.

“Vamos lançar a chapa “Um Novo Tempo” e nossa intenção é ajudar a todos fiéis alecrinenses e alertar para o perigo que estamos passando, vendo o futebol ser relegado a plano inferior, disse Macedo.

Normando apresentou a plataforma de trabalho a ser executada pela nova diretoria se eleita for e que consta do seguinte:

1º, Iniciar a construção de um estádio na sede campestre proporcionando, assim, melhores condições para formar futuros craques e ao mesmo tempo beneficiando o próprio plantel que terá seu campo próprio de treinamento.

2º, Planejamento e construção de entrada e portaria do clube e passarelas internas, idéia lançada por Júnior Jácome, na sua condição de engenheiro.

3º, Aquisição de uma sede administrativa própria no bairro do Alecrim, pois a atual é alugada e onera muito o clube.

4º, Gravação e divulgação do Hino alecrinense que está totalmente esquecido e sem se saber qual o destino que tomaram as cópias.

5º, Reforma e cumprimento dos estatutos do clube. Dando maior poder a diretoria executiva. E um melhor relacionamento com o Conselho.

6, Criar uma assessoria de imprensa, que atualmente a pouca divulgação que o time tem, é fruto da desinformação e falta de um melhor relacionamento com a imprensa, que é a porta voz de qualquer clube.

7º, Maior apoio ao esporte amador.

8º, Criação de um departamento feminino.

9º, Criar um jornal ou boletim informativo que será enviado num sistema de mala direta, gratuitamente a todos os sócios contendo todas informações do clube.

10º, Elaborar um balancete mensal que deverá ser apresentado aos sócios, a através de um boletim e também a imprensa falada e escrita.

11º, Agilizar o departamento de cobrança, outro setor falho na atual administração.

12º, Reestruturação do futebol juvenil, destinando arrecadação junto ao Conselho Deliberativo para formação dos futuros atletas.

13º, Unificar todas as forças alecrinenses para conquista do título que há 15 anos o Alecrim não alcança.

Esses projetos, segundo os líderes da FERA o Alecrim mais unido e mais forte, sonho que todo alecrinense deseja ver transformado em realidade.

O início da década de 1980 foi marcado pelo aparecimento de novas torcidas organizadas. Do lado alvinegro, surgiram a Camisa 12 e a Força Jovem. Já do lado alvirrubro, surgiram a TIA (Torcida Independente Americana) e a Chama Rubra.

Em 1982 surgiu uma preocupação com a segurança na geral do estádio Castelão, pois a FENAT, órgão que administrava o estádio, exigiu dos donos de bares uma solução para a venda

de bebidas em latas e garrafas⁴⁵. Na geral, torcedores rivais assistiam ao jogo sem qualquer divisão física, e problemas maiores nunca foram registrados. Era nesse local que afluíam as demonstrações mais criativas tanto de aprovação quanto de indignação. Horas antes de uma partida entre ABC e América, a geral já se encontrava completamente lotada. Pessoas suadas, dentes de fora, sambando, gritando e bebendo. Os torcedores rivais, mesmo próximos, apenas fingiam que nada acontecia por ali. Não se podia pular muito, pois corria-se o risco de o pé não encontrar o mesmo lugar. Constatamos, a partir daqui, algumas situações: no anel superior do Estádio Castelão já havia uma divisão entre torcidas em dias de clássicos. A outra preocupação era a do uso de latas e garrafas de vidro e metal, que poderiam ser utilizadas como armas num conflito entre torcedores. Outra preocupação registrada nesse período foi quanto à utilização de fogos de artifícios pelas torcidas organizadas.

“Uma sugestão para as torcidas organizadas que vão ao Castelão, como forma de evitar outras vítimas dos fogos de artifícios: é contratar um fogueteiro. Do lado de fora do estádio, são colocados os foguetões e, no ato da equipe pisar o gramado, utilizando um artefato muito comum nas festas de interior, vários foguetões são lançados, sem qualquer perigo para os torcedores, jogadores, repórteres, dentro do Castelão. Fica a ideia⁴⁶.”

Dias depois da publicação dessa matéria no jornal Diário de Natal, com sugestivas dicas para a segurança dos torcedores, mais precisamente, três dias depois, a utilização dos fogos de artifícios foi proibida. Tal decisão foi motivada a partir de alguns incidentes registrados. Um desses incidentes feriu um delegado da Federação Norte-riograndense de Futebol. Em outro incidente, mais grave, 12 pessoas ficaram feridas.

“Ontem pela manhã houve uma reunião no gabinete do presidente da FENAT, João Baptista de Paiva, e que contou com a presença dos representantes das torcidas organizadas, além do próprio presidente da fundação, da imprensa e do comandante da Polícia Militar do Estado, o Cel. Valdomiro Fernandes. Os próprios representantes da FERA (torcida organizada do Alecrim) Normando e Gilson, representantes das torcidas abecedistas propuseram a proibição dos fogos, pois por diversas vezes ocorreram acidentes, inclusive uma vez, 12 pessoas saíram feridas⁴⁷.”

⁴⁵ Diário de Natal 02 mar.1982. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_03&pesq=%22bebidas%20em%20latas%20e%20garrafas%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=10501

⁴⁶ Diário de Natal 20 set.1983. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_03&pesq=%22Do%20lado%20de%20fora%20do%20est%C3%A1dio,%20s%C3%A3o%20colocados%20os%20foguet%C3%B5es%20%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=12329

⁴⁷ Diário de Natal 23 set.1983. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028711_03&pasta=ano%20198&pesq=%22proibido%20em%20definitivo%20os%20fogos%22&pagfis=12377

O que chamou atenção é que nesse período o policiamento da capital já se fazia mais presente nos jogos de futebol, inclusive com a adoção de estratégias de prevenção para evitar o conflito entre torcedores. É importante ressaltar que as torcidas organizadas eram vistas como parceiras pelas autoridades da segurança e do futebol, e as medidas de segurança adotadas nos estádios eram direcionadas aos torcedores mais exaltados que por ventura se envolvessem em casos de violência.

“O comandante da polícia militar, Cel. Valdomiro Fernandes afirmou que o policiamento no estádio é mais para manter os torcedores em segurança do que para fazer qualquer repressão. ‘Nós estamos preocupados é com a segurança dos torcedores, por isso vamos aumentar a fiscalização nos portões e o uso dos fogos está proibido até segunda ordem’. O policiamento no estádio Presidente Castelo Branco será iniciado mais cedo para evitar que os torcedores mais exaltados entrem no estádio portando armas, como ocorreu recentemente com um torcedor americano puxando um 38 para um grupo de torcedores abecedistas. As armas que forem encontradas com torcedores sem porte serão apreendidas⁴⁸.”

Para a preparação da partida entre Brasil e Alemanha Oriental em 1982, o policiamento foi reforçado. Atuaram: 30 viaturas de radiopatrulha e 20 viaturas de controle de trânsito, 150 policiais militares para disciplina e controle de tráfego, 500 policiais militares para a segurança dos torcedores, juízes e funcionários do estádio. A Polícia Militar também determinou algumas regras a serem seguidas pelos torcedores:

“Para a própria segurança do torcedor é proibido portar qualquer tipo de arma (branca ou de fogo) ou qualquer objeto cortante, perfurante ou contundente, conduzir fogos de artifícios para o interior do Estádio, garrafas ou copos de vidro para fora dos limites dos bares e cantinas, queimar papéis, revistas, jornais ou similares, arremessar qualquer tipo de objetos contra outrem, pular os alambrados e invadir o gramado⁴⁹.”

Supõe-se que esses fatos enumerados como proibições devam ter acontecido em alguns momentos e chamado a atenção das autoridades para atuarem preventivamente no combate à violência nos estádios.

O panorama sobre a abordagem da mídia natalense no que concerne às torcidas organizadas não se alterou durante o final da década de 1980 e início dos anos 1990. A exaltação das festas e o incentivo para que as torcidas embelezassem os estádios continuaram com o mesmo ritmo.

“Até que enfim as torcidas organizadas acordaram e resolveram dar uma injeção de ânimo no Estadual. Já ontem, umas das facções do América se reuniu e foi ao

⁴⁸ Ibidem.

⁴⁹ Diário de Natal 22 jan.1982. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=028711_03&pasta=ano%20198&pesq=%22esquema%20de%20seguran%C3%A7a%20para%20jogo%20de%203%22&pagfis=6850

aeroporto Augusto Severo receber os dois principais reforços do clube, adquiridos em São Paulo⁵⁰.”

Em matéria sobre um duelo do ABC contra o Fortaleza na segunda fase da Taça de Ouro na capital cearense, o jornal Diário de Natal ressaltou que era um jogo de bastante tradição. Vejam que não aparece a expressão rivalidade, mas, sim, tradição. Cita que é uma prática comum das torcidas visitarem os outros estados.

“A prova maior da tradição do jogo entre cearenses e norte-riograndenses é que as duas torcidas sempre acompanham seus times quando estes jogam no campo do outro. Isto aconteceu quando o representante cearense atuou aqui em Natal, parte do estádio Castelão foi tomada pelos torcedores cearenses que fizeram a festa na entrada do time em campo e também quando do gol de empate, uma vez que o Ceará perdia por 1 a 0. A torcida do ABC, por sua vez, não vai por baixo nesse domingo, quando o alvinegro retribuirá a visita ao clube na capital alencarina. A prova disso é que vão sair vários ônibus levando torcedores para incentivar a equipe comandada por Sebastião Leônidas⁵¹.”

A relação torcida organizada e violência, através das publicações jornalísticas, é praticamente inexistente. Mas, duas publicações no Diário de Natal alertam sobre uma pequena mudança de comportamento de alguns torcedores. Determinada publicação ressaltou uma certa preocupação com o massacre ocorrido em Bruxelas envolvendo as torcidas do Liverpool da Inglaterra e o Juventus da Itália pela final da Liga dos Campeões da Europa em 1985 e o surgimento e presença de algumas “torcidas selvagens” no Brasil. Mas há uma ressalva: nossas torcidas não se enquadram na expressão “torcidas selvagens”.

“Depois do massacre em Bruxelas, passou-se a ter medo de torcidas organizadas. Claro, não são como as nossas do Castelão, cujo único perigo está mesmo nos rojões que soltam. São as torcidas selvagens, que já começam a aparecer em São Paulo, inclusive até no próprio título como ‘Leões da Fabulosa’, ‘Dragões da Fiel’, ‘Falange Fla-Fiel’ e até ‘Sangue’ do Santos. A denúncia vem da revista Placar desta semana⁵².”

A violência entre torcidas organizadas a nível nacional nos anos 1980 já era tema de grandes reportagens, bem como de preocupação das autoridades de segurança, principalmente

⁵⁰ Diário de Natal 06 jun.1985. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_03&pesq=%22At%C3%A9%20que%20enfim%20as%20torcidas%20organizadas%20acordaram%20e%20resolveram%20dar%20uma%20inje%C3%A7%C3%A3o%20de%20C3%A2nimo%20no%20Estadual%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=17963

⁵¹ Diário de Natal 28 mar.1985. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_03&hf=memoria.bn.br&pagfis=17335

⁵² Diário de Natal 12 set.1985. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_03&pesq=%22Le%C3%B5es%20da%20Fabulosa%E2%80%99,%20E2%80%98Drag%C3%B5es%20da%20Fiel%E2%80%99%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=18853

das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Como já citado, o marco que transformou os enfrentamentos entre torcidas organizadas em conflitos mais violentos e sangrentos foi o assassinato do presidente da Mancha Verde em 1988. Na cidade do Natal, aparentemente os casos de violência registrados nos estádios continuavam esporádicos e com uma ideia bastante forte de que as torcidas existentes até então não eram propagadoras desses atos. No entanto, no ano de 1986, um fato chamou atenção. A constatação de que, a partir de então, o policiamento tinha uma outra missão no estádio Castelão, que era evitar os conflitos entre as torcidas organizadas. Pela falta de registro desse tipo de conflito, supomos que pequenos atos de violência começaram a chamar a atenção das autoridades policiais e da segurança pública. Um desses atos foi registrado numa matéria publicada no jornal Diário de Natal:

“O policiamento que vai ao estádio Castelão tem mais outra missão, a partir de agora: é a de evitar o encontro das torcidas organizadas. No sábado, após o jogo ABC x Alecrim, quando grande parte dos torcedores haviam deixado o estádio, alguns integrantes da FERA, recolhiam as bandeiras quando foram abordados por torcedores do ABC, em muito maior número. Um deles puxou um revólver 38 e a coisa só não teve consequências piores por que Macedo agiu como mediador e acalmou o ambiente. Fica o registro para o comando do policiamento providenciar, doravante⁵³.”

Seria esse caso registrado uma exceção à regra? Ou esses atos eram mais comuns do que eu pude encontrar nos arquivos dos jornais locais? O que sabemos é que aos poucos as torcidas organizadas foram se adaptando a uma nova realidade e entrando numa nova fase. Por exemplo, no ano de 1987, a torcida Chama Rubra, do América, começou a vender camisetas da torcida durante as partidas com o objetivo de arrecadar recursos para patrocinar suas festas e viagens, bem como a produção de faixas e bandeiras e comprar instrumentos musicais⁵⁴.

⁵³ Diário de Natal 29 abr.1986. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_03&pesq=%22alguns%20integrantes%20da%20FERA%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=20952

⁵⁴ Diário de Natal 19 mai.1987. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_03&hf=memoria.bn.br&pagfis=24943

4 A VIOLÊNCIA ENVOLVENDO AS TORCIDAS ORGANIZADAS

4.1 Violência no futebol: um fenômeno mundial

Eric Dunning é um dos autores mais importantes e influentes da Sociologia do Esporte. Seguindo seu mestre, Norbert Elias, ele se contrapõe à ideia de que existe uma atitude natural do ser humano. Até desenvolver seus estudos na Sociologia do Esporte, os estudos sobre o *hooliganismo* na Inglaterra era objeto de reflexão dos professores de Educação Física, que o discutiam como um produto cultural e social, mas ainda distante de uma discussão sociológica “com rigor e profundidade”, com trabalhos ainda muito empiricistas⁵⁵.

Na Inglaterra o *hooliganismo* ganhou notoriedade na década de 1960. Nos anos 1980 ganhou uma dimensão pública muito em função dos constantes registros de violência, verdadeiras tragédias, embora alguns eventos tenham sido erroneamente atribuídos aos *hooligans*. Até então, muitos autores explicavam que os maiores vilões da violência do futebol eram o álcool e a violência ocorrida no campo do jogo. Dunning, Murphy e Willians (1993) observam, entre outras coisas, que tais justificativas não se sustentavam e que esses autores subestimaram a gravidade da violência entre torcedores rivais, afinal, há torcedores violentos que não bebem e torcedores pacíficos que bebem muito.

Do mesmo modo, há partidas em que há violência dentro do campo, mas não há na arquibancada e vice-versa. Também foi constatado que muitas práticas violentas envolvendo os *hooligans* aconteciam fora dos estádios e antes das partidas. Dunning, Murphy e Willians (1993) analisaram o *hooliganismo* a partir da teoria do processo civilizatório. Elias e Dunning (1992) descrevem, a partir de um estudo minucioso de fontes sobre os comportamentos e normas sociais das sociedades inglesa, francesa e alemã dos séculos XII ao XIX, uma série de mudanças sociais.

Segundo os autores, dentre essas mudanças, foi observada uma diminuição da capacidade de sentir prazer em causar sofrimento e testemunhar violência e pelo aumento da identificação mútua. A partir dessa observação, cunharam o conceito de “explosões descivilizadoras”. “Explosões” que, para Dunning, Murphy e Willians (1993), explicariam o *hooliganismo*, pois este seria gerado pela não incorporação dos segmentos “rudes” da classe trabalhadora inglesa dos valores e modos de conduta mais “civilizados”. Os jovens oriundos desses segmentos encontrariam, no contexto do futebol, um espaço privilegiado para brigas,

⁵⁵ REIS, Heloisa Helena Baldy dos; LOPES, Felipe Tavares Paes; MARTINS, Mariana Zuaneti. As explicações de Eric Dunning sobre o hooliganismo à luz do contexto brasileiro: uma reflexão crítica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 617-632, jul./set. de 2015.

agressões e outras formas de violência – que, no seu meio social, serviriam como um meio de afirmação pública de masculinidade.

Dunning argumenta também que o *hooliganismo* é um fenômeno mundial. No entanto, várias críticas foram feitas, pois o termo *hooliganismo* é impreciso, pouco científico e que ele cobre uma vasta variedade de comportamentos que estão, até certo ponto, relacionados ao futebol. Seria possível encontrar em outras partes do mundo o mesmo contexto e características que explicam o aumento da violência no futebol na Inglaterra? O sociólogo Pablo Alabarces (2002) esclarece que, do seu ponto de vista, existem diferenças significativas entre os barras bravas⁵⁶ argentinos e os *hooligans* britânicos. A principal delas seria o fato de os primeiros estarem historicamente relacionados com a violência política.

Pablo Alabarces elenca uma série de diferenças existentes entre os barras bravas e os *hooligans*: os homicídios atualmente são relacionados a brigas internas nas barras pelo poder de controlar o mercado ilegal de ingressos e uma série de outros esquemas que rendem muito dinheiro. Gustavo Grabia, no livro “*La Doce: La Verdadera História de la Barra de Boca*”, cita que além da revenda de ingressos doados pela diretoria do clube, a barra do Boca Juniors exige uma porcentagem dos ambulantes que trabalham ao redor do estádio, além de cobrar o estacionamento dos carros que ficam nas ruas próximas de La Bombonera. Pablo Alabarces também cita o uso de armas de fogo na Argentina, o que não é habitual entre os *hooligans*.

Podemos então falar em *hooliganismo* no Brasil? A primeira dificuldade em categorizá-los dessa forma é justamente a falta de consenso acerca da própria definição de *hooliganismo*, pois essa denominação foi criada pela imprensa britânica e usada pejorativamente. Creio que tal discussão esteja superada na atualidade, pois os fatores locais acabam definindo e explicando as causas da explosão da violência, pois as motivações, apesar de terem algumas semelhanças, são distintas na Inglaterra, na Argentina e no Brasil.

Na Inglaterra temos estudos que associam a violência envolvendo os *hooligans* com as classes sociais com o advento das mudanças ocorridas a partir dos anos 1960. Já na Argentina a violência das barras bravas pode ser entendida a partir do uso político dessas forças populares para fins políticos, principalmente após o fim da ditadura militar, bem como por motivações econômicas.

⁵⁶ A categoria barras-bravas não é nativa, ou seja, ela não é utilizada pelos integrantes desses grupos, que chamam a si mesmos de *la hinchada*. Trata-se de uma categoria pejorativa utilizada pelos meios de comunicação e por outros torcedores, que acusam tais integrantes de terem uma relação instrumental com o clube, que seria motivada por um interesse particular e econômico – o que, evidentemente, é negado pelos últimos (ALABARCES, 2012).

Então se a adoção do conceito de *hooliganismo* em contextos fora da Inglaterra é controverso, existe a constatação de que a violência no futebol é universal e alimentada pelas falhas de cada país, assim sendo

“Na Escócia (ao menos em Glasgow) e Irlanda do Norte, pelo sectarismo religioso. Na Espanha, pelo nacionalismo linguístico de catalães, castelhanos, bascos e galeses. Na Itália, pelas divisões entre Norte e Sul. Na Alemanha, pelas relações entre Leste e Oeste e entre grupos de direita e esquerda⁵⁷.”

Dunning afirma que quando ele diz que na Escócia e Irlanda do Norte a questão religiosa é central, ele não quer dizer que lá a questão de classe não exista e que ela não tenha relação com a primeira, apenas que, possivelmente, seu “peso” na produção da violência seja menor. Interessante observar que atualmente os termos hooligan, barra brava e torcida organizada possuem uma conotação negativa e muitas vezes a violência envolvendo tais grupos são explorados pela mídia de uma maneira sensacionalista, transmitindo uma ideia de que essa violência é irracional.

4.2 A violência no esporte antes das primeiras torcidas organizadas e quando essa violência se tornou um problema nacional

Num artigo intitulado “*Esporte, caso de polícia: crimes e conflitos nos espetáculos esportivos do Rio de Janeiro do século XIX*”⁵⁸, Victor Andrade de Melo relata que no século XIX algumas práticas esportivas da época acabavam em quebra-quebra. Ressalta o autor que os problemas com o público presente nas touradas eram constantes. Ainda que as touradas não possam ser consideradas atualmente um esporte, à época, brigas de galo, touradas e jogos de pelotas frequentavam as colunas dedicadas aos esportes nos jornais. Além das touradas, são identificados atos de violência no turfe, no remo e no ciclismo.

O futebol chegou ao Brasil no final do século XIX, através de Oscar Cox e Charles Muller. Segundo Leonardo Afonso de Miranda Pereira no livro “*Footballmania: uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*”,

“Ambos jovens que, apesar dos nomes estrangeiros, eram nascidos no Brasil; ambos filhos de famílias abastadas que buscaram, na Europa, a base da educação que não poderiam ter em seu país de origem, trazendo de lá a semente de novas práticas e tradições. Mais que mera coincidência, a semelhança entre suas trajetórias indica a

⁵⁷ Op. cit. Reis, 2015.

⁵⁸ PRIORE, Mary del; MULLER, Angélica. **História dos crimes e da violência no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2017, p.123-154.

lógica que caracterizou a consolidação de uma certa memória sobre o futebol – que afirma ser ele um esporte que ‘nasce e se desenvolve entre a elite’⁵⁹.”

Nesse período, o público que frequentava os *matches* era um público bem vestido, composto por membros de “muitas famílias” e “cavalheiros da cidade”. Havia uma falta de popularidade, o que o tornava bastante restrito. No entanto, isso não preocupava os adeptos do novo esporte.

Apesar desse início oligárquico e excludente, o futebol foi atraindo o interesse cada vez maior de curiosos. Vários clubes começaram a ser fundados nas periferias dos grandes centros urbanos. Por volta de 1905, na cidade do Rio de Janeiro, houve uma percepção de um aumento do público presente nas partidas. E para a surpresa daquelas pessoas habituadas aos eventos esportivos, uma juventude elegante e seleta, havia uma plateia diferenciada, com a presença de negros, que assistiam aos jogos mal acomodados, espremidos, mal vestidos e em cima de árvores, muros, morros e casas.

Com a expansão do público, percebeu-se um aumento das hostilidades e críticas aos adversários.

“A torcida cada vez mais apaixonada pelos seus próprios times fazia com que se deixasse de lado o cavalheirismo, gerando cenas como a que aconteceu em 1907 em um jogo do Carioca Foot-ball Club – o time infantil apadrinhado pelos sócios do Botafogo: com fitas pretas e brancas nos chapéus, eles torciam de maneira ostensiva e exagerada pelo time protegido, vaiando os adversários mesmo quando estes estavam machucados e invadindo o campo para comemorar os feitos do Carioca⁶⁰.”

Com as hostilidades, e após a derrota do clube protegido, já se verificavam protestos e confusões pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro. Com o aumento do interesse, os ingressos das partidas, antes distribuídos pelos sócios dos clubes, passaram a ser vendidos. Após partidas entre Flamengo e Fluminense em 1916, foram registrados grandes tumultos e, por vezes, até invasões de campo na tentativa de se agredir o árbitro. Essas situações pareciam cada vez mais frequentes no cenário. No entanto, nada se comparou às cenas que aconteceram no campo do Municipal F.C, localizado na zona portuária, naquele mesmo ano:

“A assistência desordeira, muito própria ao lugar, que era a Saúde, de revólver em punho, dizia as maiores barbaridades, a ponto de ameaçar de morte a diversos jogadores em campo. Duas praças de polícia, para conter duas mil e tantas pessoas, sendo mil novecentos e cinquenta desordeiros, e mais cinquenta e tantas também desordeiras. É preciso que o dr. chefe de polícia tome providências enérgicas a esse

⁵⁹ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 23.

⁶⁰ Op. cit. Pereira, 2000, p.78.

respeito, não deixando prosseguir essa desmoralização a esse sport de maior predileção do povo civilizado brasileiro ⁶¹.”

Muito antes do surgimento das torcidas organizadas, a força policial já se fazia presente nos campos para conter os excessos daqueles espectadores mais violentos. Alguns registros foram feitos de policiais que deveriam estar trabalhando em partidas e que acabaram torcendo pelos seus clubes e se envolvendo em ataques aos árbitros ou aos torcedores rivais.

Já que a violência entre os frequentadores das partidas antecede o surgimento das torcidas organizadas, precisamos compreender o que são as torcidas organizadas ou uniformizadas e o contexto desde o seu surgimento até o momento em que a violência envolvendo essas agremiações despertou a atenção das autoridades ligadas à segurança pública e posteriormente virou objeto de pesquisas e problematizações, seja em artigos, dissertações ou teses.

No livro “*Territórios do Torcer*”, que registrou os depoimentos de lideranças das principais torcidas organizadas do estado de São Paulo, fica claro que nos anos 1970 as torcidas foram ficando cada vez maiores e os enfrentamentos se tornando cada vez mais frequentes e longe dos estádios de futebol. O marco para o aumento da violência, segundo várias lideranças de torcidas organizadas do estado de São Paulo, foi o assassinato do Cléo, líder da Mancha Verde, torcida organizada do Palmeiras, em 1988. Segundo Moacyr Bianchi, um dos fundadores da Mancha Verde, a maior torcida organizada do Palmeiras,

na década de 1980, já havia muitas brigas e confusões, inclusive a fama da Mancha de ser a mais violenta. No entanto, para ele, a morte de Cléo Sostenes, 23, presidente da Mancha, após um atentado na sede da torcida, deu início ao que ele chama de covardia, quebrando o código de honra⁶².

Percebemos, através dos depoimentos das antigas lideranças das maiores torcidas do estado de São Paulo, que nos anos 1970 a violência já acontecia nas praças esportivas da cidade, mas que ao mesmo tempo havia um código de honra que era praticado quando um oponente caía ao chão, ou seja, a partir desse momento, não se agredia mais o rival. Paulo Serdan, ex-presidente da Mancha Verde, explica que a fundação da torcida está ligada à necessidade de fazer os rivais respeitarem os palmeirenses. Segundo o ex-presidente, os palmeirenses viviam amedrontados e era muito difícil enfrentar as maiores torcidas da cidade, que naquele tempo eram a Gaviões da Fiel e a Torcida Jovem do Santos.

⁶¹ Ibidem, p. 129.

⁶² Disponível em: <http://esportes.r7.com/blogs/cosme-rimoli>

No início dos anos 1990, com o crescimento dessas agremiações e o aumento da rivalidade, tais atos de violência praticados por componentes das torcidas se tornaram cada vez mais frequentes e explorados pelos jornais. A partir daí, segundo os depoimentos dessas antigas lideranças, a violência explodiu e chegou ao ápice na famigerada batalha do Pacaembu, na final da Supercopa São Paulo de Futebol Júnior em 1995, em que houve um grande enfrentamento entre integrantes da Torcida Independente do São Paulo e da Mancha Verde do Palmeiras, resultando em um óbito. Tais imagens foram assistidas ao vivo em rede nacional e chocaram a opinião pública.

Ao mesmo tempo que os casos de violência envolvendo as torcidas organizadas aumentavam exponencialmente e despertavam a atenção das autoridades públicas e da mídia, houve um aumento significativo no número de associados nessas agremiações.

Entre brigas, rivalidades e mortes, os anos noventa representam o crescente aumento do quadro associativo das “organizadas”. Em 1991, a “Mancha Verde” tinha 4.000, a “Independente” 7.000 e os “Gaviões da Fiel” 12.000 filiados. Até outubro de 1995, período em que passou a ocorrer por parte da Justiça Pública paulistana cerceamentos das atividades desenvolvidas pelas “organizadas”, seus quadros registrou os números de 18.000, 28.000 e 46.000 filiados, respectivamente⁶³.

Segundo Carlos Alberto Máximo Pimenta no artigo “*Torcidas organizadas de futebol: Identidade e identificações, dimensões cotidianas*”, as novas filiações eram efetuadas por jovens entre 12 e 18 anos de idade, atraídos pela violência, estilo de vida e aspectos estético-lúdico-simbólicos, ou seja, existiu uma motivação direta para essas novas filiações, que foi a violência. A partir desse substancial aumento de associados nas agremiações, as diretorias não teriam ou não puderam mais ter controle sobre todos os sócios. Perdendo parte desse controle, houve o aumento no número de casos graves de violência envolvendo torcedores. E nesse contexto de expansão da violência, segundo o autor, o torcedor rival acabou perdendo a característica de pessoa ou sujeito, ganhando o status de animal ou coisa, sem nenhum vínculo de comprometimento social ou humano.

Na prática dos atos de violência, os “torcedores” perdem a percepção da existência do outro⁶⁴. Acredito que não podemos esquecer que a violência entre as torcidas possui uma dimensão social, pois é parte da dimensão real do cotidiano dos grandes centros urbanos brasileiros e, consecutivamente, dos grupos de jovens. Atribuir a violência praticada pelos jovens torcedores a uma adjetivação de pura bestialidade humana reduz o problema à condição

⁶³ Op.cit. Alabarces, 2003, p. 43-44.

⁶⁴ Ibidem, p. 42.

de desumanidade, o que acaba simplificando o problema. Em síntese, Carlos Alberto Máximo Pimenta assinala três aspectos que convergem para justificar e explicar o fenômeno da violência envolvendo jovens torcedores: a) a juventude, cada vez mais esvaziada de consciência coletiva; b) o modelo de sociedade de consumo instaurado no Brasil que valoriza a individualidade, o banal e o vazio; c) o prazer e a excitação gerados pela violência ou pelos confrontos agressivos. Esses três aspectos podem oferecer caminhos mais coerentes no entendimento das causas da violência envolvendo as torcidas organizadas, e não a ideia de que os jovens que cometem atos de violência são desprovidos de humanidade.

Em outro estudo, o sociólogo Maurício Murad afirma que o perfil da maioria dos integrantes dessas torcidas organizadas é formado por jovens do sexo masculino, com idade entre 15 e 25 anos. O perfil do torcedor membro de uma torcida organizada exposto neste projeto foi baseado numa pesquisa realizada entre as principais torcidas dos estados de Minas Gerais e São Paulo⁶⁵. Infelizmente não encontrei dados referentes à situação local. Murad (2007)⁶⁶ afirma que o jovem do sexo masculino, entre 15 e 25 anos, é aquele que se envolve em brigas em dias de jogos, mesma faixa de idade encontrada num relatório produzido pelo Senado da Espanha (ESPAÑA, 1999)⁶⁷ sobre a questão da violência nas praças esportivas naquele país. O perfil do torcedor organizado é:

“idade entre 14 e 25 anos; maioria de desempregados ou na ‘informalidade’; provenientes de quase todas as faixas de renda e escolaridade, em especial da chamada classe média baixa e da 5ª série do ensino fundamental à 2ª série do ensino médio, embora haja universitários também; predomínio de homens, com 10% a 15% de mulheres; ligações com drogas, gangues urbanas e o crime organizado, comunicação em rede; treinamento em lutas marciais e o uso de táticas militares⁶⁸”.

Luiz Henrique Toledo buscou, por exemplo, em seu livro *“Torcidas Organizadas de Futebol”*, captar a dinâmica das torcidas fora dos estádios: nas ruas, sedes, quadras e viagens. Entretanto, boa parte desse trabalho se resume a uma espacialidade notadamente paulistana, com um pouco menos de referência à realidade carioca, onde retratam algumas relações existentes entre as torcidas do eixo sul-sudeste do país, esquecendo-se da grande multiplicidade que se abre pelo país afora, sem aprofundar no que isso implica a criação de rivalidades entre torcidas que aparentemente não teriam motivo para serem rivais, na apropriação do espaço dos

⁶⁵ REIS, Heloisa Helena Baldy dos; LOPES, Felipe Tavares Paes. O torcedor por detrás do rótulo: caracterização e percepção da violência de jovens torcedores organizados. **Movimento**, vol. 22, n. 3, julho-setiembre, 2016, pp. 693-705. Escola de Educação Física Rio Grande do Sul, Brasil.

⁶⁶ Op.cit. Murad, 2007, p. 35.

⁶⁷ Op.cit. ESPAÑA, 1990.

⁶⁸ Ibidem, 200, p. 35.

estádios, e na utilização de tal área como local de festa e de lazer, mas também de conflitos e jurisdição, que se faz por meio da presença do Estado, através de uma ideologia de segurança. Essa passagem do livro de Tarcyane Cajueiro, *“Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas”*, retrata bem aquilo que poderia ser mais explorado pelo país afora e que pode nos dar uma pista sobre o aumento da violência entre as torcidas organizadas:

“Outra característica dessas torcidas é o fato delas manterem uma rede de amizades com torcidas de outros estados. Existem afinidades entre os corintianos e algumas facções das organizadas flamenguistas, os são-paulinos com os cruzeirenses e alguns flamenguistas, a Torcida Jovem do Santos com os torcedores do Fluminense. A torcida do Palmeiras, por sua vez, é amiga das torcidas do Vasco e Atlético Mineiro. É comum ver torcedores trajando uniformes vascaínos no meio dos palmeirenses; contudo, isso não acontece com torcedores de outros times. Pois já vi, por exemplo, torcedores do Palmeiras arrancarem a camisa do Flamengo de um rapaz que estava no Parque Antarctica, rasgando-a logo em seguida, sob aplausos de outros torcedores.”

Outro fator importante explorado por Murad é a comparação dos dados específicos da violência no futebol brasileiro com o quadro global da violência no Brasil. De acordo com a pesquisa desenvolvida pelo autor, a violência entre as torcidas começou a se tornar explosiva a partir de 1985. Anteriormente citei que o homicídio de um presidente da Mancha Verde em 1988 foi um dos motivos que acirrou a tensão, desencadeando uma série de conflitos violentos envolvendo as torcidas paulistas. No entanto, verifica o sociólogo, a violência presente na sociedade se agravou a partir dos anos 1960, ou seja, as práticas violentas envolvendo as torcidas são tardias e se situam numa linha de periculosidade abaixo daquela que seria possível imaginar, tendo em vista a deterioração institucional e os agudos problemas sociais do país.

“Foi nos anos 1960 (...) que se começou a dar um espaço mais significativo à dimensão da violência no debate nacional. Já não se podia negar o conflito presente nas diversas esferas da sociedade, as várias formas de exclusão social, os preconceitos em relação a diferentes minorias e mesmo algumas evidências de uma tensão estrutural entre classes sociais no país. Começava-se, assim, a aproximar uma ‘ideia’ de Brasil de uma ‘ideia’ de violência, a qual, hoje, assume uma ‘onipresença’ tanto no dia-a-dia social quanto no imaginário coletivo”.⁶⁹

Na sociedade, as torcidas organizadas são parcelas muito pequenas no conjunto de milhões de torcedores. Por exemplo, na cidade do Rio de Janeiro, com 6 milhões de habitantes, e no estado do Rio de Janeiro, com 14 milhões no ano de 2001, os torcedores organizados devidamente cadastrados não passavam de 140 mil. A porcentagem de torcedores envolvidos com a prática da violência seria a minoria da minoria, chegando a aproximadamente 5%. No entanto, esses 5% não equivalem a uma parcela do universo total de torcedores que frequentam

⁶⁹ Op.cit, Pereira, 2000, p. 19.

os estádios, mas sim a uma parcela presente nas torcidas organizadas. No entanto, existem muitos torcedores infiltrados nas torcidas. Esses infiltrados são aquelas pessoas que não possuem um cadastro oficial, mas participam da vida ativa dessas agremiações. No ano de 2017, o jornal O Globo registrou, numa matéria intitulada “*Torcidas organizadas apresentam cadastro mínimo de integrantes*”, que

o maior efetivo está distribuído entre Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco, mas, ao todo, apenas 1.998 estão cadastrados. São 495 do Botafogo, 730 do Flamengo, 425 do Vasco e 348 do Fluminense. Há registros ínfimos de organizadas de time pequenos⁷⁰.

Escondidos? Talvez. Esses “infiltrados” podem ser grupos de jovens que constantemente estão envolvidos com a violência e preferem não possuir um cadastro formal na agremiação por opção própria ou as agremiações preferem aceitá-los informalmente para que a torcida não sofra com os atos praticados por eles.

4.3 1991: Um novo padrão de torcidas organizadas em Natal

No ano de 1991 foram fundadas as maiores torcidas organizadas que existem atualmente na capital potiguar. A Torcida Gang Alvinegra foi fundada em 3 de março e a Torcida Máfia Vermelha em 8 de dezembro. Nesse período, várias outras torcidas organizadas surgiram e passaram a dividir o espaço nos estádios natalenses.

A torcida Gang Alvinegra foi fundada em sua maior parte por camelôs que trabalhavam no centro da cidade. No ano de 1994, a torcida contava com 50 integrantes. Os diretores exigiam um pré-requisito: que amassem o ABC. Segundo depoimento dado ao Diário de Natal em 1994,

“E foi por este amor que um grupo formado por Evanilson Gurgel (o Ral), Manuel Udeilson (o Patola), Ednildo Araújo (o Dado) e Padilha resolveu fundar a Gangue Alvinegra, que apesar do nome, é radicalmente contra a violência nos estádios de futebol⁷¹.”

Segundo depoimento de Ral, alguns chegam a abandonar até a família para acompanhar o ABC. Em tom de brincadeira, afirmou “que tem camarada que diz que vai deixar a mulher pelo ABC”. Nesse período a torcida já era bastante ativa e promovia várias excursões para

⁷⁰ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/torcidas-organizadas-apresentam-cadastro-minimo-de-integrantes-21215834>

⁷¹ Diário de Natal, 24 out.1994.

acompanhar o time alvinegro. Quem mantinha a torcida eram os próprios integrantes. Já se verificava, a partir da entrevista, que a Gang mantinha contato com torcidas de outros estados, notadamente a Gaviões da Fiel do Corinthians, Força Jovem do Flamengo, Independente do São Paulo. Tais contatos eram no sentido de trocarem materiais. Dado afirmou à reportagem que não se considera um radical e afirmou que chegava até a torcer pelo América quando o ABC não estava na disputa. No ano de 1994 o América disputou a série B do campeonato brasileiro, enquanto o ABC disputou a série C. A reportagem finalizou com a diretoria da Gang Alvinegra dizendo que quem quisesse se associar, bastava se dirigir à Banca do Ral, no calçadão do Rio Branco, próximo à MusiSom, fazer o cadastro e pegar a carteirinha.

Imagem 15 – Reportagem sobre a Torcida Gang Alvinegra em 1994



Já a Torcida Máfia Vermelha foi fundada por Aécio Franklin de Albuquerque Júnior e por mais alguns jovens no ano de 1991. Na visão dos fundadores da torcida,

“o que víamos nos estádios era uma grande torcida, que comparecia, mas que na maioria do tempo de jogo se postava de forma arredia, ou seja, torcedores que só sabiam cobrar de nossos jogadores, de nossa diretoria, mas que não incentivavam, não ajudavam, principalmente em jogos chamados clássicos⁷².”

Os anos 1990 trouxeram inúmeras mudanças no cenário das torcidas organizadas. A violência entre as torcidas se tornou cada vez mais presente no cenário nacional e teve como marco a Batalha do Pacaembu em 1995. O reflexo dessas práticas violentas começou a ser notado com mais frequência na cidade do Natal na segunda metade da década citada.

No dia 14 de março de 1995 houve um homicídio no estádio Machadão. Esse crime não foi realizado por alguém que fizesse parte de uma torcida organizada. Era um cabo da Polícia Militar que torcia para o ABC e estava à paisana. Segundo testemunhas, por um motivo fútil, uma “discussão comum” entre torcedores, o policial sacou uma arma e atirou fatalmente em Sebastião Ferreira do Nascimento, que era torcedor do América. O fato curioso é que nem era dia de clássico⁷³.

Em matéria publicada em 1998, na Tribuna do Norte, com uma capa até um pouco sugestiva de que os enfrentamentos entre as torcidas estavam se tornando cada vez mais constantes, o título apresentado era: “*ABC e América sempre foram gato e cachorro*”⁷⁴.

⁷² Disponível em: <http://www.organizadasbrasil.com/torcida/TORCIDA-MAFIA-VERMELHA-352.html>

⁷³ Tribuna do Norte em 16/03/1997.

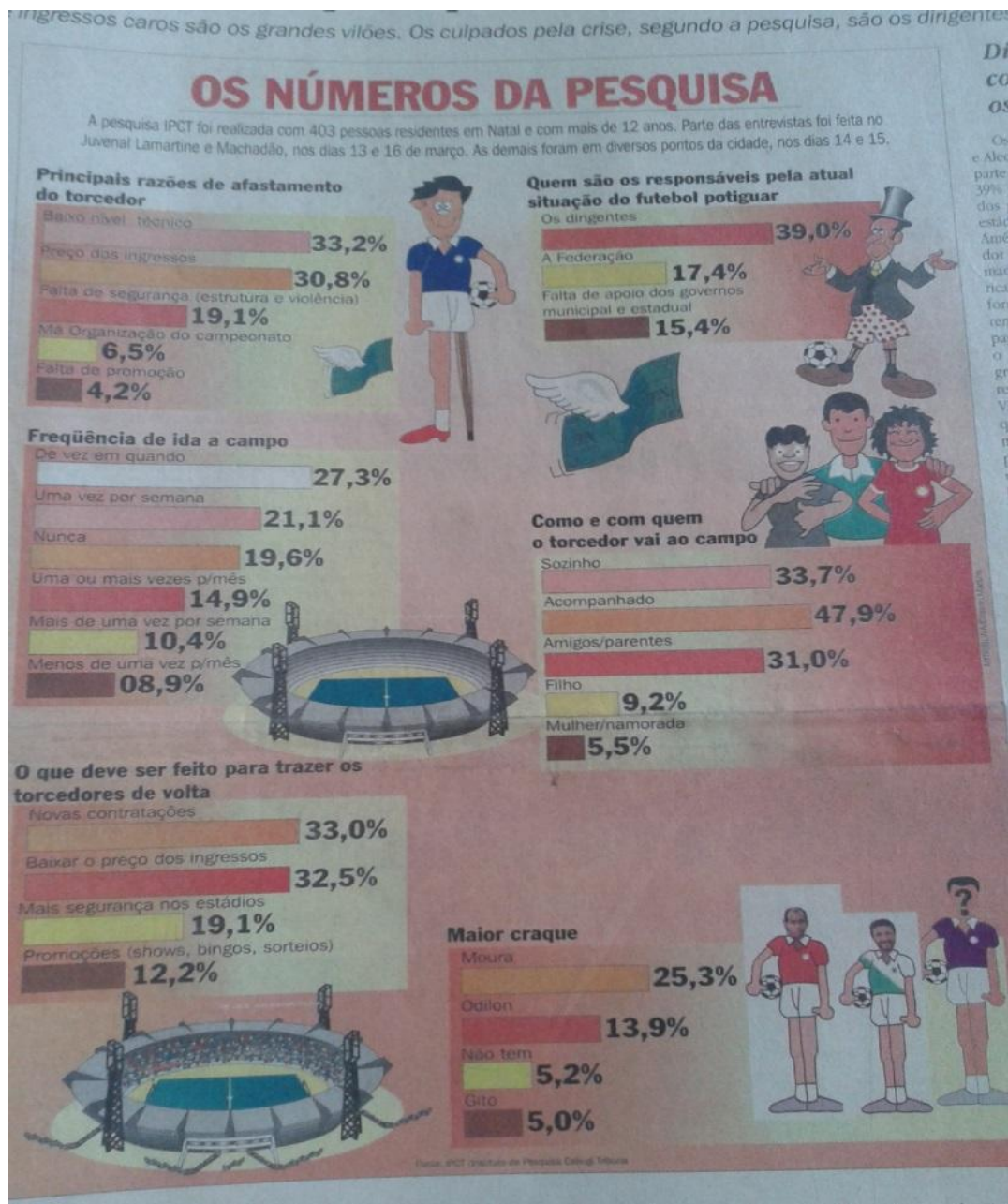
⁷⁴ Tribuna do Norte em 08/12/1998.

Imagem 16 – ABC e América sempre foram “gato e cachorro”



A matéria cita que os clássicos pegavam fogo também dentro das quatro linhas e que essa rivalidade vinha desde a época do velho campinho da Hermes da Fonseca, e que depois passou para o Juvenal Lamartine e seguiu para o estádio Machadão. Também foi apresentada uma pesquisa realizada pelo IPCT que queria compreender a queda no público presente nos estádios da capital durante a década de 1990. Segundo dados apresentados, 19,1% dos entrevistados sinalizaram que a falta de segurança e a violência eram os motivos do afastamento dos torcedores dos estádios. A violência ainda não era o principal fator, mas só o fato de ser mencionada por quase 20% dos entrevistados nos mostra um quadro de que esse problema começou a repercutir na cidade.

Imagem 17 – Pesquisa sobre o afastamento do torcedor do estádio em 1998



No Campeonato Brasileiro de 1998, quando da segunda participação do América em jogos da “série A” naquela década, a Torcida Máfia Vermelha foi reconhecida como uma torcida bastante atuante, como deixa entrever artigo escrito por Tarciane Cajueiro Santos no livro “*Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas*”:

“Surgiram inúmeras torcidas em todas as regiões do país, com quantidade de associados bastante grande, como por exemplo: Super Raça Gremista, Torcida Jovem, Garra Tricolor, Máfia, Força Azul, todas do Grêmio, do Rio Grande do Sul; Fanáticos e Ultras, do Atlético Paranaense; Bafo do Leão e Gang da Ilha, do Sport Club Recife; e Máfia Vermelha, do América de Natal.”

Já o crescimento da Torcida Gang Alvinegra ocorreu após a virada do século XX, gerando um acirramento maior entre as torcidas organizadas dos clubes da cidade do Natal, aumentando a violência em dias de jogos no Estádio Machadão. No dia 6 de março de 2001, a Tribuna do Norte publicou uma matéria em que apresentou uma agressão promovida por torcedores do ABC a um pai e seu filho. A agressão ocorreu após um clássico entre o ABC e o América. O fato “curioso” ficou por conta da “motivação” para as agressões, que foi o uso de uma camisa do Santa Cruz de Recife. O jornal argumentou que o tricolor pernambucano seria o próximo adversário do ABC. No entanto, sabemos que a Máfia Vermelha já possuía um vínculo de amizade com a Torcida Organizada Inferno Coral, do Santa Cruz de Recife.

“O gerente de banco Francisco de Assis de Souza Costa e seu filho Bruno César Souza, 14, foram agredidos domingo à noite na saída do estádio Machadão por um grupo de torcedores do ABC... os agressores queriam que Bruno tirasse, a força, a camisa do time Santa Cruz... eu disse que ia tirar, mas começaram a bater no meu filho. Eram muitos, uns 30. Os agressores eram jovens, e segundo Francisco estavam com camisas da Torcida Gang Alvinegra, uma das mais barulhentas no estádio. Com a ajuda de dois soldados da Polícia Militar... conseguiram ir até a passarela de Potilândia e localizar parte dos agressores... O pessoal da PM foi prestativo, mas na delegacia, a polícia civil foi de uma má vontade extrema, não querendo nem realizar a ocorrência... antes de sair da delegacia as vítimas ainda presenciaram a chegada de um grupo de policiais escoltando três jovens torcedores que estavam próximos ao Supermercado Nordestão, na avenida Engenheiro Roberto Freire, com uma bomba de fabricação caseira⁷⁵.”

No final do ano de 2003 ocorreu o primeiro homicídio ocasionado por confrontos envolvendo as torcidas organizadas natalenses. O crime não aconteceu num dia de clássico, mas dentro da principal praça esportiva da cidade, o estádio Machadão.

Um fato triste manchou as semifinais da Copa Nossa Cidade de Futebol. Romel Félix, 19 anos, morador na Vila de Ponta Negra, foi morto com três tiros na cabeça por volta das 19h45, minutos antes de começar a primeira partida. O assassinato ocorreu no anel superior, quase ao pé do placar eletrônico. De acordo com relatos de populares, a morte teria relação com as rivalidades de torcidas organizadas: Romel era ligado à Torcida Máfia Vermelha (de Ponta Negra) – e estava vestido como tal – quando foi cercado por três rapazes que seriam relacionados com a Gang Alvinegra das Rocas (Diário de Natal, 18/12/2003).

A partir desse homicídio, temos uma história de sangue e covardia que, particularmente, considero como um marco da violência envolvendo as torcidas natalenses, tal qual o assassinato do Cléo, presidente da Mancha Verde em 1988 representou um marco negativo para o acirramento da rivalidade entre torcidas paulistas. É simbólico, pois a partir daí muitos outros

⁷⁵ Tribuna do Norte 06/03/2001.

jovens, na sua maioria entre 15 e 25 anos e moradores de áreas mais periféricas da cidade, também perderiam as suas vidas provocadas pelo aumento dessa rivalidade.

No ano de 2005 a Torcida Gang Alvinegra e a Torcida Máfia Vermelha foram extintas pelo Ministério Público Estadual, após sucessivos conflitos e homicídios, ficando os torcedores a elas filiados proibidos de entrar nos estádios com camisas, bonés, faixas e bandeiras que a elas fizessem referência. A Torcida Gang Alvinegra (TGA) mudou sua razão social e passou a se chamar Torcida Garra Alvinegra (TGA), um nome com muita história e representatividade para a frasqueira, pois foi uma das primeiras torcidas organizadas do ABC, fundada no final dos anos 1970. Já a Torcida Máfia Vermelha passou a se chamar Dragões durante um tempo, depois Ontem, Hoje e Sempre (OHS), que era o lema da Máfia Vermelha, e, por fim, Tradição, Motivação e Vibração (TMV).

Vale ressaltar que durante esse período a maior parte dos conflitos passou a ocorrer nas imediações dos estádios ou no trajeto dos torcedores. Os homicídios ocorreram em dias que não tinha jogos e em grande parte na periferia da cidade do Natal.

Como assinalado anteriormente, uma das causas que podem explicar o aumento significativo da violência envolvendo torcedores é a política de alianças e amizades entre as agremiações. No caso das torcidas natalenses, essa rede de alianças começou com as torcidas de alguns estados do Nordeste, notadamente nas principais torcidas das cidades de Recife e Fortaleza, e atualmente abrange torcidas de todas as regiões do país. Segue uma tabela em que são listadas as principais alianças das atuais Torcida Garra Alvinegra e da Tradição, Motivação e Vibração.

Imagem 18 (Tabela) – Lista com as torcidas aliadas da Gang Alvinegra e Máfia Vermelha

Estados	Alianças da TGA	Alianças da TMV
RN	Império Vermelho (Potiguar).	Fúria Jovem (Baraúnas).
CE	Cearamor, MOFI (Ceará)/ Fúria Icasiana (Icasa).	Leões da TUF (Fortaleza)/ Torcida Jovem do Limoeiro (Limoeiro)/ Força Jovem do Guarany (Sobral).
PB	Torcida Jovem do Botafogo.	Torcida Jovem do Galo (Treze).
PE	Fanático (Náutico).	Inferno Coral (Santa Cruz).
AL	(Sem torcida aliada)	Mancha Azul (CSA).
SE	(Sem torcida aliada)	Trovão Azul (Confiança).
BA	Bamor e Terror Tricolor (Bahia).	Falange Tricolor (Fluminense de Feira).
PI	Esporão do Galo (River).	(Sem torcida aliada)
MA	Tubarões da Fiel (Sampaio).	Motofolia (Moto Club).
PA	Terror Bicolor (Paysandu).	Remoçada e Pavilhão 6 (Remo).

DF	Ira Jovem do Gama (Gama).	Facção Brasiliense (Brasiliense).
GO	Força Jovem do Goiás (Goiás).	Esquadrão Vilanovense (Vila Nova).
SP	Mancha Verde e TUP (Palmeiras).	Fúria Independente (Guarani).
MG	Galoucura (Atlético-MG).	Máfia Azul (Cruzeiro).
RJ	Força Jovem do Vasco/ Torcida Jovem e Fúria Jovem do Botafogo.	Young-Flu (Fluminense).
PR	Império Alviverde (Coritiba).	Fúria Independente (Paraná).
SC	Mancha Azul (Avaí).	Gaviões Alvinegros (Figueirense).
RS	Torcida Jovem e Geral do Grêmio (Grêmio) e Mancha Verde (Juventude)	Falange Grená (Caxias)

Fonte: Redes sociais das torcidas no Facebook e Instagram.

Trabalhamos com a hipótese de que o aumento da violência envolvendo as torcidas organizadas natalenses ocorreu também a partir da influência de torcidas de centros urbanos maiores, através de uma rede de alianças, notadamente no final dos anos 1990, bem como o crescimento das torcidas natalenses verificado na virada do século XX para o XXI e o aumento da violência urbana na cidade de Natal verificado entre o início desse século até o ano de 2017.

Especialmente as alianças entre as torcidas organizadas é um fator que deve ser levado em consideração. No início dessas alianças os anfitriões recebiam os seus torcedores mais próximos de forma amistosa e assim era feito quando se invertiam os papéis. No entanto, aos rivais de ambas as torcidas que se confraternizaram, restavam as hostilidades quando esses torcedores saíam de suas respectivas cidades. Receber bem e ser bem recebido era a primazia desse incipiente cenário de sociabilidade entre os torcedores⁷⁶. Percebe-se que as torcidas passaram a se relacionar com torcidas que acabariam sendo chamadas de irmãs ou aliadas.

Nesse cenário, por exemplo, ao viajar para outro estado, esperava-se ser bem recebido e receber também um apoio logístico e, posteriormente, proteção. Dentro dessa trama, ser recebido ou receber um grupo acabou gerando uma hostilidade entre torcidas que até então não possuíam nenhuma relação de rivalidade. Essas relações entre torcidas de clubes diferentes não são eternas e podem ser redefinidas dentro de mudanças de lideranças, mudanças estratégicas ou de algum desentendimento entre seus membros. Por exemplo, a Torcida Bamor já possuiu

⁷⁶ SOUZA, Adriano Lopes de. **Alianças entre torcidas organizadas**: análise a partir da união estabelecida entre a Torcida Organizada Galoucura, a Mancha Alviverde e a Força Jovem. [manuscrito] /Adriano Lopes de Souza – UFMG – 2018, p. 42-51.

uma aliança com a Torcida Máfia Vermelha e hoje possui uma irmandade com a Torcida Gang Alvinegra.

Imagem 19 – Torcidas da União “Lado A” no início dos anos 2000



Fonte: Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/mafiavermelha/4100281410>

Imagem 20 – Aliança entre a Garra Alvinegra e a Torcida Bamor



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/Bamor-27-dst-Alagoinhas-923775080974518/photos/a.929592517059441/3042003869151618>

No que compete às torcidas natalenses, como já foi citado, essa política de alianças se intensificou a partir do momento em que essas agremiações já possuíam um número considerável de membros e o contato com torcidas de outros estados, notadamente de Pernambuco e do Ceará, se tornou mais constante. Podemos destacar as participações do

América na Série A nos anos de 1997 e 1998, e as participações do ABC na Série B, além da participação desses clubes na Copa do Nordeste, o que levou a um acirramento entre as torcidas da região. Dessas relações entre as torcidas nordestinas, surgiram dois grandes blocos denominados “Lado A” e “Lado B”. As torcidas do lado A eram: Leões da TUF (Torcida Uniformizada do Fortaleza), Máfia Vermelha, Inferno Coral, Mancha Azul, Trovão Azul e Bamor. As torcidas do lado B eram: Cearamor, Gang Alvinegra, Torcida Jovem do Botafogo - PB, Fanático, Comando Vermelho e Esquadrão Colorado. Para apimentar ainda mais essas rivalidades, existia um terceiro grupo, formado pela aliança entre a Torcida Uniformizada Os Imbatíveis do Vitória com a Torcida Jovem do Sport. Atualmente algumas dessas uniões não existem mais e outras alianças entre torcidas foram feitas.

Imagem 21– Torcidas da União “Lado A” em 2009



Fonte: Disponível em: <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/esportes/2014/05/05/as-ramificacoes-das-uniformizadas-com-a-jovem-inferno-coral-e-fanautico/>
Acesso em: 11 mar. 2021.

Imagem 22– Torcidas da União “Lado B” no início dos anos 2000



Fonte: Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9WUEhTLDL_g/
Acesso em: 11 mar. 2021.

Imagem 23 – Aliança entre a Torcida Jovem do Sport e Os Imbatíveis do Vitória



Fonte: Disponível em:
<https://www.facebook.com/TorcidaJovemdoSport/photos/a.621704724551566/1904683459587013/>
Acesso em: 25 mar. 2021.

Os nomes que denominam as alianças que envolvem partes das torcidas organizadas da região Nordeste, Lado A e Lado B, têm origem nos bailes funks da cidade de Fortaleza nos anos

1990. Na capital cearense, existiu uma presença muito intensa das torcidas Cearamor e Leões da Tuf nos bailes funks.

“E foi justamente nos anos 1990 que tiveram um maior movimento dessas galeras através dos bailes funks. E as torcidas começaram a se desenvolver por meio desses bailes ou pelo menos a se dividir. Depois inclusive veio a contribuir com a extinção desses ditos bailes. Até então era aquela coisa meio de bairro, meio gangue de bairro, aí depois com a divisão das torcidas os bairros começaram a se dividir por torcidas.”⁷⁷

De acordo com Diógenes (2003), Ribeiro (2010) e Vasconcelos (2016), os bailes funks na capital cearense aconteceram nos anos 1980 e 1990. Esses eventos não só são importantes para serem refletidos como também necessários para o entendimento da história das torcidas, uma vez que parte dos jovens que vivenciaram aqueles bailes passou a integrar as torcidas organizadas quando os bailes funks foram proibidos⁷⁸. O fechamento dos bailes funks na capital cearense aconteceu em decorrência da violência física e simbólica nesses ambientes. A partir desse evento, muitos jovens teriam migrado para as torcidas. Os confrontos, que até então seriam mais constantes nos bailes, foram intensificados nas arquibancadas e em dias de jogos.

“Os organizadores dos bailes levam para as casas gangues rivais e, no final, acaba acontecendo um verdadeiro confronto, com muita violência. Essa é uma medida preventiva. Não dá para ficar de braços cruzados”, afirmou. Segundo o superintendente, as músicas estimulam a violência. Já aconteceram duas mortes e dezenas de casos de lesão corporal em bailes funk na capital cearense⁷⁹.”

Um dos efeitos da influência dos bailes funks cearenses foi a *funkerização* das arquibancadas a partir dos ritmos, coreografias e composição das letras entoadas pelas torcidas organizadas. Essa *funkerização* das torcidas organizadas representa, na história dos modelos coletivos do torcer, uma singularidade na transição dos ritmos majoritariamente imiscuídos nos estádios de futebol: das marchinhas de carnaval e do samba nas charangas à inserção do funk nas arquibancadas⁸⁰. As músicas entoadas nos estádios não são mais exclusivas de apoio ao clube do coração, mas também músicas que incitam práticas violentas e violência simbólica. Nesse sentido, destaco aqui dois funks que são tidos como hinos para os dois principais grupos de alianças envolvendo as principais torcidas organizadas na região Nordeste. Segue a letra do “hino” da união do Lado A, chamado de “*União do Mal*”:

“União do mal, TUF e Inferno Coral...

⁷⁷ PINHEIRO, Caio Lucas Moraes. **As Ondas (que) se movem (no) mar das torcidas**: Das charangas à guinada antifascista na Ultras Resistência Coral (1950-2020). UFRGS. Porto Alegre, RS : [s.n.], 2020, p. 170.

⁷⁸ Op.cit. PINHEIRO, 2020, p. 173.

⁷⁹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1003200129.htm>

⁸⁰ Ibidem.

Bota a Jovem pra correr, Cearagay vai passar mal...
 Junto com a Bamor, o Nordeste é tricolor...
 A Máfia vem chegando com o vermelho do terror...

Se quer apanhar mexa com a Mancha Azul...
 Só tem caceteiro na Trovão de Aracaju...
 Tá feita a União a maior do meu Brasil...
 E quem não gostou: vá pra puta que pariu!⁸¹

Segue a letra do “hino” da união do Lado B, chamado de “*Inimigo sai da Frente*”:

“Inimigo sai da frente, já foi feita a união...
 das torcidas de Moral, no Nordeste é tradição...
 quem quebrou a Remogay, foi o Terror Bicolor...
 quem expulsa a Tufgay, claro é que é a Cearamor...
 a Garra Alvinegra, bota pra esculachar...
 acaba com a Máfiagay, faz os pilantras chorar...
 não mexa com o C.V. que o Comando é Vermelho...
 e o terror do meu Recife, claro é a Fanático...
 já foi feita a união...
 se for louco faça o teste...
 das torcidas organizadas, maior do Norte/Nordeste...
 esse é o Lado B, acho bom não encarar...
 que o meu bonde é chapa quente, é pau no cu do lado A.”⁸²

Ao analisarmos essas duas letras, percebemos vários aspectos de uma violência simbólica, que não visa exterminar o seu rival, mas busca reduzi-lo a um lado perdedor, associando-o à falta de virilidade e masculinidade, como, por exemplo, o uso repetido da expressão “gay”.

Essa rede de alianças acabou gerando um aumento da rivalidade envolvendo torcidas de estados diferentes, alargando assim a esfera de jogos considerados de risco pelas autoridades responsáveis pela segurança pública. Com isso, as autoridades locais não se preocupam apenas com uma partida entre ABC e América. Quando o ABC joga contra o Fortaleza e quando o América joga contra o Ceará, dentre outras partidas envolvendo não somente clubes do Nordeste, mas de todas as regiões do país, existe uma grande possibilidade de acontecer atos violentos nos estádios, nos arredores ou até mesmo nas estradas.

Destaco aqui algumas situações que exemplificam as rivalidades entre clubes de estados diferentes envolvendo as torcidas natalenses. No ano de 2008, um torcedor do América foi morto com um tiro na cabeça na altura do km 32 da rodovia CE-040, na cidade de Aquiraz⁸³. Diante desse grave incidente, o jornal Diário do Nordeste registrou a seguinte informação:

⁸¹ Disponível em: <https://www.letras.mus.br/inferno-coral/910411/>

⁸² Disponível em: <https://www.letras.mus.br/fanautico/1411983/>

⁸³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2008/06/412421-torcedor-do-america-rn-e-morto-a-tiro-apos-jogo-em-fortaleza.shtml>

“Mensagens de solidariedade e ameaças de morte se misturam nas comunidades das torcidas organizadas no site de relacionamentos Orkut. De um lado, as torcidas aliadas à Máfia Vermelha, como os Leões da TUF, de Fortaleza. Do outro, a Cearamor, cujos integrantes estão sendo jurados de morte por torcedores do Rio Grande do Norte. Alheios às regras e leis, torcedores trocam palavões, recados pornográficos, agressões e ameaças.

A guerra declarada na Internet é resultado do trágico episódio do último fim de semana, quando o torcedor do América, Jéfferson Cabral da Silva, 16, foi assassinado, a tiros, na CE-040, em Aquiraz (Região Metropolitana de Fortaleza) após assistir ao jogo entre América e Ceará, no Estádio Castelão.

Através do Orkut, os jovens trocam ameaças explícitas, colocam até fotografias exibindo armas de fogo. De hora em hora, recados surgem entre integrantes das torcidas rivais, prometendo vingança, revanche. ‘Luto! Vingaremos a morte do nosso irmão’, diz um integrante da Máfia Vermelha. ‘Ei, diz para aquele cara que era integrante da torcida de vocês, e que nós matamos, que vamos sentir saudades, viu?’, provoca o membro da torcida rival. Outro diz: ‘Mexeu com a Cearamor, foi parar no cemitério’.

No meio de tanta incitação à violência, há os poucos torcedores que pedem calma, incentivam uma cultura da paz entre as torcidas e se declaram cansados de tanta violência. Mas são minoria e acabam ridicularizados pelos outros.

Cada uma das torcidas envolvidas tem comunidades oficiais no Orkut, além de site oficiais na internet. O site da torcida Máfia Vermelha - que existe desde dezembro de 1991 - diz, apenas, em sua página de abertura: ‘Basta! Paz nas torcidas organizadas’, e exibe uma foto do jovem morto no último fim de semana. A principal comunidade da torcida potiguar no Orkut contabiliza um total de 2.346 membros.⁸⁴”

Ainda no ano de 2008, poucos meses após o assassinato de um membro da Máfia Vermelha no estado do Ceará, o ABC viajou à capital alencarina para enfrentar o Fortaleza pela série B do campeonato brasileiro. Num clima ainda bastante hostil, a polícia cearense se preparou para enfrentar um clima de guerra, pois havia o temor de um revide motivado por uma vingança. A expectativa era de 500 policiais para conter possíveis confrontos. Percebe-se que a rivalidade local entre torcedores de ABC e América se misturou com a que existe entre Ceará e Fortaleza.

No ano de 2012, quando o CRB de Alagoas recebeu o América pela série B do campeonato brasileiro, ocorreu outro grave incidente. Um torcedor do Clube de Regatas Brasil (CRB) foi morto após ser atingido por dois disparos de arma de fogo durante uma confusão envolvendo as torcidas do time alagoano e do América de Natal⁸⁵. Testemunhas relataram que, depois do jogo, torcedores do CRB estavam hostilizando e atirando pedras contra três ônibus que transportavam torcedores do América-RN, na saída do estádio. Perto da garagem da Veleiro, no Trapiche, houve disparos de arma de fogo partindo de um dos três ônibus do time visitante. Um dos tiros atingiu Jônatas no tórax. Naquela altura, a Torcida Organizada Comando

⁸⁴ Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=547379>

⁸⁵ Disponível em: <http://cadaminuto.com.br/noticia/2012/07/07/torcedor-e-ferido-a-bala-durante-confusao-em-partida-entre-crb-e-america>

Vermelho (TOCV) era uma torcida aliada à Gang Alvinegra e à Máfia Vermelha, aliada da Mancha Azul do CSA (TOMA). Percebemos novamente que a rivalidade local entre torcedores de ABC e América se misturou com a que existe entre CRB e CSA. A cena é comum em Natal, em Salvador, São Paulo, Porto Alegre ou em qualquer outra grande capital. A torcida organizada visitante, de outro estado, recebe o apoio da uniformizada do rival local do adversário. Um complexo e perigoso trato baseado nas ramificações das “torcidas organizadas aliadas”.

No primeiro caso, a morte do jovem integrante da Máfia Vermelha no estado do Ceará, houve claramente uma emboscada. No assassinato do torcedor do CRB, houve um revide a um ataque.

Outros enfrentamentos, de menor gravidade, tiveram destaque na imprensa. Em 2011, Paysandu e América/RN se enfrentaram no Pará, válido pela primeira rodada da segunda fase da Série C do Brasileirão. Segundo informações do Diário do Pará, cerca de 70 torcedores bicolores se dirigiram ao local onde se concentrava a torcida do América de Natal para incitar a violência. A ação terminou com 13 torcedores do Papão encaminhados para a delegacia. Depois, todos foram liberados.

“Eles chegaram jogando pedras, bombas e agredindo os torcedores do América, que revidaram, tentando fazer com que os agressores fossem embora”. Um torcedor do América, que não se identificou, também comentou a ação. “Acabou gerando essa rivalidade entre as torcidas e eles não respeitaram nem a presença da polícia, que atirou pro alto, tentando apartar⁸⁶.”

Imagem 24 – Torcida Máfia Vermelha escoltada no Estádio da Curuzu em Belém



⁸⁶ Disponível em: <http://justicadesportiva.uol.com.br/33013-DUELO-ENTRE-PAYSANDU-E-AMERICA-DE-NATAL-E-MARCADO-POR-CONFUSAO.html>

Fonte: Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/album/futebol/2011/09/26/paysandu-x-america-rn.jhtm>

Em 2011, torcedores do Vitória da Bahia, da Torcida Uniformizada Os Imbatíveis (TUI), que vieram em um ônibus para acompanhar o jogo da equipe em Natal, e parte da torcida do ABC, da Torcida Gang Alvinegra, entraram em confronto antes do início do jogo entre os clubes, válido pela Série B do Brasileirão. O caso inusitado ficou por conta de um torcedor do Vitória que

“acabou sendo atropelado em meio à confusão que ocorria nos arredores do estádio Frasqueirão. O Corpo de Bombeiros prestou os primeiros socorros ao jovem – de nome não divulgado – ainda no local do acidente.⁸⁷”

Nesse caso específico, a Torcida Gang Alvinegra tem alianças com as torcidas do Bahia, notadamente a Terror Tricolor e recentemente a Torcida Bamor, que num passado não tão distante era aliada da Máfia Vermelha.

Em 2014, um confronto entre torcidas organizadas do ABC e do Santa Cruz de Recife, ou seja, a Gang Alvinegra contra a Torcida Organizada Inferno Coral (TOIC), terminou com 26 pessoas presas e deixou vários feridos na Avenida Capitão-Mor Gouveia, na zona Sul de Natal.

“De acordo com o aspirante Braga, da Ronda Ostensiva com Apoio de Motocicletas (Rocam), o caso aconteceu momentos antes da partida entre ABC e Santa Cruz, na Arena das Dunas, pela série B do Campeonato Brasileiro. “A estimativa é que cerca de 150 pessoas das duas torcidas tenham participado da briga. A torcida organizada do Santa Cruz estava esperando um outro grupo que vinha do Recife quando os torcedores da organizada do ABC chegaram ao local e tentaram o confronto”, disse o policial. O professor de Educação Física Andrey Valério, que mora nas proximidades do local do confronto, presenciou o ocorrido. “Foi cena de terror, moradores correndo para se trancarem em casa, pedra e pau pra todos os lados, vários carros tiveram os vidros quebrados. É lamentável tudo isso”, disse.⁸⁸”

Mesmo com a presença de grandes públicos nas décadas de 1970 e 1980, que por sinal eram bem superiores tanto aos atuais quanto aos referentes aos anos 1990, percebemos que a questão da violência era pontual, não organizada e não premeditada, mas existia e gerou uma preocupação tanto nas autoridades policiais, quanto na mídia esportiva. Como já citado, o primeiro homicídio envolvendo as torcidas organizadas natalenses aconteceu no final do ano de 2003. Antes desse fato, no ano de 1995 houve um homicídio no estádio Machado. Um policial militar matou um torcedor do América por motivos fúteis, após uma discussão. Era um

⁸⁷ Disponível em: <http://tribunadonorte.com.br/noticia/torcedores-de-abc-e-vitoria-entram-em-confronto-e-jovem-e-atropelado/196364>

⁸⁸ Disponível em: <http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2014/09/briga-entre-torcidas-de-abc-e-santa-cruz-termina-com-feridos-e-26-presos.html>

dia de clássico entre o ABC e o América⁸⁹. No entanto, o aumento da violência em outros setores da sociedade passou a ser percebido e alvo de preocupação por parte das autoridades. Isso pode ser percebido a partir dos índices de homicídios verificados pelo IPEA através do Atlas da Violência. A série histórica tem início a partir dos anos 1980 e é contabilizada a partir do número de homicídios por 100 mil habitantes. De acordo com esse levantamento, a taxa de homicídios no estado do Rio Grande do Norte em 1980 era de 8,58. Em 1990 se manteve no mesmo patamar, com 8,46. No ano 2000 a taxa era de 9,57. Em 2010 a taxa era 25,57. E em 2017, os números saltaram para 62,82⁹⁰. É justamente entre os anos 2000 e 2017 que a violência envolvendo as torcidas organizadas se torna uma rotina e um problema cotidiano para as autoridades natalenses. Com esse ritmo de crescimento exponencial de homicídios, a cidade do Natal foi considerada a quarta mais violenta do mundo no ano de 2017. As informações são da organização civil Conselho Cidadão para a Segurança Pública, Justiça e Paz, entidade mexicana que produz esse levantamento todos os anos desde 2007 com base na taxa de homicídios das cidades com mais de 300 mil habitantes. Natal atingiu a marca de 102,56 homicídios por 100 mil habitantes⁹¹.

A escalada da violência na capital do Rio Grande do Norte assusta a cada dia. Os números que apontam a dimensão do problema geram estatísticas preocupantes e, segundo especialistas, revelam a falta de políticas públicas eficazes e segurança. Um levantamento da 1ª Vara da Infância e da Juventude mostra que as mortes violentas de adolescentes, em Natal, aumentaram 22% em 2013, se comparado com o ano anterior. Apenas no ano passado, os homicídios corresponderam a 33% do total de óbitos registrados na faixa etária de 12 a 17 anos (TRIBUNA DO NORTE, 27/02/2014).

Os últimos números acerca da violência envolvendo jovens torcedores na capital potiguar, veiculados por um jornal de circulação nacional e especializado em esporte, deu conta de que:

O destaque negativo, sem dúvida, fica por conta do Rio Grande do Norte, que contabiliza nove mortes desde o dia 1 de janeiro. As últimas no RN foram registradas no último dia 15, com dois jovens, de 17 e 18 anos, após um jogo do ABC. No dia 3 de abril de 2012, o **LANCE!Net** trouxe um levantamento exclusivo que dava conta de 155 mortes ligadas ao futebol desde abril de 1988, quando se tem registro da primeira vítima ligada ao futebol – Cléo, presidente da Mancha Verde, em São Paulo. Neste momento, porém, o número é bem superior. Já são 234 mortes ligadas ao futebol no país (LANCENET, 09/12/2013).

⁸⁹ Tribuna do Norte, 16/03/1997.

⁹⁰ Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/dados-series/20>

⁹¹ Disponível em: <https://exame.com/mundo/as-cidades-mais-violentas-do-mundo-em-2017/>

Como vimos anteriormente, a rivalidade entre as torcidas locais começou a gerar sérios problemas a partir da morte de um jovem em 2003. A partir de tal fato e sem uma política pública efetiva de combate à violência envolvendo as torcidas organizadas, o número de jovens torcedores assassinados na capital potiguar entre 2003 e 2014 ultrapassou os 40, tendo o ano de 2014, como o de 2013, números preocupantes. Até outubro de 2014 já se apontava 14 homicídios⁹². Esses dados foram obtidos a partir de matérias veiculadas em jornais locais em que a Polícia Civil relaciona os homicídios à violência envolvendo as torcidas organizadas.

Em 2017, o Rio Grande do Norte continuou sendo um destaque negativo nesse mesmo jornal especializado em esportes:

Do total de vítimas e causadores ao longo da história, potiguares, goianos, paulistas e cearenses são os torcedores mais bem colocados nesse ranking que, certamente, não traz nenhum orgulho e satisfação às histórias dos seus clubes. A rivalidade entre os principais clubes desses estados é o combustível (leia-se desculpa) para agressões, utilização de armas de fogo, emboscadas... intolerância total. O Rio Grande do Norte é o estado que mais se destaca negativamente. Os torcedores do América-RN somam as maiores vítimas, com 22 mortes registradas desde 1988. Como não poderia ser diferente, o seu maior rival ABC está no topo dos maiores causadores, com 21 mortes, sendo 18 de torcedores alvi-rubros – confusões com outras torcidas são responsáveis pelas outras vítimas (LANCENET, 23/02/2017).

A construção da narrativa procura sustentar-se na crônica diária dos veículos de comunicação, que cobrindo o futebol no espírito inicial do ‘esporte e saúde’ para o futebol violência pura, acaba tornando-se, em parte, julgadora dos demais conflitos sociais sem que esteja formada para tal. As simplificações das interpretações sobre os eventos de violência no esporte acabou por criar uma imagem que se soma àquela que diz que toda violência que vem das classes populares é destituída de sentido, senão da ‘bestialidade pura’, que tanto foi a adjetivação que os brancos deram aos não brancos durante nossa história escravista.

4.4 Quando a violência das torcidas organizadas invadiu as escolas natalenses

Durante o processo de aumento da violência envolvendo as torcidas organizadas natalenses, as rivalidades e práticas violentas também chegaram às escolas da capital, tanto às públicas quanto às particulares. No ano de 2004, em matéria publicada na Tribuna do Norte, professores da rede privada denunciaram atos de violência envolvendo jovens:

⁹² Disponível em: http://espn.uol.com.br/video/439275_torcidas-de-abc-e-america-rn-vivem-no-fio-da-navalha-no-rio-grande-do-norte

“O Ministério Público confirmou a denúncia publicada na TRIBUNA DO NORTE – edição da última sexta-feira – na qual professores da rede privada de ensino, que optaram pelo anonimato com medo de represálias, denunciam os freqüentes confrontos entre adolescentes integrantes das principais torcidas organizadas de ABC e América. Segundo o promotor Manoel Onofre Neto, da Infância e Juventude, o MP já realizou palestras em duas escolas particulares de Natal com o propósito de orientar e prevenir ações desorganizadas dos jovens.

“Estas palestras têm como objetivo orientar e prevenir. Entendemos que os principais provocadores dos atos de vandalismo ocorridos pela cidade, como na abertura dos Jogos Escolares (Jern’s), por exemplo, estão nas classes média e média alta”, destacou o promotor. Ainda de acordo com Manoel Onofre, estas visitas devem ser permanentes.

Segundo o relato de alguns professores da rede privada, adolescentes do ensino Fundamental II e Médio, que são integrantes das duas facções de torcidas rivais, estão intensificando os conflitos dentro das próprias instituições, na hora do intervalo. “Eles vão com camisas que identificam as torcidas por baixo da farda. E provocam uns aos outros com gritos de guerra, às vezes chegando as vias de fato”, relatou um dos professores.

Nas escolas da rede pública, além do confronto entre integrantes de facções rivais, a pichação de muros e banheiros com grafias que simbolizam as torcidas tem virado rotina⁹³.”

No dia 17 de março de 2004, o promotor de justiça Wendell Beethoven Ribeiro Agra recebeu em seu gabinete, no Ministério Público, os representantes das principais torcidas organizadas do estado, além de Nilson Gomes, então presidente da Federação Norte-rio-grandense de Futebol. A reunião teve como objetivo extinguir o vandalismo das torcidas organizadas, que, àquela altura, segundo o promotor, aterrorizava Natal. Na ocasião, o promotor sugeriu soluções imediatas, entre elas, um estudo arquitetônico que teria como objetivo dividir as torcidas no Machadão com uma barreira física. Outra sugestão do promotor dizia respeito a uma reivindicação antiga das torcidas. “Vou acionar o Comando da Polícia Militar para propor reuniões com os representantes das torcidas, principalmente, nas vésperas de clássicos”, destacava na época. Porém, o que se viu até então foi o crescimento destas facções de torcidas pelas quatro zonas de Natal e, como consequência, a propagação da violência urbana. Do outro lado estavam os líderes de torcidas, que lamentaram a ocorrência frequente de confrontos entre facções, afirmaram que a situação havia fugido ao controle. “Não há como ter um controle. Não podemos obrigar ninguém a se cadastrar. Cabe à vigilância das autoridades inibir os torcedores que se infiltram em nossas torcidas com o objetivo de arrumar confusão”, declarou, na época, um dos líderes.

O promotor Manoel Onofre Neto, da Infância e Juventude, estabeleceu à época alguns “passos” que deveriam ser seguidos para reduzir, em curto prazo, e extinguir, em médio prazo, as ações corriqueiras de violência, dentro e fora dos eventos esportivos em Natal. Entre as ações

⁹³ Disponível em: http://www.abcnatal.com.br/REPORTAGEM/REPORTAGEM_HTM/reportagem_065.htm publicada em 07/11/2004.

estão: a participação da família no processo de educação e orientação do jovem; ações conjuntas das promotorias – criminal, da infância e juventude e da cidadania; revista intensiva nas entradas dos eventos; e provocação do MP para que os responsáveis sejam penalizados. “Só uma ação conjunta pode começar a dar um fim nisso tudo”, comentou o promotor, que pretende ainda visitar as principais escolas de ensino privado de Natal com o intuito de prevenir e orientar. No primeiro momento, os colégios Objetivo e CEI, duas grandes escolas particulares, receberam a visita preventiva da promotoria. Nas pesquisas realizadas, não consegui encontrar um calendário de visitas e se essa proposta foi ampliada a outras escolas particulares, bem como da rede pública da capital.

E, nesse contexto, havia uma grande preocupação: a abertura dos Jerns (Jogos Escolares do Rio Grande do Norte). A cerimônia de abertura era um grande momento para os estudantes. Era neste momento que as torcidas organizadas das escolas ficavam na plateia e começavam a gritar o nome de sua instituição de ensino. O local ficava lotado de jovens. A abertura dos Jerns já foi no antigo estádio Machado, no Palácio dos Esportes, no Ginásio do DED e, no período da explosão da violência entre os jovens torcedores, era o ginásio Humberto Nesi, conhecido como Machadinho. Com o aumento da violência entre as torcidas organizadas de futebol infiltradas na plateia presente nos eventos escolares, a abertura do Jerns perdeu o seu brilho⁹⁴. As principais escolas de Natal levavam um grande contingente de alunos, suas torcidas organizadas, para incentivar os atletas que desfilavam perante o grande público. O estádio Machado, no início dos anos 2000, recebia esse grande público. Foi nesse período que a violência envolvendo membros das torcidas organizadas da capital encontrou um terreno fértil para se propagar: um grande público, sem a presença efetiva da polícia. Aliás, nesse caso aqui não é uma crítica, pois num evento dessa natureza, até então, apesar da presença de grandes públicos na abertura dos Jerns, não havia conflitos e enfrentamentos entre as torcidas das escolas. Em matéria publicada no jornal Correio da Manhã, em 2006, já podemos perceber uma preocupação com a abertura desse evento, pois houve uma reunião com autoridades da segurança pública:

Até o fechamento desta edição, uma reunião ocorria no auditório da Secretaria Estadual de Educação para os ajustes do policiamento que será feito durante a abertura e o desenvolvimento dos Jogos Escolares do RN (Jerns). Participavam das discussões, representantes das escolas participantes, promotores de Justiça, delegados e Polícia Militar. A preocupação dos organizadores é com a atuação de torcidas organizadas, problema que aconteceu na abertura da competição do ano passado. Por telefone, o comandante do policiamento da capital, coronel Francisco Araújo, confirmou que a

⁹⁴ Disponível em: <https://www.brechando.com/2015/10/jerns-completa-45-anos-saiba-fatos-da-competicao-escolar-do-estado/>

Polícia Militar pretende dar toda a atenção para a realização dos jogos. “Quem participa da reunião de hoje é o major Pires e a partir daí é que vamos nos planejar para dar toda a cobertura”, informou o comandante. Os jogos escolares este ano serão realizados de 13 a 24 de outubro⁹⁵.

No ano de 2007, uma mudança. Saiu de cena o estádio Machado e entrou o ginásio Humberto Nesi, o Machadinho. Numa tentativa de diminuir os conflitos, a festa acabou sendo reduzida para se obter um melhor controle do evento. Na abertura dos Jerns de 2007, houve uma campanha pela paz liderada pelas torcidas organizadas de futebol. Importante observar que as autoridades policiais e de organização dos jogos escolares buscaram apoio nas diretorias das torcidas organizadas Gang Alvinegra e Máfia Vermelha, e não nas torcidas escolares. Isso pode ser respondido pelo reconhecimento dessas instituições pela sociedade e autoridades responsáveis, como também um não conhecimento de como as torcidas escolares estão organizadas.

“É a primeira vez em 16 anos que as duas diretorias de torcidas se unem num consenso”. A afirmação é do representante da diretoria da torcida Dragões, antiga Máfia Vermelha, Filipe Saul, em relação à união de integrantes das principais torcidas organizadas do Estado, na apresentação de paz que aconteceu no início da solenidade de abertura da 37ª edição dos Jogos Escolares do Rio Grande do Norte (Jern's). “Com certeza essa iniciativa pode resultar num processo positivo em longo prazo”, avaliou Saul.

O representante da torcida Garra Alvinegra, antiga Gangue, Daniel Melo, também divide o mesmo pensamento. Segundo ele, os integrantes de torcidas se juntaram para mostrar às pessoas que “Torcer por um time não é ir às ruas para brigar e sim torcer dentro dos estádios, com bandeiras e gritos de guerra, incentivando o nosso time”, garantiu.⁹⁶

⁹⁵ Disponível em: <http://www.correiodatarde.com.br/editorias/policia-1964> publicada no dia 26/05/2006.

⁹⁶ Disponível em: <http://www.nominuto.com/esporte/esporte/jern-s-integrantes-das-principais-torcidas-organizadas-do-estado-se-unem-pela-paz/6945/> publicada no dia 02/10/2007.

Imagem 25 – Solenidade de abertura dos Jern's é marcada por união de integrantes de torcidas organizadas



Fonte: Disponível em: <http://www.nominuto.com/esporte/esporte/jern-s-integrantes-das-principais-torcidas-organizadas-do-estado-se-unem-pela-paz/6945/>

Com os eventos de maior apelo “sob controle”, me refiro aqui às praças esportivas e grandes eventos, ou seja, os jogos do ABC e do América, a violência entre as torcidas organizadas no meio escolar virou um problema cotidiano nas escolas públicas e nas suas imediações.

“A situação é complicada. Não temos como controlar e disciplinar os alunos. Não chega a ocorrer confusões dentro da escola, no entanto, como há muitas praças públicas próximas, as confusões acabam acontecendo nelas e o clima de tensão e as rixas particulares são levadas para dentro do colégio, aumentando o clima de tensão na escola”, explica o coordenador da Escola Estadual João Machado, Thiago Olímpio. Além da violência, o consumo de drogas também atrapalha e se faz presente entre os brigões. “Sempre tem consumo de drogas. Praticamente todos os que participam dessas confusões também tem envolvimento e como falta segurança, não temos como coibir essa prática”, ressalta Olímpio.

O João Machado, porém, além de não ser o único, não é o colégio que mais sofre com esse tipo de confusão. Na semana passada, a manifestação estudantil contra o aumento da passagem de ônibus na Cidade Alta, serviu de palco para mais uma confusão entre alunos. Desta vez, estudantes das duas mais tradicionais escolas estaduais, Winston Churchill e Atheneu -estas conhecidas por serem sede de torcedores da Gang e Máfia, respectivamente –, se confrontaram em uma briga que só terminou com a intervenção da Polícia Militar.

Na ocasião, os estudantes do Atheneu invadiram o Churchill, arrombando o portão da escola, agrediram alunos nos arredores do colégio e ainda atiraram pedras nas janelas e nos carros dos professores. Em resposta, as aulas do Atheneu também foram ameaçadas, quando uma vingança dos estudantes do Churchill foi programada para acontecer nesta semana. Por sorte e segurança reforçada, ela não aconteceu. Pelo menos, não na escola.⁹⁷

⁹⁷ Disponível em: http://www.correiodatarde.com.br/editorias/correio_natal-33391 publicado no dia 16/08/2008.

Para a responsável pela Coordenadoria de Desporto do Rio Grande do Norte (Codesp) no ano de 2008, Ana Dalva,

“a responsabilidade sobre a violência não é apenas da torcida Máfia Vermelha e Gang Alvinegra, que tiveram que mudar o nome para Dragões e Garra, respectivamente, após determinação do Ministério Público. A violência entre os jovens é muito mais uma questão social. “Nos reunimos algumas vezes com os membros das torcidas organizadas, e o que percebemos é que os diretores não têm controle total. Segundo eles, muitos desses jovens envolvidos em confusões nem são cadastrados como torcedores. Eles conseguem até controlar a torcida quando estão presentes, mas não podem estar em todas as manifestações que envolvem as pessoas que se dizem da Garra e da Dragões”, aponta.

No ano de 2009, as brigas de adolescentes no Centro de Natal se tornaram uma rotina, principalmente entre duas das mais tradicionais escolas públicas da capital, o Atheneu e o Winston Churchill. Os confrontos de gangues têm atingido outros setores da sociedade, como os comerciantes das áreas próximas aos colégios.

“Ultimamente, tem sido quase todo dia. Mas é principalmente nas sextas-feiras. Eles ficam em grupos em frente ao colégio e de repente começam a brigar. Às vezes vem os grupos de outras escolas para confrontar com os daqui [Churchill] e às vezes eles vão para os outros colégios”, afirma um vendedor. De acordo com ele, os motivos para as brigas são os mais fúteis. “Basta um passar com uma camisa do América, por exemplo, que os do ABC partem para a briga e vice-versa. Além disso, tem a história de rivalidade entre os colégios”, destaca.⁹⁸”

Em 29 de julho de 2009, nem mesmo a presença da governadora Wilma de Faria e de outras autoridades foi suficiente para intimidar adolescentes que participavam de uma solenidade no Palácio dos Esportes. Durante a entrega de kits esportivos por parte do Governo do Rio Grande do Norte, pelo menos oito jovens se envolveram em uma confusão nas arquibancadas do ginásio. O tumulto começou no setor mais alto do Palácio dos Esportes e só foi controlado com a intervenção da Polícia Militar. Os adolescentes, inclusive fardados, trocaram socos e pontapés⁹⁹.

Durante o recorte temporal retratado, o site *Nominuto.com* entrevistou dois rapazes, um de 17 e outro de 20 anos, que conheciam o funcionamento de uma gangue e ambos lamentaram terem perdido conhecidos por causa dos conflitos. As mortes relatadas não são diretamente por

⁹⁸Disponível em: <http://www.nominuto.com/noticias/policia/brigas-entre-torcidas-e-colegios-atingem-e-assustam-comerciantes/35562/> publicado no dia 28/07/2009.

⁹⁹ Disponível em: <http://www.nominuto.com/noticias/policia/gangues-adolescentes-brigam-em-solenidade-esportiva-do-governo/35619/> publicado no dia 29/07/2009.

causa dos conflitos envolvendo as torcidas colegiais, mas ocasionadas por membros da Gang Alvinegra e Máfia Vermelha que são alunos dessas instituições de ensino.

“O de 17 anos é ex-membro da Máfia Vermelha, torcida organizada do América-RN. Ele esteve na linha de frente do movimento durante quatro anos e confessa que se afastou do grupo por medo de morrer. “Saí há oito meses. Não dava mais para mim, era muita treta, altos bichos querendo minha cabeça”, conta. Questionado se isso aconteceu por ele ser um membro participativo, o adolescente afirma: “era linha de frente da torcida”. O ex-membro, que entrou na Máfia aos 13 anos, destaca que nos últimos anos perdeu cinco “chegados”. “Amigos mesmo de rocha, de está comigo, frente a frente, na consideração, perdi cinco.”

Para o jovem de 20 anos, membro da Gang Alvinegra, brigar já virou rotina. “Perdi as contas de quantas participei. Hoje em dia até que estou na paz. Só entro na porrada se ‘Os Marias’ vierem provocar”. “Os Marias” citado por ele são os integrantes Máfia Vermelha. O rapaz, que não quis se identificar, explicou ainda os motivos das brigas entre escolas. “No Atheneu, por exemplo, só tem ‘Maria’, aí eles vêm de lá para cá [Churchill] e começa a porrada. Acontece que do lado de lá só tem corredor, a prova disso é que eles vêm com pedras e rojões, enquanto a gente vai na mão mesmo”, provoca. O jovem de 20 anos destaca que já se vê uma pessoa mais madura e até pensa em sair da Gang. “Estou pensando em concluir o ensino médio e até fazer uma faculdade de Direito para nunca mais entrar em briga¹⁰⁰.”

No ano de 2010, com o aprofundamento da violência entre alunos de escolas de Natal, a Tribuna do Norte publicou uma matéria com o título: “*Torcidas colegiais ligadas ao crime*”. Pelo título da matéria, percebemos uma associação entre as torcidas organizadas de futebol ao mundo do crime, como se todos os integrantes de torcidas organizadas fossem criminosos. Na investigação realizada pela equipe de jornalismo, foi constatado que assim como as torcidas organizadas se aliam com torcidas de outros estados, as torcidas colegiais também mantinham uma rede de alianças na capital potiguar. Inclusive as nomenclaturas utilizadas eram as mesmas adotadas pela Gang Alvinegra e Máfia Vermelha: existiam as torcidas colegiais do Lado A, ligadas à Máfia Vermelha, e as torcidas colegiais do Lado B, ligadas à Gang Alvinegra. As torcidas do Lado A colegial eram: Irmoçada do Instituto Reis Magos, a Torcida organizada do Atheneu e a Torcida Organizada do Walfredo Gurgel, dentre outras. Já as torcidas do Lado B colegial eram encabeçadas pela Torcida da Escola Estadual Winston Churchill e contavam com mais de 20 torcidas de colégios, inclusive a da escola católica Maria Auxiliadora¹⁰¹. Nesse momento, tanto as autoridades quanto as escolas entendiam que as redes sociais eram o meio utilizado para propagar a violência, ofenderem colegas, praticar *bullying* e marcar conflitos. O destaque até então eram as comunidades existentes na rede social Orkut e o MSN. A reportagem da Tribuna do Norte também detectou que a maioria dos jovens envolvidos nesses conflitos

¹⁰⁰ Disponível em: <http://www.nominuto.com/noticias/policia/gangues-jovens-morrem-mas-brigas-e-ameacas-continuam/35670/> publicado em 30/07/2009.

¹⁰¹ Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/torcidas-colegiais-ligadas-ao-crime/165054> publicada no dia 14/11/2010.

violentos tinham entre 12 e 15 anos, ou seja, alunos do ensino fundamental e ensino médio. Esses dados apresentados pela Tribuna do Norte apresentam um perfil que se aproxima dos expostos por Murad, em que o perfil da maioria dos integrantes das torcidas organizadas é formado por jovens do sexo masculino, com idade entre 15 e 25 anos, em que parte desses jovens estão em idade escolar. Já o Senado da Espanha, além de apresentar um perfil semelhante, citou que parte desses jovens possuem ligações com drogas, gangues urbanas e o crime organizado, comunicação em rede; treinamento em lutas marciais e o uso de táticas militares.

Um fato a ser observado é que a violência entre torcidas organizadas envolvendo jovens alunos na capital teria ficado restrito às escolas públicas, pois na maior parte das matérias são citadas apenas instituições dessa natureza. No entanto, dentro das alianças das torcidas colegiais, são citadas algumas torcidas de escolas particulares, escolas essas que ainda no ano de 2004 receberam visitas preventivas da promotoria estadual. O que aparentemente ficou explícito foi uma preocupação inicial em conter a violência pelo Ministério Público, tomando a escola privada como interlocutora e, posteriormente, o silêncio, quando esse clima beligerante chegou nas escolas públicas. Sabemos que à época as escolas particulares possuíam e ainda possuem um aparato organizacional mais eficiente e existiram algumas medidas preventivas de combate à violência. Escolas como o Dom Marcolino, Maria Auxiliadora e Nossa Senhora das Neves realizaram um trabalho socioeducativo com o objetivo de desenvolver uma cultura de paz, com o apoio da família. No entanto, uma das causas apontadas pelas escolas para explicar a participação de jovens em atos violentos é um desarranjo familiar, em virtude de novos modelos de família, como famílias com padrastos e madrastas. Segundo a irmã Maria do Carmo Lira, administradora do Instituto Maria Auxiliadora em 2010¹⁰², com as famílias desajustadas, as ferramentas digitais e a popularização da internet entraram com muita força na casa das famílias, e seria justamente nesse ambiente cibernético, sem controle e aparentemente sem regras, que a juventude estaria encontrando estímulo para os atos de violência. Nesse caso, estamos nos referindo a uma classe média em que os problemas que explicam os atos de violência estão relacionados a desajustes familiares, enquanto a violência praticada por jovens da periferia e das escolas públicas são relacionadas ao uso e tráfico de drogas, gangues urbanas e ao crime organizado.

¹⁰² Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/torcidas-colegiais-ligadas-ao-crime/165054>

5 OFICINA SOBRE A VIOLÊNCIA ENTRE AS TORCIDAS ORGANIZADAS

5.1 História do ensino de História

Os historiadores que se dedicam às pesquisas no campo do ensino da História têm desmistificado que as novidades pedagógicas sejam uma situação recente nesse campo, apesar de que sempre ouvimos que devemos fugir do ensino tradicional e que durante a maior parte do tempo se utilizou um ensino positivista, centrada na figura do professor e dos grandes nomes e grandes eventos. No entanto, quando desenvolvidas pesquisas em que se estuda o lugar da escola no processo de produção historiográfica, percebe-se que já no século XIX havia uma crítica à disciplina de História no tocante ao seu papel de ser uma disciplina de memorização.

A trajetória da disciplina de História foi efetivada com a criação do Colégio D. Pedro II, no final da regência de Araújo Lima, em 1837¹⁰³. Durante os primeiros anos da disciplina de História na vida escolar, algumas críticas já foram realizadas. Num texto produzido por uma comissão de deputados conduzida por Ruy Barbosa, Thomaz do Bonfim Espíndola e Ulysses Pereira Machado Vianna, em 1882, esses intelectuais sinalizaram alguns dos principais desafios da história ensinada nas escolas primárias.

“No parecer, os intelectuais expressaram alguns dos principais desafios da história ensinada nas escolas primárias brasileiras, como a memorização, a carga elevada de nomes, batalhas e dinastias, que extenuava a memória infantil com ‘factos inúteis’.¹⁰⁴”

Esse tipo de relato é muito significativo, pois mostra que naquele período já existiam discussões sobre a renovação da instrução pública e pessoas preocupadas em modernizar a prática docente. Outro destaque que podemos mencionar são os objetivos propostos para a disciplina de história. A disciplina apresentava-se então como mote à formação moral dos alunos, no intuito de cultivar os sentimentos e as faculdades¹⁰⁵, como também, formar culturalmente os discentes.

Outra situação muito comum atualmente é o uso de documentos históricos nas aulas de história. Moderna ideia, não? No entanto, essa prática pedagógica já era incentivada no século XIX, pois a construção conceitual deveria ser ensinada nas escolas a partir de seus aspectos investigativos, bem como uma aproximação da história ensinada da realidade do aluno,

¹⁰³ BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2021, p. 29.

¹⁰⁴ OLIVEIRA, João Paulo Gama; MANKE, Lisiane Sias; SANTOS, Magno Francisco de Jesus. **Histórias do ensino de História: Projetos de nação, materiais didáticos e trajetórias docentes**. EDUPE, 1ª Edição. Recife, 2016, p. 20.

¹⁰⁵ Op.cit. BITTENCOURT, 2021, p. 27.

tornando questões conceituais próximas do vivido pelo discente. Partia-se do conhecido para o desconhecido, buscando casos atuais para elucidar situações similares do passado¹⁰⁶. Os conteúdos históricos deveriam partir do conhecido para o desconhecido, tanto em âmbito temporal, quanto espacial. Partia-se da história local para a nacional, até atingir a universal. Temporalmente, privilegiava-se o período contemporâneo, tido como ponto de partida e, em menor escala, o moderno. Entendia-se também que as disciplinas de História e Geografia podiam se articular cotidianamente, pois história, na escola, é inseparável da geografia¹⁰⁷. Havia também o repúdio à arte livresca e às aulas mecânicas, ou seja, pautadas apenas na memorização exaustiva de livros e repetidas lições e na preocupação de preparar o cidadão para julgar as necessidades de sua época.

Num parecer do ano de 1883, o aluno do ensino primário deveria ter a possibilidade de estudar história não para memorizar as narrações sobre os grandes feitos, mas para aprender os fundamentos iniciais da interpretação dos testemunhos e para compreender o mundo no qual se encontrava inserido¹⁰⁸. Sob a pena de Ruy Barbosa, Thomaz Espíndola e Ulysses Vianna, a história nas escolas primárias deveria nortear as crianças para se tornarem mais humanas, capazes de entender e respeitar as diferenças e de se verem como sujeitos que também fazem a história¹⁰⁹.

O que se buscava era o desenvolvimento de um ensino com caráter investigativo e pouco propenso à memorização, realidade muito diferente da imaginada por mim e por muitos colegas de profissão, pois durante a nossa formação acadêmica e até nas escolas, em repetidas palestras, somos levados a acreditar que se num passado recente a memorização e a repetição levaria à perfeição, a ponto da disciplina de história ser chamada de uma disciplina decoreba, ou seja, bastava memorizar datas, eventos importantes e nomes, que assim o aluno passaria de ano, imagina-se que no século XIX a situação fosse a mesma ou pior. No entanto, percebemos que existiram movimentos que buscaram desenvolver metodologias mais ousadas que propunham um modelo em que o aluno tivesse uma maior participação no processo de ensino-aprendizagem, sugerindo a visita a museus, bem como a utilização de projeções e filmes. Buscava-se também despertar o interesse do aluno, a fim de evitar o tédio.

Quanto aos objetivos do ensino de história, algumas mudanças foram percebidas ao longo do tempo. Com o início da disciplina ainda no período regencial, verifica-se que o

¹⁰⁶ Ibidem, p. 29.

¹⁰⁷ Ibidem, p. 30.

¹⁰⁸ Op.cit. BITTENCOURT, 2021, p. 40.

¹⁰⁹ Ibidem, p. 41.

principal objetivo era construir uma genealogia nacional, no sentido de dar uma identificação à nação brasileira, formar através do ensino de história¹¹⁰. Durante a passagem da Monarquia para a República, os ingredientes cívicos e morais foram mantidos, no entanto, acrescidos dos ideais republicanos, pois pretendia-se legitimar o novo regime e formar indivíduos adeptos à ordem social vigente¹¹¹. Na Era Vargas, o ensino de História seria um poderoso instrumento de construção da identidade nacional, buscando desenvolver um espírito de brasilidade, ou seja, a formação da alma e do caráter nacional¹¹². Nos anos 1960, a disciplina de história perdeu grande espaço na grade curricular. Houve redução de carga horária e das quatro séries do então curso ginásial apenas três tinham aulas de história.

Além disso, o curso ginásial foi reduzido a uma listagem factual, numa perspectiva política¹¹³. Com o golpe militar de 1964, o país passou por um processo de reorganização e reorientação de diversos setores, dentre eles, o da educação. Um novo modelo de educação era sustentado pelo civismo que cumpria o objetivo de formar estudantes acríticos e que não questionassem o fato de viver numa ditadura¹¹⁴. Nesse modelo, o aluno não era o centro dos interesses. Gasman e Fonseca (1971) produziram uma crítica à escola e de maneira geral ao ensino de história, propondo a renovação do ensino de história. Os autores sugeriram que o objetivo central do ensino de história deveria ser ensinar ao aluno como aprender. Assim, seria tarefa do professor fazer com que o aluno: aprender a aprender, aprender a aprender História e desenvolva uma visão histórica da humanidade, compreendendo que o passado se liga ao presente¹¹⁵.

Passado o período da Ditadura Militar, a disciplina de História voltou a ter o seu protagonismo com a separação da disciplina de Geografia e o fim dos Estudos Sociais. Dentro desse contexto de renovação, vale ressaltar o papel dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que para o ensino de História fazia uma crítica ao uso restrito e exclusivo de fontes escritas e, ao mesmo tempo, a defesa da ampliação das fontes utilizadas em função da necessidade de se ampliar as abordagens¹¹⁶. Apesar de atualmente não ser a principal referência, já que temos uma BNCC vigente, os PCN's tinham como objetivo central a preparação para a cidadania, que é algo extremamente atual e presente nas normativas que regem o ensino de História. Ressalto

¹¹⁰ Ibidem, p. 31.

¹¹¹ Op.cit. OLIVEIRA, 2016, p. 145.

¹¹² Op.cit. BITTENCOURT, 2021, p. 34.

¹¹³ Ibidem. p. 39-40

¹¹⁴ Op.cit. OLIVEIRA, 2016, p. 173.

¹¹⁵ Ibidem, p.178.

¹¹⁶ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf>

também, nesse sentido, a importância da criação do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), que fornece capacitação de forma inicial e continuada dos licenciandos em história e aos professores da rede básica de ensino.

Eu fui um beneficiado durante três anos como supervisor e pude, a partir dessa experiência, observar cotidianamente a preocupação dos coordenadores em nos fornecer elementos para que as aulas de história partissem das experiências cotidianas dos alunos, com problematizações, utilizando o método histórico e que valorizasse o sentimento de pertencimento dos alunos para promover debates sobre temas relevantes à sociedade.

Como docente, pude me afastar de algumas situações que ainda me acompanhavam na minha prática docente, a ideia de bater o livro de capa a capa e de que os conteúdos de história eram os objetivos do ensino. A partir dessa experiência ficou claro que primeiro definimos os objetivos ligados a valores morais e éticos, alicerçados em habilidades, competências e documentos técnicos, para depois escolhermos os conteúdos, que são o meio para se atingir tais valores.

5.2 Produzindo a oficina

A BNCC (Base Nacional Curricular Comum), aprovada em 4 de dezembro de 2018, é um documento normativo para as redes de ensino e suas instituições públicas e privadas que determina que uma das competências do aluno do ensino médio na área das ciências humanas é reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, respeitando os Direitos Humanos, com o objetivo de se desenvolver uma cultura de paz.

Dentro dessa competência, espera-se que os discentes desenvolvam a habilidade de identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica, etc.), suas causas, significados e usos políticos, sociais e culturais, avaliando e propondo mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos (EM13CHS503). Espera-se também que incite o aluno a participar, pessoal e coletivamente, do debate público de forma consciente e qualificada, respeitando diferentes posições, com vistas a possibilitar escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

Nesse sentido, a oficina proposta será realizada através de uma sequência didática, provocando os alunos para que eles pensem e reflitam sobre a violência como uma construção

histórica e não natural, fomentando também, no desenrolar da oficina, que o aluno, a partir de uma atitude historiadora, possa manusear fontes históricas e trabalhar o método histórico como o levantamento de informações prévias sobre o tema do objeto de estudo, analisar e classificar fontes históricas e realizar um levantamento de hipóteses sobre o problema envolvendo as torcidas organizadas na cidade do Natal.

Diante do exposto, a disciplina de História assume um importante papel, não no de ser a mestra da vida, mas a de possuir uma utilidade na formação integral (social, intelectual e afetiva) dos adolescentes, pois favorece uma preparação desses jovens para a vida adulta, desperta o interesse pelo passado, potencializa os alunos a reconhecerem suas raízes e o contexto em que vivem e aproxima os discentes do método histórico durante o processo de ensino-aprendizagem¹¹⁷. Sabemos que a historiografia não é capaz de reconstituir o passado, mas é capaz de produzir uma discursividade sobre uma determinada temporalidade com a ajuda de documentos e métodos – que são construídos no presente e lançam questões e respostas para um passado inacessível total ou parcialmente¹¹⁸.

Este projeto tem relevância social, pois procura responder aos anseios de parte da sociedade natalense, que assiste às cenas de violência quando se dirige aos estádios, ou quando acompanha as notícias nas diversas mídias existentes, já que o tema da violência envolvendo os jovens torcedores é recorrente e preocupante.

Conta também este projeto com relevância acadêmica, se destacando pela relação que envolve a violência e o futebol na cidade do Natal e região metropolitana, notadamente no Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, trazendo uma discussão mais ampla sobre as questões da violência no futebol, em especial no futebol natalense, e seu uso pedagógico nas aulas de História, vindo somar-se a outros projetos que tratam da temática do futebol sob a ótica das ciências sociais.

Ao inserir o estudo da história local no âmbito das discussões de sala de aula, o aluno se apropria de conteúdos que poucas vezes foram vistos e analisados no âmbito escolar. Com isso ele levanta hipóteses ou questionamentos sobre problemáticas referentes a sua vida, a sua comunidade ou cidade. São realidades aparentemente exóticas e distantes, mas que fazem parte da nossa realidade. Por estarmos tão próximos, muitas vezes não levamos em consideração,

¹¹⁷Extraído de PRATS, Joaquín. **El estudio de la Historia local como opción didáctica. ¿Destruir o explicar historia?** IBER Didáctica de las Ciencias Sociales, Geografía e Historia. n. 8, abr. 1996.

¹¹⁸Revista de Teoria da História Ano 2, Número 5, junho/ 2011 Universidade Federal de Goiás ISSN: 2175-5892.

deixando de perceber os processos históricos que transformam nossas cidades no que elas são hoje.

A oficina foi pensada e produzida a partir de informações sobre o futebol e a violência, com base em imagens, livros especializados e reportagens de jornais de circulação local, como Diário de Natal e Tribuna do Norte, e de repercussão nacional, como LanceNet, Espn Brasil, Fox Sports e Globo Esporte, dentre outros, pesquisados tanto através da internet como em visita ao arquivo da Tribuna do Norte e ao Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Norte.

As fontes recolhidas através da visita aos arquivos do Jornal Tribuna do Norte e Arquivo Público foram coletadas no ano de 2015, pois eu já tinha o interesse em trabalhar com tal temática e o seu uso pedagógico e analítico. Através da internet, entrei em contato com o acervo do Diário de Natal e do jornal O Poti, edição dominical do Diário de Natal, que estão disponíveis na Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

Um grande desafio a ser enfrentado é cativar os alunos a se interessarem pela disciplina de História através das aulas ministradas na escola. Muitos desses alunos que gostam de História possuem esse sentimento a partir da leitura de livros e sites que aproximam o leitor do conhecimento histórico. Muitas vezes essa aproximação acontece de uma maneira mais leve e descontraída, sem o comprometimento de seguir um método ou técnica específica da ciência histórica.

Vários canais fazem muito sucesso nas redes sociais e Youtube, pois tratam os acontecimentos dessa maneira que acabei de citar. Na maioria dos casos não são historiadores. Alguns desses são jornalistas. Enquanto isso, muitas vezes as aulas são centradas no uso do “giz”, do quadro, papel e caneta, o que pode tornar entediante a repetição dessa metodologia, fazendo o aluno cair numa rotina desgastante. O aluno deve ser tratado como protagonista, pois é aquele que se torna o personagem principal dentro do processo de ensino e aprendizagem, capaz de refletir através de problemáticas trabalhadas em sala de aula e encontrar soluções e propor mudanças.

Uma saída para essa situação é aproximar o conteúdo ensinado da realidade do aluno e estimular uma atitude historiadora nos discentes a partir do conhecimento do método histórico, em consonância com o uso de tecnologias, ferramentas e recursos digitais. A partir do uso dessas metodologias, espero despertar também nos alunos, além dos objetivos do projeto, um maior interesse pelas aulas, tornando o processo de aprendizagem mais fácil e instigante, enquanto o professor poderá visualizar de forma mais efetiva os resultados do seu trabalho, realizando uma reflexão de como poderá dar seguimento à atividade.

Como citado anteriormente, tenho usado o futebol cotidianamente nas minhas aulas de História como um meio de aproximar os alunos dos objetivos pedagógicos e despertar um maior interesse para os debates propostos. Na Escola Estadual Berilo Wanderley, local em que leciono desde 2014 e que será o lugar da aplicação da oficina, a minha primeira experiência com o futebol foi através do projeto do Conselho Nacional do Ministério Público conhecido como “Conte até Até 10”. Esse projeto tinha como objetivo o desenvolvimento de uma cultura de paz através de discussões sobre a violência e o preconceito.

O desenvolvimento das atividades estava previsto através de uma cartilha com um cronograma e que possuía diretrizes a serem seguidas. As discussões giravam em torno de quatro grandes temas: I- Vida e morte. Valorização da vida; II- Direitos e deveres dos adolescentes. O ato infracional, o homicídio e o Tribunal do Júri; III- Violência nas escolas e bullying e Enfrentamento da violência nas escolas. IV- Propostas para uma cultura de paz e de respeito aos direitos humanos. Durante a aplicação do projeto, pude utilizar uma produção de um curso de extensão na Universidade Federal do Rio Grande do Norte em Ensino de História para os Anos Finais, denominado de ‘Ensino de História Local e Produção de Material Didático’, voltado para a produção de material didático. Esse material era sobre a violência das torcidas organizadas na cidade do Natal e no estado do Rio Grande do Norte. O material foi produzido com o nome de “Futebol e Violência no Rio Grande do Norte”. Esse projeto foi desenvolvido com as três séries do ensino médio.

Nos últimos anos, tenho realizado com as segundas séries do ensino médio uma atividade sobre as independências na América Latina, especialmente as nações sul-americanas de língua espanhola, que culmina com um pequeno festival gastronômico. O início da atividade começa com uma pesquisa norteada pelos seguintes problemas: Vocês sabem qual é o nome da principal competição de futebol da América do Sul? Depois dessa pesquisa inicial, eles tentam explicar por que o nome do campeonato é “Libertadores da América”, haja visto que geralmente os nomes das competições são mais formais, como Liga dos Campeões da Europa, Campeonato Brasileiro e Copa Sul-americana. Depois faço uma divisão da turma em pequenos grupos, que recebem o tema a ser explorado. Os temas são os 9 países da América do Sul, com exceção do Brasil (Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela). Nesse momento as pesquisas são norteadas pela aquisição de informações sobre a localização geográfica do país, o contexto da independência, como a data da libertação, quem foi o libertador e se o processo de independência no país pesquisado foi alcançado através da guerra ou diplomacia, além de curiosidades sobre as culturas desses países. Peço também que comparem as independências na América espanhola com a independência do Brasil. Por fim,

temos uma apresentação de um seminário e a finalização com um festival culinário, onde são apresentados alguns pratos típicos produzidos pelos alunos.

Outra experiência que envolve o futebol diz respeito às discussões sobre racismo. Nesse caso, como a terceira série do ensino médio tem um dos seus conteúdos a Primeira República e o Brasil pós-abolição, eu utilizo a letra da música “Camisas Negras”.

Eu vou torcer

Aqui eu ergui meu templo para vencer

Eu já lutei por negros e operários

Te enfrentei, venci, fiz São Januário

Camisas Negras que guardo na memória

Glória, lutas, vitórias, esta é minha história

Que honra ser

Saiba eu sou vascaíno, muito prazer (jamais terá)

Jamais terá a Cruz, este é meu batismo

Eu tive que lutar contra o teu racismo

Veja como é grande meu sentimento

E por amor ergui este monumento

Eu vou torcer

Aqui eu ergui meu templo para vencer

Eu já lutei por negros e operários

Te enfrentei, venci, fiz São Januário

Camisas Negras que guardo na memória

Glória, lutas, vitórias, esta é minha história

Que honra ser

Saiba eu sou vascaíno, muito prazer (jamais terá)

Jamais terá a Cruz, este é meu batismo

Eu tive que lutar contra o teu racismo

Veja como é grande meu sentimento

E por amor ergui este monumento

Eu vou torcer

Aqui eu ergui meu templo para vencer

*Eu já lutei por negros e operários
Te enfrentei, venci, fiz São Januário
Camisas Negras que guardo na memória
Glória, lutas, vitórias, esta é minha história*

*Que honra ser
Saiba eu sou vascaíno, muito prazer (jamais terá)
Jamais terá a Cruz, este é meu batismo
Eu tive que lutar contra o teu racismo
Veja como é grande meu sentimento
E por amor ergui este monumento*

Fonte da letra: <https://www.letras.mus.br/vasco-da-gama/1269000/>
Vídeo usado em sala: <https://www.youtube.com/watch?v=3EsoAorqOOg>

Após ler e ouvir a letra da música, distribuo uma reportagem intitulada “*Vasco da Gama, o clube que abriu as portas do futebol para os negros: Embora não tenha sido o primeiro a contar com jogadores negros, time se tornou símbolo de luta contra o racismo depois da 'Resposta Histórica' redigida há 95 anos*”¹¹⁹. Fazemos uma leitura compartilhada da reportagem e depois os alunos têm que responder os seguintes questionamentos: Qual o contexto da expressão “eu já lutei por negros e operários”? A qual período a letra se refere? No contexto da música Camisas Negras, pesquise o que foi a “Resposta Histórica”. Quais os principais grupos atingidos pela decisão da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos de proibir analfabetos? Quem executava trabalhos braçais e que estava em ofício que recebe gorjeta para praticar o futebol? O racismo ainda persiste no futebol brasileiro e mundial? Justifique.

Essa inserção de recursos didáticos diferenciados nas aulas deve resultar em uma melhor compreensão e fixação dos conteúdos abordados, favorecendo o processo de ensino/aprendizagem, tornando-o de qualidade e estimulando o senso crítico e a participação dos alunos nas aulas. Diante disso, o professor, além de dinamizar suas aulas, poderá despertar o interesse dos alunos.

A oficina analisará a violência envolvendo as maiores torcidas organizadas da cidade do Natal e terá como culminância a produção de cartazes, a serem espalhados e socializados

¹¹⁹ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/05/deportes/1554498170_792322.html

com a comunidade escolar, e a resolução de uma atividade gamificada como a função de aferir se os objetivos propostos foram adquiridos ao longo das atividades propostas.

Propomos uma oficina centrada no aluno a partir do seu protagonismo para debater e propor soluções para o enfrentamento da violência. O conhecimento deve ser construído pelo indivíduo através da experiência subjetiva de vivenciar sua realidade individual e social. A educação deve ser, portanto, centrada na pessoa, criando condições para o crescimento pessoal, interpessoal e intergrupar. O aluno deve ser capaz de perceber a sua realidade como algo possível de ser estudado, pois ele também possui uma história, assim como sua comunidade e sua cidade.

No desenvolvimento da oficina, iremos trabalhar como recurso didático o uso de jornais, trechos de bibliografia especializada que exploram o tema, vídeos e imagens. No caso específico do uso dos jornais como fonte, Maria Helena Capelato ressalta:

Até a primeira metade deste século (Séc. XX), os historiadores brasileiros assumiam duas posturas distintas em relação ao documento jornal: o desprezo por considerá-lo fonte suspeita ou o enaltecimento por encará-lo como repositório da verdade. Neste último caso, a notícia era concebida como relato fidedigno da verdade (CAPELATO, 1998, p. 21).

Devemos considerar o uso dos jornais locais como fontes históricas, que devem estimular os alunos a conhecer em que contexto essa documentação foi produzida, pois todo documento histórico expressa uma versão de um determinado fato ou momento. O estudo da fonte jornalística permitiu ampliar os horizontes para novas reflexões e problemáticas nos conhecimentos sobre as sociedades do passado. Conforme a autora diz:

A imprensa oferece amplas possibilidades para isso. A vida cotidiana nela registrada em seus múltiplos aspectos permite compreender como viveram nossos antepassados – não só os “ilustres” mas também os sujeitos anônimos. O Jornal, como afirma Wihelm Bauer, é uma verdadeira mina de conhecimento: fonte de sua própria história e das situações mais diversas, meio de expressão de ideias e depósito de cultura. Nele encontramos dados sobre a sociedade, seus usos e costumes, informes sobre questões econômicas e políticas (CAPELATO, 1998, p. 56).

Sabemos que a partir do surgimento da Escola dos Annales houve uma ampliação do conceito de fontes históricas, como também surge uma História que se contrapõe a uma história factual, levando a uma história-problema, onde existem alargamentos dos objetos a serem pesquisados, bem como um aperfeiçoamento nos métodos de pesquisa.

Nossa proposta metodológica será realizada através de uma oficina pedagógica. Segundo Reyes (91)¹²⁰:

¹²⁰ Texto da Rede Nacional de Direitos Humanos, disponível no site da DHNET, no endereço www.dhnet.org.br/educar/cartilhas/oficinas/part1.htm

“... a oficina é concebida como uma realidade integradora, complexa e reflexiva, na qual a relação teoria-prática é a força motriz do processo pedagógico. Está orientada à promoção constante da comunicação com a realidade social e para ser um grupo de trabalho altamente participativo no qual cada um é um membro a mais do grupo e dá sua contribuição específica” (IN: BETANCOURT, 2021, p. 91).

As oficinas são espaços de construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências, de exercício concreto dos direitos humanos. A atividade, a participação, a socialização da palavra, a vivência de situações concretas através de sociodramas, a análise de acontecimentos, a leitura e discussão de textos, a realização de videodebates, o trabalho com diferentes expressões da cultura popular, etc, são elementos presentes na dinâmica das oficinas¹²¹. Segundo Vera Candau (1999), o desenvolvimento de uma oficina, em geral, se dá através dos seguintes momentos básicos: aproximação da realidade/sensibilização, aprofundamento/reflexão, construção coletiva e conclusão/compromisso.

Segundo Vieira e Volquind (2002), trabalhar com oficinas é “uma forma de ensinar e aprender, mediante a realização de algo feito coletivamente”. Prioritariamente deveria articular a teoria com a prática, ou seja, unir o conhecimento científico com o conhecimento empírico; além de proporcionar o trabalho em equipe.

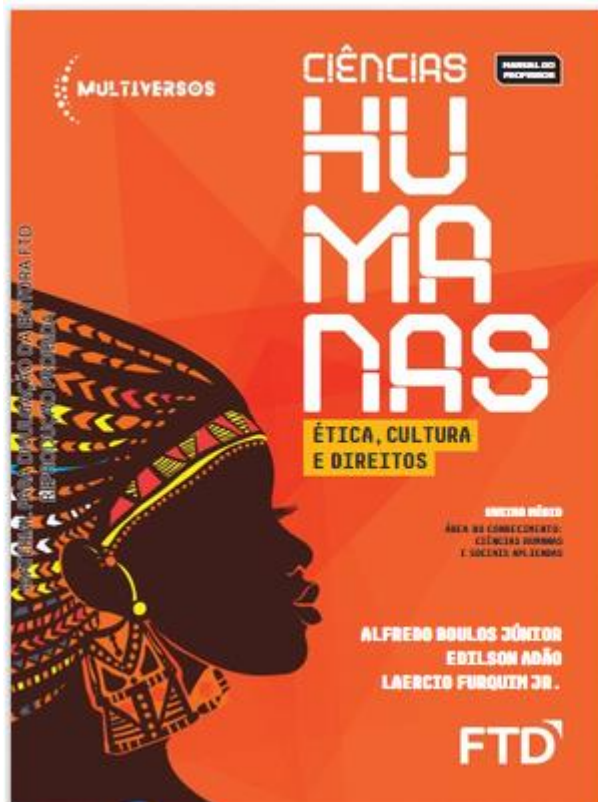
A oficina foi montada para seguir os elementos básicos apresentados por Vera Candau. Num primeiro momento, o conceito “violência” será apresentado de uma forma genérica, para além do tema do projeto. Depois será realizada uma análise de fontes que problematizarão a violência envolvendo as torcidas organizadas na cidade do Natal que são resultado da minha pesquisa. É nesse momento que ocorrerá uma construção coletiva do conhecimento, a troca de experiências e a socialização entre os intervenientes. Por fim, como conclusão, em vez de terminarmos apenas com um compromisso, terminaremos com a produção de cartazes realizados pelos alunos e que deverão ser socializados com os demais colegas. Pretendemos, com a oficina, desenvolver valores, aptidões e conhecimentos para o fortalecimento de uma cultura de paz a partir de uma reflexão sobre a violência. Nesse sentido, essa metodologia pode ser geradora de uma maior motivação para os alunos.

A oficina será realizada através de uma sequência didática pensada para ser realizada em cinco encontros, seguindo uma ordem preestabelecida, para as turmas da primeira série do ensino médio. O tema violência está presente no livro adotado na escola pelas disciplinas da área de Ciências Humanas e, de acordo com o planejamento dos professores, o capítulo sobre

¹²¹ Texto da Rede Nacional de Direitos Humanos, disponível no site da DHNET, no endereço www.dhnet.org.br/educar/cartilhas/oficinas/part1.htm

a violência deve ser trabalhado no terceiro bimestre. Na coleção adotada, temos um capítulo com o título “Violência”, em que são trabalhadas a intolerância, violência psicológica e simbólica, as variadas formas de violência, as principais vítimas da violência, a violência contra a mulher, as estatísticas da violência no Brasil, o uso da violência na divulgação de notícias, *fake news* e violência e o desenvolvimento da cultura de paz.

Imagem 26 – Fotografia do livro didático adotada pelas disciplinas de Ciências Humanas na Escola Estadual Berilo Wanderley a partir de 2022



CAPÍTULO 5	Violência	 114
	As variadas formas de violência	117
	As principais vítimas da violência	119
	Uso da violência na divulgação de notícias	123
	A cultura da paz	128
	Retomando	 129
	Base Nacional Comum Curricular	 154
	Bibliografia comentada	 158

Fonte: Acervo do autor.

As sequências didáticas devem ser entendidas como um conjunto de atividades planejadas, de maneira sistemática, em torno de um tema específico. Desse modo, entre as ações de uma sequência didática estão às atividades de escuta, leitura, escrita, reescrita de textos e análise¹²² de fontes históricas.

¹²²Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-445027474109576182> RESUMO

Este artigo tem o objetivo de relatar uma formação continuada de professores da educação básica, que constitui a primeira etapa do desenvolvimento de um projeto de pesquisa strictu sensu (Mestrado em Letras), e apresentar duas sequências didáticas dirigidas para o ensino da produção de textos nos gêneros artigo de opinião e notícia. A planificação do material aconteceu durante o processo de mediação de dois professores colaboradores da pesquisa, por sua vez, pautada nos aportes teórico-metodológicos do interacionismo sociodiscursivo (no que se refere à

A sequência didática, a ser aplicada através de uma oficina, foi dividida da seguinte maneira:

- 1) A violência que nos cerca. Tem por objetivo colher e quantificar o conhecimento prévio dos discentes através de uma pesquisa no Google Formulários sobre a percepção que eles possuem sobre o tema violência;
- 2) A origem da palavra “torcer” e das torcidas organizadas através de problematizações, como: o que são as torcidas organizadas? Como surgiram e quais seus objetivos?
- 3) A violência está no futebol ou a violência no futebol é um reflexo dos problemas sociais? O terceiro encontro debaterá as origens da violência no futebol em diferentes realidades, como as encontradas na Escócia, Inglaterra e Sérvia.
- 4) Torcidas organizadas: das festas organizadas à violência recorrente? A partir dessa problemática, os alunos deverão analisar fontes históricas e responder algumas questões.
- 5) As soluções para o combate à violência entre as torcidas e o desenvolvimento de uma cultura de paz através da produção de cartazes a serem compartilhados e a resolução de um Google Formulário Gamificado.

A sequência didática foi dividida dessa forma, pois a história local não se resume à dimensão abreviada do objeto de estudo, no caso do projeto, a violência entre as torcidas organizadas na cidade de Natal dentro de um recorte temporal específico. A história de nossa cidade não basta por si só para explicá-la. Sendo assim é possível estudar a temática proposta, ou seja, a violência envolvendo as torcidas organizadas, com a história global, nacional e regional¹²³.

5. 3 Dados prévios para a formatação da oficina

Para o primeiro encontro da oficina, com o objetivo de aproximar o aluno da temática proposta e posteriormente sensibilizá-lo para os debates, montei uma pesquisa para ser realizada via Google Formulários, bem como quantificar o que deverá ser debatido nesse encontro. Os

construção dos modelos e sequências didáticas) e nos paradigmas da pesquisa-ação e do trabalho colaborativo. No contexto investigado, a pesquisa colaborativa intervencionista é compreendida como uma metodologia eficaz para adentrar às escolas os produtos da pesquisa desenvolvida na Universidade. Adair Vieira GONÇALVES e Mariolinda Rosa Romera FERRAZ

¹²³ Módulo III: Fontes documentais para o ensino de história local.

alunos terão acesso ao formulário que será respondido na sala de informática. Em caso de voltarmos ao ensino remoto, será disponibilizado via *QR Code* ou através de um link na sala de aula virtual.

As perguntas que os alunos deverão responder são as seguintes: Bairro em que reside? Já presenciou algum ato de violência? Se respondeu sim ao item anterior, marque o tipo de violência que foi presenciada. Já sofreu alguma violência? Se respondeu sim ao item anterior, marque o tipo de violência que foi sofrida. Sabe o que é uma torcida organizada? Faz parte de alguma torcida organizada? Conhece alguém (parente, amigo, colega) que faz ou que já fez parte de alguma torcida organizada? A escola deve ser um lugar em que a violência seja discutida e problematizada? Se respondeu sim ao item anterior, argumente como a escola pode ajudar no combate à violência.

A maior parte dessas perguntas é acompanhada por opções sim e não, que deverão ser marcadas. Nas perguntas referentes a ter presenciado ou sofrido alguma violência, e em caso de a resposta ser positiva, elenquei algumas formas de violência para haver a marcação. As opções são: violência física, violência psicológica, violência moral, violência sexual, violência econômica e violência social. Utilizei esses termos de acordo com o defendido por Pedro Menezes, Licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Mestre em Ciências da Educação pela Universidade do Porto (FPCEUP)¹²⁴. De acordo com o professor, os tipos de violência podem ser elencados de acordo com a tabela:

¹²⁴ Disponível em: <https://www.diferenca.com/tipos-de-violencia/>

Imagem 27 – Tabela com os tipos de violência

	Características das agressões	Atos de violência
Violência física	Utilização a força física	<ul style="list-style-type: none"> • Golpes • Ferimentos • Submissões físicas (puxões, empurrões, imobilização, etc.)
Violência psicológica	Opressão psicológica	<ul style="list-style-type: none"> • Ameaças • Humilhações • Intimidações
Violência moral	Opressão ou exposição da pessoa	<ul style="list-style-type: none"> • Difamações • Calúnias • Chantagens
Violência sexual	Imposição de cunho sexual sem consentimento	<ul style="list-style-type: none"> • Abusos • Assédio • Estupro • Exposição da ou à nudez • Prática de atos sexuais indesejados
Violência econômica	Subtração de bens ou imposição de dependência econômica	<ul style="list-style-type: none"> • Retenção de bens ou capital • Roubo • Furto
Violência social	Repressão ou opressão de grupos minoritários	<ul style="list-style-type: none"> • Discriminação • Segregação • Intolerância

Na última pergunta deixei um espaço para que o aluno possa discorrer de forma sucinta a partir de uma pergunta específica. O questionamento para essa última etapa é: Na sua visão, por que um torcedor comete um ato violento contra outro?

Esse encontro foi pensado para que os alunos possam discutir sobre a violência cotidiana que por ventura já aconteceu em suas vidas e para refletirmos sobre a violência presente na cidade do Natal e região metropolitana, utilizando a violência entre as torcidas organizadas como temática e problematização. No caso específico da Escola Estadual Berilo Wanderley, localizada na zona sul da cidade do Natal, muitos alunos moram na cidade vizinha de Parnamirim, ou seja, o debate ultrapassa os limites da cidade¹²⁵.

A estratégia adotada visa quantificar e explorar o lugar de fala dos alunos diante do tema a ser explorado na oficina. No segundo momento da oficina, os alunos analisarão matérias de

¹²⁵ Apesar de ter o conhecimento prévio sobre essa informação, apenas inseri esse questionamento no Google Formulário utilizado a partir do ano de 2022.

jornais e dados estatísticos sobre a violência no estado do Rio Grande do Norte e na cidade do Natal. Partiremos da análise de uma tabela produzida pelo IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) que contém dados estatísticos sobre a violência no estado do Rio Grande do Norte entre os anos de 1980 e 2017, como também dados específicos referentes às taxas de homicídios na cidade do Natal durante o mesmo período. Concomitantemente, serão analisadas duas matérias jornalísticas. Uma da BBC Brasil, que tem por título “*Por que o Rio Grande do Norte é o pior lugar para ser jovem no Brasil*”¹²⁶, e a outra da revista Exame, com o título “*As 50 cidades mais violentas do mundo em 2017*”¹²⁷.

Todos os dados obtidos através da pesquisa com os alunos são importantes para compreendermos a inserção e presença da violência na vida desses jovens, bem como perceber o alcance que as torcidas organizadas têm entre esse grupo, que são em sua maioria jovens entre 15 e 18 anos.

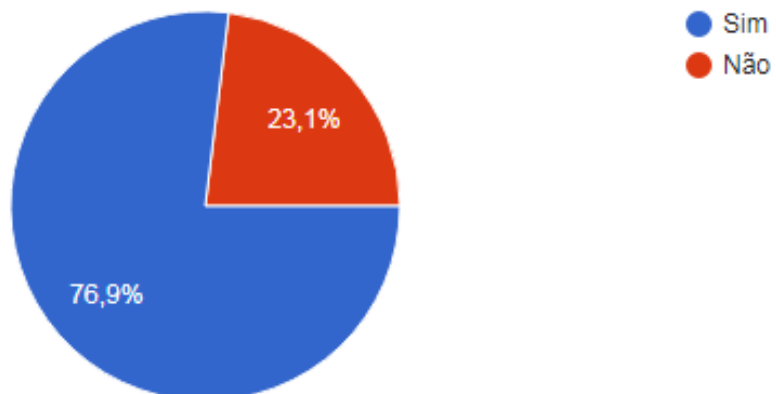
Ainda no ano de 2020, durante a pandemia e de maneira remota, realizei uma pesquisa com alguns alunos do ensino médio, do turno vespertino, na Escola Estadual Berilo Wanderley para saber se tal temática teria relevância e impacto na formação desses jovens. Nessa experiência, 65 alunos das três diferentes séries do ensino médio responderam. O número de entrevistados é justificado pelo modelo de aulas remotas ocasionadas em virtudes da pandemia. Muitos alunos tiveram dificuldade em acessar as aulas on-line via Google Meet, por vários motivos, como o fato de estarem trabalhando no horário da aula para ajudar a renda familiar, mas também havia aqueles que por questões econômicas não tinham como acessar a internet. Em tempos de pandemia de COVID-19, adotamos o sistema híbrido com alunos que puderam acompanhar as aulas ao vivo e aqueles que pegavam o material das aulas a posteriori. Os resultados obtidos através da aplicação do questionário via Google Formulários foram estes:

¹²⁶ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49187027>

¹²⁷ Disponível em: <https://exame.com/mundo/as-cidades-mais-violentas-do-mundo-em-2017/>

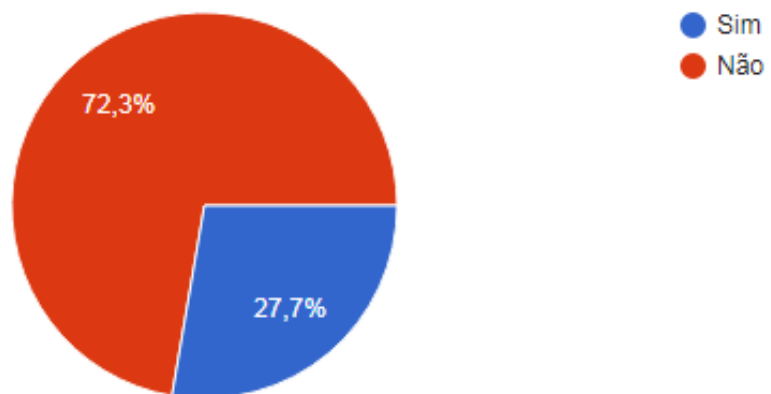
Já presenciou algum ato de violência?

65 respostas



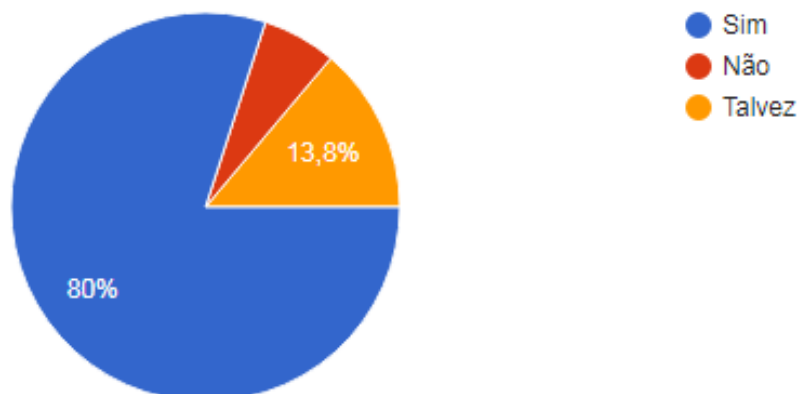
Já sofreu alguma violência?

65 respostas



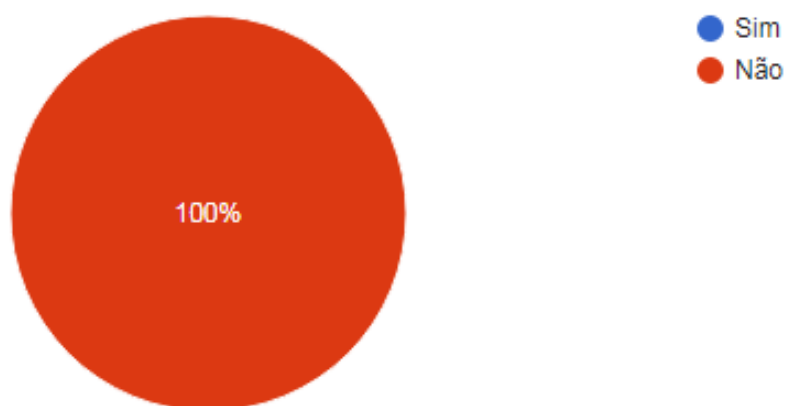
Sabe o que é uma torcida organizada?

65 respostas



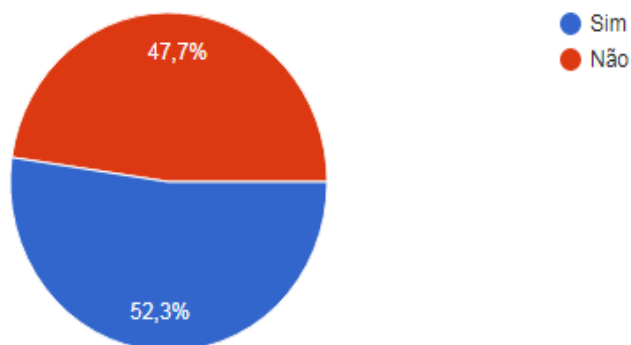
Faz parte de alguma torcida organizada?

65 respostas



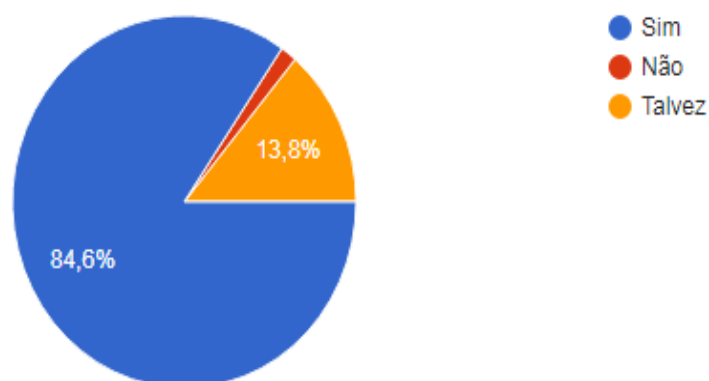
Conhece alguém (parente, amigo, colega) que faz ou que já fez parte de alguma torcida organizada?

65 respostas



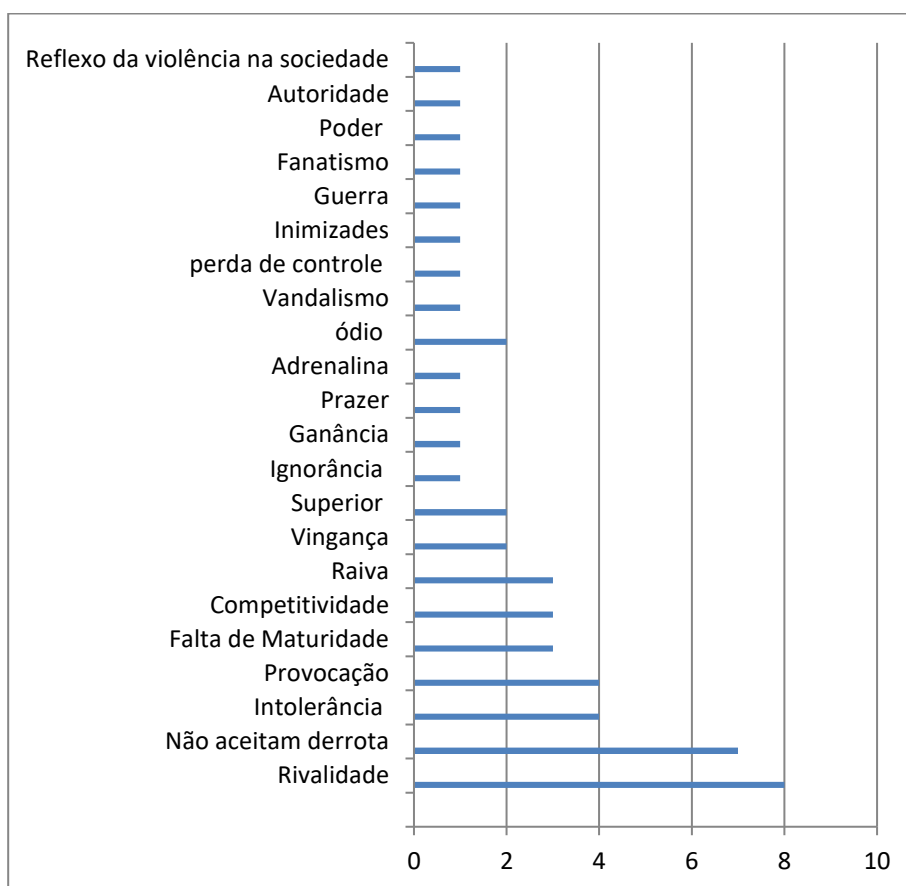
A escola deve ser um lugar em que a violência seja discutida e problematizada?

65 respostas



Na última pergunta deixei um espaço para que o aluno pudesse discorrer, de forma sucinta, sobre o tema. O questionamento para essa última etapa foi: na sua visão, por que um torcedor comete um ato violento contra outro?

Imagem 28 – Gráficos com pesquisa realizada em 2020 no Berilo Wanderley



Alguns números dessa experiência prévia chamaram atenção. Quase 77% dos entrevistados presenciaram algum ato de violência. 27,7% afirmaram que já sofreram algum tipo de violência. 80% sabem o que é uma torcida organizada. Todos responderam que não fazem parte de nenhuma torcida organizada, mas 52,3% disseram conhecer alguém que seja integrante de uma dessas torcidas. Para 84,6% dos entrevistados, a escola deve ser um lugar em que a violência tem que ser discutida e problematizada. Pude realizar, também no ano de 2020, quase a mesma pesquisa numa escola particular situada na localidade de Morro Branco, onde também leciono no ensino médio. No entanto, parte dos alunos pertence a outra realidade socioeconômica. A diferença é que não coloquei a pergunta sobre a importância de se debater a violência no espaço. A escola possui uma quantidade menor de alunos e eu sou professor apenas da primeira e segunda série do ensino médio, ou seja, duas pequenas turmas somando 23 alunos. O resultado obtido foi muito parecido ao colhido no Berilo Wanderley. Quase 57% dos entrevistados presenciaram algum ato de violência. 34,8% afirmaram que já sofreram algum tipo de violência. 91,3% sabem o que é uma torcida organizada. Todos responderam que não

fazem parte de nenhuma torcida organizada, mas 65,2% disseram conhecer alguém que seja integrante de uma dessas torcidas.

Outra situação que chamou atenção foi o resultado do questionamento aberto ao final das pesquisas, tanto a da Escola Estadual Berilo Wanderley, quanto a do Colégio Objetivo de Natal: *Na sua visão, por que um torcedor comete um ato violento contra outro?* Dentre as várias palavras citadas nas respostas, que de acordo com a visão dos alunos explica a violência envolvendo as torcidas organizadas, destaco algumas. A maior parte dos alunos citou que a rivalidade é a causa para essa violência. Aqui, preciso compreender o que esses jovens compreendem por rivalidade e explorar no desenvolvimento da oficina essa questão. Numa busca em um dicionário virtual, pude encontrar alguns significados para o termo: competências, competição, competições, concorrências, emulações.

Vale ressaltar que a palavra rivalidade é muito presente no mundo do futebol, inclusive com uma exploração positiva por parte das agremiações esportivas e até em campanhas de combate à violência entre as ditas torcidas, onde são expressas através de frases como, por exemplo: “*rivals sim, inimigos nunca*”¹²⁸. A partir da constatação através da pesquisa realizada e da análise do significado da palavra rivalidade, surgiu a seguinte indagação: será que parte da sociedade naturaliza os atos de violência envolvendo as torcidas organizadas a partir da rivalidade existente entre as instituições? A natureza da competição esportiva pode incentivar os conflitos entre as torcidas? Norbert Elias e Eric Dunning (1992), na obra “*Deporte y Ocio en el Proceso de la Civilización*”, apontam que o próprio “jogo” contém elementos que podem servir como vetor de agressividades. Se essa condição de estímulo for real e associada aos graves problemas sociais existentes na sociedade brasileira, então essa mistura pode ser explosiva. Muitos sociólogos e antropólogos concordam que

“Há uma tendência entre cientistas sociais em afirmar que o futebol (só ele?), em particular devido ao perfil anteriormente descrito, é um ritual de ‘violência simbólica’, uma ‘guerra simbólica’, uma representação de violência entranhada nas relações humanas e sociais, mas, ainda assim uma violência indireta”¹²⁹.

Seguindo essa lógica, podemos afirmar que a violência é sempre uma possibilidade humana. Sua manifestação dependeria apenas de algum estímulo externo, como impunidade, corrupção, descaso das autoridades, conexão com outros níveis de agressividade direta, como drogas, xenofobia, racismo, homofobia e machismo, além de indiretas, como a pobreza,

¹²⁸ Disponível em: <http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=205236>

¹²⁹ MURAD; Mauricio. **A violência no futebol**. São Paulo: Saraiva, 2012, p. 100.

desemprego, exclusão e humilhação. Esse debate deverá ser realizado com os alunos durante a oficina e conduzido para que os jovens compreendam que não podemos naturalizar esses atos de violência.

Ressalto também que uma resposta dada na pesquisa vai ao encontro dos objetivos que pretendo trabalhar na oficina que é a ideia de que a violência entre as torcidas organizadas é um reflexo da violência na sociedade. Um aluno escreveu:

“Acho que a violência nas torcidas seja mais um reflexo da violência que tem no Brasil, e não apenas por culpa das torcidas, e também, o problema pra mim, não é nem eles brigarem entre si, mas sim a covardia que tem entre eles, de que só porque uma pessoa está passando na rua com a camisa da torcida rival, e chega logo 3, 4, 5 pessoas até pra bater em 1 e tomar a camisa dele, esse pra mim que é o problema, por isso não faço parte oficialmente. Eu curto muito torcida organizada, quando eu vou pro estádio e as torcidas fazendo a festa, me arrepia demais e me dá muita alegria, porém, não faço parte dela não só pelas brigas, mas pela covardia que tem, apenas isso.”

No depoimento desse jovem, podemos perceber que no seu discurso está presente a ideia de que a violência entre os jovens torcedores é um reflexo da violência de uma maneira geral e que o futebol seria apenas mais uma dimensão na qual essa violência está escancarada na nossa sociedade, afinal atos de violência e covardia não são praticados apenas pelos membros das torcidas organizadas.

Nesse sentido, devemos explorar na oficina a ideia defendida pelo sociólogo Mauricio Murad no livro “*A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*”. De forma geral, o autor afirma que é importante perceber que não se entende a violência no futebol sem a devida compreensão da violência humana, devidamente contextualizada historicamente. Isso não significa minimizar o problema. O futebol não é um esporte violento, apesar de existirem práticas violentas dentro e fora das quatro linhas. Fora de campo, as práticas violentas envolvendo as torcidas organizadas devem ser compreendidas como um fenômeno complexo e multifacetado. Para isso, basta citarmos o *hooliganismo* na Europa, as barras bravas na América hispânica e as torcidas organizadas no Brasil. Cada movimento inserido num contexto histórico, social e cultural diferente¹³⁰. No caso brasileiro, as estatísticas da FIFA (Federação Internacional de Futebol) e COI (Comitê Olímpico Internacional) comprovam que a violência das torcidas organizadas, mesmo sendo preocupante e exigindo ações concretas imediatas, é praticada por uma minoria, em torno de 5% dos seus membros.

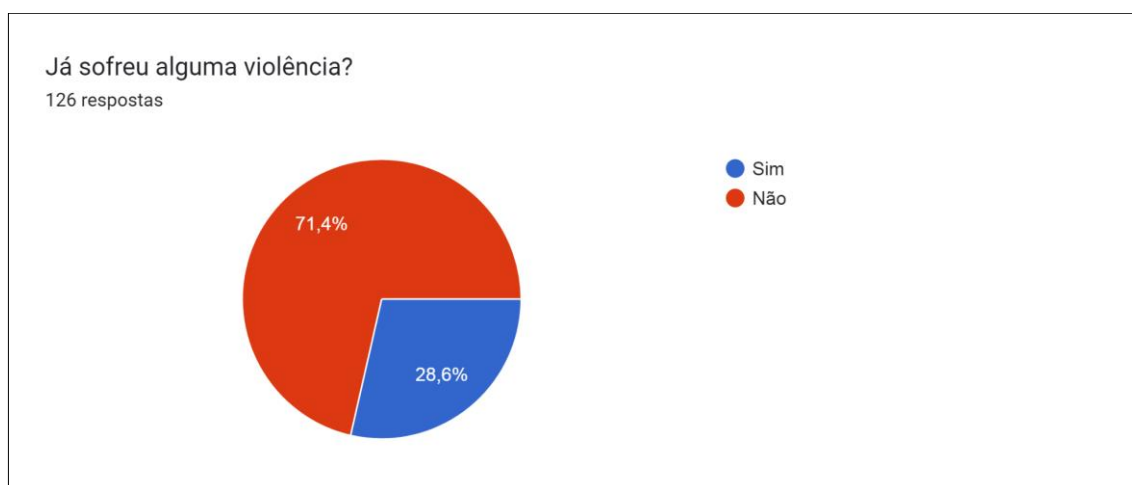
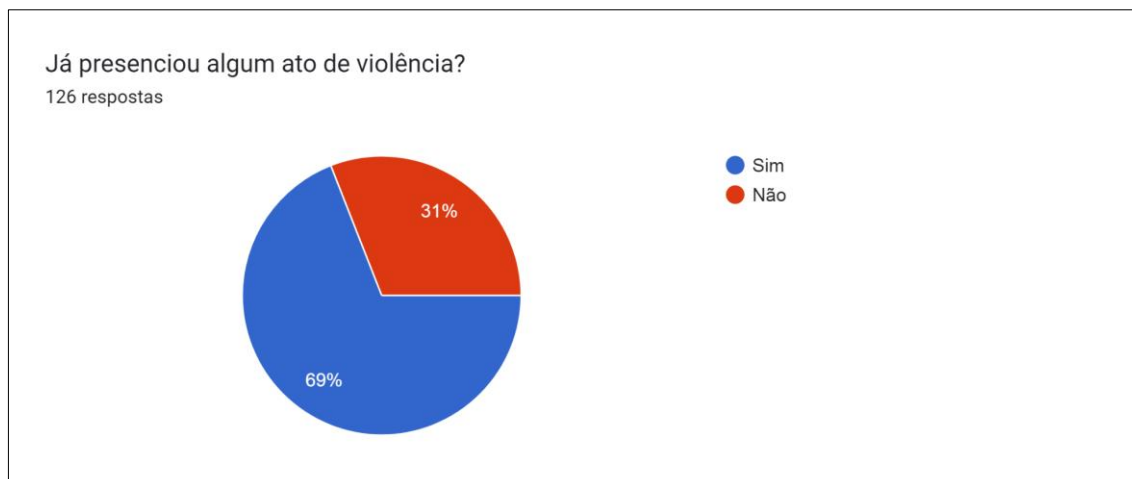
O autor compara os dados específicos da violência no futebol brasileiro com o quadro global da violência no Brasil. De acordo com a pesquisa desenvolvida, a violência entre as

¹³⁰ Op. cit. Murad, 2007, p. 21-22.

torcidas começou a se tornar explosiva a partir de 1985. Anteriormente citei que o homicídio de um presidente da Mancha Verde em 1988 foi um dos motivos que acirrou a tensão, desencadeando uma série de conflitos violentos envolvendo as torcidas paulistas. No entanto, verifica o sociólogo, a violência presente na sociedade se agravou a partir dos anos 1960, ou seja, as práticas violentas envolvendo as torcidas são tardias e se situam numa linha de periculosidade abaixo daquela que seria possível imaginar, tendo em vista a deterioração institucional e os agudos problemas sociais do país.

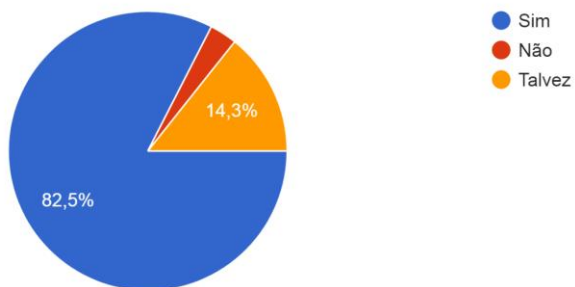
Voltei a realizar as pesquisas nos anos de 2021 e 2022. No ano de 2021 ainda realizamos a pesquisa no formato remoto. Já em 2022 utilizamos um *QR Code*, a sala de informática da escola e um link que foi anexado nas salas de aulas virtuais.

Seguem os resultados obtidos em 2021 após a pesquisa ser realizada com 126 alunos do turno vespertino.



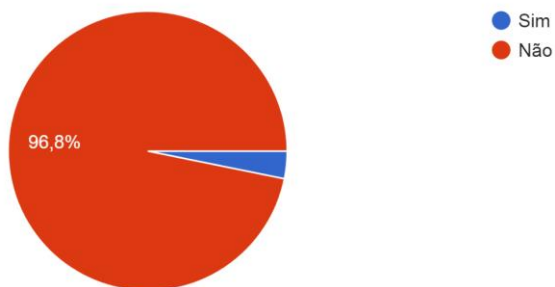
Sabe o que é uma torcida organizada?

126 respostas



Faz parte de alguma torcida organizada?

126 respostas



Conhece alguém (parente, amigo, colega) que faz ou que já fez parte de alguma torcida organizada?

126 respostas

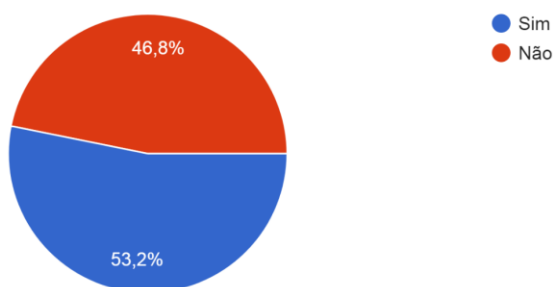
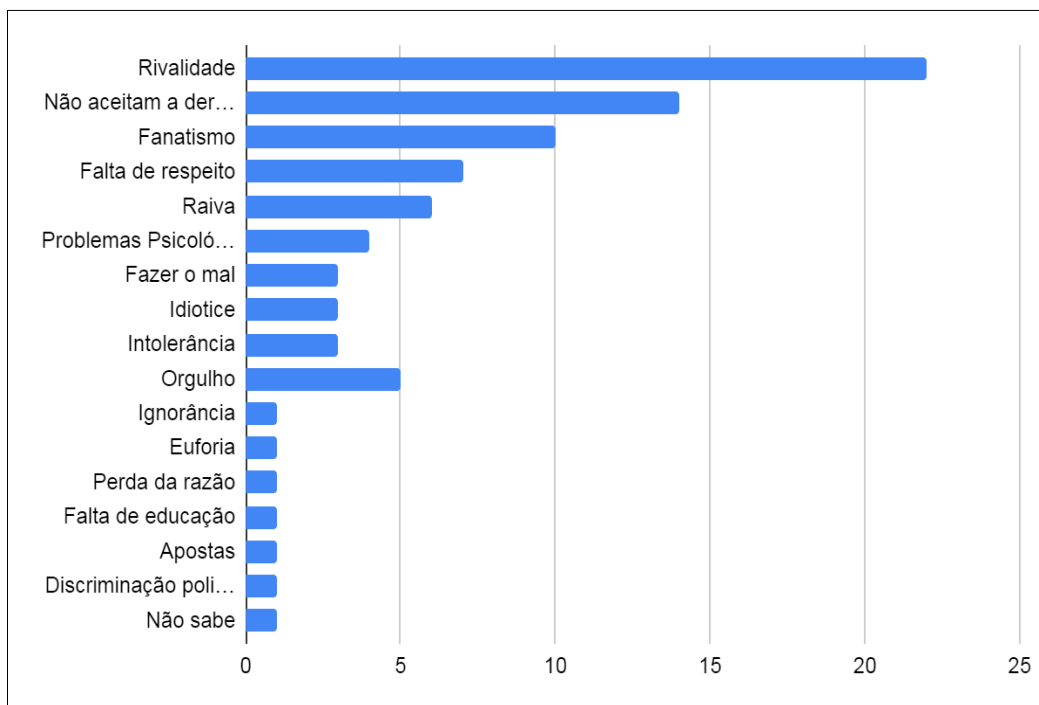
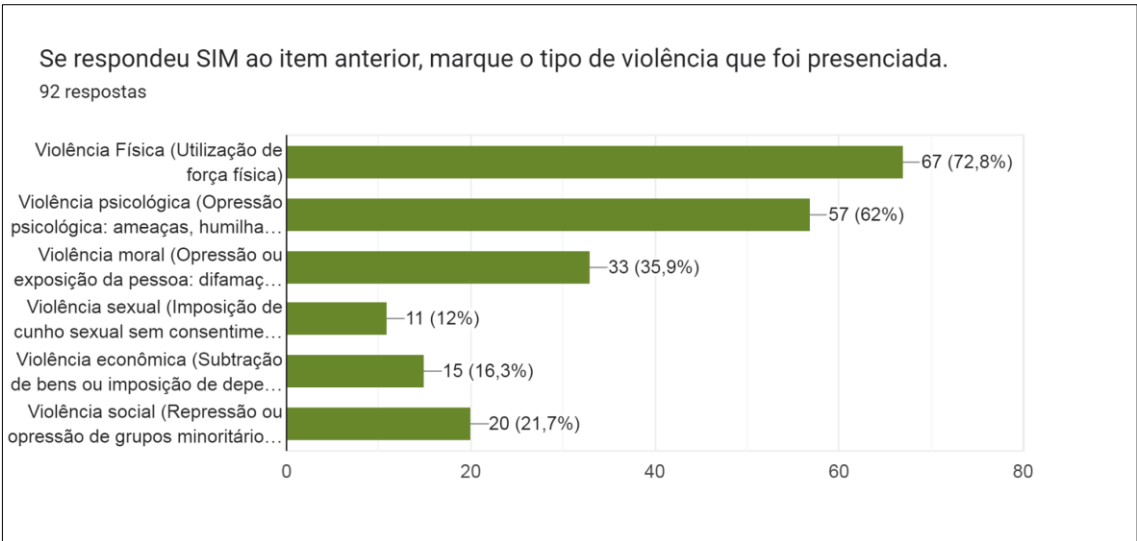
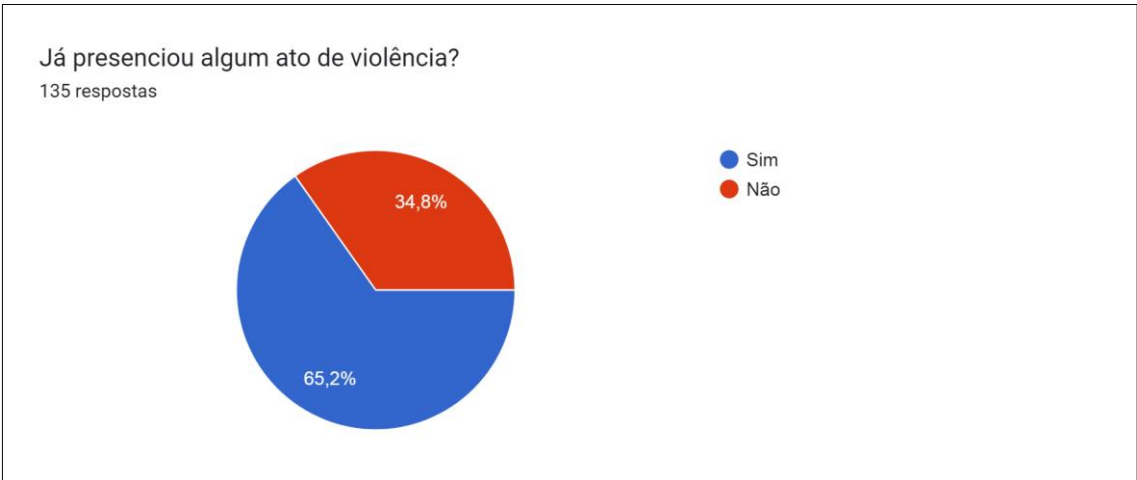
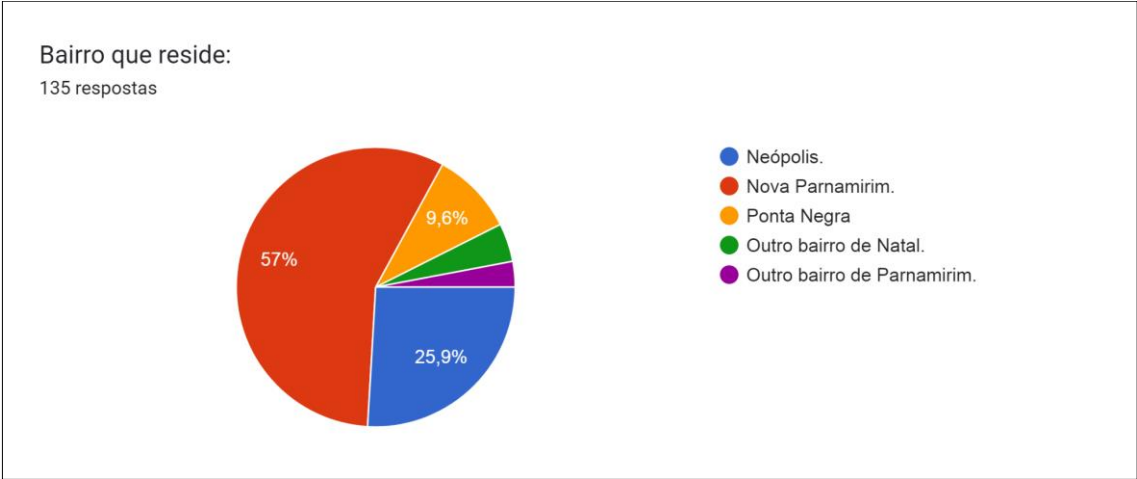


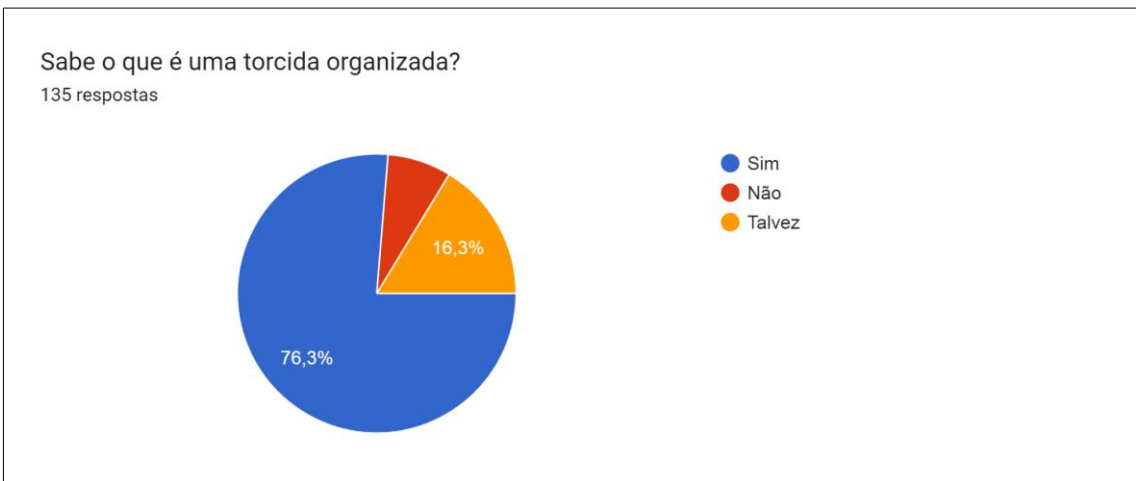
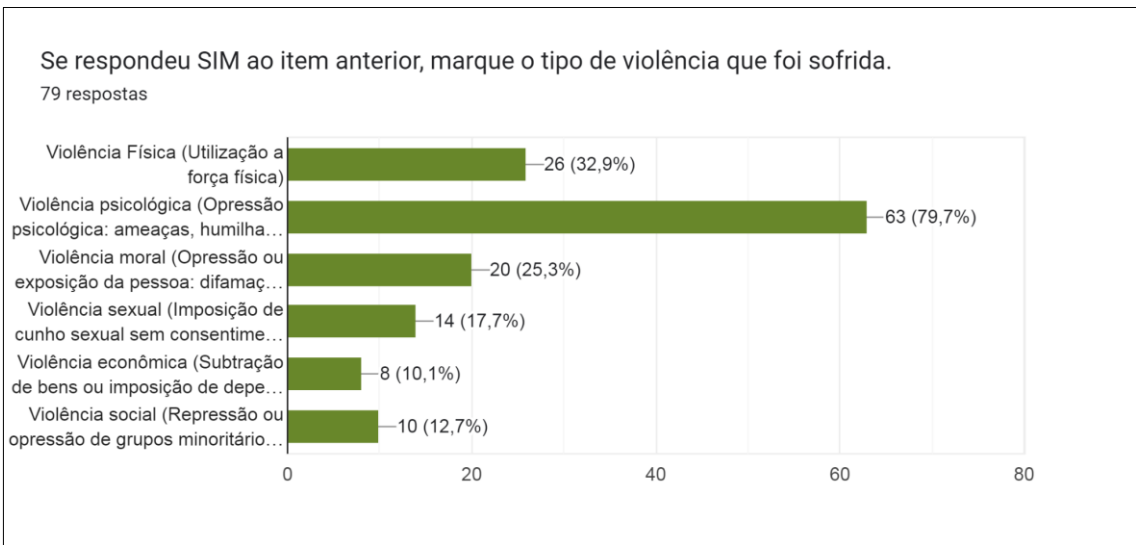
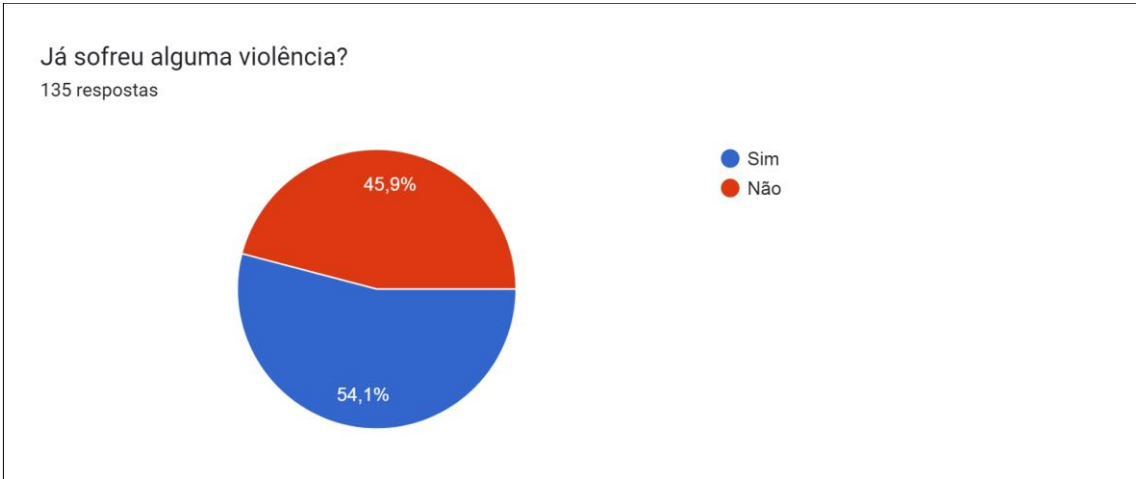


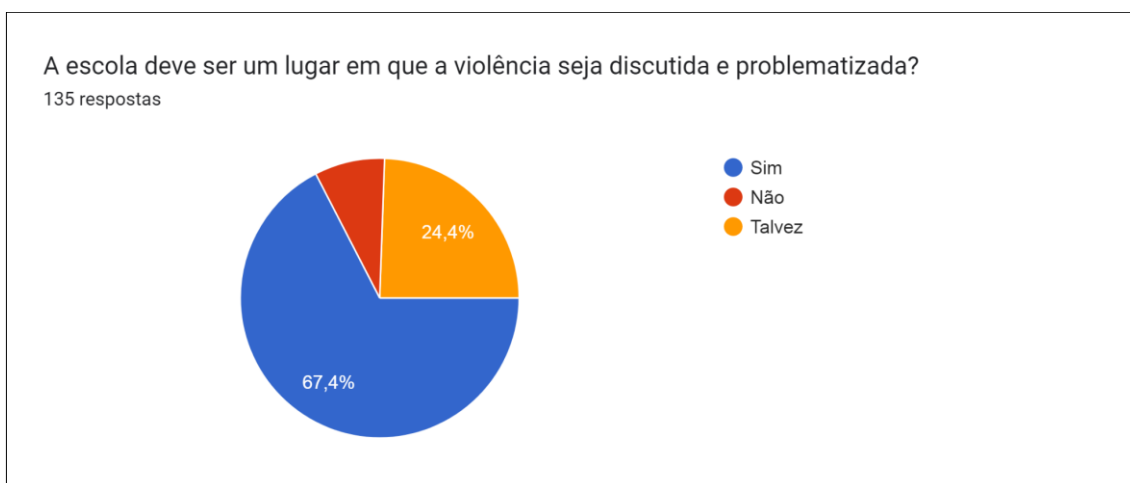
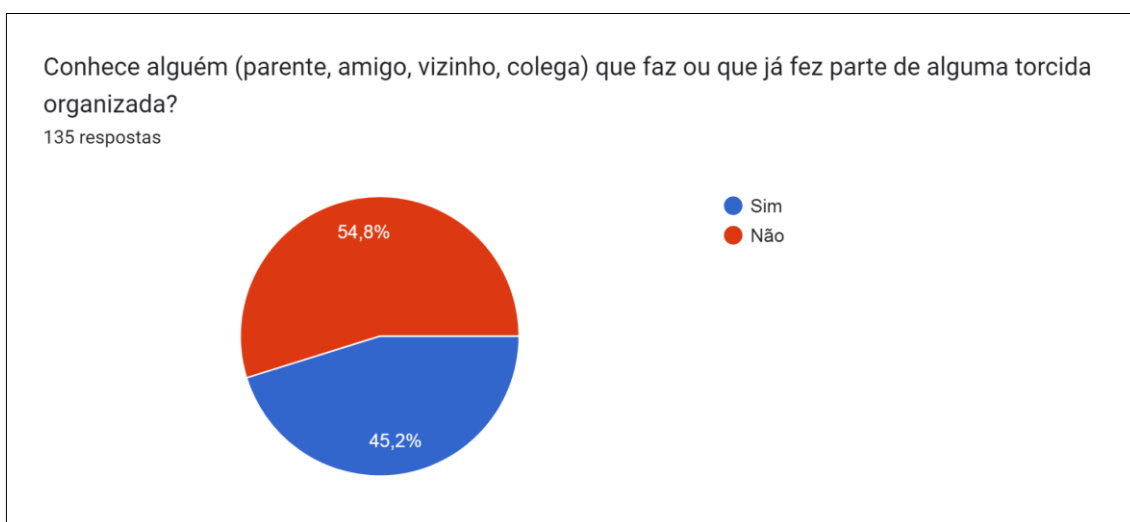
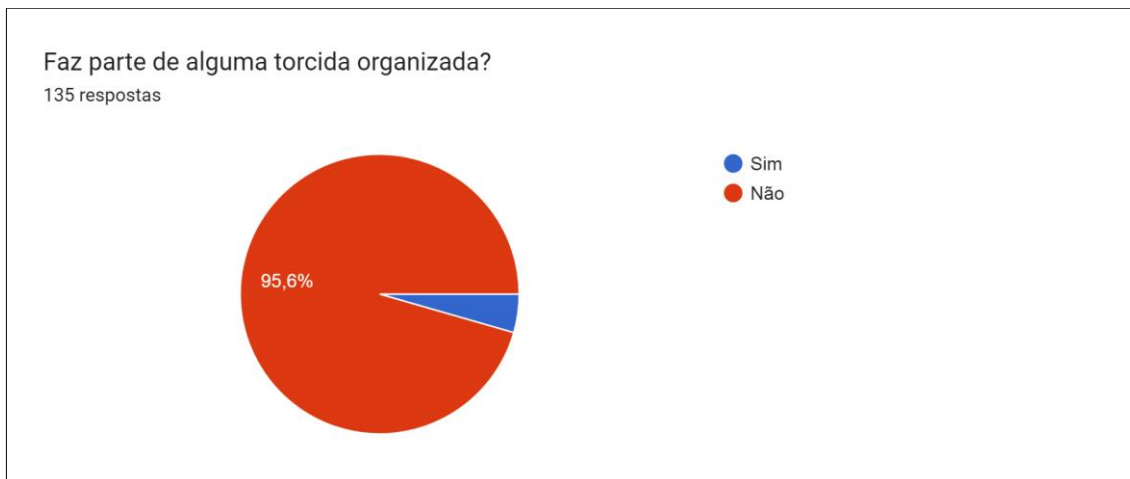
Imagem 30 – Gráficos com pesquisa realizada em 2021 no Berilo Wanderley



Seguem os resultados obtidos em 2022 após a pesquisa ser realizada com 135 alunos do turno vespertino.







Se respondeu sim ao item anterior, argumente como a escola pode ajudar no combate a violência.

Imagem 31 – Gráficos com pesquisa realizada em 2022

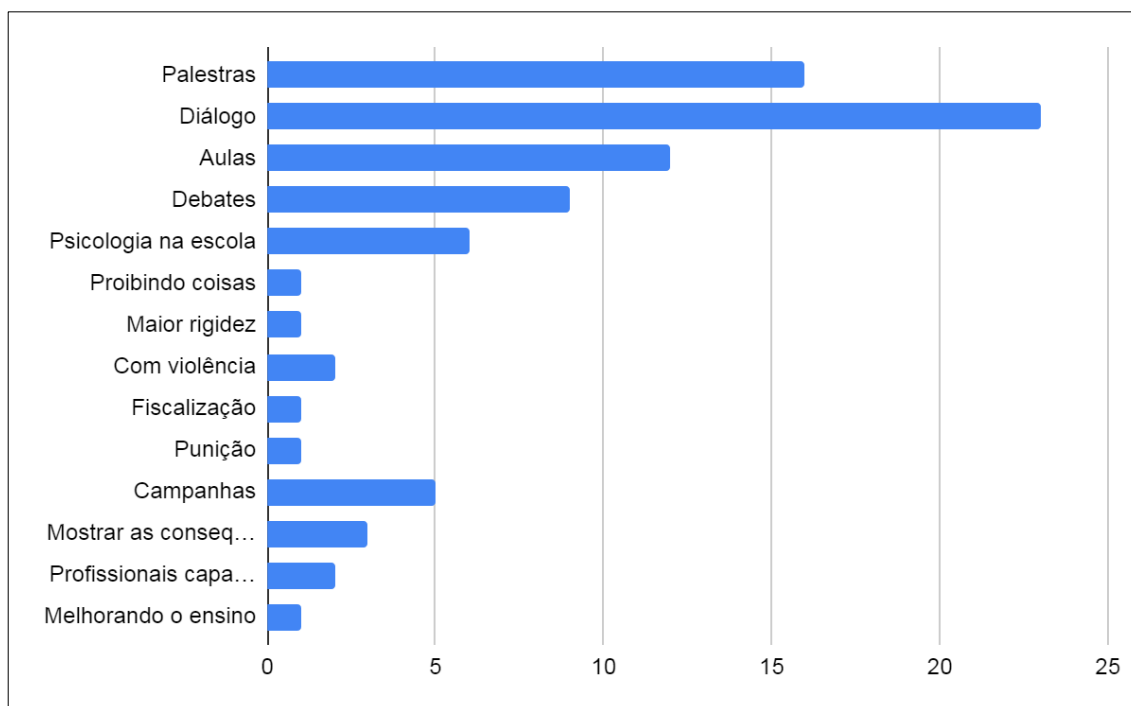
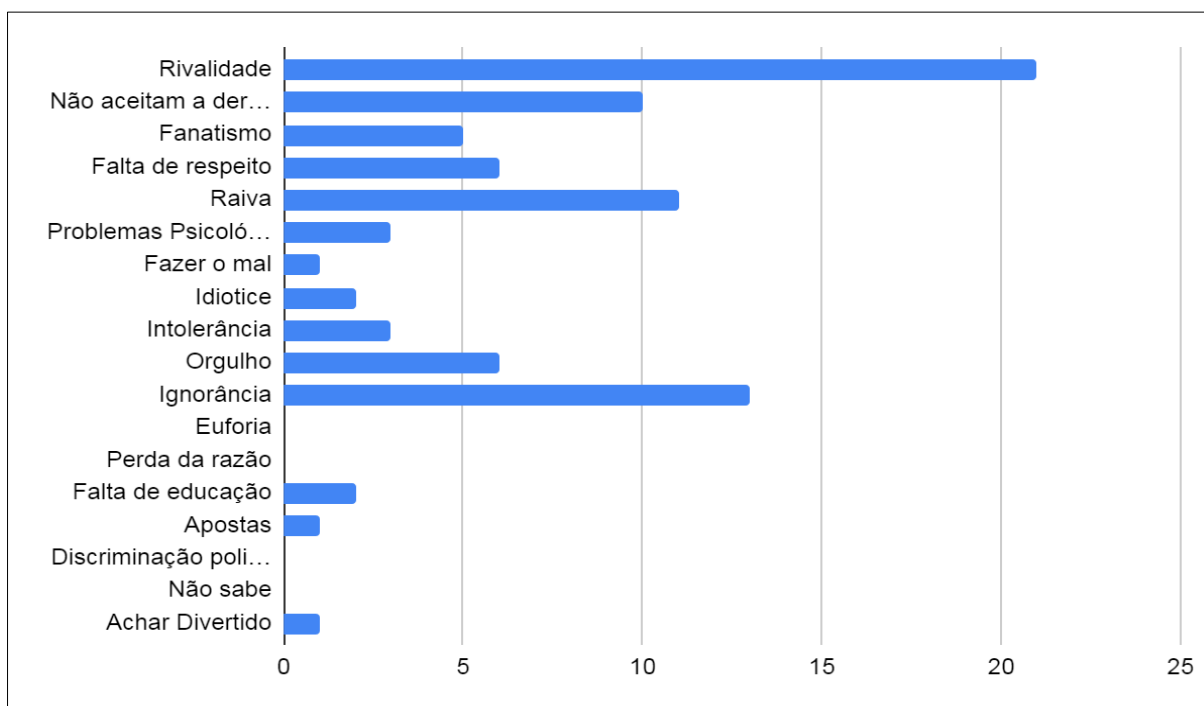


Imagem 32 – Gráficos com pesquisa realizada em 2022 no Berilo Wanderley

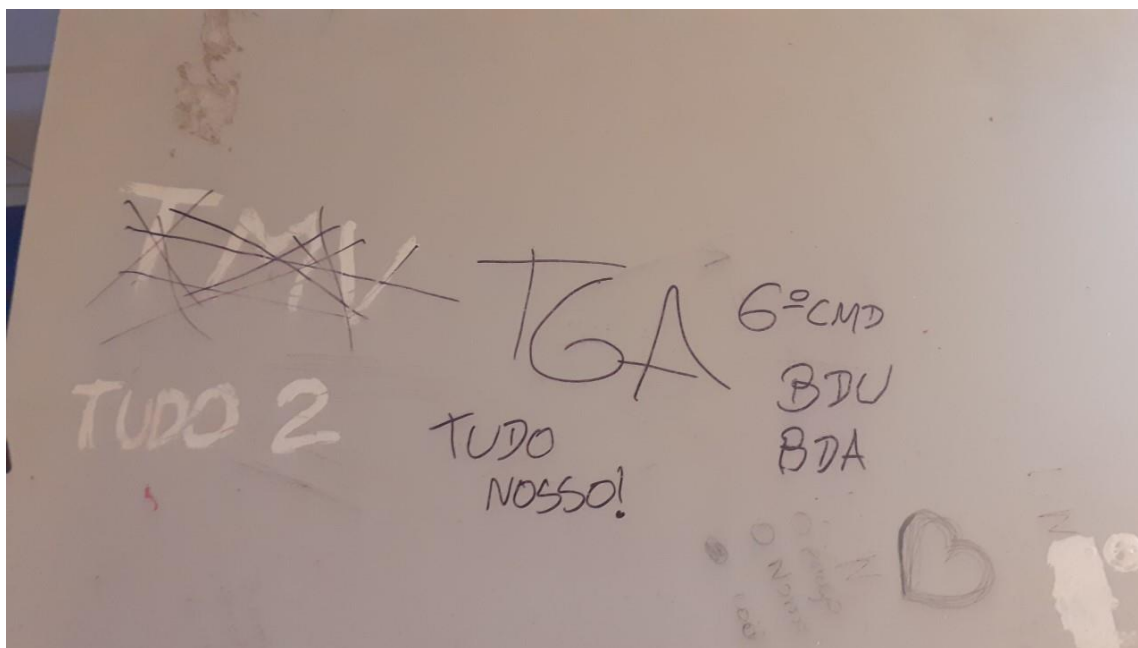


Os resultados obtidos em 2021 e 2022 se assemelham bastante aos encontrados na pesquisa realizada em 2020. O destaque da pesquisa de 2022 vai para a quantificação da violência presenciada e vivida pelos jovens alunos, bem como a visão que eles possuem de combate à violência. No tocante à quantificação da violência vivida e presenciada, destacam-se a violência física e a violência psicológica. No que diz respeito à forma como esses jovens

enxergam o papel da escola no combate à violência, destacamos que na visão deles as palestras, os debates com aulas temáticas, bem como a presença de profissionais da Psicologia na escola, podem ser eficazes para uma maior conscientização e prevenção da violência.

Outro fator que destaco após as três pesquisas realizadas nos anos de 2020, 2021 e 2022 é como as torcidas organizadas estão presentes no cotidiano e imaginário de parte desses adolescentes. Se em 2020 52,3% disseram conhecer alguém que seja integrante de uma dessas torcidas, em 2021 e 2022 o resultado obtido foi bem semelhante, aparecendo 53,2% e 45,2%, respectivamente. Se em 2020 nenhum entrevistado se declarou pertencente a uma torcida, nas últimas pesquisas verifiquei que 3,2% em 2021 e 4,4% em 2022 se declararam pertencer a uma das torcidas organizadas. Esses dados confirmam a observação cotidiana na escola da presença desses jovens torcedores, através do uso de alguns utensílios, como pulseiras e adesivos, haja visto que é proibido o uso de camisas de times de futebol na escola, cantando músicas referentes a essas agremiações, bem como o aparecimento de pichações nas carteiras, portas, paredes e banheiros.

Imagem 33 – Foto tirada no dia 20/07/2022 de uma carteira da sala de aula no Berilo Wanderley



Fonte: Acervo do autor.

Imagem 34— Foto tirada no dia 31/08/2022 da porta da sala de aula no Berilo Wanderley



Fonte: Acervo do autor.

O segundo encontro terá como foco o debate sobre a formação das torcidas organizadas a nível nacional e local. Será explorado como surgiram as primeiras torcidas e seus respectivos objetivos. Discutiremos desde o surgimento das torcidas organizadas nas décadas de 1930 e 1940, principalmente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Nesse sentido, a princípio as torcidas, incentivadas pelo jornalista Mário Filho:

eram uma união de fãs de um mesmo clube. Não existiam inimigos, mas adversários superados pela festa das bandeiras e da animação das batucadas, de modo que o objetivo da torcida era o de incentivar o clube (TARCYANE, 2004, p.78).

Os alunos deverão perceber que as ditas torcidas organizadas, que na maioria das vezes são as únicas responsabilizadas como as principais causadoras da violência no futebol, são muito antigas e que surgiram com o objetivo de tornar as festas nos estádios mais belas e de incentivar incondicionalmente os seus clubes. Nesse encontro será utilizado o Powerpoint para a projeção de imagens e vídeos na sala de informática. Será realizada uma análise de trechos de bibliografia especializada sobre a origem das torcidas, como também de trechos do documentário “Territórios do Torcer” (28 minutos), produzido pela equipe do Núcleo de Audiovisual do CPDOC com os depoimentos de líderes de torcidas organizadas da cidade de São Paulo. Ao final, deverão produzir mapas mentais utilizando algumas ferramentas digitais, como o Canva e o Goconqr, a partir das problematizações norteadoras: “O que são as torcidas organizadas? Como surgiram e quais seus objetivos?”. Nesse sentido, vale ressaltar que a sala de aula, que até pouco tempo se resumia ao giz e ao quadro branco, deve ser repensada a partir da utilização de novas mídias e do papel criador que o discente deve exercer nessa nova realidade, pois o aluno é o fator pessoal decisivo na situação escolar; em função dele giram as atividades escolares, para orientá-lo e incentivá-lo na sua educação e na sua aprendizagem, tendo em vista desenvolver-lhe a inteligência e formar-lhe o caráter e a personalidade (LIBÂNEO, 2011, p. 66).

O terceiro encontro foi norteado pela seguinte problematização: a violência está no futebol ou a violência no futebol é um reflexo dos problemas sociais? O caminho adotado foi o de analisar a violência no futebol em outras realidades temporais e espaciais. Os grupos irão receber reportagens alusivas às temáticas propostas. Discutiremos a questão da violência no futebol através de reportagens e vídeos sobre os problemas enfrentados na Escócia, Inglaterra e Sérvia, podendo assim dialogar com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), Segunda Guerra Mundial (1939-1945), Guerra Fria (1945-1991), Guerra nos Balcãs (1991-1995) e até sobre a tão longínqua Reforma Protestante no século XVI. Ao final da análise, os discentes deverão responder os seguintes questionamentos a serem preenchidos via Google Formulários: quais fontes históricas foram utilizadas na aula? Data, jornal/site, quem escreveu e quando foi publicado? De forma geral, o que explica a violência entre os torcedores nesses locais específicos? Nesse encontro, devemos desnaturalizar a violência no esporte, mostrando a rivalidade religiosa existente na Escócia, a rivalidade étnica na ex-Iugoslávia e a relação dos problemas socioeconômicos e a ascensão dos *hooligans* na Inglaterra. Com isso, demonstraremos que a violência no futebol não está ligada a uma simples rivalidade existente no esporte ou por causa do resultado de uma partida, mas está inserida em contextos específicos

e complexos e possui historicidade. O segundo e o terceiro encontro estão inseridos num contexto de aprofundamento e reflexão sobre o tema, tal como preconiza Vera Candau (1999)

O quarto encontro terá como problemática: *Torcidas organizadas: das festas organizadas à violência recorrente?* A partir dessa proposta, os alunos deverão analisar fontes históricas e responder algumas questões específicas. Os alunos serão divididos em 7 grupos e será realizada uma análise de alguns documentos sobre a realidade local envolvendo as torcidas organizadas. Cada grupo receberá um envelope, numerado de 1 a 7. Cada envelope vai conter as fontes que serão analisadas, bem como as perguntas que nortearão o processo de análise. O grupo 1 ficará com trechos do texto “Xarias e Canguleiros” e deverá responder às seguintes questões: Quem é o autor do texto? A que período ou períodos o autor se refere? Quem são os xarias e canguleiros? A que rivalidade o autor se refere no trecho? Os grupos 2, 3 e 4 ficarão com trechos de algumas matérias de jornais do período entre 1948 e 1989 e textos sobre a fundação da “Gang Alvinegra” e de depoimentos dos fundadores da “Máfia Vermelha” e deverão responder às seguintes questões: Como a expressão “torcida organizada” aparece nas matérias? Quando surgiram as primeiras torcidas organizadas na cidade de Natal? Quais papéis eram desempenhados pelas torcidas organizadas nesse período? Há registros de violência ou conflitos entre torcedores no período citado ou uma preocupação das autoridades no que diz respeito à segurança dos torcedores? Justifique. Quando as maiores torcidas que existem atualmente foram fundadas? Com quais objetivos essas torcidas foram fundadas? Os grupos 5 e 6 ficarão com trechos de matérias sobre a violência das torcidas organizadas envolvendo escolas da capital e deverão responder às seguintes questões: O que explica a violência envolvendo estudantes de algumas escolas da capital? Qual a repercussão na mídia sobre a violência envolvendo estudantes de escolas de Natal? O grupo 7 ficará com um documento produzido pelo professor, que é uma linha do tempo traçando os homicídios possivelmente relacionados à violência envolvendo as torcidas organizadas natalenses que foram publicados nos jornais e mídia local. Esse grupo deverá revelar o perfil dos jovens que perderam suas vidas por assassinatos possivelmente motivados pela rivalidade entre as torcidas organizadas no que se refere ao sexo, idade e local do homicídio. Sobre o local do ocorrido, o grupo receberá um mapa da cidade do Natal para irem marcando os lugares em que esses eventos aconteceram.

5.4 Resultados Esperados

Ao longo dos cinco encontros da oficina, os discentes devem desenvolver habilidades historiadoras, como o da análise e crítica de fontes históricas escritas e audiovisuais, formular

hipóteses sobre a violência no futebol e propor soluções de combate à violência, bem como perceber as mudanças e permanências comportamentais do torcedor ao longo do tempo trabalhado.

Na culminância das atividades propostas para o último encontro, os alunos devem ser convidados a pensar em ações cotidianas concretas (além das citadas nos encontros) de combate à violência e intolerância, bem como fomentar uma cultura de paz na cidade do Natal e região metropolitana através da produção de cartazes a serem divulgados e compartilhados na escola. Deverão responder uma atividade avaliativa via Google Formulários com o objetivo de aferir se ao final da sequência didática conseguiram compreender que a violência entre os jovens torcedores é um fenômeno social e historicamente construído. O Google Formulários será projetado num modelo “gamificado”, ou seja, apresentará desafios que deverão aferir o conhecimento trabalhado na oficina, bem como os valores humanos para o desenvolvimento de uma cultura de paz. Se os valores forem atingidos, os alunos continuarão até o final do jogo. Aqueles que por ventura não conseguirem atingir, retornarão para o início do jogo. Essa proposta de um Google Formulários gamificado não é algo que requer uma superprodução, mas que precisa de uma formação básica. Durante a pandemia participei de alguns cursos de formação continuada. Um desses cursos foi o de Professor Gamificado, onde tive acesso às diretrizes básicas para deixar um formulário gamificado. Na dissertação de Elton Frias Zanoni, como o título “*Gamificação, Aprendizagem e Ensino de História: Construção de Estratégias Didáticas com Ferramentas Online*”, apresentada na Universidade do Estado de Santa Catarina, a gamificação é o fechamento do processo e o item que o autor considera ter maior potencial para envolver os alunos. Conforme aponta Morán (2015, p. 18):

Os jogos e as aulas roteirizadas com a linguagem de jogos cada vez estão mais presentes no cotidiano escolar. Para gerações acostumadas a jogar, a linguagem de desafios, recompensas, de competição e cooperação é atraente e fácil de perceber. Os jogos colaborativos e individuais, de competição e colaboração, de estratégia, com etapas e habilidades bem definidas se tornam cada vez mais presentes nas diversas áreas de conhecimento e níveis de ensino¹³¹.

Os alunos deverão perceber que em Natal e região metropolitana a violência sistemática, organizada e premeditada envolvendo as torcidas é uma prática recente, inclusive resultado dos desdobramentos nacionais. Mas que percebam também que em Natal as torcidas organizadas surgiram na segunda metade da década de 1970 e que havia relatos nos jornais locais sobre comportamentos violentos nos estádios natalenses. É interessante que percebam também como

¹³¹ Zanoni, 2016.

a expressão “torcida organizada” aparecia nos jornais e se houve alguma mudança nessa abordagem ao longo do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta dissertação, tive como maior objetivo demonstrar a viabilidade do uso do futebol como instrumento pedagógico nas aulas de História visando promover discussões referentes à violência entre as torcidas organizadas na cidade do Natal e região metropolitana.

Um fato importante a ser elencado na produção desta dissertação é a proximidade dos alunos à proposta trabalhada, pois conhecem pessoas que são integrantes de torcidas organizadas, alguns até fazem parte, bem como um número significativo de alunos que já presenciaram ou já sofreram algum tipo de violência. Além disso, o público-alvo, ou seja, os alunos que participaram das oficinas, são considerados vulneráveis à violência trabalhada nessa proposta pedagógica, pois, através de dados apresentados por alguns autores, fica constatado que aqueles que praticam atos de violência relacionados às torcidas organizadas em sua maioria estão com idades entre 15 e 25 anos.

A produção não tem o objetivo de criminalizar a existência das torcidas organizadas. Reconhecemos que a existência de tais agremiações são importantes, principalmente envolvendo questões sociais, pois muitos jovens acabam sendo acolhidos pelas instituições e seus membros e começam a vivenciar muitas experiências e fazer parte de um grupo que os aceita. No entanto, a produção apresenta que a violência envolvendo as torcidas organizadas não é fruto de uma rivalidade irracional e está inserida dentro de contextos históricos específicos, dependendo do lugar e do tempo no qual estão inseridas.

Ao longo da produção, busquei desnaturalizar a violência envolvendo as torcidas organizadas, além de historicizar os fatos ocorridos com uma ampla documentação e transformar os dados obtidos numa oficina pedagógica a ser realizada em turmas do ensino médio da Escola Estadual Berilo Wanderley. Afastei as causas dessas práticas violentas de questões naturais e elenquei vários motivos que nos ajudam a entender esse complexo problema social. São citados um certo esvaziamento de consciência coletiva por parte dos jovens, o modelo de sociedade individual e até a ideia de se sentir prazer e excitação com essas práticas violentas. Dunning, Murphy e Williams, descreve que a violência envolvendo os jovens torcedores são gerados a partir de explosões descivilizadoras, que seria a não incorporação de valores e modos civilizados pelos segmentos rudes da sociedade. Tais segmentos, chamados de rudes, seriam as camadas mais populares. No entanto, o que explica a explosão dessas práticas de violência nas camadas médias e mais altas da sociedade? Quando essas práticas violentas envolvendo as torcidas organizadas tornaram-se rotina nas escolas natalenses, houve de

imediatas mobilizações para que houvesse encontros e palestras nas escolas particulares, com autoridades da área de segurança para se conter essa “ameaça”. Quando indagados o porquê desses jovens estarem envolvidos em práticas violentas, foram mencionados fatores como desestruturação familiar e o poder que as redes sociais tinham de alimentar essas “rivalidades”. Quando se mencionavam as questões envolvendo a violência das torcidas nas escolas públicas ou a violência envolvendo os jovens torcedores nas periferias, o discurso se modificava e foram citados outros tipos de problemas sociais, como a associação ao tráfico de drogas, a gangues juvenis que praticam delitos e a violência familiar.

Esta dissertação encerra a primeira parte de uma longa pesquisa. A gestação deste trabalho não remete apenas ao Mestrado Profissional em Ensino de História, no qual ingressei no ano de 2020, mas às pesquisas que desenvolvo desde o final da minha graduação, entre 2009 e 2010. A gestação deste trabalho também está relacionada com todas as vezes que trabalhei a temática do futebol e da violência em sala de aula, bem como às formações extras de que participei ao longo desses anos e que possuem relação direta com esta produção.

Encerrar um primeiro objetivo com esta temática me dá um certo alívio, pois escrevo sobre algo que sempre desejei escrever, mas principalmente por ser inserido em uma proposta pedagógica na qual procuro promover entre os jovens uma cultura de paz e o respeito à diversidade. Mas também me impõe novos objetivos a serem conquistados. Pretendo transformar esta proposta em livro e continuar minha pesquisa num possível doutorado. Concluir este trabalho não é como colocar um ponto final e partir para uma nova história, mas a certeza de que posso aprofundar ainda mais alguns itens que não pude enfrentar de maneira mais efetiva nesta produção. Gostaria de aprofundar e analisar ainda mais o papel que a mídia atribui e atribuiu ao longo do tempo às torcidas organizadas. Também tenho o desejo de produzir um registro de memória com os fundadores das primeiras torcidas organizadas do Rio Grande do Norte, em que eles dariam seus depoimentos sobre como surgiram tais instituições e seus objetivos.

REFERÊNCIAS

ABRAHIM, Tárík de Almeida. **Na cara do gol: usos e potencialidades pedagógicas da História do Futebol para o Ensino de História**. UERJ – 2018. 159f.

AGUILERA TORO, Camilo. **O espectador como espetáculo: notícias das Torcidas Organizadas na Folha de S. Paulo (1970-2004)**. Campinas, SP: [s.n], 2004.

ALABARCES, Pablo. **Futbologías: Fútbol, identidade y violencia em América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

ALVITO, Marcos. **Os hooligans e a grande crise do futebol inglês**. Ludopédio, São Paulo, v. 39, n. 6, 2012.

ANDRADE, Marcelo. A banalidade do mal e as possibilidades da educação moral. In: **Revista Brasileira de Educação PUC/RJ**, 2010, v. 15. n. 43. jun/abr. p. 109 125. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbedu/v15n43/a08v15n43.pdf>.

ARENDRT, Hannah. **Da violência**. Livro digitalizado em 2004. Disponível em: [pavio.net/download/textos/ARENDRT,% 20Da% 20Violência.pdf](http://pavio.net/download/textos/ARENDRT,%20Da%20Violência.pdf)> pdf>.

BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Consulta Pública. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

CANALE, Vitor dos Santos. **Torcidas organizadas e seus jovens torcedores: diversidades e normativas do torcer**. Campinas, SP: [s.n], 2012.

CAVALCANTI, Everton Albuquerque; SOUZA, Juliano de; CAPRARO, André Mendes. O fenômeno das torcidas organizadas de futebol no Brasil – elementos teóricos e bibliográficos. **Revista da ALESDE**. Curitiba, v. 3, n. 1, p. 39-51, 2013.

COELHO, Matheus Antunes. **A construção de identidades: futebol, espaço e sociedade**, UFF, 2016.

COSTA, Jane Cristina Guedes da. **Violência nas escolas: um novo olhar ante as relações sociais**. 2007. 117 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social, Formação Profissional, Trabalho e Proteção Social; Serviço Social, Cultura e Relação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

DA CUNHA, Fábio Aires. **Torcidas no futebol: espetáculo ou vandalismo?** São Paulo: Scortecci, 2006.

DE TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

DOUGAN, Andy. **Futebol e Guerra: resistência, triunfo e tragédia do Dínamo na Kiev ocupada pelos nazistas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

DUPRET, L. Cultura de Paz e ações socioeducativas: desafios para a escola contemporânea. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 6, n.1. Campinas, jun. 2002.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GRABIA, Gustavo. **La doce: a explosiva história da torcida organizada mais temida do mundo**. São Paulo: Panda Books; 2012.

GROSSMAN, J. **Violência e silêncio: reescrevendo o futuro**.
<https://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=19&path%5B%5D=14>

GULLO, Álvaro de Aquino e Silva. **Violência urbana: um problema social**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 10(1): 105-119, maio de 1998.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

HOFFMAN, Gustavo. **Quando o futebol não é apenas um jogo**. Rio de Janeiro: Via Escrita, 2014.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de.; AGUILAR, Onésimo Rodriguez. **Torcidas organizadas na América Latina: estudos contemporâneos**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de.; MALAIA, João M. C., DE TOLEDO; MELO, Luiz Henrique de.; ANDRADE, Victor. **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **Torcidas Organizadas de Futebol: entre memória e história**. X Encontro Nacional de História Oral – Testemunhos: História e Política, UFPE, 2010.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. A voz da torcida: Biografia, História Oral e Memória nos relatos de antigas lideranças torcedoras. Aurora: **Revista de Arte, Mídia e Política**. PUCSP. Aurora, 9: 2010

JARY, Marcus. Futebol, sociabilidade e psicologia de massas: ritos, símbolos e violência nas ruas de Goiânia. **Revista UFG**, 2006.

LA INVENCIÓN DE LA VIOLENCIA (DE LAS HINCHADAS DE BUENOS AIRES). Antipod. **Rev. Antropol. Arqueol**, n. 24, Bogotá, enero-abril 2016, ISSN 1900-5407 eISSN 2011-4273, pp. 15-33 doi: <http://dx.doi.org/10.7440/antipoda24.2016.02>.

LOPES, Felipe Tavares Paes. Dimensões ideológicas do debate público acerca da violência no futebol brasileiro. **Rev. bras. educ. fís. esporte** [online]. 2013, vol. 27, n. 4, pp.597-612. ISSN 1807-5509.

MAFFESOLI, Michel. **A violência totalitária: ensaio de antropologia política**. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A, 1981.

MARINHO, Márcia Maria Fonseca. **Natal também civiliza-se: sociabilidade, lazer e esporte na Belle Epoque natalense (1900-1930)**. / Márcia Maria Fonseca Marinho. – UFRN – Natal, RN: [s.n], 2008.

MELO, Veríssimo de. **Xárias e canguleiros**. Natal: EDUFRN, 2019.

MURAD, Mauricio. **A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: FGV; 2007.

MURAD, Mauricio. **A violência no futebol**. São Paulo: Saraiva; 2012.

MURAD, Maurício. Práticas de violência e mortes de torcedores no futebol brasileiro. **REVISTA USP**, São Paulo, n. 99, p. 139-152, setembro/outubro/novembro, 2013.

NARDO, Tim. **Violência no futebol**. São Paulo: Scortecci, 2006.

OLIVEIRA, João Paulo Gama; MANKE, Lisiane Sias; SANTOS, Magno Francisco de Jesus. **Histórias do ensino de História: projetos de nação, materiais didáticos e trajetórias docentes**. EDUPE, 1ª ed. Recife, 2016.

OLIVEIRA, J. R.; VARGAS, P. P. I. ; CAPRARO, A. M. & Zaniol, G. E. (2020). Narrativas de Torcedores Organizados Praticantes de Artes Marciais acerca da Violência no Futebol Paranaense. **LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer**, 23(2), 386–418.

PALHARES, MFS. and SCHWARTZ; GM. Sobre os autores. In: **Não é só a torcida organizada: o que os torcedores organizados têm a dizer sobre a violência no futebol?** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 129. ISBN 978-85-7983-742-5. SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PEREIRA, Ana Carolina Reis. **História oral de vida de professores: direitos humanos, justiça restaurativa e violência escolar**. / Ana Carolina Reis. – UNICAMP – 2018.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Violência entre torcidas organizadas de futebol**. São Paulo, Perspec. [online]. 2000, vol.14, n. 2, pp.122-128. ISSN 1806-9452. <https://doi.org/10.1590/S0102-88392000000200015>.

PINHEIRO, Caio Lucas Morais. Além do Objeto: Métodos e fontes no estudo da violência no futebol. **Histórias e Culturas: História e Culturas**, v. 4, n. 8, jul. – dez. 2016. **História e Culturas**, v. 4, n. 8, jul. – dez. 2016.

PINHEIRO, Caio Lucas Morais. **Entre charangas e torcidas organizadas: trajetórias e transformações nas torcidas de futebol em Fortaleza (1965-1993)**. 2016. 111 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional em 2016) - Universidade Estadual do Ceará, 2016.

PINHEIRO, Caio Lucas Morais. **As Ondas (que) se movem (n)o mar das torcidas: das charangas à guinada antifascista na Ultras Resistência Coral (1950-2020)**. UFRGS. Porto Alegre, RS: [s.n.], 2020.

PRIORE, Mary del; MELO, Victor Andrade de (Org.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Unesp, 2009.

PRIORE, Mary del; MULLER, Angélica. **História dos crimes e da violência no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

RAMOS, Roberto. **Futebol: ideologia do poder**. Petrópolis: Vozes, 1984.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e sociedade: as manifestações da torcida**. Campinas, SP: [s.n.], 1998.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. ESCHER; Thiago de Aragão. **Futebol e sociedade**. Brasília: Liber Livros, 2006.

REIS, Heloisa Helena. **Futebol e violência**. Campinas: Autores Associados, 2006.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos; LOPES Felipe Tavares Paes; MARTINS, Mariana Zuaneti. As explicações de Eric Dunning sobre o hooliganismo à luz do contexto brasileiro: uma reflexão crítica. **Movimento** (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, p. 617-632, mar. 2015. ISSN 1982-8918. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/48189/39194>>. Acesso em: 20 nov. 2020. doi:<https://doi.org/10.22456/1982-8918.48189>.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos; LOPES, Felipe Tavares Paes. O torcedor por detrás do rótulo: caracterização e percepção da violência de jovens torcedores organizados. **Movimento**, vol. 22, n. 3, julio-septiembre, 2016, pp. 693-705, Escola de Educação Física Rio Grande do Sul, Brasil.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos; LOPES Felipe Tavares Paes; MARTINS, Mariana Zuaneti. As explicações de Eric Dunning sobre o hooliganismo à luz do contexto brasileiro: uma reflexão crítica. **Movimento** (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, p. 617-632, mar. 2015. ISSN 1982-8918. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/48189/39194>>. Acesso em: 20 nov. 2020. doi:<https://doi.org/10.22456/1982-8918.48189>.

RIBEIRO, Léo Barbosa. **Futebol e Ditadura: o futebol como recurso pedagógico no estudo da ditadura civil-militar em sala de aula**. 2018. 101f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

SANTOS, Tarcyane Cajueiro. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas**. São Paulo: Annablume, 2004.

SOUZA, Adriano Lopes de. **Alianças entre torcidas organizadas: análise a partir da união estabelecida entre a Torcida Organizada Galoucura, a Mancha Alviverde e a Força Jovem**. [manuscrito] /Adriano Lopes de Souza – UFMG - 2018.

SOUZA, Pablo Eduardo da Rocha. **O campo e o jogo: uma história do estádio Castelão (1963-1991)**. Pablo Eduardo da Rocha Souza. – UFRN – Natal, RN: [s.n], 2012.

TAVARES, Frederico Augusto Luna. **No tempo dos brotos: juventude e diversão em Petrópolis e no Tirol (1945-1960)**/ Frederico Augusto Luna Tavares. – UFRN – Natal, RN: [s.n], 2011.

VEIRA, Ricardo Alexandre Guerra; SIQUEIRA, Gisela Rocha de. Violência entre torcidas nos estádios de futebol: uma questão de Saúde Pública. **Saúde soc.** vol.17, n. 3, São Paulo, July/Sept. 2008 <https://doi.org/10.1590/S0104-12902008000300007>

ZAGO, Mainnã. **Bola rolando:** elaboração e execução da oficina de História "Futebol no Estado Novo". Mainnã Zago. – UNIRIO – Rio de Janeiro, RN: [s.n], 2019.

ZANONI, Elton Frias. **Gamificação, aprendizagem e ensino de História:** construção de estratégias didáticas com ferramentas online. 2016. 151f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

ANEXOS



A violência entre as torcidas organizadas na cidade do Natal e região metropolitana e o seu uso pedagógico nas aulas de História

Ensino de História – Violência – Torcidas Organizadas - Natal - Rio Grande do Norte

Thiago Morais Bezerra

Sebastião Leal Ferreira Vargas Netto

OFICINA – A violência entre as torcidas organizadas na cidade do Natal e região metropolitana e o seu uso pedagógico nas aulas de História

Ensino Médio

1ª série / 2ª série / 3ª série

Objetivos Gerais

Desenvolver nos alunos a compreensão de que a violência entre as torcidas organizadas é um problema social, para além de um estádio de futebol e historicamente construída.

Objetivos Específicos

. Investigar a relação das torcidas organizadas com a violência no futebol natalense e região metropolitana;

. Desenvolver habilidades historiadoras e atitudinais nos discentes;

. Refletir sobre as diversas formas de violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os direitos humanos, com o propósito de se desenvolver uma cultura de paz.

Os objetivos propostos nessa sequência didática estão ancorados em algumas competências previstas na BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Para se alcançar tais competências, elaboramos uma série de atividades baseadas nas habilidades que compõem as competências selecionadas. Seguem as competências e habilidades que nortearão a oficina:

Competência Específica 1

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.

➤ Habilidades

(EM13CHS101) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos,

com base na sistematização de dados e informações de natureza qualitativa e quantitativa (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos, gráficos, mapas, tabelas etc.).

Competência Específica 5

Reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

➤ Habilidades

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana (estilos de vida, valores, condutas etc.), desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade e preconceito, e propor ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às escolhas individuais.

(EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas causas, significados e usos políticos, sociais e culturais, avaliando e propondo mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.

Competência Específica 6

➤ Habilidades

Participar, pessoal e coletivamente, do debate público de forma consciente e qualificada, respeitando diferentes posições, com vistas a possibilitar escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

(EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, para fundamentar a crítica à desigualdade entre indivíduos, grupos e sociedades e propor ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência dos jovens.

I. Informações da oficina

O que o aluno poderá aprender com esta aula – compreender que a violência urbana é um problema social e historicamente construído, além do desenvolvimento de habilidades historiadoras.

Duração das atividades – 05 aulas de 50 minutos.

Conhecimentos prévios trabalhados pelo professor – dominar o conceito de violência.

II. Estratégias e recursos das aulas

Encontro 1 – A violência que nos cerca

Pesquisa a ser respondida via Google Formulários com o objetivo de aproximação da realidade e sensibilização do aluno ao tema proposto na oficina;

As perguntas que os alunos deverão responder são as seguintes:

- 1) Bairro em que reside?
 - 2) Gênero Sexual?
 - 3) Já presenciou algum ato de violência? Se respondeu sim ao item anterior, marque o tipo de violência que foi presenciada (violência física, violência psicológica, violência moral, violência sexual, violência econômica e violência social)
 - 4) Já sofreu alguma violência? Se respondeu sim ao item anterior, marque o tipo de violência que foi presenciada (violência física, violência psicológica, violência moral, violência sexual, violência econômica e violência social)
 - 5) Já cometeu algum ato de violência?
 - 6) Gosta de futebol?
 - 7) Sabe o que é uma torcida organizada?
 - 8) Faz parte de alguma torcida organizada?
 - 9) Conhece alguém (parente, amigo, colega) que faz ou que já fez parte de alguma torcida organizada?
 - 10) A escola deve ser um lugar em que a violência seja discutida e problematizada? Se respondeu sim ao item anterior, argumente como a escola pode ajudar no combate a violência.
- Essas perguntas são acompanhadas por opções “sim” e “não” que deverão ser marcadas. Na última pergunta deixei um espaço para que o aluno possa discorrer de forma sucinta a partir da seguinte indagação:
- 11) Na sua visão, por que um torcedor comete um ato violento contra outro?

Disponível no *QR Code* e em:

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScbY6QCGczd6tv3cua82PdhHeX7XxkJx580uNSvIp4Ff900uA/viewform>





Após esse momento de quantificação e sensibilização, será realizada uma análise de duas matérias sobre a violência na cidade do Natal: *“Por que o Rio Grande do Norte é o pior lugar para ser jovem no Brasil”* da BBC Brasil e *“As 50 cidades mais violentas do mundo em 2017”* da revista Exame, além de dados do Mapa da Violência produzido pelo IPEA entre os anos 1980 e 2017.



Avaliação:

Responder aos seguintes itens a partir da leitura e análise das matérias jornalísticas e dados do IPEA:

- a) Por que a reportagem da BBC considerou o Rio Grande do Norte o pior lugar para ser jovem no Brasil em 2017?
- b) Dentre as 50 cidades consideradas mais violentas no ano de 2017, qual a posição da cidade do Natal? Quais dados foram utilizados para se chegar a essa posição?
- c) Produza um gráfico apontando os dados da violência do IPEA sobre as taxas de homicídios no RN a partir do ano de 2003.

Recursos Educacionais:

Por que o Rio Grande do Norte é o pior lugar para ser jovem no Brasil

Leandro Machado/ Enviado da BBC News Brasil a Natal/ 10 agosto 2019

Há um jovem morto deitado no banco de trás do carro. Foi assassinado com três tiros na cabeça. O veículo, um Palio roubado horas antes, saiu da pista e invadiu um matagal, como se o motorista tivesse perdido o controle da direção. A rua é de paralelepípedo e mal iluminada. Estamos na zona rural de São José de Mipibu, cidade a 31 km de Natal. "Esse aí, se tivesse 20 anos, era muito", diz uma perita.

Já a delegada Andrea Oliveira, responsável pelo plantão noturno, afirma: "E eu achando que ninguém iria morrer essa noite...". De fato, há dias em que ninguém é assassinado na Grande Natal, mas, momentos assim, de relativa paz, ainda são raros no Estado onde mais morrem jovens de forma violenta no Brasil, proporcionalmente.

Recentemente, o Rio Grande do Norte assumiu a posição de Estado mais violento do país. Em 2017, foram 62,8 mortes violentas por 100 mil habitantes, maior índice entre as unidades da federação. É também o local onde essa taxa mais cresceu entre 2006 e o ano retrasado - alta de 320%. Entre as pessoas de 15 a 29 anos, os jovens potiguares também são os que mais morrem em crimes violentos - 152 vítimas para cada 100 mil, crescimento de 482% desde 2006. Como comparação, em São Paulo esse índice é de 18 mortes por 100 mil.

Os dados são do Sistema Único de Saúde (SUS) e foram compilados pelo Atlas da Violência, publicação anual do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Nesse cenário, a polícia potiguar tenta acompanhar a produção em massa de assassinatos. Na noite em que a BBC News Brasil acompanhou uma equipe da delegacia especializada em resolução de homicídios, a região metropolitana de Natal produziu três novas vítimas - todas com menos de 30 anos.

No caso de São José de Mipibu, a morte parece um mistério nos primeiros minutos após o corpo ser encontrado no carro. Como ele foi parar ali? Por quê? Quem matou o jovem?

Enquanto os peritos reviram o veículo e examinam o corpo, a delegada Andrea Oliveira fica sabendo que o carro tinha sido roubado horas antes. "Parece que esse rapaz entrou em uma casa com um comparsa. Os dois roubaram a residência e levaram o carro", relata.

"Será que, depois do assalto, os dois brigaram por causa dos pertences do roubo e um acabou matando o outro?", questiona.

Investigações policiais

Responder quem são os responsáveis pelos assassinatos do Rio Grande do Norte, como no caso do jovem no carro, tem sido uma tarefa árdua para a polícia local e, de certa forma, tem deixado milhares de crimes impunes.

Em 2017, por exemplo, Natal registrou 595 crimes violentos letais intencionais (CVLI, sigla utilizada para classificar homicídios em alguns Estados), segundo dados do governo. Mas, naquele ano, a polícia só enviou 160 inquéritos de assassinatos à Justiça (e os documentos

também podem se referir a casos de anos anteriores). Em tese, são esses inquéritos que apontam os autores de cada crime, mas, na prática, isso nem sempre acontece.

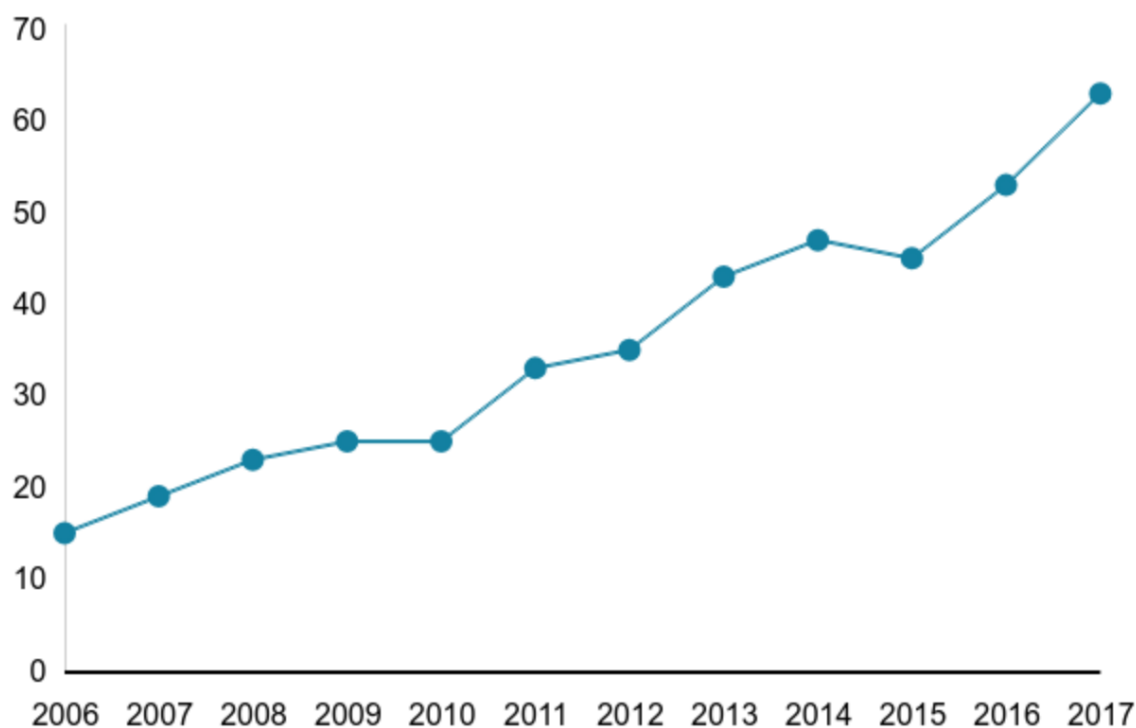
Ou seja, quando essas investigações ficam abertas ou não revelam os responsáveis, os assassinos provavelmente ficarão livres.

Das 160 investigações de homicídios concluídas e remetidas à Justiça em 2017, a polícia só conseguiu elucidar 118 casos (74%). Outros 42 casos (26%) foram finalizados sem determinar a autoria.

Índice de homicídios no Rio Grande do Norte

Estado teve o maior crescimento de assassinatos no país desde 2006

● Taxa de mortes por 100 mil habitantes



Fonte: SUS/Atlas da Violência

BBC

Em 2019, os índices melhoraram, no entanto. De janeiro a julho, o setor especializado em homicídios de Natal já enviou 210 inquéritos ao Judiciário - alta de 19% em relação ao mesmo período do ano passado.

Natal tem dez delegados e 70 agentes para investigar todos os crimes contra a vida. Isso significa que, apenas no ano passado, cada delegado cuidou de 47 casos, em média - sem contar os crimes de anos anteriores.

Em Mossoró, segunda maior cidade do Estado, a situação é ainda mais dramática. São apenas dois delegados e seis agentes para todas as mortes violentas - no ano passado, foram 118 homicídios para cada delegado.

"Quando cada delegacia conclui cinco investigações por mês, a gente até comemora", diz o delegado Julio Costa, chefe do departamento de homicídios do Rio Grande do Norte. "A polícia ainda está estruturando, mas é óbvio que falta pessoal."

Em entrevista à BBC News Brasil, o promotor criminal Ítalo Moreira, que atua em Mossoró, afirma que as falhas na investigação prejudicam a produção de provas. "Como a polícia não se estrutura para melhorar as investigações, não há boas provas. Na maioria dos casos, nós dependemos de depoimentos de testemunhas, o que dificulta a condenação dos responsáveis." Moreira diz que, por falta de provas, já pediu a jurados a absolvição de réus que tinha certeza de serem culpados por mortes violentas. "Isso acontece frequentemente. Se as provas não são boas, mesmo convicto da culpa, não posso pedir a condenação", diz.

De certa forma, a precariedade da polícia potiguar é um reflexo da crise nas contas públicas. Em janeiro, ao assumir o cargo, a governadora Fátima Bezerra (PT) chegou a decretar estado de calamidade financeira diante do atraso no pagamento do salário de servidores - a dívida, na época, era de R\$ 2,6 bilhões. Já o déficit orçamentário chegava a R\$ 1,8 bilhão, segundo o jornal Tribuna do Norte.

De acordo com o governo, a Polícia Civil, responsável por investigar os crimes, trabalha com apenas 27% do efetivo considerado ideal. Já a Polícia Militar, com aposentadorias e falta de concursos públicos para renovar a tropa, também atua com número abaixo do adequado.

Esse crescimento da violência na última década ocorreu durante as gestões de governadores de linhas ideológicas e partidos distintos: Wilma Faria (PSB), Rosalba Ciarlini (DEM) e Robinson Faria (PSD).

Em nota, a gestão petista afirma que, entre janeiro e julho de 2019, houve uma redução dos homicídios de 31% em comparação com o mesmo período do ano passado. Também diz que em breve haverá novas contratações de agentes.

Quem morre e quem mata?

Responder a primeira parte da questão acima é menos trabalhosa do que apontar individualmente os responsáveis pelos crimes no Estado nordestino. Um estudo recente do Observatório da Violência do Rio Grande do Norte (Obvio) traçou o perfil das vítimas.

Entre 2011 e 2018, cerca de 93% delas eram homens, 85% eram pretas ou pardas, 49% tinham entre 18 e 29 anos. Além disso, 31% não tinham sequer completado o ensino fundamental, 54% não exerciam atividade remunerada e 39% ganhavam até dois salários mínimos.

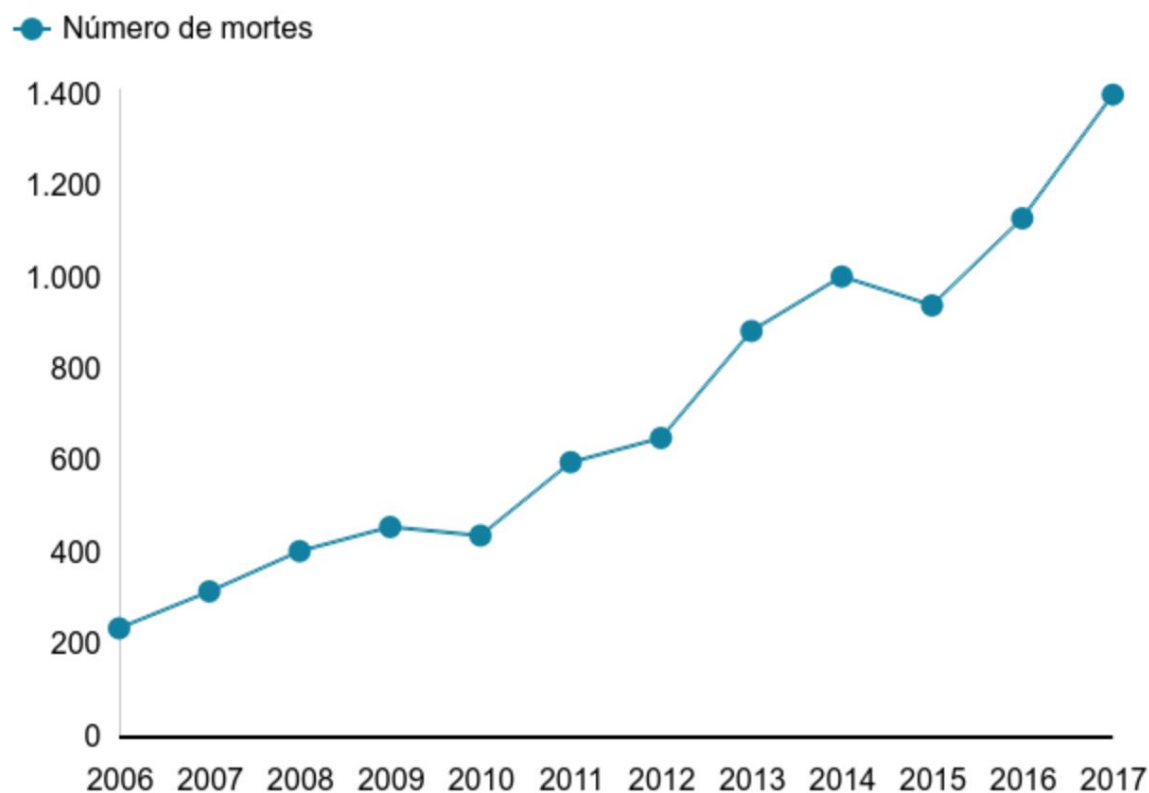
"O perfil é o mesmo em todo o Brasil: a vítima é em sua maioria homem, jovem, negra, com baixa escolaridade e poucas oportunidades de trabalho", explica Thadeu Brandão, coordenador do Obvio e professor de sociologia da Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

Para ele, embora seja difícil identificar um perfil dos homicidas, é bem provável que ele seja bem parecido com o das vítimas.

"Esse é o mesmo perfil dos jovens que estão envolvidos com o crime. Não estou dizendo que a pobreza leva as pessoas para essa vida, pois, no fundo, acho que é uma escolha. Mas quais são as opções de escolha para um garoto desses, que mora em bairros sem estrutura de educação, saúde, emprego, família? Uma pequena parte vai escolher entrar para o crime."

Mortes violentas de jovens no Rio Grande do Norte

Vítimas de homicídios na faixa etária entre 15 e 29 anos



Fonte: SUS/Atlas da Violência

BBC

Para o juiz José Dantas, coordenador da Infância e da Juventude do Tribunal de Justiça do RN, a mistura entre o "caos social" e a presença de facções criminosas arrasta parte da juventude mais pobre para serviços ilegais.

"A fragilidade dos serviços públicos, principalmente da educação, mas também falta de opções de lazer e de profissionalização, joga parte dos jovens no crime, pois o crime preenche essas lacunas deixadas pelo Estado", diz Dantas, que há 30 anos atua em audiências com adolescentes infratores em Natal.

"Há jovens que aparecem na minha frente sem ter certidão de nascimento. Aí você pergunta: 'Por que os pais não registraram o filho?'. Então, você descobre que eles mesmos, pai e mãe, também nunca tiveram certidão de nascimento. A exclusão dessas pessoas é tanta que, para o Estado, elas sequer existiam. Elas passam a existir só quando chegam na sala do juiz depois de terem cometido alguma infração."

Em 2006, a pesquisadora Teresa de Lisieux Lopes Frota, doutora em ciências e sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, passou meses entrevistando adolescentes internados em um centro de medidas socioeducativas da capital.

Segundo ela, a maioria dos 56 jovens ouvidos para seu doutorado era analfabeta ou não tinha completado o ensino fundamental. "Eles eram muito pobres, sem estrutura familiar, às vezes criados pelos avós, porque os pais também estavam presos", explica. "São adolescentes que, infelizmente, veem no crime e no tráfico de drogas uma alternativa fácil para melhorar de vida, conseguir um tênis, uma moto, um carro."

Teresa conta que, anos depois, procurou os adolescentes que participaram de sua pesquisa, mas poucos estavam vivos - um deles morreu no massacre do presídio de Alcaçuz, em 2017, quando ao menos 26 presos foram assassinados em uma briga de facções. "O destino deles era a morte: matar ou morrer", diz.

A presença das facções criminosas

Outro fator que tem feito aumentar os índices de homicídios de jovens no Rio Grande do Norte é o fortalecimento de facções criminosas, que brigam entre elas pelo controle do tráfico de drogas.

Na década passada, o paulista Primeiro Comando da Capital (PCC) e o fluminense Comando Vermelho expandiram seus negócios para o Norte e Nordeste. Os dois grupos passaram a atuar no atacado da droga, repassando os produtos para quadrilhas menores venderem nas ruas.

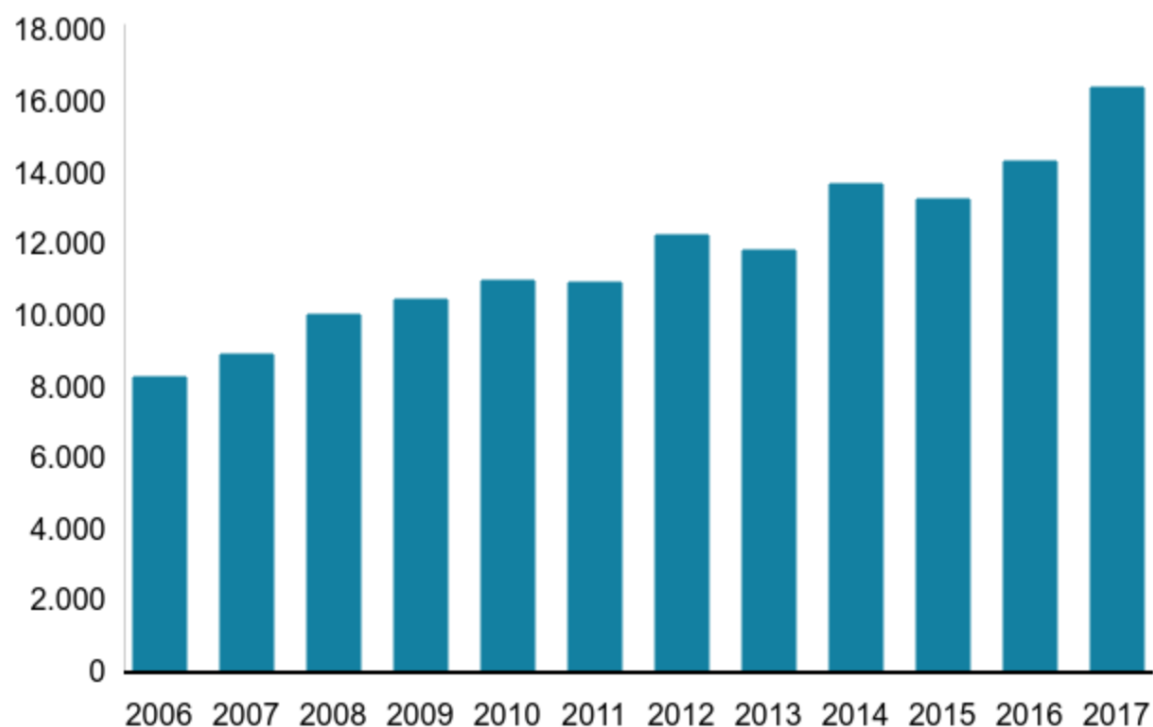
A chegada dessas redes, no entanto, aumentou a rivalidade entre traficantes. Uma resposta aos paulistas foi a criação, no Rio Grande do Norte, do Sindicato do Crime, formado principalmente por jovens locais.

"Essa dinâmica gerou muitos conflitos pelo controle de territórios urbanos. Houve uma grande entrada de armas, muitas delas de grosso calibre, para alimentar essas disputas", explicou Luiz Fábio Paiva, professor de sociologia e pesquisador do Laboratório de Estudos da Violência da Universidade Federal do Ceará, em entrevista recente à BBC News Brasil.

Esses conflitos se espalharam pelo Nordeste e causaram milhares de mortes de jovens. Segundo o Atlas da Violência, entre 2006 e 2017, a região registrou 141 mil homicídios de pessoas entre 15 e 29 anos - no Rio Grande do Norte, no mesmo período, foram 8.408 vítimas.

Número de homicídios de jovens no Nordeste

Estados da região sofreram alta de crimes nos últimos anos



Fonte: SUS/Atlas da Violência

BBC

Essa "guerra" também foi travada nos presídios. A rivalidade entre PCC e Sindicato do Crime, por exemplo, causou um massacre de 26 presos em Alcaçuz, região metropolitana de Natal, em janeiro de 2017.

Por sua vez, essas mortes ressaltaram o caos vivido pelo sistema carcerário do Estado nordestino, superlotado e controlado por esses grupos. Um levantamento do governo federal relativo a junho de 2016 - os últimos dados disponíveis - aponta que o Rio Grande do Norte tinha 4.265 vagas nas prisões, mas abrigava 8.696 detentos, mais que o dobro da capacidade.

O juiz José Dantas conta ser comum encontrar adolescentes que, nas audiências, dizem pertencer a alguma facção criminosa. "Alguns afirmam até que são chefes de pontos de venda de drogas", diz.

"Dentro do próprio crime, criou-se uma cultura de que os menores de idade não são punidos, que eles ficam livres rapidamente. Por isso muitos até assumem crimes que não cometeram, para livrar adultos. Mas esse conceito não é verdadeiro: eles são punidos, sim. Às vezes, passam anos internados", completa o magistrado.

Segundo ele, antes do fortalecimento dessas redes, as infrações cometidas por menores de idade eram menos graves - restringiam-se a furtos e discussões em escolas. "De uns anos para cá, houve aumento exponencial das infrações relacionadas ao tráfico, roubos violentos e até homicídios", diz.

'Ela falou que estava grávida para não morrer'

No Rio Grande do Norte, as facções não estão presentes apenas em cidades grandes e médias, como Natal e Mossoró. Um dos assassinatos mais cruéis nos últimos meses ocorreu em Pau dos Ferros, município de 30 mil habitantes no sertão potiguar - a 392 km da capital.

Em janeiro, a adolescente Jéssica (nome fictício) foi "julgada" e morta por jovens que diziam pertencer ao PCC, segundo a polícia.

"Em Pau dos Ferros, nós temos uma predominância de jovens dessa facção, que cometem assaltos e atuam no tráfico", conta o delegado Andson Rodrigo de Oliveira, responsável por investigar todos os crimes de sete cidades da região.

De acordo com a polícia, o namorado de Jéssica descobriu que a garota conversava com jovens de outra gangue, o Sindicato do Crime. "Eles estavam juntos há pouco tempo. Mas quando esse rapaz soube dessa informação, ele levou a garota para ser julgada pelos comparsas. Na cabeça dele, era inaceitável que ela tivesse qualquer ligação com o grupo rival", diz o delegado.

Em depoimento posterior, os suspeitos confessaram o crime, segundo a polícia. Eles disseram que Jéssica foi condenada à morte porque tinha ligações com o Sindicato do Crime e planejava matar um membro do PCC, o que nunca ficou provado.

Antes de morrer, ela ainda tentou se salvar dizendo estar grávida, segundo os depoimentos. "Ela disse isso porque imaginava que as facções não matam mulheres grávidas. Então, um dos homens comprou um teste de gravidez, que deu negativo", conta Oliveira.

A jovem foi assassinada com facadas no pescoço e golpes de enxada na cabeça - o corpo foi enterrado perto de um rio. Oito pessoas foram presas sob suspeita de participação no homicídio. Jéssica tinha 19 anos. O namorado dela, um dos suspeitos de matá-la, tem apenas 17.

As 50 cidades mais violentas do mundo em 2017

Dos locais que constam no ranking, 17 estão no Brasil e 12 no México. A venezuelana Caracas, a mais violenta entre 2015 e 2016, deixa a primeira posição

Gabriela Ruic/ Publicado em 07/03/2018 às 17:42./ Última atualização em 07/03/2018 às 18:13.

São Paulo – Com 111,3 homicídios para cada 100 mil habitantes, a cidade mexicana de Los Cabos se tornou no ano passado a mais violenta do mundo, desbancando a capital da Venezuela, Caracas, que ocupava o topo do ranking desde 2016.

As informações são da organização civil Conselho Cidadão para a Segurança Pública, Justiça e Paz, entidade mexicana que produz esse levantamento todos os anos desde 2007 com base na taxa de homicídios das cidades com mais de 300 mil habitantes.

A edição 2017 do estudo, que foi divulgada no início deste mês, trouxe algumas novidades na comparação com anos anteriores. Das 50 cidades que constam no ranking, 17 estão no Brasil, 12 no México e 5 na Venezuela, numa clara evidência do quão violento é o cenário na América Latina. Há, no entanto, quatro cidades dos Estados Unidos na lista.

Apesar do cenário sombrio, há uma relativa boa notícia vinda de Honduras, especialmente San Pedro Sula, que foi a cidade mais violenta do planeta entre 2011 e 2014.

Segundo o levantamento, a cidade observou uma redução de 54,34% na taxa de homicídio ante o ano passado. Essa expressiva redução, notam os pesquisadores, aconteceu em razão dos esforços do governo em combater o crime organizado e reduzir a impunidade.

Abaixo veja o ranking completo das cidades mais violentas do mundo.

Colocação	Cidade/País	Taxa (por cada 100 mil habitantes)
1º	Los Cabos/México	111,33
2º	Caracas/Venezuela	111,19
3º	Acapulco/México	106,63
4º	Natal/Brasil	102,56
5º	Tijuana/México	100,77
6º	La Paz/México	84,79
7º	Fortaleza/Brasil	83,48
8º	Victoria/México	83,32
9º	Guayana/Venezuela	80,28

10°	Belém/Brasil	71,38
11°	Vitória da Conquista/Brasil	70,26
12°	Culiacán/México	70,1
13°	St. Louis/Estados Unidos	65,83
14°	Maceió/Brasil	63,94
15°	Cidade do Cabo/África do Sul	62,25
16°	Kingston/Jamaica	59,71
17°	San Salvador/El Salvador	59,06
18°	Aracaju/Brasil	58,88
19°	Feira de Santana/ Brasil	58,81
20°	Juárez/México	56,16
21°	Baltimore/ Estados Unidos	55,48
22°	Recife/Brasil	54,96
23°	Maturín/Venezuela	54,43
24°	Guatemala/Guatemala	53,49
25°	Salvador/Brasil	51,58
26°	San Pedro Sula/Honduras	51,18
27°	Valencia/Venezuela	49,74
28°	Cali/Colômbia	49,59
39°	Chihuahua/México	49,48
30°	João Pessoa/Brasil	49,17
31°	Obregón/México	48,96
32°	San Juan/Porto Rico	48,7
33°	Barquisimeto/Venezuela	48,23
34°	Manaus/Brasil	48,07
35°	Distrito Central/Honduras	48
36°	Tepic/México	47,09
37°	Palmira/Colômbia	46,65
38°	Reynosa/México	39,95
39°	Porto Alegre/Brasil	40,96
40°	Macapá/Brasil	40,24
41°	Nova Orleans/Estados Unidos	40,1
42°	Detroit/Estados Unidos	39,69
43°	Mazatlán/México	39,32

44°	Durban/África do Sul	38,12
45°	Campos dos Goytacazes/Brasil	37,53
46°	Baía de Nelson Mandela/África do Sul	37,53
47°	Campina Grande/Brasil	37,29
48°	Teresina/Brasil	37,05
49°	Vitória/Brasil	36,07
50°	Cucúta/Colômbia	34,78

Disponível em: <https://exame.com/mundo/as-cidades-mais-violentas-do-mundo-em-2017/>
Acessar dados - disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/dados-series/20>

Leitura extra:

Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2020/08/27/atlas-da-violencia-rn-tem-2a-maior-taxa-de-mortalidade-de-jovens-no-brasil.ghtml>

Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/natal-420-anos-o-crescimento-da-violencia-nas-aoltimas-duas-da-cadas/468332>

Encontro 2 – A origem da palavra “torcer” e das torcidas organizadas

Problematização: O que são as torcidas organizadas? Como surgiram e quais seus objetivos?

Análise de trechos de bibliografia especializada sobre a origem das torcidas.

Análise de trechos do documentário: “*Territórios do Torcer*” (28 minutos) produzido pela equipe do Núcleo de Audiovisual do CPDOC com os depoimentos de líderes de torcidas organizadas da cidade de São Paulo.

Avaliação:

Produção de mapas mentais a partir das problematizações norteadoras: “O que são as torcidas organizadas? Como surgiram e quais seus objetivos?”.

Recursos Educacionais:

Documentário: Territórios do Torcer

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lvIKWd6yZms>

TERRITÓRIOS DO TORCER. Direção: Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Thaís Blank, Isabella Jannotti. Brasil. Museu do Futebol, CPDOC, 2015. HD. (28 minutos).



Encontro 3 – A violência está no futebol ou a violência no futebol é um reflexo dos problemas sociais?

Análise de reportagens e vídeos sobre a violência presente no futebol em diferentes realidades: Escócia, Inglaterra e Sérvia.

Avaliação:

Responder os seguintes questionamentos a serem preenchidos via Google Formulários:

a) Quais fontes históricas foram utilizadas na aula? Data, jornal/site, quem escreveu e quando foi publicado.

b) De forma geral, o que explica a violência entre os torcedores nesses locais específicos?



Recursos Educacionais:

A história por trás do Old Firm, o clássico que transcende o futebol na Escócia: Rivalidade de mais de um século retorna ao Campeonato Escocês neste sábado após quatro anos

GUILHERME PADIN/ São Paulo - 09 SEPT 2016 - 20:44 Atualizado: 09 SEPT 2016 - 21:01 BRT

A manhã deste sábado (10) marca um momento histórico para o Reino Unido, a Escócia e o futebol mundial: o reencontro entre os arquirrivais Celtic e Rangers pelo Campeonato Escocês. Após uma ausência de quatro anos do Rangers, rebaixado na liga e com problemas financeiros, um dos maiores clássicos do mundo, conhecido como Old Firm, está de volta, com todo seu peso de 401 partidas oficiais realizadas, brigas entre torcedores e intrincadas questões religiosas.

Mas por que, afinal, uma partida entre dois times de Glasgow teria tanta importância? No caso das duas grandes forças do futebol escocês - o Rangers tem 54 títulos nacionais contra 47 do Celtic -, a rivalidade se explica tanto no campo quanto na origem das equipes. Fundado pelo católico Andrew Kerins, o "Irmão Walfrid", durante um encontro numa igreja de Glasgow, o clube alviverde (Celtic) tem o apoio de uma torcida irlandesa-escocesa, portanto os torcedores são católicos, tendo também ideais socialistas e separatistas em relação ao Reino Unido, que tem a Escócia como um de seus países. Na 'contramão' dos Bhoys, como são chamados os fãs do Celtic, há a torcida do Rangers, que possui ideias contrárias às de seus rivais: no que se refere à religião, são protestantes. Sobre o Reino Unido e política, são conservadores e apoiam a permanência escocesa no Estado britânico.

O pior e mais impactante é a intolerância das torcidas ante as divergências. Houve muitos conflitos nos 128 anos de clássicos - a primeira partida entre as equipes ocorreu em 1888. Na final da Copa da Escócia de 1980, uma grande briga generalizada tomou conta do estádio Hampden Park após o título do Celtic. Felizmente não houve mortes. Em 2 de janeiro de 1971 no Ibrox Park (hoje "Ibrox Stadium", estádio do Rangers), aconteceu uma tragédia que ficou conhecida como "Desastre de Ibrox": um incidente ocorrido enquanto os torcedores deixavam as arquibancadas fez com que, num efeito-dominó, muitos torcedores caíssem da

arquibancada e fossem pisoteados durante o tumulto. O resultado foram 66 mortos e mais de 200 feridos.

Os conflitos e divergências não se estendiam apenas às torcidas, já que, por muito tempo, jogadores protestantes não podiam jogar pelo Celtic, assim como católicos também não eram aceitos no Rangers - essa espécie de norma foi quebrada em 1989, quando o Rangers contratou o católico (e ex-jogador do Celtic) Maurice Thomas Johnson. O sectarismo, na verdade, era originário dos próprios clubes, que tiveram os ideais defendidos já em suas fundações. Enquanto o time verde e branco fora fundado por católicos com ideais separatistas, em novembro de 1887, os azuis surgiram, em março de 1872, sob princípios protestantes e unionistas - estes últimos se referem à manutenção dos países-membros ao Reino Unido.

Queda do Rangers, ascensão à elite e reencontro na liga

Em 2012, após uma série de problemas financeiros e administrativos, a falência do Rangers resultou numa votação que envolvia os 30 clubes participantes da Liga Escocesa de Futebol (SFL), sendo que 25 votaram a favor do descenso dos Gers à quarta divisão do futebol escocês. Para poder continuar atuando profissionalmente, o clube teve de ser vendido a um empresário e seu nome foi alterado de "Rangers Football Club" para "The Rangers Football Club". Com dois acessos seguidos - da quarta à terceira divisão, na temporada 2012-13, e da terceira à segunda, em 2013-14 -, o clube não alcançou a vaga na divisão de elite do futebol escocês em 2015, mas, na segunda tentativa, na última temporada (2015-16), conseguiu avançar à elite, sagrando-se campeão da segunda divisão. Agora, na atual temporada, o dia 10 de setembro marcará a retorno do confronto e o Rangers vai ter a primeira oportunidade de provar se o ressurgimento é para valer.

Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/09/deportes/1473453485_035376.html

O jogo de futebol que escancarou a guerra na Iugoslávia completa 30 anos

Leandro Stein Leandro Stein/ 13 de maio de 2020/ Última Atualização 14 de maio de 2020

Texto publicado originalmente em 13 de maio de 2015, mais atualizado e ampliado

A fragmentação da Iugoslávia começou a se evidenciar em 1980. A comoção de um estádio inteiro após o anúncio da morte de Josip Broz Tito deixava bem clara a importância do presidente. O fim do estado iugoslavo se desencadeou a partir de então. As tensões entre as

etnias nos Bálcãs, latentes desde muito antes, ficavam expostas sem o líder que as controlava. O país atravessou uma década inteira vivendo o aumento de sentimentos nacionalistas, até que a guerra eclodisse dez anos depois. E um capítulo ocorrido dentro do Estádio Maksimir, antes de um jogo entre Dinamo Zagreb e Estrela Vermelha, costuma ser considerado o estopim da Guerra da Iugoslávia. A imagem do meia Zvonimir Boban chutando um policial não é apenas um retrato da violência nos estádios. É o símbolo da cisão que acontecia entre croatas e sérvios naquele momento.

Os eventos que explodiram no 13 de maio de 1990 possuem diversos panos de fundo. Obviamente, a violência habitual dos ultras no país era um fator preponderante. Mesmo no dia da morte de Tito, em 4 de maio de 1980, os ultras de Hajduk Split e Estrela Vermelha preparavam uma batalha entre si. Todavia, a ideia acabou abandonada diante da notícia sobre o ditador. Por mais que diferentes etnias dos Bálcãs tenham formado o estado iugoslavo de maneira estável a partir da Segunda Guerra Mundial, o ranço nacionalista entre eles permanecia guardado. E a rivalidade no futebol, sobretudo entre times sérvios e croatas, acabava por canalizar esses sentimentos – o que aumentou ao longo da década de 1980.

Assim, o que aconteceu no Estádio Maksimir naquele 13 de maio não era exatamente uma surpresa. Principais clubes da Sérvia e da Croácia, Estrela Vermelha e Dinamo Zagreb tinham uma rixa antiga pela hegemonia no Campeonato Iugoslavo. O barril de pólvora aumentava com o próprio histórico de brigas entre seus ultras, que se odiavam: a Delije, do clube sérvio, e os Bad Blue Boys, organizada dos croatas. E a faísca que culminaria na explosão viria das urnas, com a primeira eleição parlamentar da República Socialista da Croácia (ainda parte da Iugoslávia, mas já com o desmanche do sistema político do regime comunista), concluída uma semana antes.

A votação evidenciou o desejo de independência dos croatas, com a vitória do partido que alimentava os sentimentos nacionalistas. Nada que fosse aceito pelo poder central iugoslavo, nas mãos dos sérvios. Os resultados do pleito tomavam o noticiário justamente entre o fim de abril e o início de maio, às vésperas do clássico pelo Campeonato Iugoslavo. A derrota nas urnas repercutiu entre os ultras sérvios que viajariam a Zagreb para o duelo. Entre eles, estava Zeljko Raznatovic, o Arkan, líder da Delije e procurado pela Interpol. Já os Bad Blue Boys viviam uma associação com as outras grandes torcidas de sua república, a chamada “Irmandade Croata”, mais pautada pelo nacionalismo do que pelas rivalidades internas.

Esportivamente, aquele clássico não significava muita coisa. O Estrela Vermelha já tinha confirmado o título no Campeonato Iugoslavo e encerraria sua campanha com 19 pontos de vantagem sobre o Dinamo Zagreb, o vice-campeão. Os sérvios contavam com uma

verdadeira seleção dentro de seu elenco – que incluía diferentes etnias, bem como lendas do porte de Dragan Stojkovic, Robert Prosinecki, Darko Pancev, Dejan Savicevic e Miodrag Belodedici. Ali, já estava praticamente formada a base que conquistaria a Champions na temporada seguinte. Por mais que o Dinamo possuísse os seus predicados, num elenco no qual Davor Suker despontava como artilheiro, a vitória no duelo não valia mais do que a honra. Mas, naquele momento histórico, a honra nacionalista representava bastante aos dois lados em Zagreb.

Cerca de três mil torcedores do Estrela Vermelha foram à capital croata. E a pancadaria se deu desde as ruas da cidade, no entorno do Estádio Maksimir. Já nas arquibancadas, a tensão se ampliou durante o aquecimento dos jogadores. A Delije começou a entoar músicas nacionalistas sérvias, respondidas com canções croatas pelos cerca de 20 mil torcedores do Dinamo presentes nas tribunas – algumas destas canções, ligadas ao estado fantoche nazista que existiu na região durante a Segunda Guerra Mundial. Pouco depois, os visitantes quebraram as cercas que dividiam os setores e começaram a bater nos torcedores rivais. Do outro lado, os Bad Blue Boys romperam as barreiras da curva onde ficavam e atravessavam o campo para dar o troco.

A polícia era composta em sua maioria por sérvios, ligada ao governo da Iugoslávia. Os relatos são de que as forças de segurança permaneceram de braços cruzados quando a Delije iniciou seu ataque aos torcedores croatas. Contudo, no momento em que os Bad Blue Boys partiram para cima, os policiais começaram a agir: em vez de conterem a briga, reprimiram os ultras do Dinamo. O cenário de guerra estava montado no Maksimir. Ambos os lados atiravam pedras, cadeiras e o que mais vissem pela frente. Os Bad Blues Boys eram alvos de bombas de gás lacrimogêneo no gramado. Foi quando Boban protagonizou a cena que marcaria sua vida.

Aos 21 anos, Boban já era considerado um dos melhores jogadores dos Bálcãs. O camisa 10 havia se destacado bastante na conquista do Mundial Sub-20 de 1987 com a seleção, quando anotou um gol na final contra a Alemanha Ocidental e ainda converteu o pênalti que selou o título. Ídolo do Dinamo Zagreb, também fazia aparições pela equipe principal da Iugoslávia, às vésperas de disputar a Copa do Mundo em 1990. E não era a reputação que fez o meia se conter no gramado do Maksimir.

Os jogadores do Estrela Vermelha presentes em campo correram para se proteger nos vestiários. Os atletas do Dinamo Zagreb, por outro lado, permaneceram no gramado. Indignado com a agressão aos torcedores de seu time, Boban partiu para cima dos policiais. Começou a discutir com eles, questionando a postura de só atacarem a torcida local. O meia recebeu duas pancadas com cassetetes e ainda foi xingado como “mais um filho da puta igual a eles”. Ao ver

um policial bater em um torcedor caído, o croata perdeu a cabeça de vez e acertou a joelhada que quebrou o nariz do oficial – ironicamente, um bósnio muçulmano. Após a atitude, o jovem craque começou a ser aplaudido e ter seu nome gritado por quem ainda estava no estádio. A situação se apaziguou cerca de uma hora depois do início da briga, quando a segurança se reforçou. Só então o elenco do Estrela Vermelha deixou o Maksimir, em um veículo blindado.

“Aqui estou eu, com a face em público para arriscar minha vida, minha carreira e tudo que a fama pode dar. Tudo por conta de um ideal. De uma causa, a causa croata”, declarou Boban na época, após a voadora. A partir de então, o camisa 10 se transformou em herói nacional para os croatas e símbolo da luta contra as repressões do poder central dos sérvios. A reação do meia custou seu lugar na Copa de 1990, suspenso da seleção da Iugoslávia por seis meses. Apesar disso, voltou às convocações em outubro de 1990 e disputaria mais quatro partidas com os iugoslavos – segundo suas próprias palavras, “a política não devia influenciar nas relações pessoais e ele continuou amigo dos sérvios”. Já em 1991, quando a situação no país se tornava ainda mais tensa, o croata se transferiu ao Milan, passando uma temporada emprestado ao Bari.

O saldo oficial contou 117 policiais feridos, além de 39 torcedores do Estrela Vermelha e 37 do Dinamo, enquanto cerca de 100 ultras acabaram presos. Incrivelmente, nenhuma morte foi registrada. Ainda assim, os números possivelmente são mais amplos, até mesmo pelas proporções que a briga teve no Maksimir – algumas fontes falam em mais de 300 feridos. Os sérvios acusam o próprio partido político croata de deixar pedras e garrafas no estádio aos Bad Blue Boys, além de corroer o alambrado com ácido. Já entre os croatas, há acusações de que o serviço secreto de Belgrado facilitou a briga para enfraquecer o movimento independentista. No fim das contas, o conflito nacionalista foi transmitido pela televisão e recrudesceria os discursos de ambos os lados a partir de então.

A pancadaria ressaltava o caráter que as torcidas organizadas ganhariam meses depois. O líder da Delije montou o Arkan’s Tigers, grupo paramilitar que combateu pelos sérvios e foi responsável por diversos crimes de guerra. Os Bad Blue Boys também integraram o exército croata durante a guerra de independência com a Iugoslávia, a ponto do escudo do clube ser usado como insígnia pelas forças armadas. Na década de 1990, o Dinamo seria rebatizado como ‘Croatia Zagreb’, de fortes ligações com o governo nacionalista e autoritário.

A temporada seguinte do Campeonato Iugoslavo, em 1990/91, seria bastante tumultuada. As brigas entre torcedores se tornaram mais comuns. Num jogo entre Hajduk Split e Partizan Belgrado, em setembro de 1990, torcedores croatas invadiram o campo na tentativa de linchar os jogadores sérvios. Os alvinegros escaparam rumo aos vestiários, enquanto os

ultras locais entoavam cânticos nacionalistas e ateavam fogo à bandeira iugoslava, antes de hastear a croata. Já em 18 de maio de 1991, ocorreria o reencontro entre Dinamo Zagreb e Estrela Vermelha no Maksimir.

Outra vez, o Estrela Vermelha viajou para Zagreb com o título garantido. O clima hostil era óbvio nas arquibancadas, mas as tensões não resultaram em novos incidentes como na temporada anterior. Dentro de campo, os sérvios abriram vantagem de dois gols, antes que os croatas virassem o placar e garantissem uma épica vitória por 3 a 2. Entretanto, o resultado havia sido facilitado. Segundo o técnico Ljupko Petrovic, do Estrela Vermelha, havia uma enorme pressão para que o Dinamo ganhasse aquele compromisso. Líder político radical da Croácia e futuro presidente autoritário do país independente, Franjo Tudman estava nas tribunas. A arbitragem teria beneficiado os anfitriões e os próprios sérvios amoleceram a virada para evitar consequências. Pouco mais de uma semana depois, o Estrela Vermelha conquistou a Champions de 1990/91, ao bater o Olympique de Marseille em Bari.

Aquela foi a última edição do Campeonato Iugoslavo que contou com os clubes croatas e eslovenos. Em 19 de maio de 1991, um dia depois do clássico, a Croácia realizou um referendo sobre a independência e a maioria da população votou pela cisão. Já em 25 de junho, o país declarou sua independência unilateral da Iugoslávia, em ato que culminou na guerra que se estendeu até 1995. O sangue continuou a escorrer nos Bálcãs também na Eslovênia, que buscou sua independência no mesmo momento, enquanto os conflitos se tornariam ainda mais violentos com a Guerra da Bósnia (1992-95) e a Guerra do Kosovo (1998-99).

A seleção iugoslava sofreria sanções e perderia sua vaga na Euro 1992. Naquele mesmo ano, a Croácia formou seu time nacional, com Boban entre as referências. Em 1998, quando o país disputou sua primeira Copa do Mundo, o “rapaz da voadora” usou a camisa 10 e a braçadeira de capitão. O meia seria um dos destaques na campanha até as semifinais. O veterano também estaria em campo no primeiro duelo contra a Iugoslávia, em 1999, pelas Eliminatórias da Euro 2000. Com dois empates, a equipe formada por sérvios e montenegrinos acabou se classificando à fase final do torneio continental. Boban seguiria na ativa até 2002, quando se aposentou, após uma bem-sucedida carreira com o Milan. Já em 2004, formaria-se em História na Universidade de Zagreb. Durante os últimos anos, o ex-jogador trabalhou como executivo na Fifa.

“Foi uma injustiça. A polícia não tratou nossos torcedores da mesma maneira. [...] Eu era como outros, mas levava o número 10 e por isso se glorificou. Foi um primeiro momento em que o povo croata reagiu para exigir que já não se podia mais, que não se podia viver com um regime. Nenhuma pessoa inteligente pode aceitar. Foi uma reação jovem, rebelde, mas não

fomos heróis. A guerra foi tremenda e foi aí onde realmente se arriscou. Mas pelo menos foi uma mensagem de unidade”, declarou Boban, à revista Líbero, anos depois. “Se voltasse no tempo, faria tudo de novo. Estamos falando da liberdade de um povo, é mais que questão pessoal. Tudo isso significava muito mais que minha carreira. Foi um ato jovem, mas do qual sinto orgulho. Esses momentos dificilmente podem ser compreendidos ou julgados se você não os vive”.

Para muita gente, aquele 13 de maio de 1990 marca o verdadeiro início da Guerra da Iugoslávia. O ambiente dentro do Estádio Maksimir expôs os inimigos. E a atitude de policiais e de ultras deu mais motivos aos anseios nacionalistas. Era uma imagem bastante simbólica dos interesses sérvios pela manutenção do poder e do movimento croata pela independência. O futebol catalisava todo o contexto social que se erguia na Croácia, com os clamores de “uma guerra pela pátria-mãe”. O monumento erguido pelos próprios Bad Blue Boys nos arredores do estádio, exaltando os “mártires” que lutaram nas arquibancadas antes de morrerem na guerra, deixa bem evidente a visão sobre aquele dia aos croatas.

Para complementar a leitura, outra dica é o Podcast ‘Iugoslávia: O chute que iniciou uma guerra’, produzido pela Folha de S. Paulo há alguns meses.

Disponível em: <https://trivela.com.br/leste-europeu/o-jogo-de-futebol-que-escancarou-a-guerra-na-iugoslavia-completa-30-anos/>

Os hooligans e a grande crise do futebol inglês

Marcos Alvito/ 21 de setembro de 2012

“Desde o pontapé inicial parecia provável que haveria problemas, mas a balbúrdia explodiu quando Dean e Jarvis se chocaram... Isso acendeu os ânimos dos torcedores... A multidão atrás do gol enlouqueceu e havia brigas por toda a parte”. É assim que um jornal descreve o comportamento da torcida durante o “clássico” West Ham x Millwall. Só que isso ocorreu em Londres em 1906! Os episódios de violência por parte dos torcedores nunca foram novidade. Por vezes juízes eram atacados, atiravam-se objetos nos jogadores adversários e havia desordens fora do estádio também, na rua ou nos pubs, muitas vezes causadas pelo excesso de álcool. Já no século XIX os indivíduos envolvidos em desordens eram chamados de hooligans.

De qualquer forma, esses incidentes eram espontâneos e individualizados. Tendiam a ocorrer somente nos jogos em que havia maior rivalidade. De uma maneira geral o comportamento do público era pacífico e ordeiro. A prova disso é que nas décadas de 1940 e 1950 era comum escalar em média um policial para cada mil torcedores. Nos *terraces* ou nos stands, torcedores dos dois times misturavam-se sem problemas. Muitas vezes era a própria multidão que impedia as brigas e não tolerava determinados comportamentos.

Nessa época a polícia era bastante respeitada pelo público em geral, inclusive pela classe trabalhadora. Era comum dezenas de milhares de pessoas comprimirem-se durante horas em pé nos terraces atrás do gol, eventualmente na chuva e no frio, torcendo de forma apaixonada, sem que ocorresse qualquer distúrbio. A classe trabalhadora, cada vez mais consciente da sua importância e desfrutando de uma crescente prosperidade, frequentava as arquibancadas usando terno, gravata e chapéu.

Os primeiros sinais de mudança ocorreram ainda em meados da década de 1950, quando grupos de jovens, sobretudo de Liverpool, começaram a causar problemas nos trens especiais que levavam os torcedores aos jogos. Esses acontecimentos eram veiculados pela mídia, em um momento em que a juventude britânica começava a questionar o mundo adulto e suas convenções. Os jovens da classe trabalhadora também se beneficiavam da melhora de poder aquisitivo, o que estimulou o desenvolvimento de um mercado próprio de lazer para esse grupo. Na música popular, por exemplo, havia todo um movimento em ebulição, de onde surgiram os Beatles.

No início da década de 1960, os jovens estavam revolucionando a maneira de torcer nos estádios britânicos. Passaram a se concentrar nos terraces localizados atrás do gol, onde os ingressos eram mais baratos e a distância da parte “respeitável” do público era maior. “You will never walk alone”, uma música tocada por um grupo local, Gerry and the Pacemakers, foi transformada pelos torcedores do Liverpool F.C. em um verdadeiro hino do clube. Cantavam, criavam gestos e roupas próprios, sobretudo para diferenciarem-se dos adultos, mas também dos outros grupos de jovens. Esses estilos viajavam rapidamente pela mídia, influenciando outros jovens por todo o país.

Os *terrace ends* são cada vez mais exclusivamente frequentados por jovens, que começam a percebê-los como um território particular, onde eles afirmavam sua identidade e seus valores. As rivalidades futebolísticas eram apropriadas por esses jovens, resultando em disputas e conflitos entre os grupos. Antes de mais nada, havia a agressão verbal do tipo:

“Oxford boys we are here

Shag your women

Drink your beer”

(Chegaram os caras de Oxford

Transamos com suas mulheres

E bebemos sua cerveja)

Ou então:

“You’re gonna have your fuckin’ heads kicked in”

(Vocês vão ter suas cabeças chutadas)

Além de ofensas, xingamentos e ameaça, as brigas entre torcedores rivais, as invasões de campo e o arremesso de objetos tornavam-se a cada dia mais frequentes. Já em novembro de 1963, o Everton F.C. é o primeiro clube a colocar cercas atrás do gol, chamadas pelos jornais de “hooligan barriers” (barreiras contra os hooligans). Ao mesmo tempo, estava havendo uma diminuição do público que frequentava o estádio, causada pelas transformações em curso na sociedade, mas também agravada por esse aumento na violência.

Confrontos entre grupos de jovens ocorriam também fora do futebol, e o público começa a ficar extremamente sensível a este tipo de notícia, o que é amplamente explorado pela imprensa, cada vez de forma mais sensacionalista. Os jornais do final da década de 1960 passaram a vender a ideia de que havia uma “guerra” em curso nos estádios, o que sem dúvida contribuiu para afastar ainda mais o público bem-comportado e para tornar o sábado à tarde ainda mais excitante para os jovens.

Começava assim um círculo vicioso que logo iria resultar na criação de pequenos grupos de jovens torcedores voltados exclusivamente para a violência e o combate entre si, as chamadas “firms” ou “crews”. No início da década de 1970 os jornais populares já publicavam rankings dos grupos de torcedores mais violentos. E as “firms” começaram a ousar cada vez mais, buscando aumentar a sua “reputação”. A violência no futebol começa a fazer parte do cardápio de atrações da televisão que começa a focalizar os confrontos entre as torcidas, os palavrões e desafios obscenos em um verdadeiro estímulo à agressividade exibicionista.

De início a “brincadeira” era tomar o “end” da torcida adversária, pois a invasão do território inimigo era a suprema humilhação dos contrários. Mas a polícia começa a prever estes incidentes e a prender os envolvidos. A minoria de jovens interessados somente em brigar começa a planejar outros tipos de ação, muitas vezes encontrando os grupos rivais fora do estádio. Ao mesmo tempo, começam a ser tomadas medidas para prevenir a violência, mas que transformam os estádios em verdadeiras prisões: são levantadas cercas em torno de todo o

campo e o estádio é dividido em pens (“chiqueirinhos”) separados por grades. De ambos os lados, as torcidas estavam enjauladas.

Esta divisão e segregação dos torcedores aumenta ainda mais o clima e as manifestações de rivalidade e de agressão verbal. Os torcedores visitantes passam a ser escoltados pela polícia desde o seu desembarque dos trens e marcham como se fossem um exército inimigo até o local do jogo. Cada vez mais a polícia usa cães e cavalos, é montada uma verdadeira “operação de guerra” a cada sábado. Os torcedores passam a ser revistados à entrada, mas os interessados em violência conseguem ludibriar a polícia com uma maligna criatividade: afiam moedas até torná-las pontudas, enrolam jornais até transformá-los em armas e por aí vai. A presença de enormes contingentes policiais e o clima belicoso tornam tudo aquilo ainda mais atrativo para os torcedores patologicamente violentos, ao mesmo tempo em que a frequência aos estádios cai assustadoramente.

Grupos de extrema-direita como o National Front logo percebem as possibilidades propiciadas por aquele tipo de ambiente e começam a usar o futebol como um palco para expressões de racismo e xenofobia. Jogadores negros são xingados, recebidos com gestos imitando primatas, atiram-se bananas no campo. As incursões destes grupos no exterior, acompanhando a seleção inglesa, solidificam a reputação dos hooligans ingleses que começam a ser imitados por jovens de outros países.

Tudo isso ocorre sobretudo na década de 1980, quando a Inglaterra está sofrendo uma recessão econômica profunda, um grave processo de desindustrialização e desemprego, tudo isso agravado pela política neoliberal de Margaret Thatcher, primeira ministra da Inglaterra desde 1979: privatização de empresas estatais, guerra aos sindicatos e ao Estado de Bem-Estar social, com cortes de verba na educação, na saúde e nos serviços públicos em geral.

Além da violência física, os estádios de futebol começam a ser palco de inúmeras manifestações de violência simbólica: os torcedores dos clubes londrinos tiram notas de dinheiro do bolso e acenam para torcedores do norte da Inglaterra, supostamente pobres e desempregados, gritando “We have loads of money” (Nós temos dinheiro paca) e “You will never find a job” (Vocês nunca vão conseguir um emprego). Eventualmente até abaixam as calças para mostrar que usam cuecas de “marca”. Os nortistas respondem com cantos que afirmam serem os sulistas frouxos e moradores de apartamentos alugados. É como se os estádios de futebol fossem um teatro das contradições e problemas da sociedade britânica.

Foram muitas as tentativas de explicação do hooliganismo. Alguns tentaram relacioná-lo a uma forma de protesto contra a comercialização excessiva do futebol, mas a violência dos hooligans não era contra os diretores e sim contra os outros grupos de jovens. Ademais, o

hedonismo e o consumismo abraçados por eles mostram uma clara aceitação do capitalismo. Problemas sociais, que decerto podem ter contribuído, não são uma explicação suficiente, porque o problema surgiu no início da década de 1960, uma época de prosperidade e baixas taxas de desemprego. Houve quem relacionasse o hooliganismo a um setor mais “rude” da classe trabalhadora, marcado por uma socialização violenta, em que a briga, a formação de grupos de jovens e a defesa do território eram características centrais. Essa hipótese parece ter mais peso, embora deva-se ressaltar que os hooligans não viessem de uma só classe social.

Richard Holt, em seu livro *Sport and the British*, é quem parece melhor dar conta do fenômeno. Ou melhor, dos fenômenos. Para ele, o hooliganismo é resultado de um conjunto articulado de processos. A defesa do território e da comunidade era uma característica das classes populares há vários séculos: o futebol tradicional jogado entre as aldeias é um bom exemplo disso. Tornar-se “homem” entre os jovens da classe trabalhadora era um aprendizado que envolvia bebida, brincadeiras verbais e brigas, eventualmente envolvendo dois grupos distintos, cada um deles afirmando sua masculinidade, o pertencimento a um território e a solidariedade coletiva. Este comportamento era ao mesmo tempo estimulado e controlado pelos homens mais velhos. As disputas entre as turmas de jovens ficavam restritas ao bairro e não causavam maiores problemas.

A partir da década de 1950, começam a se esgarçar as solidariedades de classe e muitas comunidades inclusive desaparecem diante das transformações econômicas e das reformas urbanas que põem abaixo bairros inteiros. Cada vez menos os jovens irão seguir as carreiras dos pais e mesmo quando o fazem não mais se conformam a uma posição subordinada que lhes barra o acesso a bens de consumo cada vez mais desejados.

O futebol e seus “rituais de sábado à tarde” irão proporcionar a estes jovens o pertencimento a um novo tipo de comunidade, uma identidade definida pelo clube e um território próprio a defender (o end). Alguns valores da classe trabalhadora, como a rudeza (hardness) e o apego ao local serão retrabalhados e elaborados em novas formas. O skinhead, por exemplo, com suas pesadas botas de operário e cabeça raspada para diferenciar-se dos estudantes de classe média com seus cabelos longos, pode ser visto como uma caricatura agressiva da figura do trabalhador. Todo aquele que vem de fora, seja o torcedor do outro clube ou o imigrante paquistanês ou indiano é visto como um inimigo.

É claro que esta nova configuração social do futebol iria resultar em tragédia, mas às vezes a tragédia pode ser o início de um novo tempo.

ALVITO, Marcos. Os hooligans e a grande crise do futebol inglês. Ludopédio, São Paulo, v. 39, n. 6, 2012.

Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/os-hooligans-e-a-grande-crise-do-futebol-ingles/>

Encontro 4 – Torcidas organizadas: das festas organizadas à violência recorrente?

Os alunos serão divididos em 7 grupos e será realizada uma análise de alguns documentos sobre a realidade local envolvendo as torcidas organizadas. Cada grupo receberá um envelope, numerado de 1 a 7. Cada envelope vai conter as fontes que serão analisadas, bem como as perguntas que nortearão o processo de análise.



O grupo 1 ficará com um trecho do livro “Xarias e Canguleiros” (páginas 11 a 18) e deverá responder às seguintes questões:

- a) Quem é o autor do texto?
- b) A que período ou períodos o autor se refere?
- c) Quem são os Xarias e os Canguleiros?
- d) A que rivalidade o autor se refere no trecho?

Recursos Educacionais:

Disponível no *QR Code* ou em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/27609>



Os grupos 2, 3 e 4 ficaram com trechos de algumas matérias de jornais do período entre 1948 e 1989, bem como trechos de matéria sobre a fundação da “Gang Alvinegra” e de depoimentos dos fundadores da “Máfia Vermelha” e deverão responder às seguintes questões:

- a) Como a expressão “torcida organizada” aparece nas matérias?
- b) Quando surgiram as primeiras torcidas organizadas na cidade de Natal?
- c) Quais papéis eram desempenhados pelas torcidas organizadas nesse período?
- d) Há registros de violência ou conflitos entre torcedores no período citado ou uma preocupação das autoridades no que diz respeito à segurança dos torcedores? Justifique.
- e) Quando as maiores torcidas que existem atualmente foram fundadas?
- f) Com quais objetivos essas torcidas foram fundadas?

Recursos Educacionais:

Empataram a Marinha e a Aeronautica

2x2 o resultado do prelio de ante-onthe pelo Camp. das Forças Armadas

<p>A partida entre os quadros de sargentos e praças da Aeronautica e da Marinha era aguardada com interesse, apesar do favoritismo do time da Base Aérea. Os rapazes da Marinha tiveram, entretanto, atuação surpreendente e o</p>	<p>quadro da Aeronautica foi que por pouco não se via derrotado. O Marinha venceu no primeiro tempo por 2x1 e sustentou este resultado durante grande parte do período complementar, quando em tão se verificou o empate</p>	<p>num tento de sorte do conjunto da Base Aérea. O resultado entretanto, foi justo, dado o esforço dos dois contendores, que apresentaram boa atuação.</p> <p>O quadro da Marinha teve em Buck, Meia Duca, Valdemar, Leal e Já as suas maiores figuras.</p> <p>A constituição da Marinha foi a seguinte: Hello, Buck e Pereira; Chagas, Meia Duca e Pedro; Joe, Edson, Valdemar, Leal e Moaçir.</p> <p>— No encontro entre os Combinados de oficiais, o Combinado Aeronautica-Marinha venceu o Combinado Exército-Marinha pela cobrança de 4x1.</p>
--	--	---

A rodada de amanhã

AtleticoxPotiguar á luz dos refletores

<p>Amanhã á noite, o Potiguar saldará seu ultimo compromisso do campeonato da cidade.</p> <p>Em partida com o Atlético o esquadrão de Parnambiro lutará para manter sua atual colocação que é o 2º lugar, juntamente com o ABC, passando então a aguardar o resultado do clássico ABC e América.</p> <p>Não será muito difícil ao Potiguar triunfar na noite de</p>	<p>amanhã sobre o seu competidor, salvo a hipótese de uma surpresa o que em futebol é coisa bem possível. Afastada, porém, esta hipótese, temos de concordar com o favoritismo do time da Base Aérea, não pelo seu melhor preparo como também pelos valores que apresenta.</p> <p>O Atlético, como sempre está disposto a resistir e com pretensões, mesmo, a vencer.</p>	<p>A primeira parte do Campeonato das Forças Armadas foi concluída na noite de ante-onthe com duas partidas de futebol disputadas no estádio Juvenal Lamartine, que apanhou uma numerosa assistência, repetindo-se, ali, o espetáculo brilhante do dia 27 na quadra do Cobana. Torcidas organizadas, bandas de musica e o elemento feminino para quebrar a monotonia das nossas praças de desportos no que toca á presença do belo sexo. Desta vez, como aconteceu na Base Naval, o elemento feminino predominou, contribuindo para maior animação dos jogos.</p>
---	---	--

Nova vitoria do

quadro do Seridó

Jogos Universitários na reta final a partir de hoje

Mucio Mauricio

Prosseguem com raro brilhantismo, as disputas dos VI Jogos Universitários Norte-Riograndenses que entram hoje para o sétimo dia consecutivo. Uma luta extra que vem chamando atenção de todos, é a travada entre as **torcidas organizadas** de nossas Faculdades que comparecem em massa, a fim de prestigiar os seus favoritos. Na última quarta-feira à tarde, foi realizada a 2ª rodada de Futebol tendo como local o Estádio Juvenal Lamartine devendo-se frisar, que esta rodada só foi concluída ontem pela manhã com a partida Odontologia 2x0 Engenharia tendo Alcino marcado os tentos do quadro vencedor. A súmula dos jogos de quarta-feira é a seguinte: Farmácia 3x1 Economia com goals de Escalvico (2) e Elder, para o vencedor,

enquanto Carlos Lima anotou para os vencidos. Medicina 2x0 Jornalismo com tentos de Rodrigues (penalti) e Eduardo. Direito 1x0 Filosofia goal de Babu em linda cabeçada. Ainda na noite de 4ª feira no Palácio dos Esportes, tivemos Volei Masculino com os seguintes resultados: Farmácia WxO Jornalismo, Medicina 2x0 Economia, Odontologia WxO Filosofia.

JOGOS DE ONTEM

Com basquete à tarde, volei feminino e futebol de salão à noite todos os jogos de ontem foram disputados no Palácio dos Esportes da praça Pedro Velho. Basquete: Direito 41x30 Farmácia; Odontologia WxO Economia; Medicina 64x38 Engenharia.

Volei feminino: Medicina 2x1 Economia; Odontologia WxO Farmácia.

Futebol de salão: Odontologia 4x1 Jornalismo. Goals de Sahia (2) e Diniz (1) e Otamir para Jornalismo.

Direito 1x1 Farmácia.

Direito ganhou nos penaltis.

NA AGENDA DE HOJE VOLEI MASCULINO, BASQUETE E FUTEBOL DE SALAO

A tarde a à noite vão prosseguir as disputas todas outra vez no Palácio dos Esportes. Assim à tarde, volei masculino e à noite, basquete e futebol de salão quando Economia e Medicina estarão frente à frente em sensacional pejejo.

Diário de Natal em 14 de maio de 1965

ABERTURA

Os desfiles tiveram início às 9 horas e 20 minutos, quando todas as candidatas foram conduzidas à passarela, em revoadas, numa "avant premiere" ao público. Em seguida, cada uma fez o seu desfile individual em vestido. Umhas tinham **torcidas organizadas**, outras não, porém foram aplaudidas.

PRIMEIRA PARADA

Terminados os desfiles individuais, em vestido, as candidatas voltaram à passarela, fazendo uma parada de meio minuto ante o júri, que fez suas primeiras anotações comparativas.

EXAME E CANÇÃO

Repetiu-se o desfile de revoadas, desta vez em malô, para em seguida cada candidata se apresentar individualmente, usando a famosa etiqueta catalina. Ao final, todas retornaram à passarela, parando cinco minutos ante o júri. Durante esse tempo, ficaram de frente, de perfil, de costas e cantaram a Canção das Misses, pelo que receberam volumosos aplausos.

As finalistas foram convidadas a usar o microfone, submetendo-se ao teste de cultur. Foi aí que a comissão julgadora se retirou para proceder a classificação das finalistas e apontar a primeira colocada.

FIM DE REINADO

Na sequência do cerimonial, surgiu na passarela a Miss Rio Grande do Norte-65, Laurinete Bezerra de Araújo, que fez o seu último desfile, concluindo um mandato de beleza de doze meses. Ao término, ocupou o trono pela última vez e aí esperou a sua sucessora.

A NOVA MISS

Feito um intervalo de meia hora, o presidente da comissão julgadora, sr. Luis Maria Alves foi ao microfone e proclamou o resultado final. A expectativa era grande. As **torcidas organizadas** bastante nervosas. As finalistas foram chamadas pela ordem de classificação: 7.º lugar — Miss América; 6.º lugar — Miss Aéro Clube; 5.º lugar — Miss Associação de Imprensa; 4.º lugar —

Engenheiro Ubiratan Pereira Galvão, chefe de repartição federal e nome de alta expressão social. Senhora Selma Alves, senhora de categoria social e esposa do prefeito da capital. Médica e professora Lucia Amaro Bezerra de Mello, esposa do des. Tulio Bezerra membro do Tribunal de Justiça. Por último o jornalista Luis Maria Alves, cujo senso de responsabilidade e independência dispensa apresentação.

A MISS NA SUITE

A Miss Rio Grande do Norte, Marie Edite de Azevedo saiu do Palácio dos Esportes diretamente para a Suite Presidencial do Hotel Internacional dos Reis Magos, onde se acha assessorada por oito pessoas e recebendo, em média, quatro visitas por hora. Declarou, hoje, a nossa reportagem que se acha a pessoa mais feliz deste mundo e já esta tarde começa a fazer o seu ensaio para o Rio de Janeiro. Antes irá a Jardim do Seridó, em avião especial, receber a grande homenagem dos seus conterrâneos.

Diário de Natal em 06 de junho de 1966

Decisiva de Salão vai ter duelo das torcidas

Pronuncia-se espetacular o clássico salonista que poderá decidir o campeonato de futebol de salão do corrente ano, entre as maiores forças do esporte potiguar, ABC e América. Quieta feira, será o grande dia das **torcidas organizadas**, que muito poderão concorrer para o maior brilhantismo da disputa entre rubros e alvi-negros.

Por parte do América existe até um otimismo que podemos considerar exagerado. Não resta dúvida que o quadro americano dispõe do melhor placar do Estado atualmente, com dois quadros de adultos excelentes, onde se destacam Eduardo, Edval, Dodoca, Peninha, Artur, Gurgel, além dos outros que estão em igualdade de condições. O técnico rubro, Ollio Galvão sentirá certamente dificuldades para escalar o quadro que iniciará o encontro.

Com o ABC ocorre exatamente o contrário. O técnico alvi-negro, ex-ataleta Wilton, terá dificuldades para armar o quadro titular por não ter elementos em condições técnicas atuais. Certo, no entanto, está apenas a escalação do arqueiro que será Joca, podendo entrar ainda Elycyr. Nas outras posições o alvi-negro conta com Domilson, Nil-deme, Jorgeinho, Ovidio, entre outros.

Com tudo isso a partida não será fácil como pensam alguns. Clássico é clássico. E entre ABC e América as coisas mudam, mesmo um quadro estando inferior ao outro. Na ocasião de decidir todos viram "cobra" e difícil será um prognóstico a respeito do vencedor.

ALECRIM 4 x 3 SANTOS

Na penúltima rodada do retorno, ontem à noite, o Alecrim venceu ao Santos na categoria de adultos por 4 tentos a 3, com arbitragem de Zilson Eduar-do Freire. Na categoria de juvenil, o Tirol Atlético venceu ao Santa Cruz pelo placar de 2 x 1 com arbitragem de Rosal'd Fernandes. Na primeira partida da noite, categoria de infantil, o Tirol empatou com o Santa Cruz em 1 tento. Funcionou na arbitragem João Bosco.

Diário de Natal em 07 de outubro de 1969

UMA FESTA

A partir de hoje começarão a ser escolhidas quatro músicas por noite. Os compositores anunciaram, na manhã de hoje, que levarão ao Palácio dos Esportes **torcidas organizadas**, com faixas e cartazes.

A decisão da comissão de triagem, em deixar a triagem para os dias das eliminatórias, foi recebida com entusiasmo pelos compositores, que temiam que algum defeito nas gravações prejudicasse as suas músicas.

A única triagem realizada antes das eliminatórias ocorreu junto à Censura da Polícia Federal, que não teve muito trabalho em ouvir as músicas inscritas.

Alguns compositores, na reunião de ontem com a comissão

Diário de Natal em 25 de novembro de 1969

DE CONCURSO DE BELEZA

Ai está o Concurso de Miss Rio Grande do Norte. Sucesso de ponta a ponta. Muitas candidatas, todas as regiões do Estado devidamente representadas, a beleza aproximando municípios que se confraternizam com a metrópole. Os ensaios começaram no Palácio dos Esportes, que se tornou uma festa cada noite. Luis Maria Alves satisfeito com os resultados de sua coordenação geral e o apoio das cidades e dos clubes sociais.

Cristiane veio de Areia Branca, Ivete de Poço Branco, Lourdes de São José, Zenilda de Parelhas, Conceição de Ma-

cau, Eliane de Jardim, Vulany da música moderna, Fátima de Caicó, Miramar de São Gonçalo, Das Dores do Clube Guararapes, Giena de Macaíba, Luiza de Mossoró, Tônia da Assen e Lucineide do Turismo.

O Seridó vai travar a guerra na capital. Duas torcidas estão organizadas no maior porte. Uma, a de Parelhas, os universitários organizando a vinda de comitivas. A outra a de Caicó, onde já foram alugados cinco ônibus. Fui informado também da organização de uma grande torcida, esta a maior de todas, a da fábrica Guararapes, para a sua candidata.

Diário de Natal em 27 de maio de 1976

“Garra alvinegra” passou toda semana ensaiando só palavrões

A Garra Alvinegra estava bastante ouriçada, ontem. Seus integrantes passaram a semana ensaiando até madrugada. Mas, ao contrário do que seria lógico esperar, a Garra não ensaiou canção de vitória, grito de guerra ou outra coisa alusiva à conquista do título pelo mais querido.

Dai, a surpresa dos que foram ao Castelão, ontem, que só ouviu palavrão da Garra. Saia 123, 456, 789 e tome palavrão de todo jeito.

Parece até que a Garra estava adivinhando que o vencedor seria o América, e com antecipação estava largando palavrão em cima dos rubros.

O que chateou não foi nem a derrota. Foi desmanchar toda festa que estava preparada

Dizem que o que mais aborreceu o pessoal do ABC não foi a derrota do time para o América, nem a perda da invencibilidade de Carabina para o clube rubro, nem a perda também da chance de decidir logo tudo sem jogo extra.

O que mais chateou o pessoal do ABC foi se desfazer de tudo quanto havia sido adquirido para a festa do título.

que dava para todo bairro de Morro Branco comer e encher a barrica, orquestra de frevo, discoteque, de chorinho, fogos aos montões, além de cordões de lâmpadas e o escambal.

Fazia pena ver a turma desmanchando tudo isso, enquanto um dos diretores que havia sido contrário, exclamava nos corredores do Castelão:

- Eu bem avisei: não preparem festa de véspera...

Diário de Natal em 11 de dezembro de 1978

Torcidas se preparam para jogo de domingo

Enquanto os treinadores do ABC e América planejam seus sistemas táticos nos treinamentos, para tentar uma vitória no clássico deste domingo, por toda a cidade as torcidas organizadas preparam suas bandeiras e seus meios próprios de comemoração no caso de uma vitória.

A partir de segunda-feira, as torcidas organizadas do América, em número de duas - Fan-América e Rubranchaça - a torcida alvinegra, "Garra" começaram a anunciar o que pretendem levar como atrativo para o "Castelão", na chamada "guerra" das arquibancadas.

Até o final da Taça Cidade do Natal, a torcida do América era chamada de "Bela Adormecida", por se manter calada no setor do "Castelão", só reagindo contra seu próprio time. Hoje, há uma motivação entre os torcedores rubros, com dois grupos organizados, em resposta aos torcedores do ABC e do Alecrim.

"GARRA"

Os componentes da "Garra" torcida organizada do ABC estão anunciando que já têm 200 quilos de papel na casa de Estela, que serão picotados e atirados na entrada do ABC em

campo, o que eles chamam de um espetáculo nunca visto no "Castelão".

Outro desafio que está sendo feito pelos componentes da "Garra" é contra o centro-avante Oliveira que segundo Estela, não marcou nenhum gol contra o ABC e nem vai marcar em todo o Campeonato. "O gol que ele diz que marcou, foi anotado na súmula para Davi, e só vale o que está na súmula", afirma a líder garrista.

FANAMÉRICA

Enquanto a "Garra" anuncia 200 quilos de papel picado, os integrantes da Fanamérica, informam que já compraram 500 rolos de papel higiênico, que serão utilizados nos festejos da vitória rubra.

Além da preparação para receber o time no "Castelão", a Fanamérica vai organizar uma passeata que percorrerá todos os bairros da capital, começando no domingo pela manhã, na sede do clube, devendo encerrar-se, no mesmo local, após o jogo. Os preparativos das torcidas organizadas, além de levar para o "Castelão" um colorido especial, com bandeiras, fogos e papéis, ainda proporcionarão uma grande arrecadação, como esperam os dirigentes dos dois times.

Diário de Natal em 21 de junho de 1979

9 - A bossa agora é o surgimento de todo tipo de torcida organizada. Tem a Rubrachaça, Fanamérica, vem aí a Sul-América, Norte-América, e vai por aí. O ABC não difere: surgiu agora a TOCA e falam na ATOA (Associação das Torcidas Organizadas do ABC). Todas elas se limitam a jogar papel higiênico, papel picado e soltar fogos.

Diário de Natal em 28 de julho de 1979

ABC FAZ REUNIÃO

Dirigentes discutem soluções hoje à noite

NUMERADAS

1 - Ontem, a Rede Globo exibiu a película *Os corruptos*, filme que, se fosse colocado em ação todos os astros com capacidade para desempenhar um papel é evidente que teria um elenco numerotíssimo.

2 - A situação dos clubes do Rio Grande do Norte continua mais pra velório que pra aniversário. Agora mesmo acabaram de cortar a energia da Casa do Atleta do Baradnas.

Grupo "A"	J	V	E	D	PG	PP	GP	GC	SG
Equipe									
1ª América	2	2	-	-	04	-	12	01	11
2ª Esmer	2	1	-	1	02	02	05	05	-
3ª Atlético	3	-	1	2	01	05	01	04	-3
4ª Riachuelo	1	-	-	1	-	02	-	02	-1

Grupo "B"	J	V	E	D	PG	PP	GP	GC	SG
Equipe									
1ª ABC	2	2	-	-	04	-	04	01	03
2ª Ferroviário	2	1	1	-	03	01	02	01	01
3ª Força e Luz	2	1	-	1	02	02	02	09	-7
4ª Alecrim	2	-	-	2	-	04	03	07	-3

Próxima rodada: amanhã no "Castelo"
Esmer x Força e Luz
ABC x Riachuelo

Os dirigentes do ABC se reúnem à noite, na secretaria do clube na Prudente de Moraes, com os diretores e chefes das torcidas organizadas alvinegras e também com os abecedistas mais atuantes. A reunião tem como finalidade a exposição dos principais assuntos do clube, principalmente a situação difícil que o alvinegro está enfrentando. Além de colocar os fatos e números do ABC, a direção irá ouvir os dirigentes das torcidas organizadas e assim tentando encontrar uma maneira mais viável para a sobrevivência do ABC.

O diretor de futebol, Fernando Ferreira, que ao assumir disse que o seu principal objetivo era unir a tor-

cida com a atual direção, afirmou que com a reunião de hoje, espera que seja solucionado o problema envolvendo as duas partes. "Sem torcida não é possível existir um grande clube". Fernando disse ainda que espera o comparecimento em massa dos torcedores abecedistas para que reunidos com a direção possam encontrar uma solução viável para o ABC.

Um dos diretores da Garra Alvinegra, Carlito Medeiros, pede o comparecimento em massa dos torcedores alvinegros, no jogo de amanhã, tendo em vista que a atual situação financeira do ABC é crítica e a torcida tem que encontrar um

jeito para não deixar o clube cair de produção. Inicialmente é pensamento manter o mesmo plantel para que em seguida, com a ajuda das rendas dos jogos e também das rendas extra-futebol, possam contratar, já que atualmente não há jeito. O que os dirigentes alvinegros querem no momento é arranjar um meio de manter o atual plantel.

Carlito enumera alguns torcedores que não devem faltar, como por exemplo, Adiel de Lima, Gladstone, Estela, Evilásio, Antônio Belo, e vários outros abecedistas que têm sugestão a apresentar para que a diretoria possa encontrar uma solução para o ABC.

Diário de Natal em 27 de março de 1981

Melhores da crônica serão escolhidos pela torcida

Há três anos que a ACERN vem escolhendo os melhores cronistas, para premiar com o TROFÉU IMPRENSA, criado em 78 como meio de gratificar aqueles que procuram com o seu trabalho, se destacarem em suas atividades na imprensa esportiva.

Nos anos anteriores a votação era feita com a participação de dirigentes de clubes, atletas, árbitros e dirigentes da FNF. Este ano, a diretoria decidiu fazer uma experiência nova, colhendo o voto do torcedor, diretamente no "Castelo".

Antes de tomar essa decisão, a ACERN consultou os interessados e os principais dirigentes das torcidas organizadas, do ABC, América e Alecrim, recebendo o apoio para indicar os melhores cronistas de 1981, na Capital. Os cronistas do interior serão escolhidos em suas regionais.

COMO VOTAR

A escolha dos melhores da imprensa em 81, acontecerá neste domingo, por ocasião do jogo ABC x América, decidindo o quarto turno do certame. Serão consultados mil tor-

cedores, mediante uma ficha de pesquisa, na qual o votante tem livre arbítrio para escolher seus preferidos em Rádio, Jornal e TV-U.

O torcedor que chegar ao campo, entre 14 e 15 horas e entrar pelos portões, 5, 7, 8, 9 e 13, encontrará uma moça e um cronista que não está concorrendo, de quem receberá a ficha. Marcará com um X o nome dos cronistas de sua preferência e depositará na urna. Cada torcedor votará para melhor locutor, melhor comentarista, melhor repórter e melhor plantão (de Rádio); melhor editor, repórter e colunista (jornal) e melhor apresentador de televisão.

Desde o início da escolha dos melhores da crônica apenas três conseguiram o tri. Everaldo Lopes (colunista) José Lira (plantão) e José Ari (apresentador). Os demais vencedores são: Aldemar de Almeida, Eli Moraes, Justino Neto, Carlos Moraes, Luiz Gonzaga, Exmar Tavares, Roberto Machado, Hélio Câmara, Araújo Rodrigues, Luiz Sérgio, Cassiano Arruda, Adolfo Vieira. Este ano o torcedor é quem vai e decidir.

Diário de Natal em 28 de novembro de 1981

“Fera” quer sua chapa, nunca dividir

A torcida FERA (Fiéis Esmeraldinos Radicais) lança a chapa “Um Novo Tempo” para concorrer às eleições do Conselho Deliberativo do Alecrim a ser realizada neste domingo e cuja meta de trabalho caso seja vitoriosa está plenamente elaborada após uma reunião da qual fez parte Júnior Jácome candidato natural para presidente do Alecrim. Ele é apoiado pela torcida FERA conforme declarou Macêdo e Normando, dois que há muito lutam pelas coisas alecrinenses que, sem fazer oposição, desejam ver mudada a vida alecrinense no que concerne a parte diretiva que segundo eles, não está sendo do agrado total dos torcedores.

“Vamos lançar a chapa “Um Novo Tempo” e nossa intenção é ajudar a todos fiéis alecrinenses e alertar para o perigo que estamos passando, vendo o futebol ser relegado a plano inferior, disse Macêdo.

Normando apresentou a plataforma de trabalho a ser executada pela nova diretoria se eleita for e que consta do seguinte:

1º, Iniciar a construção de um estádio na sede campestre proporcionando, assim, melhores condições para formar futuros craques e ao mesmo tempo beneficiando o próprio plantel que terá seu campo próprio de treinamento.

2º, Planejamento e construção de entrada e portaria do clube e passarelas internas, idéia lançada por Júnior Jácome, na sua condição de engenheiro.

3º, Aquisição de uma sede administrativa própria no bairro do Alecrim,

pois a atual é alugada e onera muito o clube.

4º, Gravação e divulgação do Hino alecrinense que está totalmente esquecido e sem se saber qual o destino que tomaram as cópias.

5º, Reforma e cumprimento dos estatutos do clube. Dando maior poder a diretoria executiva. E um melhor relacionamento com o Conselho.

6, Criar uma assessoria de imprensa, que atualmente a pouca divulgação que o time tem, é fruto da desinformação e falta de um melhor relacionamento com a imprensa, que é a porta voz de qualquer clube.

7º, Maior apoio ao esporte amador.

8º, Criação de um departamento feminino.

9º, Criar um jornal ou boletim informativo que será enviado num sistema de mala direta, gratuitamente a todos os sócios contendo todas informações do clube.

10º, Elaborar um balancete mensal que deverá ser apresentado aos sócios, a através de um boletim e também a imprensa falada e escrita.

11º, Agilizar o departamento de cobrança, outro setor falho na atual administração.

12º, Reestruturação do futebol juvenil, destinando arrecadação junto ao Conselho Deliberativo para formação dos futuros atletas.

13º, Unificar todas as forças alecrinenses para conquista do título que há 15 anos o Alecrim não alcança.

Esses projetos, segundo os líderes da FERA o Alecrim mais unido e mais forte, sonho que todo alecrinense deseja ver transformado em realidade.

Diário de Natal em 09 de julho de 1983

7 - Uma sugestão para as torcidas organizadas que vão ao Castelão, como forma de evitar outras vítimas dos fogos de artifícios: é contratar um fogueteiro. Do lado de fora do estádio, são colocados os foguetões e, no ato da equipe pisar o gramado, utilizando um artefato muito comum nas festas de interior, vários foguetões são lançados, sem qualquer perigo para os torcedores, jogadores, repórteres, dentro do Castelão. Fica a idéia.

Diário de Natal em 20 de setembro de 1983

Proibido em definitivo fogos

O uso de fogos de artifício no estádio Presidente Castelo Branco está proibido e agora haverá fiscalização nos portões de acesso ao estádio para evitar acidentes, como ocorreu no domingo passado, quando o delegado da Federação Norte-rio-grandense de Futebol, saiu ferido.

Ontem pela manhã, houve uma reunião no gabinete do presidente da FENAT, João Batista de Paiva, e que contou com a presença de representantes de torcidas organizadas, além do próprio presidente da fundação, da imprensa e do comandante da Polícia Militar do Estado, Cel. Valdomiro Fernandes.

Os próprios representantes da FERA (torcida organizada do Alecrim), Nornando e Gilson, representantes das torcidas abecedistas, propuseram a proibição

O comandante da Polícia Militar, Cel. Valdomiro Fernandes afirmou que o policiamento no estádio é mais para manter os torcedores em segurança do que fazer qualquer repressão. "Nós estamos preocupados é com a segurança dos torcedores, por isso vamos aumentar a fiscalização nos portões e o uso de fogos está proibido até segunda ordem".

O policiamento no estádio Presidente Castelo Branco será iniciado mais cedo para evitar que os torcedores mais exaltados entrem no estádio portando armas, como ocorreu recentemente, com um torcedor americano puxando um 38 para um grupo de torcedores abecedistas. As armas que forem encontradas com torcedores sem porte, serão apreendidas.

Mostrando que realmente pretende realizar um trabalho sério à frente da Federação Norte-riograndense de Futebol, Domilson Damásio já começou a tomar algumas providências no sentido de evitar as constantes evasões de rendas que vêm ocorrendo no estádio Presidente Castelo Branco.

Segundo Domilson Damásio, no domingo último, tanto ele como o restante da diretoria da entidade, fez uma "geral" pelos portões de acesso ao estádio, para ver se pegava algum flagrante. Mas o que encontraram foram apenas alguns problemas, onde torcedores embriagados pretendiam entrar sem ingresso.

Mas, o presidente da FNF, reconhece que há evasão de renda e para isso não ocorrer irá tentar impedir de todas as maneiras. Para tanto, Domilson Damásio pretende se reunir nos próximos dias com o

presidente da FENAT, João Batista de Paiva para encontrar uma solução.

No momento, a FNF já começou a realizar um rodízio nos bilheteiros e porteiros, para evitar, dessa maneira, que os ingressos fiquem voltando para os bilheteiros venderem novamente. Além disso, pretende entrar em contato com o comando da Polícia Militar para que em cada portão se tenha um ou dois policiais, já que a fiscalização pode coibir o abuso.

Em todas as partidas, a diretoria da Federação Norte-riograndense de Futebol irá fazer fiscalização ostensiva pelos portões do estádio Presidente Castelo Branco, auxiliada pela diretoria da agremiação que estiver jogando. No entanto, para evitar que os evasores de arrecadação se previnam não será anunciado os nomes dos dirigentes que irão fiscalizar.

LATAS E GARRAFAS

Domilson Damásio disse também que pretende conversar com o presidente da FENAT, João Batista de Paiva, no sentido de encontrar uma solução para os problemas que os bares estão trazendo para o Castelão, pois a venda de bebidas em latas e garrafas coloca em risco os torcedores da geral e aos próprios jogadores que ficam sujeitos a agressão.

"Nós temos que encontrar uma solução, pois quando o torcedor fica irritado com alguma coisa, começa a jogar latas e garrafas nos árbitros e nos jogadores, além dos torcedores da geral. Nós temos que dar segurança a torcida e aos jogadores. Por esse motivo, é que vou entrar em contato com Joãozinho, pois os contratos, os proprietários dos bares fizeram com a FENAT", concluiu Domilson Damásio.

Diário de Natal em 02 de março de 1982

9—O policiamento que vai ao Castelão tem mais outra missão, a partir de agora: é a de evitar o encontro das torcidas organizadas. No sábado, após o jogo ABC x Alecrim, quando grande parte dos torcedores haviam deixado o estádio, alguns integrantes da Fera, recolhiam as bandeiras quando foram abordados por torcedores do ABC, em muito maior número. Um deles puxou um revólver 38 e a coisa só não teve consequências piores porque Macedo agiu como mediador e acalmou o ambiente. Fica o registro para o comando do policiamento providenciar, doravante.

Diário de Natal em 29 de abril de 1986

ESPORTE

Natal, segunda-feira, 24 de outubro de 1994

GANGUE ALVINEGRA

Torcida organizada tem sede nas bancas da av. Rio Branco

Quem passa pelo calçadão da avenida Rio Branco, no centro, não imagina que por trás daquelas bancas há mais uma torcida organizada do ABC.

Fundada há três anos, a Gangue Alvinegra, é formada em sua maioria por camêlons do centro da cidade. Atualmente, a torcida tem cerca de 50 associados.

Os diretores da Gangue só exigem um pré-requisito dos que queiram ingressar nela: amar o ABC. E foi por este amor que um grupo formado por Evanilson Gurgel (o Ral), Manuel Udeilson (o Patola), Ednildo Araújo (o Dado) e Padilha resolveu fundar a Gangue Alvinegra, que apesar do nome é radicalmente contra violência nos Estádios de futebol.

O atual coordenador da torcida, o comerciante Evanilson Gurgel, diz que a paixão dos integrantes da Gangue Alvinegra é tanta que tem gente que abandona a família pelo clube. "Tem camarada que diz que vai deixar a mulher pelo ABC", brinca. Para ele o grande ídolo abecedista na atualidade é o babinho Odilon. Ral, entretanto, faz questão de lembrar o centroavante Renilson e o tra-

balho "muito bom" do técnico Danilo Menezes.

Os integrantes da Gangue estão sempre organizando excursões para acompanhar o alvinegro no Brasileiro. Há duas semanas, eles lotaram um ônibus que assistiu a derrota do ABC para o América de Esperança. "Nas excursões rola um clima muito legal de amizade entre a gente", conta Padilha. Ele continua dizendo que o que o mantém na Gangue mesmo é a união do pessoal. "Aqui se alguém está sem condição de viajar numa excursão tem sempre outro pessoal que nos ajuda, e quem está a fim de viajar nunca fica".

A Gangue Alvinegra mantém contato com outras torcidas organizadas do Brasil, como a Gavões da Fiel (Corinthians), Força Jovem (Flamengo), Independente (São Paulo), com quem faz intercâmbio de materiais.

Mas nem tudo é festa na torcida. Edinaldo Araújo, um dos fundadores, mais conhecido como Dado, diz que acha um abuso as condições em que se encontra o Machadão atualmente. São luzes quebradas, banheiro sem água e a

grande evasão de renda, o que é uma grande vergonha para o futebol do Estado, reclama indignado o torcedor. Dado não se considera um torcedor fanático e diz que chega até a torcer pelo América quando o ABC não está em campo. "Não sou tão radical, estou torcendo pelo América na segunda divisão do Brasileiro".

Manuel Udeilson, o Patola, conta que já participou de mais de 15 excursões com a Gangue Alvinegra. Ele reclama da total falta de apoio pelos dirigentes do clube, "que só pedem que a gente vá para o campo mas não nos ajudam em nada". Todos os recursos da torcida, para a compra de fogos, papel higiênico e faixas, vêm das coletas feitas entre os membros da Gangue e de eventuais doações de lojistas.

Quem quiser ingressar na Gangue é só procurar a Banca do Ral no calçadão do Rio Branco, próximo a Musi Som. A Gangue tem carteirinha para os membros e está presente em todos os jogos do ABC. Os diretores já prepararam mais uma excursão para João Pessoa, para a partida de domingo.



Evanilson



Patola



Padilha



Edinaldo



Gangue Alvinegra sempre presente nos jogos do ABC, como no jogo contra o Vasco (foto) em abril deste ano

O Grêmio Recreativo Sócio Cultural Torcida Máfia Vermelha (TMV) foi fundado no ano de 1991 por Aécio Franklin de Albuquerque Júnior e por mais alguns jovens que naquela época nutriam e ainda nutrem grande sentimento de afeto pelo América Futebol Clube da cidade de Natal - Rio Grande do Norte.

"O que víamos nos estádios era uma grande torcida, que comparecia, mas que na maioria do tempo de jogo se postava de forma arredia, ou seja, torcedores que só sabiam cobrar de nossos jogadores, de nossa diretoria, mas que não incentivavam, não ajudavam, principalmente em jogos chamados clássicos"

Disponível em: <http://www.organizadasbrasil.com/torcida/TORCIDA-MAFIA-VERMELHA-352.html>

Acesso em: 23 jul. 2022.

Os grupos 5 e 6 ficarão com trechos de matérias sobre a violência das torcidas organizadas envolvendo escolas da capital e deverá responder as seguintes questões:

- a) O que explica a violência envolvendo estudantes de algumas escolas da capital?
- b) Qual a repercussão na mídia sobre a violência envolvendo estudantes de escolas de Natal?

Recursos Educacionais:

Abertura dos Jerns 2007 acontece nesta sexta-feira

Quarta-feira, Outubro 17th, 2007

Considerado o maior evento esportivo estudantil do país, os 37º Jogos Escolares do Rio Grande do Norte (Jerns/2007), começam nesta sexta-feira (19/10), às 8h30, com o desfile de abertura no Ginásio de Esportes Humberto Nesi, “o Machadinho”. A programação de abertura da competição contará com o desfile de cem escolas da rede estadual, municipal, federal e privada de ensino. Cada unidade escolar irá desfilar com a bandeira do estabelecimento de ensino e uma representação de até cinquenta alunos, corrida do fogo simbólico, juramento do atleta e hasteamento do pavilhão nacional.

Haverá ainda a realização de um show cultural com a participação de grupos de ginástica da Federação do Rio Grande do Norte, Companhia de Dança do Colégio Contemporâneo, Grupo de Dança Macambira da Escola Estadual Djalma Aranha Marinho da cidade de Passa e Fica, na região Agreste, além da Orquestra Sinfônica da Casa Talento.

Os jogos deste ano vão reunir mais de quinze mil atletas de trezentas e doze escolas municipais, estaduais, particulares e federais de ensino de Natal e do interior do Estado. As disputas serão nas categorias mirim, infantil e juvenil.

Serão disputadas trinta e três modalidades esportivas, entre as quais, basquete, futebol de campo, tênis de mesa, ciclismo, pesca, xadrez, atletismo, karatê, maratona cultural, futebol de mesa, mountain bike, judô, voleibol de duplas, voleibol in door, handebol e natação. As competições se estenderão até o final deste mês. Os Jerns são uma promoção do Governo do Estado, através da Coordenadoria de Desporto da Secretaria da Educação e da Cultura (SEEC).

CAMPANHA PELA PAZ

Dentro da programação preparada para cerimônia de abertura dos Jerns 2007, a Subsecretaria de Juventude, com apoio da Secretaria Estadual de Educação e da Cultura, lançará a campanha “Torcendo na Paz”.

Após o desfile dos atletas, as torcidas da Gangue e da Máfia irão entrar juntas para desfilar no ginásio com camisetas com a frase: “Juntos torcemos pela paz!”. O intuito deste movimento é promover a paz, a partir da conscientização daqueles que fazem parte de torcidas organizadas para que a cultura da paz aconteça entre as mesmas, além de mostrar pra sociedade a realidade desses grupos.

Esta será a primeira dentre as inúmeras ações que as torcidas organizadas da Máfia e da Gangue estarão organizando conscientizar aqueles que denigrem a imagem das torcidas organizadas.

Disponível em: <http://eugeniobezerra.blog.digi.com.br/category/release/page/2/>
12/10/2009, às 12:17

Ações violentas das Torcidas Organizadas chegam às escolas

Publicado no Dia 16/08/2008
Ciro Marques

A Polícia Militar não terá apenas os três jogos considerados de risco - América e ABC e América e Ceará, no estádio Machadão, e ABC e Fortaleza, no estádio Frasqueirão - neste segundo semestre para se preocupar com possíveis casos de violência envolvendo as pessoas que se dizem membros das torcidas organizadas Garra e Dragão. Atualmente as escolas, que deveriam ser a principal formadora de jovens cidadãos, vem sendo a maior fonte de preocupação com a segurança nos últimos meses.

Engana-se quem pensa que as confusões entre torcidas organizadas se limitaram aos campos de futebol. Nas escolas estaduais de Natal, as brigas entre "estudantes" são bem mais frequentes, fazendo a disciplina desaparecer e o medo comandar entre professores, alunos e coordenadores de instituições de ensino públicas.

"A situação é complicada. Não temos como controlar e disciplinar os alunos. Não chega a ocorrer confusões dentro da escola, no entanto, como há muitas praças públicas próximas, as confusões acabam acontecendo nelas e o clima de tensão e as rixas particulares são levadas para dentro do colégio, aumentando o clima de tensão na escola", explica o coordenador da Escola Estadual João Machado, Thiago Olímpio. Além da violência, o consumo de drogas também atrapalha e se faz presente entre os brigões. "Sempre tem consumo de drogas. Praticamente todos os que participam dessas confusões também tem envolvimento e como falta segurança, não temos como coibir essa prática", ressalta Olímpio.

O João Machado, porém, além de não ser o único, não é o colégio que mais sofre com esse tipo de confusão. Na semana passada, a manifestação estudantil contra o aumento da passagem de ônibus na Cidade Alta, serviu de palco para mais uma confusão entre alunos. Desta vez, estudantes das duas mais tradicionais escolas estaduais, Winston Churchill e Atheneu -estas conhecidas por serem sede de torcedores da Gang e Máfia, respectivamente -, se confrontaram em uma briga que só terminou com a intervenção de Polícia Militar. Na ocasião, os estudantes do Atheneu invadiram o Churchill, arrombando o portão da escola, agrediram alunos nos arredores do colégio e ainda atiraram pedras nas janelas e nos carros dos professores. Em resposta, as aulas do Atheneu também foram ameaçadas, quando uma vingança dos estudantes do Churchill foi programada para acontecer nesta semana. Por sorte e segurança reforçada, ela não aconteceu. Pelo menos, não na escola.

Apesar desta situação, a maioria dos professores prefere não comentar o assunto, seja por temerem represálias ou não quererem se envolver na segurança da escola. O CORREIO DA TARDE visitou o Atheneu no início da semana, mas encontrou profissionais que, surpreendentemente, não sabiam dos últimos acontecimentos.

A diretora do colégio estadual Atheneu, Maria de Lourdes Julião, afirmou que todas as informações foram passadas para a Secretaria do Estado da Educação e da Cultura (SEEC), e não está autorizada a falar sobre o caso com a imprensa. "Nós nos reunimos na última segunda-feira com o chefe do gabinete da SEEC, Ireno José Santos de Lima, e repassamos todos os acontecimentos para a Secretaria. Ele ficou de tomar uma decisão e procurar uma saída para o caso, mas recomendou que não falássemos com a imprensa, pois ele seria o responsável pelo assunto", explicou Maria de Lourdes.

Secretaria de Educação se prepara para reforçar segurança nos Jern's

Para a responsável pela Coordenadoria de Desporto do Rio Grande do Norte (Codesp), Ana Dalva, a situação está sendo trabalhada, pelo menos, para evitar os problemas nas manifestações esportivas. "Nós estamos tentando marcar uma reunião com os diretores e professores das escolas do estado e também com alguns promotores da Vara da Infância e da Juventude para mapearmos a situação da violência e, a partir daí, procurarmos uma solução para esse problema que, realmente, pode manchar a imagem da educação no Estado", explica Ana Dalva.

Essa preocupação da Codesp se deve, principalmente, pela proximidade dos Jogos Escolares do Rio Grande do Norte (Jern's), mas pode ajudar a toda educação potiguar. "Nós iremos traçar um mapa do problema. A partir dessa reunião, poderemos saber quais escolas apresentam situações mais críticas em relação a essa questão das torcidas organizadas, e também o que pode ser feito com esses alunos problemáticos. Neste ponto, entra a importância da Vara da Infância e Juventude, que vai traçar o melhor caminho para que esse jovem seja recuperado, pois a nossa intenção é reintegrar o jovem à cidadania e não excluí-los da educação", explica a coordenadora.

Apesar de não acreditar que o problema será resolvido apenas com o aumento do policiamento, Ana Dalva afirma que para o Jern's, os estudantes podem ficar mais relaxados, pois será feito um forte esquema de segurança. "É impossível ter total controle sobre uma grande concentração de jovens. Mas a nossa intenção é fazer um forte esquema de segurança para os Jogos. Nós começamos a conversar informalmente com o comando da PM e eles já estão estudando como será feita a segurança nos dias de competição", garante a coordenadora da Codesp.

Ana Dalva ainda completa que é que a responsabilidade sobre a violência não é apenas da torcida Máfia Vermelha e Gang Alvinegra, que tiveram que mudar o nome para Dragões e Garra, respectivamente, após determinação do Ministério Público. A violência entre os jovens é muito mais uma questão social. "Nos reunimos algumas vezes com os membros das torcidas organizadas, e o que percebemos é que os diretores não têm controle total. Segundo eles, muitos desses jovens envolvidos em confusões nem são cadastrados como torcedores. Eles conseguem até controlar a torcida quando estão presentes, mas não podem estar em todas as manifestações que envolvem as pessoas que se dizem da Garra e da Dragões", aponta. O problema de segurança nas escolas talvez seja o nítido caso de inversão de papéis, em que a

violência nos estádios nasceu e cresceu dentro das escolas, mas parece que só agora, quando já está fortemente enraizado entre os alunos, é finalmente percebido pelos gestores da educação do Estado.

Disponível em: http://www.correiodatarde.com.br/editorias/correio_natal-33391
13/09/2009, às 14:46

Brigas entre torcidas e colégios atingem e assustam comerciantes

Proprietários de cigarreiras e lojas presenciam quase diariamente confrontos entre adolescentes. Eles utilizam pedras e fogos de artifício.

Terça-feira, 28/07/2009 às 18h34
Por Thyago Macedo

As brigas de adolescentes no Centro de Natal se tornaram uma rotina, principalmente entre duas das mais tradicionais escolas públicas da capital, o Atheneu e o Winston Churchill. Os confrontos de gangues têm atingido outros setores da sociedade, como os comerciantes das áreas próximas aos colégios. Em frente ao Churchill, na avenida Rio Branco, por exemplo, comerciantes reclamam que quase diariamente presenciam a pancadaria. Temerosos, eles não se identificam, mas contam o que veem a cada semana. “Ultimamente, tem sido quase todo dia. Mas é principalmente nas sextas-feiras. Eles ficam em grupos em frente ao colégio e de repente começam a brigar. Às vezes vem os grupos de outras escolas para confrontar com os daqui [Churchill] e às vezes eles vão para os outros colégios”, afirma um vendedor. De acordo com ele, os motivos para as brigas são os mais fúteis. “Basta um passar com uma camisa do América, por exemplo, que os do ABC partem para a briga e vice-versa. Além disso, tem a história de rivalidade entre os colégios”, destaca. Ele destaca ainda que o medo é principalmente pelo fato dos jovens estarem se armando com pedras e fogos de artifício. “Em uma dessas brigas eles atiraram um rojão aqui contra a gente e atingiram o teto de uma dessas lojas. Por pouco não pegou na gente”, conta. O vendedor afirma que não quer aparecer por ter medo de sofrer alguma represália. “Esse pessoal de lojas grandes como as Americanas ou o Banco do Brasil investem em segurança privada e conseguem se defender. Mas a gente que é ‘pequeno’ não pode mostrar a cara”, desabafa. Já em frente ao colégio Atheneu, o dono de uma cigarreira Francisco de Assis declarou que trabalha no local há 20 anos e os confrontos começaram nos últimos cinco anos. “Essas brigas estão acontecendo constantemente. Já se foi o tempo de tranquilidade aqui. Eles se enfrentam em grupos de 15 a 20 pessoas. É pedra pra todo lado. Dia desses uma delas atingiu um carro que estava estacionado aqui em frente à

cigarreira”, conta. Francisco de Assis ressaltou, contudo, que a Polícia Militar destacou dois policiais para passar o dia em frente ao colégio e, nos últimos dias, não houve registro de confrontos próximo ao colégio Atheneu.

Disponível em: <http://www.nominuto.com/noticias/policia/brigas-entre-torcidas-e-colegios-atingem-e-assustam-comerciantes/35562/>

Gangues: jovens morrem, mas brigas e ameaças continuam

Nominuto.com entrevistou dois rapazes, um de 17 e outro de 20 anos, que conhecem gangues e ambos lamentam ter perdido “chegados”.

Quinta-feira, 30/07/2009 às 15h26

Por Thyago Macedo

A participação de adolescentes e jovens em gangues de Natal é motivo de orgulho para a maioria deles. Contudo, a mentalidade voltada para a violência tem tirado a vida de muitos deles e nem mesmo isso diminui as brigas.

O *Nominuto.com* entrevistou dois rapazes, um de 17 e outro de 20 anos, que conhecem o funcionamento de uma gangue e ambos lamentam terem perdido “chegados” por causa dos conflitos. O de 17 anos é ex-membro da Máfia Vermelha, torcida organizada do América-RN. Ele esteve na linha de frente do movimento durante quatro anos e confessa que se afastou do grupo por medo de morrer.

“Saí há oito meses. Não dava mais para mim, era muita treta, altos bichos querendo minha cabeça”, conta. Questionado se isso aconteceu por ele ser um membro participativo, o adolescente afirma: “era linha de frente da torcida”.

O ex-membro, que entrou na Máfia aos 13 anos, destaca que nos últimos anos perdeu cinco “chegados”. “Amigos mesmo de rocha, de está comigo, frente a frente, na consideração, perdi cinco”.

O último deles se chamava Alan. No Orkut, foi possível encontrar em comunidades e perfis dos membros da Máfia várias homenagens e manifestos de luto para Alan. De acordo com os envolvidos, isso quer dizer que ele era atuante.

Para o jovem de 20 anos, membro da Gang Alvinegra, brigar já virou rotina. “Perdi as contas de quantas participei. Hoje em dia até que estou na paz. Só entro na porrada se ‘Os Marias’ vierem provocar”.

“Os Marias” citado por ele são os integrantes Máfia Vermelha. O rapaz, que não quis se identificar, explicou ainda os motivos das brigas entre escolas.

“No Atheneu, por exemplo, só tem ‘Maria’, aí eles vêm de lá para cá [Churchill] e começa a porrada. Acontece que do lado de lá só tem corredor, a prova disso é que eles vêm com pedras e rojões, enquanto a gente vai na mão mesmo”, provoca.

O jovem de 20 anos destaca que já se vê uma pessoa mais madura e até pensa em sair da Gang. “Estou pensando em concluir o ensino médio e até fazer uma faculdade de Direito para nunca mais entrar em briga”.

Disponível em: <http://www.nominuto.com/noticias/policia/gangues-jovens-morrem-mas-brigas-e-ameacas-continuum/35670/> 27/02/2010 às 15:15

Torcidas colegiais ligadas ao crime

Publicado: 00:00:00 - 14/11/2010 Atualizado: 11:43:37 - 13/11/2010
Carlos Júnior - especial para a TN

Ao acessar a comunidade do Orkut da Ira Jovem, Torcida da Escola Dom Marcolino Dantas (DMD), o internauta encontra um aviso: “A Torcida Ira Jovem, não tem nada a ver com a Máfia Vermelha e nem a Garra Alvinegra”.

Talvez essa seja apenas uma forma de despistar as investigações da polícia, que tem buscado de diversas formas descobrir com antecipação as brigas marcadas pela internet entre alunos de diversas escolas. As brigas geram muita violência e há suspeitas de que até mortes aconteceram por conta da guerra entre as escolas.

O aviso da Ira Jovem, repetido em outras comunidades no intuito de despistar a realidade violenta, ao observar mais a fundo os sites, blogs e os próprios tópicos do Orkut, ficam claras as semelhanças entre as guerras das escolas e as torcidas organizadas tradicionais.

As maiores torcidas dos clubes nordestinos são, em sua maioria, divididas em dois grupos, denominados de “lado a” e “lado b”. Esses nomes são originados dos bailes funk, em que o cantor dividia o público em dois lados e autorizava uma pancadaria desenfreada entre o público.

Tanto no caso das torcidas organizadas de clubes, como nas chamadas torcidas colegiais, são feitas ‘alianças’ e os grupos brigam em bloco. Nas torcidas organizadas, o “lado A” é formado por torcidas como a Inferno Coral do Santa Cruz-PE, Torcida Uniformizada do Fortaleza e OHS do América, entre outras. Detalhe: O nome da torcida OHS surgiu pela proibição do Ministério Público ao nome Máfia Vermelha, com isso, o grupo se intitulou de “Ontem Hoje e Sempre”, deixando o nome Máfia oculto. Já o “lado B” é formado por torcidas dos times rivais, como a Cearamor, do Ceará, FaNáutico, do Náutico e Garra Alvinegra, do ABC.

Já no “lado A” colegial é formado por torcidas como a Irmoçada do Instituto Reis Magos, a Torcida Organizada Atheneu (do Colégio Atheneu), a Torcida Organizada do Walfredo (da Escola Estadual Walfredo Gurgel), entre outras. Já o “lado B” é composto por um grupo formado por cerca de 20 torcidas, que é facilmente encontrada em uma das comunidades do Orkut de alguma delas. O grupo é variado e conta, tanto com escolas da periferia, como também de colégios tradicionais, como a Torcida Organizada do Maria Auxiliadora.

A escolha dos nomes “lado A” e “lado B” não pode ter sido mera coincidência. Prova disso é que boa parte das diretorias das torcidas do “lado B” colegiais são membros da Garra Alvinegra. E no “lado A” a ligação é ainda mais comprovada, pois no blog fotográfico da torcida do Atheneu (flogao.com.br/toatheneu) há uma homenagem a um membro da OHS morto pela violência entre as torcidas dos clubes e, nos comentários consta a promessa de vingança. Além disso, todos os blogs favoritos são de torcidas do “lado a” dos clubes, ficando clara a ligação direta das torcidas com as facções dos times de futebol.

A marginalidade também é vista no blog do Atheneu com a exposição de pichações e de materiais que eles afirmam ter roubado das escolas do “lado b”.

Violência/ Músicas criadas para brigas

As músicas das torcidas organizadas também mostram como a violência é incentivada por esses grupos escolares, denominados de torcidas colegiais. Uma prova é vista no website da Torcida Ira Jovem (torcidairajovem.rg3.net), do DMD. O cantor MC Tremor lembra de fatos de violência ao cantar “Nosso passatempo é quebrar *os alemão*. Se lembra em 2009, invadimos foi o DED com um verdadeiro mulão”.

O gíria alemão é utilizada por torcidas organizadas de todo o país, para intitular o suposto inimigo como derrotado, já que os alemães saíram derrotados da Segunda Guerra Mundial. As torcidas sulistas começaram a usar o termo e outros grupos também repetiram isso, sempre afirmando que membros das torcidas organizadas rivais vão morrer, assim como aconteceu com os alemães. A gíria mulão significa galera do mal.

A violência é incitada de forma clara nas descrições: “programadas para matar”.

Escolas monitoram alunos e responsabilizam as famílias

Roberta Trindade – Repórter

A internet pode ser utilizada para diversos fins, mas uma delas tem chamado a atenção dos especialistas em segurança pública. Por meio da rede de computadores, jovens integrantes de torcidas rivais estão marcando brigas, ameaçando pessoas e denegrindo a imagem de desafetos. É isso que tem sido feito por alguns alunos de escolas privadas de Natal.

O site de relacionamento Orkut é o principal meio eletrônico utilizado para os estudantes marcarem conflitos, ofenderem colegas de turma (*bullying*) e criarem comunidade destruindo a imagem de professores. A situação é tão grave que, segundo o que foi apurado pela TRIBUNA DO NORTE há vários professores que estão incapacitados de trabalhar (estão pelo INSS) diante do constrangimento sofrido por alunos que utilizam o Orkut para desmoralizar estes profissionais.

A reportagem da TN percorreu algumas instituições de ensino particular e verificou que as escolas estão utilizando o diálogo como método para tentar evitar que as brigas se concretizem. O mais curioso é a faixa etária onde se detecta o maior número de conflitos - estudantes entre 12 e 15 anos.

A TN entrevistou profissionais ligadas à área de educação e todas são unânimes em apontar a falta de estrutura familiar como principal fator para o descontrole de alguns jovens natalenses.

Escolas católicas

Maria Isabelle Costa Pereira, 29, é assistente social do Instituto Maria Auxiliadora e do Colégio Nossa Senhora das Neves. Experiente, a profissional disse que um trabalho socioeducativo tem sido realizado onde o objetivo tem sido focar a paz.

Apesar disso, questionada sobre a Torcida Organizada do Auxiliadora, a assistente social enfatiza que tem acompanhado de perto toda a situação e que “os estudantes estão calmos”. Isabelle diz que verifica não somente o Orkut, mas também o MSN - outra ferramenta utilizada pelos alunos. “Sobre a torcida, identificamos os meninos, chamamos os pais e fazemos um trabalho educativo”.

Com os novos tempos, Isabelle aponta um problema enfrentado pelas famílias. “Os pais, geralmente, não sabem utilizar a internet e os jovens mexem em tudo”.

Isabelle destacou que, no caso do Instituto Maria Auxiliadora, as possíveis ameaças ou brigas ficaram no campo virtual. “Não se concretizaram porque agimos e conversamos com os envolvidos”.

A irmã Maria do Carmo Lira, 59, é a administradora do instituto e ainda acredita em uma boa conversa. “Eu sou do parecer do diálogo com a família. Eu vejo um novo modelo de família. Não tem mais pai e mãe. É o pai e a madrasta, a mãe e o namorado. Chamamos desarranjo familiar. Como tudo é fragmentado, o computador entra com muita força na vida das famílias”.

Na Escola Dom Marcolino Dantas, onde estudam 420 alunos, a diretora irmã Maria do Socorro de Lima, 60, também é de acordo com o que disse a irmã Maria do Carmo. Para a diretora, os jovens não têm mais a referência da família. “Não existe estrutura. Quase todos não têm pai e mãe juntos. Os adolescentes trazem uma carga de conflitos dentro deles”.

O colégio também tem um grupo: Torcida do Dom Marcolino Dantas (DMD). Maria do Socorro disse que tem informações sobre a torcida, mas que o pior no colégio é mesmo o bullying. “Precisamos conversar com um aluno, na semana passada, por causa desse assunto. É um problema que leva tempo para solucionar. Um processo educativo de todos os dias”.

Polícia

O delegado geral da Polícia Civil, Elias Nobre, afirmou que já existe uma investigação em conjunto entre a Polícia e o Ministério Público para apurar as brigas de torcidas organizadas via internet. “O delegado José Roberto (da Delegacia Especializada em Homicídios) está à frente das investigações, juntamente com o promotor de justiça Fernando Vasconcelos.

Elias disse que, apesar da Polícia Civil ainda não ter uma delegacia especializada em crimes cibernéticos, o serviço de inteligência da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social possui profissionais especializados no assunto. “O delegado Raimundo Rolim é do serviço de inteligência e também é analista de sistemas. É um policial preparado que atua na área”, completou.

Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/torcidas-colegiais-ligadas-ao-crime/165054>
23/01/2021 às 15:17

O grupo 7 ficará com um documento produzido pelo professor, que é uma linha do tempo, traçando os homicídios possivelmente relacionados a violência envolvendo as torcidas organizadas natalenses. Esse grupo deverá

a) Revelar o perfil dos jovens que perderam suas vidas por assassinatos possivelmente motivados pela rivalidade entre as torcidas organizadas no que se refere ao sexo, idade e local do homicídio.

b) Sobre o local do ocorrido, o grupo receberá um mapa da cidade do Natal para irem marcando os lugares em que esses eventos aconteceram.

Avaliação:

Produção de uma apresentação pelo PowerPoint, Google Apresentações, Jamboard, Prezi ou similar, das informações obtidas mediante a pesquisa;

Exposição e socialização dos registros obtidos através da investigação.

Recursos Educacionais:

Incidentes e Mortes ocasionadas pelas Torcidas em Natal*

14/03/1995 – Policial militar matou um torcedor do América por motivos fúteis no estádio Machado¹³²;

18/12/2003 – Romel Félix (19 anos), morador da Vila de Ponta Negra foi assassinado na final da Copa Cidade do Natal no Estádio Machado. Ele era da Máfia Vermelha. Os criminosos eram da Gang Alvinegra e moravam no bairro das Rocas¹³³;

29/05/2004 – Marco Aurélio (21 anos) foi assassinado ao voltar de uma festa da Gang Alvinegra. Uma das armas pertencia a um cabo da polícia integrante da Máfia Vermelha¹³⁴. O crime ocorreu na Rua Rubens Mariz no bairro de Dix-Sept Rosado. A vítima retornava de uma festa promovida pela Gang Alvinegra na zona norte da cidade;

08/07/2005 – O jovem H.R.S (17 anos) foi morto na frente da casa no beco Santo André no bairro Dix-Sept-Rosado. Motivo: torcida e tráfico. Integrante da Máfia Vermelha¹³⁵;

¹³² Tribuna do Norte 16/03/1997.

¹³³ Diário de Natal 18/12/2003.

¹³⁴ Diário de Natal 03/05/2005.

¹³⁵ Diário de Natal 09/07/2005.

===== **EXTINÇÃO DA GANG ALVINEGRA E MÁFIA VERMELHA** =====

Torcida Gang Alvinegra > Torcida Garra Alvinegra;

Torcida Máfia Vermelha > Dragões > Ontem, Hoje e Sempre (OHS) > TMV (Tradição, Motivação e Vibração).

13/01/2006 – Paulo Cassiano (15 anos) foi morto por espancamento na Vila Naval no Alecrim. A mãe responsabiliza torcedores do ABC¹³⁶;

14/04/2006 – Um adolescente de 13 anos morreu na noite desta sexta-feira, vítima de uma bala perdida, após uma briga em Cidade Nova, Zona Oeste da Capital. O estudante Pablo Diego Policarpo da Costa brincava com amigos na calçada de uma lanchonete em frente à sua casa, na Rua Monte Calmo, quando, por volta das 20h, começou um tiroteio. Um policial militar que trabalhava no plantão informou que um popular denunciou que o motivo da confusão foi uma briga entre membros das torcidas Máfia Vermelha e Gang Alvinegra. Hoje pela manhã, nas dunas de Cidade Nova, torcedores escreveram com galhos um grande desenho da sigla TMV (Torcida Máfia Vermelha), como numa demonstração de poder e comando do território. A ousadia da atitude chamou a atenção de quem passava pela rua¹³⁷;

25/05/2006 – Aberrê Dgenaro de Oliveira, de 20 anos, componente da Gang, foi assassinado com três tiros na quadra da Vila de Ponta Negra¹³⁸;

29/10/2006 – Final de tarde do dia 29 de outubro de 2006. Enquanto vivia o clima do segundo turno do pleito que reeleger o presidente Lula, a família e os amigos do adolescente Cristian Robert, 17 anos, choravam sua morte, vítima da fúria de membros de uma facção da Torcida Gang Alvinegra (TGA) da Zona Norte de Natal. Alguns dias após, a morte de Cristian foi vingada. Seus colegas de uma facção da Máfia Vermelha assassinaram um dos algozes, depois ainda invadiram o velório e derrubaram o corpo do jovem morto¹³⁹;

¹³⁶ Diário de Natal 18/01/2006.

¹³⁷ Disponível em: <http://www.correiodatarde.com.br/editorias/policia-212> publicado no dia 15/04/2006.

¹³⁸ Disponível em: <http://www.correiodatarde.com.br/editorias/policia-1964> publicado no dia 26/05/2006.

¹³⁹ Disponível em: http://www.diariodenatal.com.br/2010/09/16/cidades5_0.php publicado no dia 16/09/2010.

07/11/2006 – Henildo Macedo Dantas, 25 anos, assassinado com tiros na cabeça depois de assistir a uma apresentação da banda Grafith na Shock Casa Show, na Zona Norte de Natal. Henildo Macedo participava da Gang Alvinegra, torcida organizada do ABC, no bairro Lagoa Nova, onde morava, e pessoas ligadas à família dele ouviram que torcedores rivais, da Máfia Vermelha, simpática ao time do América, estariam planejando ir até o velório, no Bairro do Alecrim, promover vandalismo, inclusive com ameaça de derrubar o caixão¹⁴⁰;

26/04/2007 – A estudante Kaliene Josino, 17, mãe de duas filhas - uma com nove meses e a outra de três anos -, morreu às 4h45 de ontem depois de passar mais de 72h em coma, no Hospital Walfredo Gurgel (HWG). Torcedora do ABC, a vítima sofreu uma pedrada na cabeça por volta das 18h20 do último domingo quando estava voltando para casa, dentro de um ônibus que faz a linha 07, no momento em que passava pela Avenida Engenheiro Roberto Freire, próximo ao Shopping Orla Sul, em Capim Macio¹⁴¹;

05/06/2008 – Paulo Jonathan Pereira da Silva “Papudo, 16, foi assassinado a tiros, na tarde desta quinta-feira (5), no bairro do Alecrim. De acordo com sua própria mãe, ele foi mais uma vítima da rivalidade de torcidas em Natal. Pessoas que conheciam o adolescente disseram que ele seria integrante de uma torcida organizada do ABC, conhecida como Gang Alvinegra, e que tinha rivalidade com os membros da "Máfia". A mãe dele, Vilma Lopes, acompanhava o filho e presenciou o crime. Bastante abalada, ela não quis conceder entrevista. No entanto, comentou com os policiais que os dois homens que mataram Paulo moram na avenida 10, também no Alecrim, e fazem parte da torcida Máfia Vermelha¹⁴²;

14/06/2008 – A Polícia Civil já tem pistas para identificar os responsáveis pelo atentado a tiros contra torcedores do América de Natal (RN), ocorrido na madrugada de sábado último e que resultou na morte do jovem Jéfferson Cabral da Silva, 16 anos (faria 17, ontem) Na manhã de hoje, o inquérito será instaurado na Delegacia de Proteção ao Turista (Deprotur). Através de pistas levantadas no decorrer do fim de semana, a Polícia espera chegar, nas próximas horas, aos ocupantes de um Gol azul, que dispararam suas armas contra o ônibus que transportava os torcedores do América, integrantes da torcida organizada ‘Máfia Vermelha’ de volta ao Rio

¹⁴⁰ Diário de Natal 08/11/2006.

¹⁴¹ Diário de Natal 27/04/2007.

¹⁴² Disponível em: <http://www.nominuto.com/noticias/policia/adolescente-e-morto-por-rivalidade-de-torcidas/16896/> publicado no dia 05/06/2008.

Grande do Norte. O crime ocorreu no quilômetro 37 da CE-040, em Aquiraz (Região Metropolitana de Fortaleza)¹⁴³;

06/04/2009 – O pintor Dennys Richard Lima de Paiva, 20 anos, conhecido como "Bocão" na torcida Dragões (ex-Máfia), levou um tiro após ser violentamente espancado por um torcedor da Garra (ex-Gang), em frente à casa da sogra, na rua Jordanês. O suspeito é conhecido pelo apelido de "Ivinho"; e carrega nas costas uma tatuagem com o nome de sua torcida¹⁴⁴;

18/08/2009 – O titular do 15º Distrito Policial, delegado Luiz Gonzaga Lucena, tem suspeitos para as mortes de Paul Mackartiney Vieira Tavares, de 22 anos, e Cosme Wandauberto de Carvalho Silva, de 24 anos. Os dois foram assassinados no último domingo (16), após a festa de aniversário da torcida organizada Gang Alvinegra. De acordo com o delegado, os crimes podem ter acontecido por rixa e não por rivalidade de torcidas. “No caso do Cosme foi rixa com outro cara que inclusive também faz parte da Gang Alvinegra. Já no caso do Paul temos suspeitos e tudo indica que também foi acerto de contas”, afirma¹⁴⁵;

12/10/2009 – Widson do Nascimento Amorim, 22 anos, foi executado na noite de ontem, com vários disparos, no bairro Potengi. O rapaz era torcedor do América e envolvido em confusões, segundo familiares¹⁴⁶;

14/11/2009 – Um jovem ainda não identificado aparentando ter entre 23 e 25 anos, foi morto a tiros na manhã deste sábado, em uma estrada carroçável que liga os distritos de Uruaçu a Pajuçara, em Macaíba, região metropolitana de Natal. De acordo com as primeiras informações da polícia, a vítima, que trajava camisa do América e uma bermuda jeans, foi alvejada por pelo menos três tiros no rosto, próximo a uma quadra de esportes¹⁴⁷;

02/04/2010 – Alisson Luan, 16 anos, membro da Máfia Vermelha foi morto em Igapó¹⁴⁸;

24/06/2010 – Um adolescente de 17 anos matou outro de mesma idade na madrugada desta quinta-feira (24). O crime foi registrado no município de Ceará-Mirim e teve como vítima o

¹⁴³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2008/06/412421-torcedor-do-america-rn-e-morto-a-tiro-apos-jogo-em-fortaleza.shtml> publicado no dia 14/06/2008.

¹⁴⁴ Disponível em: <http://www.jornaldehoje.com.br/portal/noticia.php?id=15206> publicado no dia 06/04/2009.

¹⁴⁵ Disponível em: <http://www.nominuto.com/noticias/policia/delegado-tem-suspeitos-para-mortes-de-torcedores-do-abc/36682/> publicado no dia 18/08/2009.

¹⁴⁶ Disponível em: <http://www.jornaldehoje.com.br/portal/noticia.php?id=19145> publicado no dia 07/10/2009.

¹⁴⁷ Disponível em: http://www.dnonline.com.br/ver_noticia/23774/ publicado no dia 14/11/2009.

¹⁴⁸ Disponível em: http://200.188.178.144/ver_noticia/36793/ Diário de Natal publicado no dia 01/04/2010.

estudante Hiago Alexandre da Silva. Os dois adolescentes envolvidos no caso tinham uma rixa antiga, proveniente da briga de torcidas, de acordo com o que foi apurado pela polícia¹⁴⁹;

10/09/2010 – O estudante Arthur Felipe da Fonseca, de 21 anos, foi morto a tiros na noite desta quinta-feira (9) em Neópolis, bairro da zona Sul de Natal. Segundo informações da polícia, ele estava com amigos bebendo em um bar da avenida dos Pinheirais quando três homens em um Fiesta prata chegaram e efetuaram vários disparos contra o estudante. Arthur Felipe estava no bar do Muído assistindo a um jogo. A polícia ainda não tem informações dos assassinos, mas já se tem a suspeita de que o crime teria sido motivado por causa de rixa entre torcidas organizadas do ABC e do América. Os amigos de Arthur que estavam no bar, disseram aos policiais que eles fazem parte da torcida organizada do ABC, a Gang Alvinegra. E os rapazes que atiraram, gritaram para todos ouvirem que são da Máfia - torcida do América - de Pirangi¹⁵⁰;

10/09/2010 – O jovem Ismacell do Nascimento Rodrigues, de 21 anos de idade, foi alvejado com cinco tiros de arma de fogo, por volta das 2h deste domingo (5), no bairro de Felipe Camarão, próximo à curva da morte¹⁵¹;

16/09/2010 – Ontem foi a missa de 7º dia do adolescente Rodrigues Nunes de Lima, que estudava na Escola Municipal José Sotero, no bairro de Igapó, Zona Norte de Natal, onde também estudava o outro adolescente acusado do crime. Apesar de não serem amigos, também não eram inimigos e aparentemente não havia nenhuma rixa entre eles. Filho de pais separados e criado pela avó e por uma tia desde o nascimento, Rodrigues havia sido marcado pela vida. Seu primeiro registro de nascimento só veio aos 10 anos, devido a insistência da escola e porque sua tia Angélica Santos da Silva teve que entrar na Justiça para poder conseguir seu registro civil¹⁵²;

14/10/2010 – Um adolescente, de 17 anos, foi morto com um tiro na cabeça no início da tarde desta terça-feira (14). O crime aconteceu por volta das 12h10 na Avenida Pituba, no bairro das Quintas, Zona Oeste de Natal¹⁵³;

¹⁴⁹ Disponível em: <http://www.nominuto.com/noticias/policia/adolescente-de-17-anos-mata-outro-com-facada-no-peito/55490/> publicado no dia 24/06/2010.

¹⁵⁰ Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/estudante-e-assassinado-por-cao-de-briga-de-torcidas-em-neopolis/159345> publicado no dia 10/09/2010.

¹⁵¹ Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/jovem-e-morto-a-tiros-em-felipe-camarao/158950> publicado no dia 05/09/2010.

¹⁵² Disponível em: http://www.diariodenatal.com.br/2010/09/16/cidades5_0.php publicado no dia 16/09/2010.

¹⁵³ Disponível em: http://www.dnonline.com.br/ver_noticia/58170/ publicado no dia 14/12/2010.

06/02/2011 – Um homem identificado como Edimilson Bezerra, de 27 anos, foi morto na madrugada deste domingo (6) com quatro tiros em frente ao Machadinho, no bairro de Lagoa Nova, zona oeste da capital. A vítima havia ido ao local para assistir à apresentação do cantor Edson Gomes e estava acompanhada da esposa¹⁵⁴;

10/02/2011 – Vanderson Bruno de Lima, de 21 anos, foi atingido por disparos de arma de fogo por volta das 1h30 de hoje, na rua Maria José Lira, Panatis II. Os policiais descartaram a possibilidade de o crime ter sido motivado por acerto de contas e estão trabalhando com a hipótese de disputa entre torcidas de futebol rivais¹⁵⁵;

30/04/2011 – Um jovem identificado como Caio Eduardo, 20 anos, foi morto com dois tiros na madrugada deste sábado (30) na Zona Norte de Natal. O crime aconteceu por volta das 4h, na Avenida João Medeiros Filho. O tenente informou que Caio Eduardo era integrante da torcida Máfia Vermelha e foi surpreendido por dois torcedores da Alvinegra. Os suspeitos teriam cruzado com a vítima e voltado armados, quando efetuaram os disparos¹⁵⁶;

17/07/2011 – Segundo informações de familiares à polícia, Flávio Campos da Silva, 22, estava bebendo com amigos em frente à residência. Ele foi abordado por três homens que chegaram em um carro branco. Após descerem do veículo, um dos ocupantes deu um tiro de espingarda calibre 12. Familiares contaram aos policiais que Flávio teve envolvimento com uma torcida organizada do ABC, mas há cerca de três meses se afastou depois que conseguiu um emprego. Outras informações que chegaram aos policiais dão conta que a vítima tinha divergência com integrantes de uma torcida organizada ligada ao América. Os acusados do crime fugiram sem deixar pistas¹⁵⁷;

14/08/2011 – A adolescente Thaíse da Silva Margarida, de 14 anos, morreu na noite deste sábado durante um tiroteio na travessa Miguel Castro, bairro de Nazaré, zona Oeste da cidade. A ocorrência foi registrada por volta da 23h e, além de vitimar a jovem, feriu outros três

¹⁵⁴ Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/homem-e-assassinado-com-quatro-tiros-em-frente-ao-machadinho/172089> publicado no dia 06/02/2011.

¹⁵⁵ Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/rapaz-e-vitima-de-rivalidade-entre-torcidas-de-futebol/172417> publicado no dia 10/02/2011.

¹⁵⁶ Disponível em: http://www.dnonline.com.br/ver_noticia/69623/ publicado no dia 30/04/2011.

¹⁵⁷ Disponível em: <http://www.nominuto.com/noticias/policia/rivalidade-de-torcidas-faz-mais-uma-vitima-em-natal/73681/> publicado no dia 17/07/2011.

adolescentes. De acordo com informações da polícia, o crime pode estar relacionado à rixa entre gangues de torcida¹⁵⁸;

23/01/2012 – Um jovem de 26 anos foi executado no início da noite desta terça-feira (23), em uma praça, na rua Oto Alencar, no conjunto Pajuçara II, Zona Norte de Natal. A vítima foi morta com vários tiros de pistola 380 quando conversava com amigos na praça. De acordo com o Cabo Luiz Henrique, o rapaz identificado por Elder Bezerra Oliveira, mais conhecido por “barriga”, tinha envolvimento com torcidas organizadas e era considerado violento¹⁵⁹;

07/02/2012 – Um jovem identificado como Renato Messias, 20 anos, foi assassinado com vários disparos de revólver no fim da noite dessa segunda-feira (6), por volta das 22h, na rua Firmino Gomes de Castro, próximo a Rainha do Pastel, no conjunto Cohabinal, em Parnamirim, na Grande Natal. Na ocasião, nas primeiras apurações sobre o crime, o irmão de Renato Messias comentou com os policiais que o crime pode ter sido motivado por desentendimento entre torcidas organizadas¹⁶⁰;

05/04/2012 – David Helder de Lima, 26, foi assassinado com um tiro na nuca, quando voltava do jogo ABC X ASSU, no estádio Frasqueirão. Loteamento Novo Horizonte, zona Norte de Natal¹⁶¹;

16/04/2012 – O corpo de um adolescente foi encontrado em uma estrada carroçável, no bairro de Lagoa Azul, na zona Norte de Natal. Ele foi morto com disparos de arma de fogo e estava nas margens da BR 101 Norte. A polícia ainda não tem a identificação do jovem, no entanto, desconfia que o crime tenha tido como motivação briga entre gangues rivais de torcidas organizadas. Os policiais militares que atenderam a ocorrência contaram que o homicídio tem características de execução e ainda tem elementos que apontam para possível envolvimento da vítima com gangues. Isso porque uma camisa de torcida organizada do clube de futebol Fortaleza foi encontrada próximo ao corpo e com marcas de sangue¹⁶²;

¹⁵⁸ Disponível em:

http://www.dnonline.com.br/app/noticia/cotidiano/2011/08/14/interna_cotidiano,77748/adolescente-de-15-anos-mata-um-e-fere-tres-na-zona-oeste.shtml publicado no dia 14/08/2011.

¹⁵⁹ Disponível em: <http://blogdoedmilsonsousa.blogspot.com/> publicado no dia 23/01/2012.

¹⁶⁰ Disponível em:

http://www.dnonline.com.br/app/noticia/cotidiano/2012/02/07/interna_cotidiano,91367/jovem-e-executado-com-tiros-na-cabeca-em-saida-de-bar-na-grande-natal.shtml publicado no dia 07/02/2012.

¹⁶¹ Disponível em: <http://tribunadonorte.com.br/noticia/torcedor-do-abc-e-executado-no-loteamento-novo-horizonte/216903> publicado no dia 05/04/2012.

¹⁶² Disponível em: <http://portalbo.com/materia/Policia-encontra-corpo-de-adolescente-em-estrada-carrocavel> publicado no dia 16/04/2012.

08/05/2012 – Uma execução de um jovem de 18 anos, identificado como William, por volta das 23h dessa segunda-feira (7), no município de Parnamirim, na Grande Natal, próximo a Cancela do Forró, foi confirmada pelo 3º Batalhão de pela Polícia Militar. Informações anônimas que o jovem frequentava uma torcida organizada do América¹⁶³;

20/05/2012 – Romário Pinto, torcedor do ABC, foi assassinado ontem em Felipe Camarão II, e no twitter amigos lamentam a morte do jovem que tinha 21 anos¹⁶⁴;

07/07/2012 – Delegados da Delegacia de Homicídios e da Força Nacional interrogam o suspeito de ter disparado os tiros que causaram a morte do torcedor do CRB Jônatas Daniel dos Santos, no início da noite do sábado (7), na saída do Estádio Rei Pelé, após o jogo CRB x América-RN. Al Unser Ayslan Silva do Nascimento, de 21 anos, é apontado como autor dos tiros¹⁶⁵;

12/07/2012 – Um jovem de 23 anos identificado por Rosiclei Ferreira Dias foi alvo de um atentado, na noite desta quarta-feira (11), na localidade conhecida como Bacia, no bairro de Mãe Luiza, zona Leste de Natal. O rapaz, que é integrante de uma torcida organizada do ABC, foi cercado e atingido por um tiro na nuca e encontra-se em estado grave¹⁶⁶;

12/10/2012 – Thiago Silva Duarte, de 23 anos, foi atingido por disparos na cabeça e no tórax e não resistiu, morrendo ainda no local. Os atentados ocorreram na rua Dias D'ávila, conjunto Soledade I, no bairro Potengi, Zona Norte de Natal¹⁶⁷;

26/12/2012 – Um participante da Torcida Máfia Vermelha, que representa o América Futebol Clube, foi assassinado por volta das 20h de ontem (25) na rua Santa Célia, no bairro de Cidade Nova, zona Oeste de Natal. Bruno Luís Albuquerque de Melo, de 24 anos. Dos vários tiros, apenas um atingiu o jovem na cabeça. Bruno Luís morreu na hora. As suspeitas recaem sobre o envolvimento do jovem com a confusão que houve na festa de 21 anos da TMV, que aconteceu na semana passada¹⁶⁸;

¹⁶³ Disponível em:

http://www.dnonline.com.br/app/noticia/cotidiano/2012/05/08/interna_cotidiano,97498/jovem-e-executado-na-grande-natal-rixa-entre-torcidas-nao-esta-descartada.shtml publicado no dia 08/05/2012.

¹⁶⁴ Disponível em: <http://blog.tribunadonorte.com.br/marcoslopes> publicado no dia 20/05/2012.

¹⁶⁵ Disponível em: <http://tudonahora.ne10.uol.com.br/noticia/maceio/2012/07/08/196165/policia-interroga-suposto-autor-dos-tiros-que-mataram-torcedor-do-crb> publicado no dia 08/07/2012.

¹⁶⁶ Disponível em: <http://portalbo.com/materia/Integrante-de-torcida-organizada-sofre-atentado-em-Mae-Luiza> publicado no dia 12/07/2012.

¹⁶⁷ Disponível em: <http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2012/10/crianca-de-8-anos-e-mais-quatro-pessoas-sao-baleadas-em-natal.html> publicado no dia 12/10/2012.

¹⁶⁸ Disponível em: <http://tribunadonorte.com.br/noticia/membro-de-torcida-de-futebol-e-assassinado-em-cidade-nova/239741> publicado no dia 26/12/2012.

30/12/2012 – Quase 20 tiros foram disparados contra um integrante da torcida organizada da Máfia na tarde deste sábado (29). Alan Barros da Silva, de 23 anos, foi atingido por oito e morreu na frente de casa, no conjunto Nova Cidade (por trás da Petrobras), Zona Oeste de Natal¹⁶⁹;

04/01/2013 – Um adolescente identificado apenas como Matheus, de 17 anos, foi brutalmente assassinado no final da noite de ontem (3), por volta das 22h, numa praça do conjunto Gramoré, no bairro de Pajuçara, zona Norte da capital potiguar. As suspeitas da polícia recaem sobre a possibilidade do menor de idade ser envolvido com rixas ligadas a desafetos entre torcidas organizadas¹⁷⁰;

06/02/2013 – Um adolescente de 15 anos, identificado como Everton Yure Paulino da Silva, foi morto na noite desta terça-feira (4), na rua 11 de Junho, no bairro Boa Esperança, em Parnamirim, região metropolitana de Natal. O crime pode ter sido motivado pela guerra entre torcidas organizadas que ocorre há 10 anos na região¹⁷¹;

27/05/2013 – Robson Costa, um moto-entregador assassinado hoje de tarde em Nova Parnamirim, era membro da torcida Gang Alvinegra, e por isso foi morto. A fonte explicou ainda Robson morava em Emaús, território dominado pela Gang Alvinegra. Atualmente, os torcedores desse bairro têm rixa com os torcedores do Jardim Aeroporto e Nova Parnamirim, territórios da Máfia Vermelha, a torcida rival. Desses dois bairros podem ter saído os assassinos¹⁷²;

07/07/2013 – Uma rixa antiga por causa de brigas de torcidas organizadas pode ser a motivação do assassinato do estudante Bruno Gomes da Silva, 26 anos. Ele sofreu um tiro na nuca disparado por um homem que saiu de dentro de um Ford K preto, em frente ao bar Arena Brasil, na rua Deputado Clóvis Mota, nº 1947, próximo ao ginásio de esportes do DED, no Alto da Candelária¹⁷³;

¹⁶⁹ Disponível em: http://www.dnonline.com.br/app/outros/ultimas-noticias/38,37,38,47/2012/12/30/interna_cotidiano,114466/jovem-e-atingido-por-oito-disparos-e-morre-em-frente-de-casa.shtml publicado no dia 30/12/2012.

¹⁷⁰ Disponível em: <http://tribunadonorte.com.br/noticia/no-gramore-adolescente-e-morto-com-quatro-tiros-na-cabeca/240421> publicado no dia 04/01/2013.

¹⁷¹ Disponível em: <http://jornaldehoje.com.br/adolescente-e-morto-com-tiros-no-pescoco-e-torax-na-frente-da-namorada-em-parnamirim/> publicado no dia 06/02/2013.

¹⁷² Disponível em: <http://portalnoar.com/jacsondamasceno/> publicado no dia 27/05/2013.

¹⁷³ Disponível em: <http://tribunadonorte.com.br/noticia/rixa-de-gangues-de-torcida-pode-ser-motivo-para-homicidio-no-arena-brasil/255008> publicado no dia 07/07/2013.

23/07/2013 – A adolescente Raíssa Pinheiro Andrade, 16 anos, foi morta por causa de uma rixa de torcidas organizadas da capital potiguar. A versão foi confirmada pela suposta autora das facadas que vitimaram a jovem na noite da última sexta-feira. Trata-se de uma garota de apenas 12 anos que se apresentou ontem na Delegacia Especializada de Atendimento ao Adolescente (DEA) para prestar depoimento. A menina de 12 anos confessou o crime. Ela disse que foi armada ao arraial no Parque dos Coqueiros para se defender de outra garota, mas que discutiu com Raíssa Andrade (16 anos) e desferiu três golpes no abdômen da vítima, que morreu no dia seguinte, pela manhã. A infratora segue em liberdade¹⁷⁴;

25/07/2013 – Mossoró registra mais uma morte violenta e a motivação pode ser uma antiga guerra envolvendo torcidas de times de futebol. Luan Rodrigues Gomes Oliveira, “Luan Galego” de 20 anos de idade, residente na rua Luiz Gonzaga, no bairro 12 anos, foi alvejado com 3 disparos na cabeça, quando assistia um jogo de futebol de salão, na praça dos esportes na avenida Rio Branco, no Bairro Boa vista¹⁷⁵;

15/08/2013 – Seis jovens foram vítimas de um atentado e foram baleados, na noite desta quarta-feira (14), no Vale Dourado, no bairro de Nossa Senhora da Apresentação, zona Norte de Natal. Um deles, identificado como Diego Henrique Pimenta, foi atingido no tórax, tendo a bala alcançado o coração. Com isso, ele morreu ao dar entrada no Hospital Santa Catarina. Já o cabo Isídio, do 4º Batalhão da Polícia Militar, informou que a motivação do atentado pode ter sido a guerra entre torcidas rivais. O grupo que foi baleado seria de torcedores do ABC e os que atiraram seriam torcedores do América¹⁷⁶;

16/08/2013 – A vítima trata-se de Diego Martins da Rocha Bezerra, 20 anos, morador da Rua Epitácio Pessoa, no Santo Antônio. Diego foi executado com vários tiros de pistola enquanto trafegava em sua motocicleta do tipo Honda Titan. Diego era integrante da Torcida Império Vermelho, do Potiguar de Mossoró, e usava uma camisa da agremiação quando foi morto¹⁷⁷;

20/08/2013 – O estudante Yuran Clisma da Costa dos Santos, de 14 anos, baleado na manhã desta terça-feira (20), no Conjunto Panatis, morreu por volta das 10h40 de hoje. Ela desconfia

¹⁷⁴ Disponível em: <http://tribunadonorte.com.br/noticia/menor-confessa-crime-a-policia/255813> publicado no dia 17/07/2013.

¹⁷⁵ Disponível em: <http://www.ocamera.com.br/site/post/4317> publicado no dia 25/07/2013.

¹⁷⁶ Disponível em: <http://portalbo.com/materia/Seis-jovens-sao-baleados-em-atentado-na-zona-Norte-e-um-acaba-morrendo> publicado no dia 15/08/2013.

¹⁷⁷ Disponível em: <http://www.ismaelsousa.com.br/publicado> no dia 15/08/2013.

que pode haver ligação entre os crimes porque o filho disse que desconfiavam que ele estivesse envolvido na morte de jovem de torcida organizada¹⁷⁸;

16/09/2013 – Havangynelly Firmino da Silva, de 16 anos, estava na frente de casa, na rua Antônio Santana, no Jardim Progresso, com outro adolescente de 14 anos, quando os dois foram alvejados por disparos de arma de fogo. A polícia não tem muitas informações sobre como ocorreu o assassinato. No entanto, policiais confirmaram que ambos tinham envolvimento com torcidas organizadas dos clubes da capital e a suspeita de motivação são as brigas entre essas facções¹⁷⁹;

20/11/2013 – Flávio Augusto da Costa Leandro, de 17 anos, não estava com nenhuma vestimenta que o caracterizasse como torcedor do ABC. “O garoto que faleceu em Neópolis sequer vestia a camisa do time, algumas pessoas já foram ouvidas e todas elas afirmaram que o jovem vestia uma camisa branca e uma bermuda descaracterizada no momento em que foi baleado. A outra morte por suposto envolvimento com torcidas aconteceu no loteamento José Sarney, em Lagoa Azul, na Zona Norte. Quatro jovens com camisas do ABC voltavam para casa quando foram surpreendidos por disparos de arma de fogo. Os tiros também vieram de um carro que passou pelo grupo. Ismael Aprígio Teixeira, 18, foi socorrido ao Hospital Santa Catarina, juntamente com seus colegas, mas não resistiu aos ferimentos¹⁸⁰;

13/02/2014 – Policiais civis do 10º Distrito Policial, comandados pela delegada Alzira Veiga, deflagraram na manhã dessa quinta-feira (13) a Operação “Clássico Rei”, que resultou na prisão do presidente da torcida organizada Máfia Vermelha, identificado como Victor Vinícius de Moura Torres, acusado de atirar e matar o torcedor do ABC, Flavio Augusto da Costa Leandro, de 17 anos, quando ele retornava da partida entre ABC e ASA de Arapiraca-AL, no dia 15 de novembro do ano passado. Além dele, outras nove pessoas integrantes da Máfia foram presas¹⁸¹;

14/02/2014 – A Polícia Civil afirma que o diretor de viagens da Máfia Vermelha – TMV – Maurício Mardrey Teixeira de Carvalho foi o responsável pelo assassinato de Ismael de Assis

¹⁷⁸ Disponível em: <http://tribunadonorte.com.br/noticia/morre-estudante-que-foi-baleado-quando-ia-a-escola/258875> publicado no dia 20/08/2013.

¹⁷⁹ Disponível em: http://tribunadonorte.com.br/news.php?not_id=261307 publicado no dia 16/09/2013.

¹⁸⁰ Disponível em: <http://tribunadonorte.com.br/noticia/policia-afirma-que-nao-ha-provas-que-liguem-mortes-a-torcidas/266983> publicado no dia 20/11/2013.

¹⁸¹ Disponível em: <https://portalnoar.com.br/para-policia-lider-de-organizada-do-america-matou-torcedor-do-abc/> publicado no dia 13/02/2014.

Teixeira ocorrido na avenida Apucarana no Santarém, no mesmo dia do crime que tirou a vida de Flávio Augusto, em novembro do ano passado depois de ABC x ASA; Além da morte de Ismael que era torcedor do ABC mais quatro pessoas ficaram feridas, entre elas Paulo Roberto da Silva que estava vestindo camisa da torcida Cearamor¹⁸²;

14/02/2014 – MP estuda fim das torcidas organizadas¹⁸³;

27/03/2014 – Num planeta de tanto barbarismo peço paz à torcida organizada (Cordel)¹⁸⁴;

13/05/2014 – Um jovem de 26 anos foi executado na noite desta segunda-feira (12), na rua Magé, no bairro Pajuçara, Zona Norte de Natal. Alisson Andrade trafegava pela rua quando foi trancado por um carro de modelo e placas não identificados. Segundo moradores da localidade, que preferiram não ser identificados, o jovem era integrante de uma torcida organizada e já tinha sofrido outros atentados, o último há um ano¹⁸⁵;

24/05/2014 – O assassinato de um adolescente de 17 anos, morto a tiros na noite desta sexta-feira (23) em Nova Parnamirim, na Grande Natal, pode ter sido motivado por causa da rixa entre as torcidas organizadas de ABC e América, principais times de futebol do Rio Grande do Norte. Esta, segundo a polícia, é uma das linhas de investigação. Matéria exibida neste sábado (24) pela Inter TV Cabugi, mostra que os moradores da rua Carmindo Quadros ouviram vários tiros por volta das 19h. Testemunhas disseram ter visto três homens fugindo em um carro de cor preta logo após os disparos. Familiares do rapaz, que estiveram no local do crime, confirmaram que Lucas Vitor fazia parte de uma torcida organizada do América. (Aluno do BW, vulgo Dadinho)¹⁸⁶;

01/07/2014 – Um jovem de 22 anos, identificado como Clebson Avelino Aguiar, foi assassinado por volta das 18h dessa segunda-feira (30 de junho) enquanto estava lavando uma motocicleta na porta de casa, na rua Royal Cinema, em Nova Natal. Segundo informações da Polícia, a vítima fazia parte da Torcida Máfia Vermelha. O jovem, inclusive, teria escapado de

¹⁸² Disponível em: <http://blog.tribunadonorte.com.br/marcoslopes/100802> publicado no dia 14/02/2014.

¹⁸³ Disponível em: <http://blogdobg.com.br/violencia-mp-estuda-fim-das-torcidas-organizadas-rn/> publicado no dia 14/02/2014.

¹⁸⁴ Disponível em: <http://jornaldehoje.com.br/num-planeta-de-tanto-barbarismo-peco-paz-torcida-organizada/> publicado no dia 27/03/2014.

¹⁸⁵ Disponível em: <http://jornaldehoje.com.br/integrante-de-torcida-organizada-mafia-vermelha-e-executado-no-pajucara/> publicado no dia 13/05/2014.

¹⁸⁶ Disponível em: <http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2014/05/rixa-entre-torcidas-de-futebol-pode-ter-motivado-assassinato-na-grande-natal.html> publicado no dia 25/05/2014.

um atentado na semana passada na cidade de Extremoz, na Grande Natal. A motivação do crime será investigada pela Polícia Civil¹⁸⁷;

05/08/2014 – Um jovem foi assassinado a tiros no conjunto Vale Dourado, zona Norte de Natal, na noite desta segunda-feira, 4. De acordo com a Polícia Civil, Robson Moreira do Nascimento, 20 anos, foi morto dentro de sua própria residência, na frente da namorada. A Polícia Militar realizou diligências na região, mas ninguém foi preso¹⁸⁸;

12/09/2014 – MP dá prazo de 3 meses para o cadastro das torcidas organizadas¹⁸⁹;

27/12/2014 – O corpo de um adolescente de 17 anos foi encontrado carbonizado na manhã deste sábado (27) em um sítio no bairro do Golandim, no município de São Gonçalo do Amarante, na Grande Natal. Arthur não voltou para casa e no outro dia sua namorada passou a procurá-lo, chegando a ir à polícia. De acordo com a jovem, o rapaz não trabalhava e estava foragido do Centro Educacional de Mossoró (Ceduc), instituição para jovens infratores. Ele teria sido levado para o Ceduc por envolvimento com torcidas organizadas de times de futebol em Natal. Há a possibilidade de sua morte estar relacionada a essa rixa¹⁹⁰;

24/01/2015 – Três assassinatos foram registrados entre a noite desta sexta-feira (23) e a madrugada deste sábado (24) no município de Parnamirim, na Grande Natal. De acordo com a Polícia Civil, dois casos estariam ligados a brigas entre torcidas organizadas de clubes da capital potiguar. Uma pessoa foi presa e a mãe de uma das vítimas foi baleada na confusão. De acordo com o delegado Luiz Lucena, da Delegacia Especializada de Homicídios de Natal (Dehom) o primeiro crime aconteceu ainda na noite de sexta-feira em trecho da BR-101 na divisa entre Parnamirim e São José de Mipibu. A vítima foi identificada como Felipe Leandro de Lima, de 22 anos, conhecido como "Felipe Oião". O jovem foi executado com três tiros na cabeça. Já pela manhã, a Dehom registrou o assassinato de Alison Maia da Silva, de 19 anos. Segundo o delegado Lucena, o crime foi uma retaliação ao homicídio do rapaz na BR-101. "As duas mortes têm relação com brigas de torcidas organizadas", explicou o delegado. No segundo caso, um

¹⁸⁷ Disponível em: <http://www.blogdomontoril.com.br/blog/noticia.php?id=3807> publicado no dia 01/07/2014.

¹⁸⁸ Disponível em: <http://tribunadonorte.com.br/noticia/jovem-e-morto-a-tiros-dentro-de-casa-na-zona-norte/289582> publicado no dia 05/08/2014.

¹⁸⁹ Disponível em: <http://tribunadonorte.com.br/noticia/mp-da-prazo-de-tra-s-meses-para-cadastro-de-membros-de-organizadas-de-abc-e-ama-rica/292973> publicado no dia 12/09/2014.

¹⁹⁰ Disponível em: <http://tribunadonorte.com.br/noticia/corpo-de-adolescente-de-17-anos-a-encontrado-carbonizado-na-grande-natal/301867> publicado no dia 27/12/2014.

jovem foi preso suspeito do crime. "Além de matar o rapaz, o suspeito baleou ainda mãe do Alison na boca, que tentava protegê-lo. Foi um caso de vingança", declarou¹⁹¹;

11/02/2015 – Felipe Silva Moura, 21 anos, torcedor do América Futebol Clube, foi executado ao caminhar com amigos torcedores do clube natalense na Avenida João Medeiros Filho na Zona Norte de Natal¹⁹²;

17/02/2015 – Gabriel Rodrigues foi assassinado com aproximadamente 20 tiros. Um jovem de 18 anos foi executado com cerca de 20 tiros, nesta segunda-feira (16), na rua Assu, no município de Macau, região Oeste do Rio Grande do Norte. Gabriel Rodrigues de Araújo estava na cidade para participar dos festejos do carnaval quando foi surpreendido por uma dupla em uma motocicleta enquanto caminhava. A vítima, que era estudante e integrante de uma torcida organizada, já tinha sofrido um atentado em janeiro, no bairro das Quintas, em Natal¹⁹³;

05/09/2015 – Um homem de 24 anos foi morto a tiros na noite desta sexta-feira (4), na porta de casa, no bairro Nossa Senhora da Apresentação, na Zona Norte de Natal. A vítima foi identificada como Bruce Lee Gomes da Silva. Ele era ex-presidiário e foi surpreendido por homens armados quando chegava em casa. De acordo com a Polícia Civil, a família da vítima sabia que o jovem estava recebendo ameaças de morte. A polícia informou ainda que a vítima era envolvida com torcidas organizadas¹⁹⁴;

20/03/2016 – Um jovem de 24 anos foi morto e outras três pessoas ficaram feridas na noite deste domingo (20) em Mossoró, na região Oeste do Rio Grande do Norte. De acordo com a Polícia Militar, o crime teria sido motivado por uma briga entre torcidas organizadas. Ninguém foi preso¹⁹⁵;

25/03/2016 – Alexdenio dos Santos Galdino, 26 anos, assassinado em Dix-Sept Rosado, avenida Bernardo Vieira. Integrante de torcida¹⁹⁶;

¹⁹¹ Disponível em: <http://tribunadonorte.com.br/noticia/conflitos-entre-torcidas-organizadas-deixam-dois-mortos-em-parnamirim/304102> publicado no dia 24/01/2015.

¹⁹² Disponível em: <http://blog.tribunadonorte.com.br/marcoslopes/111957> publicado no dia 11/02/2015.

¹⁹³ Disponível em: <http://portalbo.com/materia/Um-mes-apos-ser-baleado-em-onibus-de-Natal-jovem-e-assassinado-em-Macau> publicado no dia 11/02/2015.

¹⁹⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2015/09/ex-presidiario-e-morto-tiros-na-porta-de-casa-na-zona-norte-de-natal.html> publicado no dia 05/09/2015.

¹⁹⁵ Disponível em: <http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2016/03/um-morre-e-tres-ficam-feridos-em-lanchonete-no-oeste-potiguar.html> publicado no dia 21/03/2016.

¹⁹⁶ Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/homem-a-morto-com-nove-tiros-na-avenida-bernardo-vieira/341573> publicado no dia 26/03/2016.

23/02/2017 – Potiguares, paulistas, goianos e cearenses são os torcedores que mais morrem e matam no Brasil (Revista O Lance). O Rio Grande do Norte é o estado que mais se destaca negativamente. Os torcedores do América-RN somam as maiores vítimas, com 22 mortes registradas desde 1988. Como não poderia ser diferente, o seu maior rival ABC está no topo dos maiores causadores, com 21 mortes, sendo 18 de torcedores alvi-rubros - confusões com outras torcidas são responsáveis pelas outras vítimas¹⁹⁷;

07/06/2017 – A Polícia Militar registrou mais um crime de homicídio na noite deste domingo (07) desta vez no bairro das Quintas, mais precisamente na Rua presidente Mascarenhas, zona oeste de Natal, próximo ao bar da geladinha, segundo informações "Nana da Sete" estava envolvido em um atentado no dia de ontem no caju socyte da estrada da Redinha, contra integrantes da torcida Garra Alvinegra¹⁹⁸;

15/08/2017 – O homem assassinado na sede de uma torcida organizada do América-RN nesta terça-feira (15), identificado como Al Unser Ayslan Silva do Nascimento, de 24 anos, era suspeito de ter matado um torcedor do CRB, em Maceió, no ano de 2012¹⁹⁹;

28/12/2017 – Um ex-presidente da torcida organizada Gang Alvinegra, do ABC Futebol Clube, foi assassinado a tiros na tarde desta quinta-feira (28), na Zona Sul de Natal. Leonardo Augusto, conhecido por Fininho, foi presidente da torcida em 2003²⁰⁰;

11/08/2019 – Um torcedor do Botafogo da Paraíba morreu após dar entrada no Hospital Municipal Dr. Percílio Alves, em Ceará-Mirim, região metropolitana de Natal, na noite deste sábado (11). Segundo a família, o homem foi espancado por policiais militares após pular o muro do estádio Barretão. A corporação afirmou que deverá se pronunciar oficialmente sobre o caso após a investigação que será feita pela Polícia Civil. De acordo com a guia de solicitação de exame cadavérico assinado pela equipe médica do hospital, o homem de 27 anos tinha

¹⁹⁷ Disponível em: <http://www.lance.com.br/futebol-nacional/potiguares-paulistas-goianos-cearenses-sao-torcedores-que-mais-morrem-matam-brasil.html> publicado no dia 23/02/2017.

¹⁹⁸ Disponível em: <http://paulosomeeventos.blogspot.com.br/2017/05/homicidio-foi-registrado-na-zona-oeste.html> publicado no dia 08/06/2017.

¹⁹⁹ Disponível em: <http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/acusado-de-matar-torcedor-do-crb-membro-de-torcida-organizada-do-america-rn-e-assassinado-em-natal.ghtml> publicado no dia 15/08/2017.

²⁰⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/ex-presidente-de-torcida-organizada-do-abc-e-morto-a-tiros-em-natal.ghtml> publicado no dia 28/12/2017.

marcas de contusão no tórax e no rosto, além de intoxicação alcoólica e indícios de uso de drogas ilícitas²⁰¹;

25/02/2020 – Um rapaz identificado como Maxwell Breno, de 23 anos, foi morto a tiros após uma confusão em uma festa no carnaval na praia de Maxaranguape, no litoral Norte do Rio Grande do Norte, na noite desta segunda-feira (24)²⁰²;

14/07/2020 – Um torcedor do América foi assassinado a tiros durante as comemorações dos 105 anos do time potiguar, na noite de terça-feira (14) em Parnamirim, cidade da Região Metropolitana de Natal. A vítima foi identificada como Diego Érick Brito da Silva, de 25 anos²⁰³;

23/08/2021 – Morreu na manhã desta segunda-feira (23), no Hospital Santa Catarina, em Natal, Kadson Vinicio Miranda do Nascimento, de 23 anos. O torcedor do ABC foi baleado na manhã do domingo (22) no conjunto Vale Dourado, na Zona Norte, horas antes do clássico do time de coração contra o América-RN²⁰⁴;

05/12/2021 – O presidente de uma torcida organizada do Baraúnas foi morto a tiros em Mossoró. Ridley Stiven Monteiro, de 23 anos, foi alvejado no bairro Belo Horizonte na manhã desse domingo (5) e morreu no local²⁰⁵;

12/05/2022 – Um homem identificado como Igor Barroso Tinôco, de 26 anos foi morto a tiros, na noite desta quinta-feira (12), em um churrasquinho, na rua Gutemberg Freire, no bairro Nordeste, zona Oeste de Natal. Segundo a Polícia Civil “Pudim”, como era mais conhecida a vítima, fazia parte de uma torcida organizada e tinha uma posição de liderança, porém ainda não possível afirmar que esse detalhe da vida do jovem tem relação com o assassinato²⁰⁶.

²⁰¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2019/08/11/torcedor-do-botafogo-pb-morre-apos-dar-entrada-em-hospital-da-grande-natal-bateram-nele-ate-desmaiar-diz-irmao.ghtml> publicado no dia 11/08/2019.

²⁰² Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2020/02/25/homem-de-23-anos-e-morto-a-tiros-em-festa-de-carnaval-no-litoral-norte-do-rn.ghtml> publicado no dia 25/02/2020.

²⁰³ Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2020/07/15/torcedor-do-america-e-assassinado-a-tiros-durante-comemoracao-do-aniversario-do-clube-na-grande-natal.ghtml> publicado no dia 15/07/2020.

²⁰⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2021/08/23/morre-torcedor-baleado-antes-do-classico-america-x-abc-em-natal.ghtml> publicado no dia 23/08/2021.

²⁰⁵ Disponível em: <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/presidente-de-torcida-organizada-do-baraonas-a-morto-a-tiros/526974> publicado no dia 06/12/2021.

²⁰⁶ Disponível em: <https://gustavonegreiros.com.br/2022/05/13/lider-de-torcida-e-morto-durante-atentado-no-bairro-nordeste-mais-duas-pessoas-foram-baleadas> publicado no dia 13/05/2022.

20/09/2022 – A Polícia Civil investiga uma série de assassinatos registrados em sete dias na cidade de Natal, as vítimas, identificadas como Wellington Félix da Cunha, Jader Harison de Araújo Cavalcante e Talyson Mateus Olinto da Mota eram integrantes de torcidas organizadas e podem ter sido mortas devido a rivalidade entre elas e a ligação com Homicídios e tráfico de drogas. Os assassinatos foram registrados entre os dias 12 e 19 de setembro, nos bairros Potengi e Pajuçara, zona Norte de Natal. As investigações estão sendo realizadas pela DHPP e já indicam algumas possíveis razões, como a participação das vítimas nos crimes de homicídios e tráfico de drogas²⁰⁷.

²⁰⁷ Disponível em: <https://www.tvfuturo.com.br/2022/09/20/tres-integrantes-de-torcidas-organizadas-foram-assassinados-em-natal/> publicado no dia 20/09/2022.



Disponível em: <http://www.encontrariograndenedonorte.com.br/mapas/mapa-bairros-de-natal.htm>

Atividade 5 – Produção de Cartazes

Na culminância das atividades propostas para o último encontro, os alunos devem ser convidados a pensar em ações cotidianas concretas (além das citadas nos encontros) de combate à violência e intolerância, bem como fomentar uma cultura de paz na cidade do Natal através da produção de cartazes a serem divulgados e compartilhados na escola.



Avaliação Final

Responder uma atividade avaliativa via Google Formulários com o objetivo de aferir se ao final da oficina os alunos conseguiram compreender que a violência entre os jovens torcedores é um fenômeno social e historicamente construído. O Google Formulários será projetado num modelo “gamificado”, ou seja, apresentará desafios que deverão aferir o conhecimento trabalhado na oficina, bem como os valores humanos para o desenvolvimento de uma cultura de paz. Se os valores forem atingidos, os alunos continuarão até o final do jogo. Aqueles que porventura não conseguirem atingir, retornarão para o início do jogo e poderão refazer os caminhos. A atividade poderá ser acessada a partir de um *QR Code*.

Disponível no *QR Code* ou em:

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdtr5j5BMy_CsBpMjZmQR3w4dj4BM8z1XtrbSA-V8Z6JdddEw/viewform



III. Avaliação – A avaliação será dividida em algumas partes, pois cada encontro possui atividades estabelecidas e etapas a serem cumpridas pelos discentes a partir de problemáticas colocadas durante a execução da oficina. No entanto, ao final do 5º encontro, será realizada uma última atividade com o objetivo de aferir se ao final da sequência didática os alunos conseguiram compreender que a violência entre os jovens torcedores é um fenômeno social e historicamente construído e se conseguem se posicionar numa postura de combate à violência e intolerância.

